Monsenhor HENRI DELASSUS
Doutor em Teologia

A

C O N J U R A Ç Ã O

A N T I C R I S T Ã

O Templo Maçônico

que quer se erguer sobre as ruínas da

Igreja Católica

As
portas do inferno não prevalecerão

contra Ela.

(Mat., XVI,
18)

TOMO II



NIHIL OBSTAT:
Insulis, die 11 Novembris 1910.
H. QUILLIET, s. th. d.
librorum censor

IMPRIMATUR
Cameraci, die 12 Novembris 1910.
A. MASSART, vic. gen.
Domus Pontificiae Antistes.

Traduzido do original francês
"La Conjuration Antichrétienne - Le Temple Maçonique
voulant s'élever sur les ruines de l'Église Catholique",
impresso por Societé Saint-Augustin
Desclée, De Brouwer et Cie.
LILLE, 41, Rue du Metz

O AGENTE DA CIVILIZAÇÃO MODERNA

II. — CONSTITUIÇÃO E MEIOS DE AÇÃO DA FRANCO-MAÇONARIA

CAPÍTULO XXIII

LOJAS E GRANDE LOJA

O plano de desorganização total da sociedade cristã, que vimos exposto na correspondência dos enciclopedistas e nos papéis dos iluministas, não foi abandonado nem em 1801, nem em 1814, nem em 1870. Nossos leitores puderam convencer-se disso através da rápida exposição que fizemos da ação maçônica durante todo aquele período. A Revolução de 89 não pudera realizá-lo completamente, e o instinto de conservação fizera a sociedade entrar, se não em vias mais direitas, pelos menos naquelas que pareciam dever afastá-la do abismo em que ela estivera prestes a soçobrar.

Barruel, vendo chegar a reação, fizera desde 1798 esta profecia que de Maistre formulava por seu turno com não menor segurança:

"O que os sectários fizeram uma vez, fá-lo-ão ainda, antes de explodirem de novo. *Eles buscarão nas trevas* o grande objetivo de sua conspiração, e novos desastres ensinarão aos povos que a Revolução Francesa não foi senão o início da dissolução universal que a seita planeja".

A dissolução universal através da difusão em todas as partes do mundo do espírito revolucionário que teve na França, faz um século, sua primeira explosão, aparece bem ameaçadora, na hora atual, a todos os sociólogos e a todos os homens de Estado do antigo e do novo mundo.

Novos desastres, mais extensos que os do fim do século XVIII, e mais radicalmente destruidores, anunciam-se nas idéias que têm curso, nos fatos que se produzem: fatos premonitórios, que nos instruem acerca do que essas idéias encerram e nos advertem sobre aquilo a que elas nos convidam.

Hoje, como no século XVIII, elas são elaboradas nas sociedades secretas e introduzidas por elas em todos os países, assim como em todas as classes sociais.

Vimos os sectários, antes de 89, destilando seus venenos nas academias voltairianas, nas lojas maçônicas e nas lojas iluministas, depois inoculando-os no corpo social, que quase pereceu por causa disso.

Vimos, no período que se estende de 1802 até nossos dias, as mesmas idéias reaparecerem e tomarem corpo, ora numa instituição, ora em outra. Hoje, chegamos ao ponto de ouvir proclamar até no Parlamento a certeza de que desta vez arruinar-se-á definitivamente a religião; alhures não se considera a questão sob esse aspecto, mas se diz ser preciso derrubar toda a ordem social, abolir a família e a propriedade, para substituir tudo o que existe desde o início do cristianismo, desde o começo do mundo mesmo, por um estado de coisas que evitam definir.

Os que manifestam esses desígnios são evidentemente os herdeiros dos enciclopedistas e dos iluministas e dos jacobinos, pelo menos quanto às idéias e às intenções. São eles mais do que isso? Existe entre estes e aqueles um liame social que faz disso um mesmo corpo, um mesmo ser, continuando a querer no século XX o que empreendeu no século XVIII?

O mesmo objetivo, igualmente confirmado de uma e de outra parte e desejado de uma maneira contínua, bem parece revelar a presença de um só e mesmo agente.

Para acreditar nessa identidade, dispomos de suspeitas mais do que razoáveis. Possuímos, pelo menos relativamente aos anos decorridos entre a Restauração e a queda do poder temporal dos Papas, documentos semelhantes à correspondência de Voltaire e aos Escritos apreendidos pela Corte da Baviera. Por semelhante sorte, eles caíram nas mãos da Autoridade Pontifícia, e como o governo da Baviera publicara os que ele tinha apreendido, assim os Papas Gregório XVI e Pio IX fizeram publicar, como veremos, aqueles que a Providência colocou em suas mãos.

Relativamente aos tempos que se seguiram à usurpação piemontesa, isto é, àqueles em que nos encontramos, não temos ainda, para convencer-nos da permanência desse organismo, senão a luz dos fatos, mas ela não é muito clara.

Seu principal fator propulsor estava situado, dissemos, no século XVIII, na Baviera e movido pela mão de Weishaupt. Na época da Restauração nós o vemos transportado para a Itália. Hoje, sua ação se faz sentir sobretudo na França, mas podemos crer que a mão que lhe dá o impulso está alhures.

A maçonaria é cosmopolita. Ela arma conspirações e age contra a Igreja em todos os países. Ela jurou aniquilá-La completamente e, conseqüentemente, por toda a parte.

Mas se ela está presente e agindo em todos os pontos do universo, ela não se conduz em toda a parte da mesma maneira. Como Cláudio Jannet observou com muita razão, ela tem seus *centros de direção* e seus *teatros de operação.* Os centros de direção estão dissimulados nos países protestantes. Aí se encontram os mais secretos refúgios da seita, aí se preparam as revoluções que devem explodir em outra parte. Os teatros de operação são ordinariamente os países católicos, particularmente a França, Espanha, Portugal, numa palavra, os países latinos mais impregnados da civilização cristã; é contra eles que a maçonaria internacional sempre tem assestado suas mais formidáveis baterias.[1]

Com relação à época de que iremos nos ocupar, é na Itália que ela agita, e seus principais instrumentos são o Carbonarismo e a Grande Loja, à qual foi dada a missão outrora confiada ao Iluminismo.

O Carbonarismo foi uma sociedade mais secreta na associação secreta da maçonaria. "A Franco-maçonaria, diz Copin-Albancelli, é um edifício maquilado que, deliberadamente, deixa ver aos profanos uma fachada estranha e hipócrita, e que abre aos I∴ os apartamentos, cujas centenas de portas, mais ou menos dissimuladas na parede, permanecem perpetuamente fechadas".

De tal sorte que existem duas maçonarias: 1ª. — aquela que nos permitem ver, porque não podem fazer diferentemente, e que se manifesta através de templos próprios, boletins, revistas, até mesmo dos volumes sabiamente preparados, festas e convenções, por uma organização puramente administrativa de lojas, conselhos e obediências.

2ª. — Aquela que é cuidadosamente escondida, não somente aos profanos, mas também à grande maioria dos afiliados. É do caráter particular da Franco-maçonaria não ser uma única associação, mas várias associações, organizadas pela

---

[1] É do interesse da maçonaria internacional, para o fim a que ela se propõe, manter a ordem exterior nos países protestantes, enquanto revoluciona os países católicos.

Por aí vemos o que é preciso pensar dos textos entusiastas sobre a superioridade das nações *anglo-saxônicas*, do *sistema americano* etc. etc. Numa revista muito difundida, uma pena ingênua escrevia recentemente, a propósito dos franco-maçons perseguidores: *essa filoxera não se pega nas vinhas americanas!* Essas declarações são de natureza a tranqüilizar, divertindo-os, os chefes das sociedades secretas.

superposição de grupos, dos quais os superiores constituem verdadeiras sociedades secretas para os inferiores.

O Carbonarismo, um desses grupos superiores às lojas, foi criado para trabalhar pela derrubada de todos os tronos e sobretudo pelo aniquilamento do poder pontifício, arco de abóbada da ordem social. A Grande Loja foi, dentro do Carbonarismo, uma sociedade mais secreta ainda, recebendo instruções mais misteriosas e mais precisas para dirigir os esforços do Carbonarismo e da Maçonaria e fazê-los convergir para o fim que acabamos de assinalar.

Nas sociedades cristãs, tais quais a sabedoria dos séculos e o espírito do Evangelho as constituíra, as relações estabelecidas entre o poder civil e o poder religioso para o bem do povo faziam com que a autoridade temporal representasse para o catolicismo e para a idéia cristã uma primeira muralha. Assim, destruí-la, matando os reis e quebrando seus tronos, foi a primeira obra empreendida pela Franco-maçonaria. Vimos em que dia e através de quais conspiradores foi decretada a morte de Luís XVI. O assassinato do duque d'Enghien e do duque de Berry, que se lhe seguiram, a conspiração permanente das sociedades secretas contra os Bourbons da França, Espanha, Portugal, Nápoles e Parma, em todos os lugares encerrada com a expulsão deles através de ondas de sangue e das mais ignóbeis traições, não podem deixar nenhuma dúvida sobre o sentido da divisa maçônica: *Lilia pedibus destrue*; e, como diz Deschamps, constituirá eterno louvor da mais antiga, da mais gloriosa, da mais paternal das estirpes reais ter sido escolhida como primeiro objetivo na derrubada da religião e da sociedade pelos fanáticos celerados que, sob o nome de maçoms, de carbonários, juraram destruí-la.

Derrubar os tronos foi a obra mais particularmente destinada aos carbonários. À Grande Loja foi dada a de fazer desaparecer o poder temporal dos Papas e aqueloutra, ainda mais audaciosa e mais inacreditável, de corromper a Igreja Católica nos Seus membros, nos Seus costumes e mesmo nos Seus dogmas.

Quando a queda de Napoleão levou a França à Restauração dos Bourbons, a Franco-maçonaria temeu, apesar das precauções que soubera adotar, um movimento de recuo da obra revolucionária em toda a Europa. Os povos viam a paz suceder às mais terríveis guerras, a prosperidade renascer do seio das ruínas, a felicidade, durante tanto tempo ausente, espalhar-se pouco a pouco. A opinião pública, voltando às idéias monárquicas e religiosas na França, na Itália, na Espanha e na Alemanha, compreendia que todos os males tinham advindo do abandono dos princípios sobre os quais a sociedade tinha até então repousado.

Os chefes supremos da seita disseram para si mesmos que não podiam deixar esse movimento contra-revolucionário de espalhar e se desenvolver. Resolveram não somente estancá-lo, mas retomar a ofensiva. O poder oculto reabriu as lojas que se tinham fechado, enquanto os membros das lojas de retaguarda chegados ao poder derramavam o sangue em ondas e acumulavam ruínas sobre ruínas. Tratou-se de preparar a segunda fase da Revolução, esta em que nos encontramos, e que, esperam, logrará estabelecer definitivamente a nova civilização sobre os destroços de todas as antigas instituições, civis, nacionais, religiosas, na França, na Europa e em toda a face da terra. De fato, vimos, assim sob a realeza legítima como sob a realeza usurpadora, assim sob a Segunda e a Terceira República como também sob o Segundo Império, desenvolver-se um plano de ataque contra a Igreja e contra a sociedade, que se revelava como tendo sido sabiamente estudado e perseverantemente perseguido, sempre triunfando sobre as dificuldades que os acontecimentos imprevistos faziam nascer ou aqueles que, nos seus efeitos, se mostram mais fortes do que todo o poder humano.

Uma tal sabedoria, uma tal perseverança, um tal sucesso bem revelam um organismo igualmente poderoso, sempre dócil nas mãos das mesmas pessoas, os chefes da conjuração anticristã.

Eles organizaram, pois, nos anos que se seguiram, o restabelecimento da ordem das lojas de carbonários.

Carbonários, Loja[2] : esses nomes estranhos foram adotados para melhor esconderem a conspiração; os conspiradores se apresentaram como sócios de um comércio de carvão.[3] As lojas eram de três classes ou de três graus: as lojas particulares, as lojas centrais e a Grande Loja. A Grande Loja era composta por quarenta membros. Ela se auto recrutava e exercia sobre todo o Carbonarismo uma autoridade sem limite e sem controle. Quando a criação de uma loja era julgada útil, dois membros da Grande Loja se dirigiam a um carbonário, membro de uma loja particular, que entendiam ser próprio para esse desígnio, e, sem dar-lhe a conhecer que pertenciam a uma sociedade ainda mais secreta, propunham-lhe a organização de uma loja superior àquela de que ele já fazia parte.

Da mesma forma, para formar uma loja particular, dois membros de uma loja central escolhiam um franco-maçom cujo caráter, posição social e grau de iniciação podiam garantir à loja a influência pretendida. Sem dar a conhecer o que eles próprios eram, propunham-lhe simplesmente formar, com ele e alguns outros maçoms a serem recrutados, uma associação de ordem superior à Franco-maçonaria. Lojas particulares, em número ilimitado, eram assim ligadas a uma loja central por dois de seus membros, que elas não sabiam estar relacionados a uma associação superior a elas; e as lojas centrais, também em número ilimitado, estavam ligadas da mesma maneira à Grande Loja, que governava o todo sem ser percebida em nenhum lugar.[4] As sociedades secretas eram assim constituídas em forma de pirâmide humana, cujo centro era ocupado pelos carbonários; a base, pelas lojas; o ápice pela Grande Loja. Todos os pensamentos, todos os movimentos eram determinados por uma sugestão que penetrava na massa, mas que não era claramente consciente senão no ápice, de onde descia para as regiões inferiores. L. Blanc, após ter louvado a admirável elasticidade dessa organização, ensina-nos que foi proibido a todo carbonário pertencente a uma loja introduzir-se em outra loja. “Essa proibição era sancionada com a pena de morte”. Veremos que a Grande Loja, assim como as lojas inferiores, não era dona dela mesma: ela recebia suas diretrizes de um Comitê superior, cuja existência ela conhecia, pois era por ele dirigido, ignorando porém onde ficava sua sede e quem eram seus integrantes.

A lojas centrais, e com muito mais razão as lojas particulares, encontravam-se na mesma situação relativamente à Grande Loja. Elas recebiam instruções, palavras de ordem, sem saber de onde nem de quem vinham.

O Carbonarismo era justamente chamado por L. Blanc “a parte militante da Franco-maçonaria”.[5] Ele também diz, e podemos estar certos disso, que ela foi, como organização, “algo de poderoso e de maravilhoso”.

Vejamos agora, segundo Alfred Nettement, como o Carbonarismo foi introduzido na França.

Três jovens, Dugled, Beslay e Joubert, que tiveram de se exilar da França após a conspiração de 19 de agosto de 1821, foram admitidos em uma das lojas do Carbonarismo em Nápoles. Lá eles estudaram a prática das revoluções e em particular o mecanismo do Carbonarismo. Quando retornaram à França, organizaram uma reunião de íntimos naquela loja dos *Amigos da Verdade*, de que já falamos. Deram a conhecer então o engenhoso e temido funcionamento dessas lojas, que

---

[2] Carbonarismo na Itália, Charbonnerie na França, Tugendhund na Alemanha, Communeros na Espanha.

[3] Já Weishaupt dera aos seus o conselho de se dissimularem, adotando as aparências de sociedades de comerciantes.

[4] Saint-Edme, *Constitution et Organisation des Carbonari*, 2a. edição, p. 197. A “Grande Loja” era a continuação da “Ordem interior” de antes da Revolução.

[5] *Histoire de Dix Ans*, p. 98, 4a. edição.

trabalham na sombra, sem se conhecerem, para uma obra comum, e que estão relacionadas de uma maneira misteriosa com o poder supremo, do qual vem a diretriz. Após tê-los ouvido, os *Amigos da Verdade* concordaram que cada membro presente estabeleceria uma loja.[6]

Quando essas lojas se tornaram suficientemente numerosas, foi constituído um conselho diretor. Faziam parte dele La Fayette, deputado de Sarthe; seu filho Georges, deputado do Alto Reno; Manuel, deputado da Vandéia; Voyer-d'Argenson, deputado do Alto Reno; de Corcelles, pai, deputado do Reno; Dupont, deputado do Eure; Jacques Koeclin, deputado do Alto Reno; Beauséjour, deputado de Charente-Inférieure de 1819 a 1820. Os membros não-deputados eram o barão de Schoen, Mauguier, Barthe, Mérilhou e o coronel Fabvier. Foi esse conselho diretor, foram esses *puros patriotas* que organizaram as conspirações militares de Belfort, de Saumur e de la Rochelle.[7] Com efeito, esse conselho deu aos seus afiliados uma organização militar e determinou que cada um deles tivesse um fuzil e cinqüenta cartuchos.

O mistério no qual o Carbonarismo se escondia hoje está rompido. Os papéis da Grande Loja, que constituía o seu coroamento, acabaram em poder da Santa Sé no pontificado de Leão XII, o qual mandou depositá-los nos arquivos do Vaticano. Como eles chegaram lá? Teria sido através da conversão de um dos conjurados? por um golpe de sorte da polícia romana? Não se sabe.

Como dali chegaram ao conhecimento do público, pelo menos o bastante para que se saiba qual foi a organização da Grande Loja, a tarefa que lhe foi atribuída e os meios que ela empregou para cumprir sua missão? É o que veremos agora.

Os Papas sempre mantiveram vigilância sobre a Franco-maçonaria. Desde suas primeiras manifestações eles se apressaram em advertir os reis e os povos acerca da sua existência, dos seus projetos, das suas intrigas, e isto através de solenes encíclicas. No final de seu pontificado, o Papa Gregório XV I, assustado com o redobramento da atividade que ele percebia nas sociedades secretas, e vendo o perigo que suas maquinações representavam para a sociedade civil e para a sociedade religiosa, quis, poucos dias antes de sua morte, mostrá-los a toda a Europa. Para tanto, ele lançou os olhos sobre Crétineau-Joly. No dia 20 de março de 1846 ele lhe escreveu, por intermédio do cardeal Lambruschini, para que viesse a Roma, em razão de um projeto de alta importância. O historiador da Companhia de Jesus ia embarcar para Ancona, em viagem ao Oriente. Renunciou à viagem e entregou-se imediatamente ao apelo do Santo Padre. Gregório XVI pediu-lhe que escrevesse a *História das Sociedades Secretas e Suas Conseqüências*. Para esse trabalho encaminhou-lhe, através do cardeal Bernetti, antigo secretário de Estado, os documentos em seu poder, e acreditou-o junto às Cortes de Viena e de Nápoles, para que delas obtivesse outros documentos depositados em seus arquivos secretos.

Crétineau-Joly apresentou-se inicialmente em Nápoles, onde soube, pela boca do rei, da morte do Papa. Pio IX sucedeu a Gregório XVI e confirmou ao historiador a missão que recebera de seu predecessor. Ele partiu para Viena, onde recebeu boa acolhida do príncipe de Metternich. Mas os empregados da chancelaria austríaca, por instinto revolucionário ou por outro motivo, não se prestaram senão a contragosto às suas pesquisas. No entanto, o conde Henri de Bombelles, de origem francesa e preceptor do jovem arquiduque, mais tarde imperador Francisco José, tendo sabido do motivo de sua estada em Viena, ofereceu-lhe seus serviços. Em toda a sua carreira diplomática ele se tinha ocupado com as sociedades secretas, que vira em atividade na Itália, Polônia, Rússia. Revelou ao historiador, com documentos, conspirações de tal natureza que pôde dizer: "Ousai divulgar esses mistérios. Será o maior serviço que

---

[6] *Histoire de la Restauration,* t. VII, p. 684.
[7] Edmond Biré na *Gazette de France* de 1°. de abril de 1906.

talvez jamais terá sido prestado à civilização. Mas não ireis até o fim. Se o punhal dos carbonários não vos cortar o caminho, estejais certo de que haverá príncipes interessados em vos condenar ao silêncio".

O primeiro desses príncipes foi Carlos Alberto, rei da Sardenha, que, por ambição, se entregara, desde a juventude, às sociedades secretas. Crétineau-Joly narra em suas *Mémoires*, publicadas em parte pelo abade Maynard — foi aí que buscamos essas informações — a entrevista tão secreta quanto dramática que teve em Gênova com o rei a instantes pedidos deste. Crétineau não lhe quis prometer o silêncio pedido. Então o rei dirigiu-se ao Papa. Pio IX tinha pressa em conhecer os materiais recolhidos e mandara dizer ao historiador para retornar a Roma o mais cedo possível. Quando recebeu a carta do rei, o Papa ficou abalado. Nesse ínterim, ele disse a Crétineau para ir a Nápoles. Em Nápoles, ele melindrou um carbonário de nome de Cocle, que tinha todo o poder sobre o espírito do rei. Ele entrara nas ordens, fizera-se mesmo religioso, e ganhara a confiança do rei a ponto de ter-se tornado seu confessor. Por instigação deste, Ferdinando também escreveu ao Papa. De uma nota enviada no dia 4 de dezembro de 1857 ao cardeal Antonelli resulta que, no dia 21 de dezembro de 1846, Crétineau foi recebido em audiência por Pio IX. O Papa disse-lhe que sua caridade de pai e seu dever de príncipe se opunham à publicação de uma história que, nas circunstâncias presentes, podia oferecer mais de um perigo. Crétineau se submeteu.

Em 1849, enquanto o Papa estava em Gaete, o cardeal Fornari, núncio em Paris, exortou o historiador a retomar seu trabalho, e mostrou-lhe um despacho do cardeal Antonelli dizendo que o Papa não havia proibido que escrevesse a *História das Sociedades Secretas*, que somente havia julgado inoportuna a publicação em 1846 e 1847; mas que, à vista da mudança das circunstâncias, ele acreditava ser útil agora dar prosseguimento à obra.

Crétineau se pôs de novo ao trabalho. Ainda uma vez ele foi tirado de seu trabalho por uma carta de monsenhor Garibaldi, que lhe dizia não ser possível, após o serviço prestado em 1850 à Santa Sé pelo governo de Luís Bonaparte, dar livre curso a um livro no qual esse discípulo das sociedades secretas seria apresentado como tal.

A obra estava quase terminada, impressa já em parte; o abade Maynard disse ter visto as provas tipográficas. Indignado, Crétineau jogou-a no fogo. A *História das Sociedades Secretas*, que teria projetado luz nas próprias profundezas das revoluções que agitam a Europa, estava destruída.

No entanto, muitos dos documentos que tinham servido para escrevê-la, ou cópias desses documentos, permaneceram em poder do historiador. Alguns ele introduziu na *Histoire du Sonderbund*, e outros no livro intitulado *L'Église Romaine en face de la Révolution*. No primeiro, Crétineau-Joly foi injusto e mesmo cruel em suas expressões a respeito de Pio IX, relativamente à conduta que o Pontífice acreditara dever adotar nesse lamentável caso. A grande alma de Pio IX perdoou-lhe. E quando, em outubro de 1858, o historiador foi a Roma, levando a segunda obra, parte em provas tipográficas, parte manuscrita, teve a felicidade de vê-la lida, aprovada e aplaudida pelo Vaticano. Após a publicação, monsenhor Fioramonti, Secretário das Línguas Latinas, declarou oficialmente que todas as peças nela transcritas eram autênticas e que ele as havia confrontado com os textos. Depois, Pio IX endereçou ao historiador, por ocasião da 2ª. edição do livro, um Breve no qual diz: "Querido Filho, adquiristes direitos particulares ao nosso reconhecimento, quando, há dois anos, formastes o projeto de compor uma obra recentemente terminada e novamente reeditada, para mostrar, através de documentos, esta Igreja romana sempre como alvo da inveja e do ódio dos maus, em meio a revoluções políticas do nosso século, sempre triunfantes" (25 de fevereiro de 1861).

Dúvidas foram lançadas sobre a lealdade histórica de Crétineau-Joly. Não temos que examiná-las aqui. A declaração do Secretário das Línguas Latinas e o Breve de Pio IX, impressos na início da obra, em pleno reinado do santo Pontífice, constituem

para nós garantia da inteira fidelidade dos documentos inseridos no livro *L'Église Romaine en face de la Révolution*.

Não é, pois, sem razão que Claudio Janet disse desse livro, na sua introdução à obra do padre Deschamps, *Les Sociétés Secrètes et la Société*: "Nenhum documento histórico oferece tantas garantias de autenticidade" (p. CVI). Se precisássemos de uma nova prova de sinceridade, encontra-la-íamos no uso que o *Civiltà Cattolica* fez desses documentos, sob a vista do Papa, em 1879. Podemos acrescentar ainda que L. Blanc fez constar de sua *Histoire de Dix Ans*, cartas de um dos membros da Grande Loja, Menotti, endereçadas, em 29 de dezembro de 1830 e 12 de julho de 1831, a um de seus irmãos de conjuração, Misley,[8] e publicadas por Crétineau-Joly.

Os documentos incluídos por ele em *L'Église Romaine en face de la Révolution*, são as *Instruções Secretas* dadas à Grande Loja, e algumas das cartas que os membros dessa Loja trocaram entre si.[9] Nada pode melhor desvendar a constituição da Franco-maçonaria, sua maneira de agir, o objetivo que ela busca e os meios que ela emprega para alcançá-lo, tanto hoje em dia quanto em 1820.

Metternich, que na sua correspondência fala repetidas vezes da ação direta exercida pela Grande Loja sobre todos os movimentos revolucionários da época, diz, numa carta endereçada, em 24 de junho de 1832, a Newmann, em Londres, que a Grande Loja é a continuação da associação dos iluministas, "que adotou, sucessivamente, segundo as circunstâncias e as necessidades do tempo, as denominações de Tugendbund, Burschenschaft etc." Seguramente, ninguém poderia estar melhor informado do que ele.

As sociedades secretas do Iluminismo e da Grande Loja perpetuaram-se até nossos dias, após terem adotado outras formas e outros nomes? Quem poderia dizê-lo, mesmo entre os franco-maçoms, mesmo entre os Grandes Orientes? Mas, como poderemos nos certificar, o que se passa sob nossos olhos é evidentemente a continuação do que foi feito nos dois períodos precedentes.

Antes de entrar no relato das intrigas da Grande Loja, devemos conhecê-la melhor.

A Grande Loja foi composta apenas por quarenta membros, todos escondidos, na correspondência que trocavam entre si, sob pseudônimos. "Por respeito às altas conveniências, diz Crétineau-Joly, não queremos violar esses pseudônimos, hoje protegidos pelo arrependimento ou pelo túmulo. A história será talvez um dia menos indulgente do que a Igreja".

Dá-se que esses conjurados constituíam, na sua maior parte, a elite do patriciado romano, por nascimento ou por riquezas, e a do Carbonarismo, pelo talento ou pelo ódio anti-religioso. Alguns, como veremos, eram judeus. Era necessário que o judaísmo estivesse representado entre eles. Eckert, Gougenot-Desmousseaux, d'Israeli, estão de acordo em afirmar que os judeus são os verdadeiros inspiradores de tudo o que a Franco-maçonaria concebe e executa, e que eles sempre estão em maioria no Conselho superior das sociedades secretas.

O chefe dos quarenta adotara o nome de Nubius, o homem das trevas e do mistério. Era um grande senhor, que ocupava em Roma uma elevada posição na diplomacia, o que o colocava nas relações dos cardeais e de toda a aristocracia romana.

Quando a criação da Grande Loja foi decidida pelo supremo Conselho, ele já estava designado para assumir a sua direção. Ele não tinha ainda completado trinta

---

[8] *Histoire de Dix Ans*, t. II, p. 292 e segtes., 5ª. edição, 1846.

[9] Encontram-se no Apêndice essas Instruções e aquelas cartas trocadas entre os conspiradores que foram publicadas por Crétineau-Joly. Apresentamos aqui apenas os fragmentos que servem de apoio a nossas assertivas.

anos, e já as lojas da Itália, da França e da Alemanha sabiam-no destinado a grandes coisas. "Ele está aqui, ele está lá, diz Crétineau-Joly, temperando ou reacendendo o zelo, organizando, em cada lugar, uma conspiração permanente contra a Santa Sé, ora sob uma denominação, ora sob outra". A missão que o Conselho supremo queria confiar à Grande Loja era precisamente preparar o assalto final ao Soberano Pontificado. Nubius dera testemunho de ter compreendido que a Franco-maçonaria não era outra coisa que não a contra-Igreja, a Igreja de Satã, e que, para fazê-la triunfar sobre a Igreja de Deus, era preciso atacá-La na sua cabeça. Foi o que fez com que convergissem sobre ele os olhares, para a realização dos desígnios que projetavam.

Eis o retrato que dele faz Crétineau-Joly:

"Nubius recebeu do Céu todos os dons que criam o prestígio em torno dele. É bonito, rico, eloqüente, pródigo de suas riquezas como de sua vida; tem clientes e aduladores. Está na idade das imprudências e das exaltações, mas impõe à sua razão e ao seu coração um tal papel de hipocrisia e de audácia, e o desempenha com tão profunda habilidade que hoje, quando todas as maquinações que ele comandava escaparam-lhe uma após a outra, permanecemos ainda espantados com a arte infernal desenvolvida por esse homem na sua luta contra a fé do povo. Nubius é pervertido como o inferno. Ele sorri sempre no mundo, a fim de se dar o direito de ser mais sério no seio das associações secretas que funda ou que dirige. Vê-se, pelas cartas que endereçou a membros influentes da associação oculta, que, graças ao seu nome, à sua fortuna, à sua pessoa, à sua extrema prudência em evitar toda questão irritante ou política, ele criou para si em Roma uma posição ao abrigo de toda suspeita.

"De Paris, Buonarotti, Charles Teste, Voyer d'Argenson, Bayard, o general Lafayette, Saint-Simon, Schonen e Merilhou consultam-no como a um oráculo de Delfos. Do seio da Alemanha, de Munique, assim como de Dresde, de Berlim como de Viena ou de Petersburgo, vêem-se os chefes das principais lojas, Tscharner, Heymann, Jacobi, Chodzko, Lieven, Pestel, Mouravieff, Strauss, Pallavicini, Driesten, Bem, Bathyani, Oppenheim, Klaus e Carolus perguntar-lhe o caminho a seguir em face de tal ou tal fato: e esse jovem, cuja atividade é prodigiosa, tem resposta para tudo, organizando em cada lugar uma conspiração permanente contra a Santa Sé".

Nubius manteve o timão da loja suprema até cerca de 1844. Nessa época, fizeram-no beber a *Aqua toffana*. Ele ficou doente, de uma doença que os mais célebres médicos não puderam compreender nem sustar. Esse brilhante diplomata, esse conspirador tão hábil sentiu sua inteligência obscurecer-se subitamente e sua vida extinguir-se no idiotismo. Sua agonia durou quatro anos. Ele deixou Roma e foi se esconder em Malta, onde morreu em 1848, no momento em que o trabalho dos intelectuais da seita era julgado tão avançado que a ordem de se colocarem em movimento foi dada à facção encarregada da ação.

Piccolo-Tigre (o pequeno tigre), um dos primeiros lugares-tenentes de Nubius, era judeu. "Sua atividade é infatigável, diz Crétineau; ele não pára de correr o mundo para suscitar inimigos do Calvário. Ele está ora em Paris, ora em Londres, algumas vezes em Viena, freqüentemente em Berlim. Em toda a parte ele deixa vestígios de sua passagem; em toda a parte ele afilia às sociedades secretas, e mesmo à Grande Loja, devotos com os quais a impiedade pode contar. Aos olhos dos governantes e da polícia, é um comerciante de ouro e de prata, um desses banqueiros cosmopolitas que não vivem senão dos negócios e se ocupam exclusivamente com o seu comércio. Visto de perto, estudado à luz de sua correspondência, esse homem é um dos mais hábeis agentes da destruição preparada. É o elo invisível, que reúne na mesma comunidade de tramas todas as corrupções secundárias que trabalham pela queda da Igreja".

Um terceiro, Gaetano, é um rico lombardo que encontrara meio de servir à seita e de trair a Áustria tornando-se, à força da hipocrisia, o confidente e o secretário íntimo

do príncipe de Metternich. Não ignoramos que os grandes ministros, os reis, os imperadores sempre têm perto deles um delegado da seita, que sabe inspirar-lhes confiança e incliná-los a favorecer, conscientemente ou não, a execução dos desígnios das sociedades secretas. Dessa elevada posição, Gaetano observa o que se passa na Europa; ele está ao par dos segredos de todas as Cortes, e se corresponde, segundo as indicações do momento, com Nubius, Piccolo-Tigre, ou Volpe (a raposa), ou Vindice (o vingador), ou Beppo; numa palavra, com todos os que adotaram como empreitada, como diz Crétineau, o aniquilamento do catolicismo e o triunfo da idéia revolucionária.

Eles são apenas quarenta, mas escolhidos entre os mais inteligentes, os mais astuciosos, os que se encontram em melhor posição para exercer, não somente no mundo maçônico, mas no "mundo profano", a mais poderosa e a mais larga influência. Examinados e escolhidos sobre o tabuleiro, não lhes é permitido declinar da perigosa missão que lhes é dada. Iniciados, são condenados a se cobrirem de mistério, e é-lhes imposta a mais absoluta abnegação. "O sucesso de nossa obra, diz Nubius na carta na qual anuncia a Volpe que vai tomar em suas mãos o timão da loja suprema, o sucesso de nossa obra depende do mais profundo mistério; e nas lojas nós devemos encontrar o iniciado, como o cristão da *Imitação*, sempre pronto a "querer ser desconhecido e não servir para nada".

Não eram somente os personagens que compunham a Grande Loja que deviam se cobrir de trevas, mas a própria Grande Loja. Até mesmo sua existência, tudo devia permanecer ignorado das lojas, que no entanto dela recebiam direção e impulso. Nubius, Volpe e os outros eram acreditados pessoalmente junto a elas; elas obedeciam a uma palavra, a um sinal desses privilegiados da seita; mas tudo o que elas sabiam consistia em que era preciso executar as ordens dadas sem conhecer a origem nem a finalidade delas. Essas ordens, pelas quais era governada a Europa subterrânea, eram assim misteriosamente transmitidas, de grau em grau, até à mais distante loja.

Mazzini, alma do Carbonarismo, do qual tinham sido tirados os quarenta, o próprio Mazzini não pôde penetrar esse mistério. "Pelo instinto de sua natureza profundamente viciosa, diz Crétineau-Joly, Mazzini duvidava que existisse, fora dos quadros que formavam as sociedades secretas, uma filiação particular. Ele julgou dever solicitar a honra de entrar nessa vanguarda de eleição. Não se sabe por intermédio de quem nem como ele endereçou o pedido; apenas uma carta de Nubius a um personagem conhecido na Grande Loja sob o nome de Beppo, exprime muito categoricamente a recusa que a Loja formulou:

"Sabeis, ele lhe participa em 7 de abril de 1836, que Mazzini julgou-se digno de cooperar conosco na maior obra de nossos dias. A Loja suprema não decidiu dessa maneira.

"Mazzini tem em demasia o comportamento de um conspirador de melodrama, para que convenha ao papel obscuro que nos resignamos a representar até o triunfo. Mazzini gosta de falar de muitas coisas, sobretudo dele...; que ele fabrique, conforme o seu gosto, *jovens Itálias, jovens Alemanhas, jovens Franças, jovens Polônias, jovens Suíças*, etc., se isto pode servir de alimento a seu orgulho insaciável, não nos opomos; mas fazei-o compreender, manejando os termos segundo vossas conveniências, que a associação da qual ele fala não existe mais, se é que algum dia existiu; que vós não a conheceis, e que, no entanto, deveis declarar-lhe que, se ela existisse, ele teria tomado certamente o pior caminho para nela entrar. No caso de ser admitida a sua existência, essa Loja está evidentemente acima de todas as outras; é a São João de Latrão: *caput et mater omnium ecclesiarum*. Foram chamadas a ela apenas os únicos considerados dignos de serem aí introduzidos. Até esse dia, Mazzini teria sido excluído; não pensa ele que em se metendo no meio, à força ou por astúcia, de um

segredo que não lhe pertence, ele talvez se exponha a perigos pelos quais ele fez passar mais de um? Arrumai essa última frase à vontade, mas passai-a ao Sumo Sacerdote do punhal; e eu, que conheço sua consumada prudência, aposto que esse pensamento produzirá um certo efeito sobre o rufião".

Nubius não se enganou ao assim apreciar Mazzini, e não se encontra mais vestígio, nos arquivos da Loja Suprema, de algum comunicado do *pobre José* relativo a essa questão. A ameaça de um golpe de punhal fez voltar, "ao fundo de suas entranhas, o sentimento de seu orgulho".

Enfim, para cúmulo do mistério, os quarenta da Grande Loja não sabiam, nem eles mesmos, de onde vinham o impulso ao qual obedeciam, as ordens a transmitir ou a executar.

Um deles, Malegari, escreveu ao doutor Breidestem, em 1836: "Nós queremos quebrar toda espécie de jugo, e existe um que não vemos, que apenas sentimos, e que pesa sobre nós. De onde ele vem? onde ele está? Ninguém sabe, ou pelo menos ninguém diz. A associação é secreta, mesmo para nós, os veteranos das associações secretas. Exige-se de nós coisas que, alguma vezes, são de fazer arrepiar os cabelos; e crer-me-íeis que me informam de Roma que dois dos nossos, bem conhecidos por seu ódio ao fanatismo, foram obrigados, *por ordem do chefe supremo*, a se ajoelharem e a comungarem na última Páscoa? Não questiono minha obediência, mas gostaria muito de saber para onde nos conduzem tais fingidas devoções". Eis aí o verdadeiro *perinde ac cadaver.*[10] E são esses escravos de um mestre que se esconde de todo o olhar, esses homens que sentem sempre a ponta do punhal nas costas, que fazem as leis contra os religiosos, por horror, dizem eles, ao voto de obediência!

———— ♦ ————

[10] *Tal qual cadáver.* Expressão para significar a obediência irrestrita. (N. do T.).

CAPÍTULO XXIV

A OBRA ESPECÍFICA DA GRANDE LOJA

Os Quarenta tinham, pois, recebido as Instruções secretas, que indicavam o que deviam fazer por eles próprios, a direção que deviam dar, com a desejada prudência, às lojas centrais, e, por intermédio delas, às lojas particulares, para obter quanto possível uma ação concertada e vasta, em vista do resultado a ser obtido.

O objetivo traçado para toda a conjuração era o aniquilamento da idéia cristã. Mas aí estava uma obra de grande fôlego. O trabalho ao qual os Quarenta deveriam aplicar-se imediatamente consistia na destruição do poder temporal dos Papas.

As Instruções começavam assim:

"Há um pensamento que sempre preocupou profundamente os homens que aspiram à regeneração universal: é o pensamento de que da LIBERTAÇÃO DA ITÁLIA deve sair, num determinado dia, a libertação do mundo inteiro, a república fraternal (a república dos irmãos maçoms) e a harmonia da humanidade (todo o gênero humano sob a lei maçônica), para a regeneração universal".

Encontramos aqui o pensamento último das sociedades secretas, o fim para o qual são dirigidos todos os seus esforços pelo poder oculto, indivíduo ou comissão, que lhe dá o primeiro impulso: o estabelecimento sobre a ruína de todos os tronos, nestes compreendido o trono pontifício, de uma república universal que operará a libertação do gênero humano relativamente a Deus e à Sua lei, e a regeneração do homem, quer dizer, seu retorno ao estado natural pelo repúdio à toda a ordem sobrenatural. Então, em vez de duas sociedades, cuja coexistência Waldeck-Rousseau deplorou, haverá apenas uma, e sobre toda a terra reinará a harmonia da universal sujeição a Israel.

No pensamento daquele que havia dado aos Quarenta as Instruções secretas, a derrubada do trono pontifício era o primeiro objeto a perseguir e a alcançar. Ele percebia que é o Papado que mantém a humanidade sob o jugo paternal de Deus, e ele pensara que no momento em que a Itália fosse libertada e o poder temporal dos Papas liquidado, o Papado, não tendo mais ponto de apoio na terra, suspenso no ar, por assim dizer, não manteria por mais muito tempo um poder espiritual que, por ser exercido sobre homens, compostos de corpo e alma, tem necessidade de instrumentos materiais e de ministérios humanos.

A libertação da Itália podia ser obtida apenas através de fatos de revolução e de guerra. Esses fatos foram colocados inicialmente por Carlos Alberto, depois, de 1859 a 1870, por Victor Emanuel, com a cumplicidade de Napoleão III. Mas eles não poderiam se produzir senão após terem sido preparados por um movimento das idéias. Este trabalho preparatório é que foi imposto à Grande Loja.

As Instruções recomendavam-lhe, inicialmente, desconsiderar o poder temporal e desconsiderar seus ministros. "Devemos buscar nos nossos entrepostos de popularidade ou de impopularidade, as armas que tornarão inútil o poder nas mãos deles", entre as mãos dos prelados, agentes do poder pontifício. "Tornai a padralhada impopular por todos os meios possíveis", dizia um documento emanado da comissão diretora em data de 20 de outubro de 1821. As Instruções não desdenhavam entrar nos detalhes dos meios a adotar para atingir esse fim: "Se um prelado chega de Roma para exercer alguma função pública no fundo das províncias, conhecei logo seu

caráter, seus antecedentes, suas qualidades, sobretudo seus defeitos. É ele, de antemão, um inimigo declarado (da Revolução): um Albani, um Pallota, um Bernetti, um Della Genga, un Rivarola? Cobri-o com todas as armadilhas que possais manter sob seus passos; criai a seu respeito uma dessas reputações que assustam as crianças e as velhas. — Uma palavra que se invente habilmente e que se tenha a arte de espalhar em certas *boas famílias escolhidas*, para que daí desça para os cafés e dos cafés para a rua, uma palavra pode algumas vezes matar um homem. — Pintai-o cruel e sanguinário; contai alguma passagem de crueldade que possa facilmente gravar-se na memória do povo". (Em outras palavras, deturpai os atos de justiça que o poder está obrigado a adotar para a defesa da sociedade).

A Itália não podia fazer-se por si mesma: ela tinha necessidade do concurso, ou, pelo menos, do assentimento da Europa. Era preciso, pois, por toda a parte preparar os espíritos para a queda do poder temporal. Não bastava desacreditá-lo ali onde ele se exercia; era necessário sublevar contra ele a opinião pública em toda a Europa. As *Instruções* não falham em dizê-lo. Graças às cumplicidades que tinham sido administradas em todos os países, em todas as classes da sociedade e até junto aos tronos, esse cuidado coube à Grande Loja. Ela podia fazer os jornais falarem, ela podia fazer a diplomacia agir. Relativamente aos jornais, as Instruções dão essas recomendações: "Quando os jornais estrangeiros recolherem por nosso intermédio esses relatos, que eles, por sua vez, embelezarão, mostrai, ou melhor, fazei mostrar, através de algum respeitável imbecil, estes papéis em que estão relatados os nomes e os arrolados os excessos desses personagens. Como à França e à Inglaterra, jamais faltarão à Itália essas penas que sabem se amoldar às mentiras úteis à boa causa". Essas recomendações não caíram no esquecimento, sendo observadas diariamente em todos os países católicos para tornar odiosos o clero e a religião.

Bidegain, no seu Livro *Le Grand Orient de France, ses doctrines et ses actes*, oferece uma prova disso relativamente à nossa França:

"No relatório secreto da Comissão de Propaganda da Convenção de 1899, o I∴ Dutilay, relator, escrevia isto: 'Uma correspondência anticlerical, discreta, endereçada a numerosos jornais, faz penetrar as idéias maçônicas em certas regiões em que as prevenções seculares estavam até agora enraizadas".

Um outro relator da mesma Comissão justificava assim em 1901 as despesas que ele propunha fossem colocadas sob a rubrica "Publicidade": "Entre elas, dizia uma há que justifica a existência, o funcionamento de um órgão de propaganda, habilmente concebido, que oferece incontestáveis serviços à toda a imprensa republicana e anticlerical deste país, tanto mais quanto sua verdadeira origem permanece insuspeita no mundo profano".

"Este órgão, diz Jean Bidegain, é um simples jornal autografado intitulado *La Semaine de France*. Seu autor é Emile Lemaître, membro do Conselho da Ordem, conselheiro municipal de Boulogne-sur-Mer. Ele foi reembolsado de suas despesas pelo próprio secretário-geral, que assina a ordem de pagamento como se ele dispusesse pessoalmente dessas somas. O nome do editor-redator do "órgão de propaganda habilmente concebido" não figura, pois, nos registros de contabilidade.

"*La Semaine de France*, obra de predileção do Grande Oriente, é uma compilação de ignomínias de que se tornam culpados, parece, os padres, monges, seminaristas etc.

"Nele não se trata senão de assassinatos, roubos, atentados ao pudor. Suas informações começam assim: "Faz alguns dias...", ou "Na última terça-feira...", ou ainda, "Na sessão de 3 de setembro a Corte Criminal de ... etc."; e tem-se o cuidado de não precisar os dados de outra maneira. Basta dizer que o "órgão habilmente concebido" reedita histórias muito antigas, cuja repetição na imprensa tem por conseqüência aumentar ou provocar o ódio contra o padre. Estou bem persuadido de

que os numerosíssimos jornais que recorrem à *La Semaine de France* ficariam muito embaraçados em provar a autenticidade dos fatos tão variados quanto extraordinários, cujos relatos tomam emprestado. O procedimento é inteiramente maçônico, inteiramente judeu, extremamente covarde e pouco perigoso para quem o utiliza" (pp. 192-195).[1]

"Esmagai o inimigo, qualquer que seja ele, continuam as Instruções secretas, esmagai aquele que é poderoso (contra nós, seja pelo poder que tem em suas mãos, seja por sua inteligência e pelo uso que dela faz, seja pela força de sua vontade), esmagai-o à força de mentiras e de calúnias; mas, sobretudo, esmagai-o no ovo".

Sabemos com que ardor e com que perseverança os jornais de todas as nações, sobretudo os jornais franceses e ingleses, obstinaram-se então em desacreditar, de todas as maneiras, o poder pontifical e os outros poderes legítimos na Itália.[2]

Quando a opinião pública foi julgada suficientemente preparada, puseram em ação os diplomatas.[3] Desde os primeiros dias do pontificado de Gregório XVI, a

---

[1] As mesmas práticas ocorrem na Espanha. *La Semaine Religieuse* de Madri teve conhecimento de um manual distribuído aos franco-maçons da Espanha, e pôs-se a par da situação em novembro de 1885.

No manual estava dito: "A ação da maçonaria deve cingir-se especialmente a desacreditar os padres e a diminuir a influência que eles têm sobre o povo e as famílias. Para isso, empregar os livros e os jornais, estabelecer centro de ação para alimentar a hostilidade contra os padres.

"Recolhei notícias e transmiti-as aos jornais para destruir o respeito que os ignorantes têm relativamente aos padres.

"Concitai as famílias a não lerem jornais católicos e nelas introduzi alguma folha liberal.

"Que não se tenham escrúpulos na escolha dos meios para destruir o respeito à religião e ao padre. Todos os meios são bons, quando se trata de libertar a humanidade das cadeias do padre".

Nas resoluções do Congresso do Livre Pensamento reunido em Genebra, em setembro de 1902, pôde-se ver como as sociedades secretas produzem os movimentos de opinião:

1°. Indicar aos jornalistas livres-pensadores as campanhas a desencadear na mesma época, na mesma hora, sobre a mesma questão; – 2°. Dar aos deputados a mesma palavra de ordem, a fim de que, em todos os países, ocorram interpelações simultâneas sobre as mesmas questões que serão objeto das campanhas da imprensa; – 3°. Organizar reuniões simultâneas nas principais cidades do mundo inteiro para esclarecer o povo.

Um exemplo recente da maneira pela qual esses três pontos são observados foi-nos dado no caso Ferrer.

[2] Quando Jaurès veio à tribuna dizer que a França devia dizer adeus à Alsácia e à Lorena, Ed. Drumond publicou um artigo no qual, num contraste comovente, mostrou como é poderosa a ação dos jornais para formar e conduzir a opinião pública, segundo o desejo das sociedades secretas.

"Imaginai o que devem pensar os que, sem ainda terem atingido hoje a extrema velhice, eram muito jovens há quarenta anos. Todo mundo tinha então uma idéia fixa: libertar a Itália, libertar Veneza de seus ferros, pôr os alemães para fora: *Fuori Tedeschi!...* Foi preciso deixar morrer nossos soldados e gastar nossos milhões para libertar as províncias que a Áustria ocupava.

"Dez anos depois, Strasburgo pertence aos alemães, assim como Veneza, que críamos ter por missão arrancar a seus opressores. Não se viu em nenhum lugar nada que se assemelhe à campanha infatigável, incessante, empreendida outrora na França na imprensa, nos livros, nos salões, para dar a independência à Itália...

"Para chegar a esse resultado, tudo fora feito: a diplomacia com Cavour, a intriga com o conde d'Arèse, a audácia com Garibaldi, o crime com Mazzini... Encheríamos uma biblioteca com tudo o que foi escrito então na França. Os historiadores, os oradores, os poetas, os romancistas misturaram-se a isso...

"Foi a Maçonaria quem mais contribuiu, através das sociedades secretas afiliadas, das *Lojas*, das reuniões dos *Carbonários*, da influência exercida sobre os políticos e os chefes de Estado que pertencem à seita, para libertar a Itália do jugo austríaco... Hoje, a Maçonaria declara à imensa maioria de suas lojas que o roubo de nossas províncias é perfeitamente legítimo e que não é de se desejar que a França retome a Alsácia-Lorena".

Hoje, como então, ela é ouvida em toda a parte.

[3] Eis o projeto que, já em 1813, o Carbonarismo submetia à *aprovação da Inglaterra*:

"1. — A Itália será livre e independente.

Europa começou a pedir à Santa Sé as "reformas" cuja necessidade a Grande Loja fizera proclamar.

Dirigido por Palmerston, um dos grandes chefes da maçonaria, Luís-Filipe arrastou consigo os ministros da Áustria, da Prússia e da Rússia numa campanha diplomática contra a Santa Sé. Reuniu-se uma conferência e redigiu-se um *Memorandum*, espécie de intimação endereçada ao Papado. "Ó, exclamou Gregório XVI, a barca de Pedro sofreu provas mais rudes, certamente nós arrostaremos a tempestade. O trono do rei Filipe de Orléans desmoronará, mas este não!" Foi o início da campanha que prosseguiu sob Pio IX e que desaguou na secularização dos Estados Pontifícios e na ocupação de Roma.

Na alocução consistorial que pronunciou em 29 de abril de 1848, Pio IX denunciou a pressão exercida pelas potências européias sobre o governo pontifício com o objetivo de fazê-lo, por assim dizer, abdicar.

"Não ignorais, caríssimos irmãos, que já no final do reinado de Pio VII, nosso predecessor, os príncipes soberanos da Europa insinuaram à Sé Apostólica o conselho de adotar, para o governo dos negócios civis, um modo de administração mais fácil e mais conforme aos desejos dos leigos. Mais tarde, em 1831, os conselhos e os desejos desses soberanos foram mais solenemente expressos no célebre *Memorandum* que os imperadores da Áustria e da Rússia, o rei dos franceses, a rainha da Grã-Bretanha e o rei da Prússia julgaram dever enviar a Roma através de seus embaixadores. Nesse documento tratou-se, entre outras coisas, da convocação, em Roma, de uma Assembléia Administrativa formada pelo concurso de todo o Estado pontifício, de uma nova e ampla organização das municipalidades, do estabelecimento de conselhos provinciais, de outras instituições igualmente favoráveis à prosperidade comum, da admissão dos leigos em todas as funções de administração pública e da ordem judiciária. Esses dois últimos pontos eram apresentados como princípios *vitais* de governo. Outras notas dos mesmos embaixadores mencionavam um perdão mais amplo a conceder a todos ou a quase todos os súditos pontifícios que tinham traído a fé devida a seu soberano".

Os príncipes estrangeiros, assim intervindo, feriam a soberania na sua essência, que consiste em erguer-se apenas por si mesma, e por isso mesmo tornavam inócua a causa que advogavam.

Pio IX, ao assumir o trono pontifício, entendeu dever levar em consideração os conselhos expostos no *Memorandum* e sabemos o efeito que eles causaram: o de fazer proclamar a república em Roma.

O que não impediu a diplomacia, após a restauração do trono pontifício, de a cada dia tornar mais urgentes suas advertências, poderíamos dizer suas injunções, no sentido de se pôr fim aos abusos. No congresso realizado em Paris após a guerra da Criméia, foram enfim pronunciadas palavras que iriam colocar a França a serviço do Piemonte para "libertar a Itália".[4]

"2. — Os limites desse império serão os três mares e os Alpes.

"3. — A *Córsega*, a Sardenha, a Sicília, as Sete Ilhas e todas as outras ilhas situadas nas costas do Mediterrâneo formarão uma parte do Império romano.

"4. – *Roma será a capital do Império e a sede dos Césares*" (Saint-Edme, *Constitution et Organisation des Carbonari*, 1821).

[4] Quando Napoleão III manifestou suas intenções secretas através das palavras endereçadas, em janeiro de 1859, ao embaixador da Áustria, monsenhor Pie, espantado, pediu-lhe audiência. O imperador disse ao bispo: "A França não manteve em Roma um exército de ocupação para consagrar os abusos lá existentes".

Monsenhor Pie pediu permissão para explicar-se sobre esse assunto com toda a liberdade. É preciso ler, no belo livro de monsenhor Baunard, *Histoire du Cardinal Pie*, as palavras corajosas que ele pronunciou.

"Abusos existem em todo o lugar, e qual governo pode se vangloriar de escapar a isso? Mas ouso afirmar que em nenhum lugar os há menos numerosos do que na cidade e nos Estados governados pelo

Ao mesmo tempo que recomendavam desacreditar a Roma papal, as Instruções diziam que era necessário recordar aos soberanos as lembranças da Roma pagã, cujo retorno era de fazê-los desejar. "Não passará um século, exclamava um agente mais ou menos consciente das sociedades secretas, o abade Gioberti, antes que nossa pátria se torne mais bela do que era no tempo de Cipião".[5] "Roma, dirá mais tarde Mazzini, não é uma cidade; Roma representa uma idéia. Roma é o sepulcro de duas grandes religiões que outrora deram vida ao mundo, e Roma é o santuário de uma terceira religião futura, destinada a dar a vida ao mundo do porvir. Roma representa a missão da Itália em meio às nações, o Verbo de nosso povo, o Evangelho eterno da união universal".[6]

"No fundo do coração do italiano existe sempre (as Instruções secretas retomam a palavra) uma saudade da Roma republicana. Excitai, inflamai essas naturezas tão repletas de incandescência, oferecei-lhes, inicialmente, mas sempre em segredo (as Instruções falam aqui do que há a fazer junto aos jovens nas famílias, nos colégios e nos seminários), oferecei-lhes livros inofensivos, poesias resplandecentes de ênfase nacional; depois, pouco a pouco, conduzireis vossos discípulos ao grau de ardor desejado. Quando, relativamente a todos os pontos do Estado eclesiástico, de uma só vez, esse trabalho de todos os dias tiver disseminado vossas idéias como a luz, então podereis apreciar a prudência dos conselhos cuja iniciativa tomamos".

Estávamos em 1819. Se as Instruções recomendavam propagar as idéias, não menos recomendavam ainda não passar à ação. "Nada está maduro, dizem elas, nem os homens, nem as coisas, e nada estará ainda durante muito tempo. Mas desses males (do que já acontecera por terem querido cedo demais precipitar o movimento, e da intervenção armada da Áustria, que se percebia então ameaçadora), podereis facilmente puxar uma nova corda a fazer vibrar no coração do clero jovem. Será o ódio ao estrangeiro. Fazei com que o alemão (il Tedesco) seja ridículo e odioso antes mesmo de sua prevista entrada".

Um documento datado de 20 de outubro de 1821 traçava a estratégia a seguir nos diversos países da Europa para "a luta agora assumida entre o despotismo sacerdotal ou monárquico e o princípio de liberdade". Ele dizia, especialmente para a Itália: "Na Itália, é preciso tornar impopular o nome do estrangeiro, de sorte que, quando Roma estiver seriamente sitiada pela Revolução, um socorro estrangeiro constitua, antes de tudo, uma afronta, mesmo para os fiéis naturais do país".

A Grande Loja esforçava-se, sobretudo, como acabamos de ouvir, em ganhar o clero para essas idéias de libertação política; e verdadeiramente elas tinham um aspecto muito sedutor para quem não conhecia os desígnios secretos dos que as propagavam. "Tornai o padre patriota", escrevia Vindice. Eles tiveram não pequeno êxito, não junto a todos, nem mesmo junto à maioria, mas junto a religiosos e padres seculares influentes, que arrastaram atrás de si muitos ingênuos. O padre Gavazzi, o abade Gioberti, o padre Ventura, o abade Spola, chegaram ao ponto de se fazerem acólitos de Mazzini, quando a Revolução expulsou Pio IX de Roma; e tiveram a audácia de cantar, no Dia da Páscoa, o *Alleluia* das sociedades secretas sobre o túmulo dos Apóstolos.

Não satisfeitos em encontrar auxiliares no clero, os conjurados tinha visado mais alto. Eles esperavam encontrar um Papa que servisse aos seus desígnios. Após a

---

Papa. – Que fez nossa gloriosa expedição da Criméia? Não é mais à Constantinopla e à Turquia do que a Roma que a França estaria aliada para manter os abusos?"

[5] *Gesuita moderno*, t. II, p. 600.

[6] Ver o *Monde* de 31 de dezembro de 1864.

morte de Gregório XVI, julgaram tê-lo encontrado em Pio IX.[7] Chamado de improviso ao governo da Igreja, Pio IX não estivera em situação de descobrir os escolhos que ameaçavam a barca de Pedro, e ele instintivamente procurava o meio de evitá-los. Inicialmente ele julgou dever conceder à opinião pública e às instâncias dos soberanos a anistia em favor dos carbonários atingidos pela Justiça. Ela fora reclamada com grande alarido no reinado de Gregório XVI. "Nós nos serviremos das lágrimas reais da família e das presumidas dores do exílio, escrevia Nubius a Vindice, desde 1832, para transformar a anistia numa arma popular em nosso favor. Nós a pediremos sempre, felizes por não obtê-la senão o mais tarde possível, mas nós a pediremos em altos brados".

Que outras palavras poderiam colocar em mais evidência o fundo do coração dos revolucionários! Eles fingem interessar-se pelas misérias e sofrimentos populares; na realidade, eles os fazem nascer, ou os exasperam, para daí tirarem proveito para eles.

Pio IX não estava informado sobre isso. Não sabendo ainda que não se deve entrar em contacto com a Revolução, como diz Crétineau-Joly, senão para abater-lhe a cabeça (o que ele fez mais tarde através do *Syllabus*), julgou poder conceder alguma coisa do que ela pedia através de melhoramentos prudentemente progressivos. "Coragem, Santo Padre!", gritava-lhe Thiers do alto da tribuna francesa, fazendo eco às ovações dos revolucionários italianos. No entanto, Pedro permaneceu Pedro, recusando o que não podia ser concedido: – *Non posso, non debbo, non voglio,* – e pela graça de Deus e por intermédio do braço da França, saiu da provação como vencedor.

Essa desventura de nenhum modo levou a seita a abandonar seus desígnios. Ela continuou, de um lado, a arruinar o trono pontifício, de outro, a espalhar as idéias que preparavam as revoluções destinadas a derrubar os tronos e a depositar a soberania no povo. Essa segunda obra não era, a nossos olhos, a mais importante.

"Essa vitória (a queda dos tronos, escrevia Tigrotto em 5 de janeiro de 1846, dois anos antes da Revolução de 48, que devia todos abalar), essa vitória, que será tão fácil, não é, no entanto, aquela que provocou até aqui tantos sacrifícios de nossa parte.

"Há uma vitória mais preciosa, mais durável, que nós buscamos há já tanto tempo... *Para matar com segurança o velho mundo* (e sobre suas ruínas estabelecer uma nova civilização), vimos *que era necessário sufocar o germe católico e cristão*", em outros termos, aniquilar o cristianismo nas almas.

———— ♦ ————

[7] Adam Mickiewicz deu a esse respeito um curioso testemunho: "Um amigo, Armand Lévy, contou-me a singular impressão que o começo do reinado de Pio IX produziu sobre Lamennais, separado de Roma há doze anos, e que, oito anos mais tarde, deveria morrer fora da Igreja, deixando como testamento político esse prefácio à tradução de Dante, no qual ele insiste sobre a incompatibilidade entre o catolicismo e a liberdade. Num dia do mês de novembro de 1848, diz ele, fogoso bretão, falando sobre o novo Papa, pôs-se subitamente a caminhar rapidamente no seu pequeno quarto da rua Byron, com o gesto rápido e o olhar em fogo, dizendo o que Pio IX podia fazer, o que ele sem dúvida faria, o que ele próprio certamente faria, se estivesse no seu lugar: "Tomaria a cruz nas mãos e marcharia contra os austríacos..." E esse monólogo, que tinha por testemunha apenas duas pessoas, prosseguiu assim uma meia hora completa, sobre o tema de uma cruzada pela independência da Itália e pela liberdade das nações. Talvez jamais Lamennais tenha sido tão eloqüente. Sua alma regozijava-se com esse sonho de libertação universal, operada pela iniciativa papal. O que fora o sonho acariciado de sua juventude ia então se realizar?"

(*Mémorial de la Légion Polonaise de 1848*, criado na Itália por Adam Mickiewicz, publicação feita de acordo com os documentos de seu pai, com prefácio e notas de Ladislas Mickiewicz. Paris, 1877, t. I, p. 30).

CAPÍTULO XXV

PRUDÊNCIA MAÇÔNICA

"O ódio dos conjurados da Grande Loja contra a Igreja, diz Crétineau-Joly, não se dissipa nem em turbulências ímpias, nem em provocações insensatas; eles tiveram a calma do selvagem e a impassibilidade do diplomata inglês". É exatamente isso. Em relações constantes com os chefes da Franco-maçonaria dos diferentes ritos e com os judeus de todos os países, tendo cúmplices colocados junto aos soberanos ou aos seus ministros, os Quarenta tinham um poder de ação tão extenso quanto seguro de si mesmo. Nem por isso essa ação era menos ponderada.

A mais insistente recomendação feita aos Quarenta era de agirem com prudência e circunspecção.

Um documento expedido pela Comissão Diretora, com data de 20 de outubro de 1821, diz : "Não podemos mais caminhar contra o inimigo com a audácia de nossos chefes de 1793. Estamos impedidos pelas leis e mais ainda pelos costumes; mas, com o tempo, ser-nos-á permitido talvez alcançar o objetivo relativamente ao qual eles falharam. Nossos fundadores puseram muita precipitação em tudo e perderam a partida. Nós a ganharemos se, *contendo as temeridades, chegarmos a fortalecer as fraquezas*". Essa palavra de ordem, nós a ouvimos repetida publicamente, no dia em que a maçonaria se assenhoreou do poder. E, depois, não a vimos sempre conter as temeridades, e, fortalecendo-se sem cessar, caminhar apara o objetivo, *lentamente, mas seguramente*? As Instruções Secretas diziam, por seu turno: "Para alcançar mais seguramente nosso objetivo, e não preparar para nós mesmos, espontaneamente, reveses que adiam indefinidamente ou comprometem durante séculos o sucesso de uma boa causa, é preciso não dar ouvidos a esses pretensiosos franceses...,[1] a esses nebulosos alemães..., a esses tristes ingleses... Semelhantes comportamentos não afetam o catolicismo; ele conheceu adversários mais implacáveis e mais terríveis, e freqüentemente se permitiu o prazer maligno de jogar água benta sobre o túmulo dos mais raivosos. Deixemos, pois, nossos irmãos desses países se entregarem às intemperanças estéreis de seu zelo anticatólico; permitamos que zombem de nossas madonas e de nossa aparente devoção.[2] Com esse passaporte podemos conspirar à vontade e chegar pouco a pouco ao fim proposto". A Grande Loja, nossos leitores não o ignoram, tinha por missão minar o trono pontifício sob os aspectos temporal e espiritual, e empregar, tanto quanto possível, o próprio clero nessa obra de destruição. Para tanto, foi-lhes recomendado usarem muita hipocrisia. Ela jamais faltou.

Piccolo-Tigre mostra que estavam bem imbuídos dessas Instruções: "Sirvamo-nos, dizia, de todos os incidentes, tiremos proveito de todas as eventualidades. Desconfiemos principalmente dos exageros do zelo. Um bom ódio bem frio, bem calculado, bem profundo, vale mais do que todos esses fogos de artifício e essas declamações de tribuna" (dos franceses, alemães e ingleses).

Felice fala no mesmo tom: "A fim de conferir ao nosso plano toda a extensão que ele deve ter, devemos agir silenciosamente, na surdina, ganhar o terreno pouco a pouco e jamais perdê-lo. Cada dia os carbonários profetizam uma convulsão geral. É

---

[1] Sabemos que a Grande Loja tinha sua sede em Roma e era composta principalmente por italianos.

[2] Para melhor enganar o mundo eclesiástico de Roma, os Quarenta tinha recebido a ordem de freqüentar os sacramentos e de aparentar piedade. Diziam que essa ordem era de arrepiar-lhes os cabelos.

o que nos porá a perder, pois então os partidos ficarão mais categóricos, e será necessário optar a favor ou contra.[3] Desse caos nascerá inevitavelmente uma crise, e dessa crise um adiamento ou infelicidades imprevistas".

São exatamente sempre as mesmas instruções, não é difícil de ver, que até aqui ditaram a conduta prudente da seita.

Nesses últimos tempos, as obras do I∴ Bidegain, publicadas ao mesmo tempo em que se produziam o incidente relativo ao I∴ Pierné, o caso do I∴ Nicol, a demissão do I∴ Doumer, emudeceram o Grande Oriente. Ele endereçou aos Ven∴ das LL∴ dos Departamentos um "fragmento de arquitetura", prescrevendo-lhes que cada qual sob sua obediência observasse a disciplina e a obediência maçônicas, e ao mesmo tempo a discreção relativamente aos profanos.

Eis um extrato desse texto: "Por que os Antigos conservavam com um cuidado tão ciumento os segredos de seus mistérios? Por que seus preceitos não eram escritos? *Por que a pena capital era reservada aos traidores, aos indiscretos e aos renegados*? Porque eles sabiam, meus II∴, que as obras maiores e mais benfazejas fundam-se no silêncio; porque eles sabiam que tudo o que é misterioso ou obscuro tem mais pretígio aos olhos do poviléu, e que *uma instituição que conhece o mundo e não faz parte dele é uma força irresistível*. Nenhum obstáculo a faz parar. Ao longo do tempo ela cumpre sua obra com uma lentidão sábia, mas com a segurança da gota d'água que fura o granito. *Sejamos discretos à maneira antiga*, meus II∴, e seremos merecedores da maçonaria universal!"

O I∴ Maréchaux apresentou ao Conselho da Ordem, na sesão de 20 de março de 1906 (*Compte rendu du 1er. janvier au 31 mai, p. 71*), um interessante relatório sobre a questão da criação de uma gráfica maçônica.

"Essa inovação, o relator não hesita em dizer, apresentaria uma multidão de perigos. Primeiramente, nós imprimimos coisas demais; temos papéis demais em circulação; e o meio mais seguro de diminuir as oportunidades de divulgação desses papéis, é diminuir-lhes o número". É preciso, pois, antes de mais nada, procurar impressores seguros. "Podemos observar que, se nas grandes gráficas, onde a vigilância é difícil, produzem-se vazamentos, procuraríamos em vão por eles em certas gráficas de província, em que o proprietário e o gerente observam atentamente a composição e a tiragem e fazem retornar a eles todas as folhas, boas ou más, após efetuada a edição". Ademais, "o que torna perigosa a profusão de nossos impressos é a mania que temos de colecioná-los: os boletins, as convocações, as circulares, e uma multidão de papéis dos quais as lojas estão inundadas, deveriam ser destruídos logo que levados ao conhecimento das Oficinas. Em resumo: nada de gráfica maçônica, menos impressos e menos arquivos inúteis".

Essa conclusão foi adotada após o I∴ Lemaître ter simplesmente proposto "algumas caixas de letras tipográficas e uma boa impressora colocadas no Grande Oriente, e que serviriam para imprimir alguns trabalhos simples ou ainda em casos urgentes. *Para abortar uma conspiração*, por exemplo, seria útil possuir um equipamento desse gênero".

Assim, pois, esses homens que se dizem encarregados de espalhar a luz não pensam senão em se ocultar. Imprime-se apenas uma parte dos relatórios, que ficam repletos de linhas pontilhadas. São dadas instruções para incineração dos documentos. Isto não basta. Enquanto as ligas ou algumas associações visam apenas a fazer a sua propaganda, o Grande Oriente só procura dissimular o que se diz e faz nas lojas. Ele fabrica mesmo falsos documentos, para melhor confundir público. A revista *Hiram*, no número de abril de 1909 (página 3), fazia esta confissão:

[3] Aí está o que muitos católicos ainda não querem compreender. A seita estará perdida somente quando os partidos estiverem nitidamente divididos, somente quando ao partido de Satã se opuser resolutamente o partido de Deus, como o pede com tanta insistência o Soberano Pontífice Pio X.

“O I∴ Bernardin, membro do Conselho da Ordem e do Colégio dos Ritos, não nos declarou ter calculado que 206 obras maçônicas davam à maçonaria 39 origens diversas?”

Admitindo-se que uma das obras maçônicas em questão tenha dito a verdade, seguir-se-ia que a maçonaria mentiu em 38 casos dos 39, posto que ela dá 39 versões diferentes do mesmo fato; é o I∴ Bernardin, ele próprio, quem verifica isso...

“Em todo o universo, diz monsenhor Ketteler, bispo de Mayence,[4] somente a maçonaria reivindica, de fato como de direito, uma posição excepcional, verdadeiramente notável. Somente ela quer fugir aos debates da imprensa periódica, e, afora algumas exceções, consegue isso. Enquanto a imprensa examina e aprecia tudo o que interessa à humanidade; enquanto o cristianismo, com todas as suas doutrinas e todas as suas obras; o Estado, com todos os seus direitos e suas constituições, são discutidos e apreciados sem cessar; enquanto a curiosidade pública penetra até nos últimos recantos da vida privada, só a Franco-maçonaria pode dizer, com a aprovação de toda a Europa: *Não me toquem!* Todos temem falar sobre ela, como se se tratasse de um fantasma”.

Esse mistério em que a seita se envolve com tantos cuidados, leva Crétineau-Joly a fazer esta observação: “Existe uma categoria de insetos que os cientistas chamam de cupim. Esses cupins róem o interior das vigas de uma casa; e, com uma arte admirável, sabem deixar intacta a superfície da madeira corroída. Mas essa superfície é tão delgada que o dedo do homem, apertando-a, faz rachar a viga. Esse procedimento dos cupins é usado pelas sociedades secretas”.

Essa tática não escapou à perspicácia do cardeal Consalvi. No dia 4 de janeiro de 1818 ele escrevia ao príncipe de Metternich: “Por tudo quanto recolho de diversos lados, e por tudo quanto entrevejo no futuro, creio (e vereis mais tarde se estou equivocado) que a Revolução mudou de seu modo de caminhar e sua tática. Ela não ataca mais à mão armada os tronos e os altares, ela se contentará em solapá-los”.

O Conselho Supremo deve vangloriar-se de ter recomendado o uso desse procedimento há três quartos de século; ele percebe, nós percebemos em que situação seu emprego nos colocou. E isto pouco a pouco, sem que se pensasse em abrir os olhos.

“Aqui, dizia ainda o mesmo cardeal ao mesmo príncipe, converso todos os dias com os embaixadores da Europa acerca dos perigos futuros que as sociedades secretas preparam para a ordem há pouco reconstituída, e percebo que só me respondem com a maior indiferença”. Leão XII manifestava as mesmas queixas junto ao cardeal Bernetti: “Nós advertimos os príncipes, e os príncipes ainda dormem. Nós advertimos seus ministros, e seus ministros não vigiaram. Nós anunciamos aos povos as calamidades futuras, e os povos fecharam seus olhos e seus ouvidos”.[5]

Não somente a Grande Loja, enquanto sociedade, devia seguir com a maior circunspecção, mas era recomendado a cada um de seus operários usarem eles próprios a mais refletida prudência. “Deveis ter a aparência de ser simples como pombas, diziam as Instruções aos Quarenta, mas sereis prudentes como a serpente”. A prudência, assim recomendada, consistia antes de tudo em se conduzirem de tal maneira que jamais a menor suspeita sobre o que eram e sobre o que faziam pudesse nascer no espírito de alguém. “Sabeis, continuam as mesmas Instruções, que a menor revelação, o menor indício, podem acarretar grandes infelicidades, e que é o decreto de morte que marca seu revelador voluntário *ou involuntário*”.

O papel que lhes estava destinado tornava-lhes, ademais, esta discreção mais fácil do que para os outros. Eles não precisavam, como Mazzini e seus sicários,

---

[4] Numa obra publicada por volta de 1865, sob o título *Liberté, Autorité, Eglise. Considérations sur les grands problèmes de notre époque.*

[5] Crétineau-Joly: *L'Eglise romaine en face de la Révolution*, II, p. 141.

utilizar o punhal, fazer estourar revoltas, provocar as revoluções. O trabalho deles consistia em agir sobre os espíritos para pervertê-los, empregar a palavra e a escrita na sedução das pessoas e na propagação de suas idéias. Eles estavam na Franco-maçonaria à testa do que se chamou o exército dos pacíficos ou dos intelectuais, composto por jornalistas, universitários, parlamentares que trabalham a opinião pública e que preparam uns para elaborarem, outros para aceitarem, as leis forjadas com o desígnio de submeter a Igreja, esperando que Ela possa ser aniquilada.[6]

A preocupação de ocultar até a existência da Grande Loja e de desviar toda suspeita relativamente às pessoas que a compõem ia tão longe que, para mais inteiramente confundir as investigações da polícia do governo pontifício, nossos conjurados tiveram a arte de entregar-lhe cinco ou seis lojas particulares, cujas imprudências podiam tornar-se perigosas. Assim obtinham um duplo resultado: adormecer relativamente a eles as suspeitas da corte romana e satisfazer uma vingança fraternal, porque, nessas sucursais do inferno, não obstante trabalharem para a mesma obra, estão longe de se amar. L. Blanc, na sua *Histoire de Dix Ans*, mostra-nos como a rivalidade do I∴ Lafayette e do I∴ Manuel levaram a anarquia para o Carbonarismo. Não vimos algo muito parecido recentemente? No caso das "fichas", os "Filhos de Gergovie" fizeram campanha contra André, Berteaux, Maujan; todo um grupo de maçoms se associou a essa campanha, e várias lojas começaram a murmurar contra o Grande Oriente. Essas discórdias constituem um dos meios de que a Providência se serve para estancar o progresso da Revolução e conter os povos no declive do abismo em que se os quer precipitar.

Não contentes em entregar algumas lojas à policia romana, os três membros da Grande Loja que propuseram a seu chefe, em 25 de fevereiro de 1839, que se livrassem, assassinando-o, dos temores que as intrigas de Mazzini alimentavam entre eles, escreviam-lhe: "Um dia, talvez amanhã, a opinião pública se revoltará. Então, o sangue inutilmente derramado retardará, talvez durante longos anos, os projetos concebidos por nós com uma habilidade tão audaciosa. Esse estado de coisas vai-se agravando a cada dia, e deve cessar, sem o que seríamos obrigados a renunciar a nossos planos contra a sede de Roma, posto que a mais leve indiscrição pode revelar tudo. Um só assassinato, que não tivermos êxito em encobrir, como tantos outros, colocará na pista de nossas reuniões".

"Dócil aos conselhos de Nubius, diz Crétineau-Joly, a Grande Loja caminhou a passos medidos, sondando o terreno, tomando conhecimento dos obstáculos, contornando-os sem jamais atacá-los de frente. Vimo-la adotar simultaneamente as máscaras da piedade, do patriotismo e do devotamento. Numa existência de complôs não interrompidos, essa Loja não conseguiu dar uma nesga de desassossego à polícia romana". Mas também jamais se deixou desviar do objetivo que lhe fora designado; jamais, para alcancá-lo, empregou meios diversos daqueles que correspondiam às suas atribuições: a palavra e os escritos, numa palavra, a sedução. Porque é pela corrupção das idéias e dos costumes que a seita espera aniquilar a Igreja, após ter destruído seu poder temporal.

---

[6] Um advogado saxão, dotado de raro vigor de espírito e de grande erudição, Eckert, empregou sua vida em desvendar os mistérios das sociedades secretas e em trazer à luz preciosos documentos da ação delas.

Ele diz: "Todas as revoluções modernas provam que a *Ordem está dividida em duas partes distintas, uma PACÍFICA, outra GUERREIRA.* A primeira só emprega a palavra e a escrita. Ela conquista em benefício da Ordem todos os lugares nos Estados e nas Universidades, todas as posições influentes. Ela seduz as massas, domina a opinião pública através da imprensa e das associações.

Assim que a divisão pacífica tenha levado seus trabalhos longe demais para que um ataque violento tenha chances de sucesso num tempo pouco dilatado; assim que as paixões estejam inflamadas, assim que a autoridade esteja suficientemente enfraquecida, ou que os postos importantes estejam ocupados por traidores, a divisão guerreira recebe ordem para desenvolver sua atividade.

A existência da divisão beligerante é desconhecida para a maior parte dos membros da outra divisão".

CAPÍTULO XXVI

O SUPREMO ATENTADO

Nosso Santo Padre, o Papa Leão XIII, após ter-se aplicado, na sua Encíclica sobre a Franco-maçonaria, em explicitar a doutrina, os projetos, os atos, os progressos, o poder dessa seita, exorta todos os bispos do mundo "a empregarem todo o zelo para fazer desaparecer o impuro contágio do veneno que circula nas veias da sociedade e a contamina por inteiro"; e indica-lhes, nestes termos, o principal meio a utilizar para essa finalidade: "Posto que a autoridade inerente ao Nosso cargo impõe-Nos o dever de traçar-vos Nós mesmo a linha de conduta que estimamos como melhor, Nós vos diremos: *Em primeiro lugar*, ARRANCAI À FRANCO-MAÇONARIA A MÁSCARA COM QUE ELA SE COBRE E MOSTRAI-A TAL QUAL ELA É".

Continuando a obedecer a essa resolução, temos agora que mostrar o mais audacioso atentado que a seita jamais concebeu e tentou perpetrar.

Dois meses após ter tomado em suas mãos o timão da Loja suprema, Nubius explicava-se assim a Volpe (3 de abril de 1824): "Carregaram nossos ombros com um pesado fardo, caro Volpe. *Devemos chegar*, mediante pequenas intervenções bem dosadas, ainda que muito mal definidas, *ao triunfo da idéia revolucionária* ATRAVÉS DE UM PAPA". Nubius pensava que um tal projeto não poderia ter sido concebido e que os meios a serem empregados para realizá-lo não poderiam ter sido dados senão pelo próprio Satã, porque ele acrescenta: "Esse projeto sempre me pareceu de uma concepção *sobre-humana*". Com efeito, não havia, para ter idéia de uma tal empresa, senão aquele que já tinha levado sua audácia mais alto ainda, posto que fora dirigida contra o próprio Eterno.

Ele não esperara até à constituição da Grande Loja para inspirar tal plano.

Na época em que a maçonaria inglesa propagou a seita em toda a Europa, estabelecendo as lojas que deviam preparar a Revolução, o deísta inglês Toland imprimiu secretamente em 1720 e divulgou sob grande mistério um livro estranho escrito em latim, intitulado *Pantheisticon*.[1] Nele diz, nestes exatos termos: "Muitos membros das *solidariedades socráticas*[2] encontram-se em Paris, outros em Veneza, em todas as cidades holandesas, principalmente em Amsterdã, e mesmo, espantemo-nos, na corte de Roma" (p. 42).

Em 1806, um militar, Jean-Baptiste Simonni, tendo lido a obra de Barruel, escreveu-lhe de Florença uma carta na qual diz que, tendo estabelecido relações com os judeus em Piemonte no momento em que esse país estava em revolução, para ganhar-lhes a confiança e conhecer seus segredos, persuadiu-lhes que tinha nascido em Livorno de uma família judia e que, apesar de cristão exteriormente, fora sempre judeu de coração.

---

[1] Nesse livro, o I∴ Toland parece assinalar um dos principais caracteres da maçonaria, mesmo a inglesa, e isto desde as suas origens, quando narra o que acontecia nas logas dos II∴ fundadores da *Grande Loja* de Londres, celebrando as festas dos solstícios e dos equinócios. "Aí, diz ele, não se misturam nem cultos, nem as leis de sua pátria, eles discorrem com a maior liberdade de pensamento sobre as "coisas sagradas", como são chamadas, e as "profanas", após terem colocado de lado *certos pré-julgados*". Os rituais dessas primeiras lojas inglesas já designam a autoridade *civil* e a autoridade *religiosa* pelos nomes de tirania e de superstição, que é preciso substituir pela liberdade maçônica e pela verdade maçônica.

[2] As solidariedades socráticas tinham sua sede principal em Londres.

Eles se abriram com ele, pouco a pouco. Eis o que ele guardou de suas conversas: a seita judaica é hoje a mais formidável potência, se considerarmos suas grandes riquezas e a proteção da qual ela goza em quase todos os Estados da Europa. Parece em tudo separada das outras seitas, mas realmente não o é. Basta que uma delas se mostre inimiga do nome cristão para que ela a favoreça, a assalarie e a proteja. Juntamente com todos os outros sectários, os judeus formam uma única facção para aniquilar, se fosse possível, o nome cristão. Manés e o Velho da Montanha saíram da nação deles. Os franco-maçons e os iluministas foram fundados por eles. Na Itália e na Espanha ganharam para a causa deles uma multidão de eclesiásticos, assim regulares como seculares, prelados, bispos e mesmo cardeais. *Eles não desanimam de ter um Papa no seu partido*. Prometem ser os donos do mundo em menos de um século. Para tanto, destruirão a família dos Bourbons; à força de dinheiro e de cabalas esperam obter de todos os governos um estado civil; e então, possuindo os direitos de cidadãos, como os outros, comprarão terras e casas, e, através da usura, conseguirão despojar inteiramente os cristãos, fazer de suas igrejas outras tantas sinagogas e fazer sua seita reinar sobre as ruínas de todas as outras.

Barruel teve inicialmente o pensamento de publicar essa carta, mas raciocinou em são juízo que aquilo que nela se encontrava escrito exigiria provas impossíveis de produzir. Contentou-se, pois, em apresentar o original ao cardeal Fesch, para ser comunicado ao Imperador, que acabava de convocar o sinédrio em Paris. Desmaretz, ocupado com as buscas dos judeus por ordem do Imperador, quis guardar o original; Barruel não o permitiu e enviou-a ao Papa. Alguns meses mais tarde, Sua Santidade escreveu-lhe por intermédio do abade Tetta, seu secretário, que "tudo anunciava a veracidade e a probidade daquele que tinha assim descoberto tudo aquilo de que ele tinha sido testemunha". Por ocasião da Restauração, Barruel encaminhou uma cópia dessa carta a Luís XVIII.

Queremos guardar aqui apenas o que ali está dito sobre o futuro Papa, que os judeus aguardavam, e colocar isto na perspectiva da missão dada a Nubius.

Para animar a coragem daqueles aos quais fora confiada a obra titânica de fazer triunfar a idéia revolucionária através de um Papa, as *Instruções Secretas* pintavam um quadro tão sedutor do poder pontifício, quanto verdadeiro, verdadeiro em si, sedutor para quem tinha o desejo e a esperança de dele se apoderar em seu benefício: "Pelo braço, pela voz, pela pena e pelo coração de seus inumeráveis bispos, padres, monges, religiosos e fiéis de todas as latitudes, o Papado encontra abnegações incessantemente prontas ao martírio e ao entusiasmo. Em toda a parte em que lhe agrade evocar isto, ele possui almas que morrem, outras que se dedicam a ele. É uma alavanca imensa, cujo poderio apenas alguns Papas apreciaram. Ademais, não a usaram senão em uma certa medida". Os conjurados, falando dessa maneira, apenas resumiam a história. Em todas as suas páginas ela descreve a fé dos cristãos na instituição do divino Mestre, sua confiança cega naquele que Ele fez Seu vigário e que fala em Seu nome, seu devotamento absoluto ao Pontífice, que ocupa o lugar de Cristo entre eles. Que alguns dentre os Papas, na hora das grandes crises da Igreja, não tenham tido fé bastante neles mesmos, ou melhor, na virtude de Jesus Cristo de que estavam investidos, é possível. Isto sucedeu a Pedro no lago de Genesaré: como ele, eles então sentiram as ondas se abrirem sob seus pés até que seus olhares, transportando-se para o divino Salvador, nEle encontraram, com uma renovação de fé, um aumento do vigor e da caridade divinos.

Mostrar aos membros da Grande Loja o poder da ação pontifical era pouco para o Conselho Supremo das sociedades secretas; o importante e o difícil era fazê-los acreditar que poderiam chegar a se apoderarem dessa ação e de colocá-la em proveito do objetivo final da seita, "aquele de Voltaire e da Revolução Francesa: o aniquilamento para sempre do catolicismo e mesmo da idéia cristã".

Como é que homens inteligentes – é claro que o eram; Nubius, chefe deles, era mais do que inteligente, era um homem de um gênio infernal – puderam aceitar associar-se numa tão louca empreitada? Ele se puseram nisso, vemos por sua correspondência, puseram-se nisso com entusiasmo. Um ódio satânico animava-os e toda paixão cria ilusões.

As Instruções caminhavam, antes de tudo, à frente das objeções.

"O Papa, quem quer que seja, jamais virá às sociedades secretas. Não pretendemos ganhar os Papas para nossa causa, fazê-los neófitos de nossos princípios, propagadores de nossas idéias. Seria um sonho ridículo, e de qualquer forma que caminhem os acontecimentos, que cardeais ou prelados, por exemplo, tenham conhecimento, conscientemente ou por surpresa, de uma parte de nossos segredos, não constitui isto motivo para desejar a ascensão deles à Cadeira de Pedro. Essa ascensão por-nos-ia a perder. A ambição conduzi-los-ia à apostasia, as preocupações do poder forçá-los-iam a nos imolar".

O que a seita desejava, não era, pois, um Papa franco-maçom; o que a Grande Loja estava encarregada de obter não era nem mesmo um Papa devotado à seita; se ela encontrasse tal candidato ao trono pontifício, ela não deveria trabalhar para que lá chegasse. Que queria ela? As Instruções dizem-no: "O que devemos pedir, o que devemos procurar e esperar, como os judeus esperam o Messias, é um papa segundo as nossas necessidades".

Como compreendiam eles, um Papa segundo suas necessidades? Vemos nas Instruções: "Alexandre VI não nos conviria, porque jamais errou em matéria religiosa.[3] Um Clemente XIV, ao contrário, será o que nos convém, dos pés à cabeça.[4] Bórgia foi anatematizado por todos os vícios da filosofia e da incredulidade, e ele deve esse anátema ao vigor com que defendia a Igreja. Ganganelli foi entregue com os pés e as mãos amarrados aos ministros dos Bourbons que lhe infundiam pavor, aos incrédulos que celebravam sua tolerância, e Ganganelli tornou-se um Papa muito importante (aos olhos dos filósofos). É mais ou menos nessas condições que precisaríamos de um, se ainda é possível. Com isto marcharemos ao assalto da Igreja com mais segurança do que com os panfletos de nossos irmãos da França e mesmo do que com o ouro da Inglaterra. Quereis saber a razão? É que com isto, para quebrar a rocha sobre a qual Deus estabeleceu sua Igreja, nós não temos mais necessidade de vinagre de Aníbal, de pólvora para canhão, nem mesmo de nossos braços. Temos o dedo mínimo do sucessor de Pedro comprometido com a conjuração, e esse dedo mínimo vale, para esta cruzada, todos os Urbanos II e todos os São Bernardos da cristandade".

Após ter assim traçado o perfil desse Papa quimérico, e ter dito o que a seita poderia esperar que ele realizasse, as Instruções acrescentam:

"Não duvidamos de conseguir chegar a esse termo supremo dos nossos esforços. Nada deve nos afastar do ponto traçado; ao contrário, tudo deve tender para isso. A

---

[3] Deus condede infabilidade doutrinária ao Papa, Ele não o torna impecável. Isto monsenhor Régnier teve o cuidado de salientar na Instrução Pastoral que escreveu sobre o Concílio Ecumênico do Vaticano. Como qualquer outro homem, o Papa deve vigiar pela sua própria santificação, com temor e tremor. "Ele continua a confessar, batendo no peito, antes de subir ao altar, que pecou muito por pensamentos, palavras e obras". Ele pede humildemente aos irmãos que o rodeiam, que "rezem por ele ao Senhor nosso Deus"; e estes lhe respondem: "Que o Senhor todo-poderoso tenha compaixão de vós, e que, tendo perdoado vossos pecados, vos conduza à vida eterna".

[4] Clemente XIV, como seus predecessores e seus sucessores na Cátedra de Pedro, também não errou; mas ele promulgou o célebre Breve *Dominus ac Redemptor*, que concedia aos príncipes coligados a *abolição* da Companhia de Jesus, recusando-se, todavia, a condená-la. "Os que acusam Clemente XIV de fraqueza, diz L. Veuillot, não se colocam no seu lugar, não vêem a situação como lhe parecia". "*Pobre Papa!* exclamava Santo Afonso de Liguori, ao tomar conhecimento da dolorosa notícia: *Pobre Papa! que podia ele fazer?*" E após um momento: "Vontade do Papa, vontade de Deus!" E impôs a si mesmo um inviolável silêncio. Clemente XIV morreu sem ter visto a tranqüilidade estabelecer-se na Igreja, sem ter podido conquistá-la por si mesmo.

obra está apenas esboçada; mas desde hoje devemos trabalhar nela com o mesmo ardor com que trabalharíamos se o sucesso a coroasse amanhã".

As Instruções indicam então o grande meio a adotar para que essas esperanças se tornem realidade, o gênero de trabalho ao qual a Grande Loja deve se aplicar para que seus esforços sejam um dia coroados de sucesso: "Assim, pois, para garantirmos um Papa nas proporções exigidas, trata-se inicialmente de moldar para esse Papa uma geração digna do reinado com o qual sonhamos". Seguem-se instruções sobre os meios a empregar para corromper os costumes e as idéias da juventude laica e sobretudo da juventude clerical. "Em alguns anos, esse clero jovem terá, pelo curso natural das coisas, invadido todas as funções; ele governará, administrará, julgará, formará o conselho do soberano, será chamado a escolher o Pontífice que deve reinar, e esse Pontífice, como a maioria de seus contemporâneos, estará necessariamente mais ou menos imbuído dos princípios italianos e humanitários que começaremos a pôr em circulação".

"No caminho que traçamos para nossos irmãos, concluem as Instruções, encontram-se grandes obstáculos a vencer, dificuldades de mais de uma natureza a suplantar. Triunfaremos pela experiência e pela perspicácia; mas o objetivo é tão belo que importa abrir todas as velas ao vento para alcançá-lo. Procurai o Papa cujo perfil acabamos de traçar. Estendei vossas redes no fundo das sacristias, dos seminários e dos conventos. O pescador de peixes torna-se pescador de homens; vós, vós conduzireis amigos (nossos) para junto da Cadeira Apostólica. Tereis pregado uma revolução com tiara e capa, marchando com a cruz e o estandarte, uma revolução que precisará ser apenas um pouco estimulada para pôr fogo nos quatro cantos do mundo. Que cada ato de vossa vida tenda, pois, à descoberta dessa pedra filosofal".

"Este sonho das sociedades secretas cumprir-se-á pela mais simples das razões: ele está baseado nas paixões do homem. Preparemos nossas armas no silêncio das lojas, adestremos todas as nossas baterias, favoreçamos todas as paixões, as piores como as mais generosas, e tudo nos leva a crer que esse plano um dia terá êxito, além dos nossos mais improváveis cálculos".

Enquanto os partidários de Mazzini trabalhavam pela queda dos tronos, os Quarenta ocupavam-se apenas da obra que lhe fora atribuída. No dia 5 de janeiro de 1846 o Tigrezinho escrevia a Nubius: "A viagem que acabo de realizar à Europa foi mais feliz e produtiva do que poderíamos esperar. Doravante, só nos resta pôr mãos à obra para chegar ao desenlace da comédia. Se devo acreditar nas notícias que aqui me comunicaram, tocamos a época tão desejada. A queda dos tronos, que acabo de estudar na França, na Suíça, na Alemanha, e até na Rússia, não me deixa mais dúvida a respeito do trabalho de nossas sociedades. Mas essa vitória não é aquela produzida por todos os sacrifícios que fizemos. Há uma mais preciosa, mais durável, a que aspiramos faz tanto tempo. Vossas cartas e as dos vossos amigos dos Estados Romanos permitem-nos ter esperança; é o fim para o qual tendemos, é o termo a que queremos chegar. Para matar com segurança o velho mundo (a civilização cristã) acreditamos que era preciso afogar o germe católico, e vós, com a audácia do gênio, ofereceste-vos para ferir a cabeça com a funda de um novo Davi, o Golias pontifício. Está muito bem, mas quando a ferireis? Tenho pressa em ver as sociedades secretas enfrentarem os cardeais do Espírito Santo".

Tigrezinho dizia ainda: "Conspiremos apenas contra Roma. Para isto, sirvamo-nos de todos os incidentes, aproveitemos todas as eventualidades. A Revolução na Igreja é a Revolução permanente, é a derrubada obrigatória dos tronos e das dinastias".

A Revolução de 1830 explodiu, não teve todo o sucesso que a seita esperava. Os Quarenta retornaram logo ao trabalho que o vento das revoltas obrigara a

suspender: isto é, a espalhar no clero “as doutrinas de liberdade”, com o desejo de ver o Papa colocar-se à testa daqueles que as reivindicavam.[5]

Enquanto os demais conjurados trabalhavam assim ao longe, Nubius reservara para si a obra mais delicada e mais difícil. Tudo o que era empreendido fora devia permanecer estéril se ele não conseguisse seduzir os cardeais: porque os cardeais são os eleitores do Papa e os candidatos natos ao trono pontifício.

Graças ao seu nome, à sua fortuna, à sua situação no corpo diplomático acreditado junto à Santa Sé, Nubius mantinha relações com todo o mundo romano. “Eu passo, escreve ele ao judeu prussiano Klauss, eu passo algumas vezes uma hora na parte da manhã com o velho cardeal della Somaglia, o Secretário de Estado; ando a cavalo ora com o duque de Laval, ora com o príncipe Cariati; após a missa, vou beijar a mão da princesa Coria, oportunidade em que freqüentemente encontro Bernetti (o cardeal que eles mais temiam). Dali corro à casa do cardeal Palotta; depois visito, nas suas celas, o procurador-geral da Inquisição, o dominicano Jaulot, o teatino Ventura, ou o franciscano Orioli. À noite, começo na residência de outros esta vida de ociosidade tão bem ocupada aos olhos do mundo e da corte; no dia seguinte retomo essa eterna corrente”.

Nessas visitas, nessas conversas, ele jamais perdia de vista a missão que recebera, o objetivo que se tinha proposto alcançar. Aqueles dentre seus discípulos que se encontravam em Roma agiam da mesma maneira, na medida em que a situação lhes permitia. Quem teria podido imaginar, diz Crétineau-Joly, que esses patrícios, ricos, considerados, vivendo na intimidade dos cardeais, e ocupando-se em suas conversas apenas do melhoramento dos costumes e das leis *através do progresso*, podiam na sombra tramar um complô contra a Igreja! A notoriedade bem evidente colocava-os ao abrigo de qualquer suspeita. Eles se diziam *liberais*, mas com a Igreja e pela Igreja, e isso mais por modo de ser do que por arrebatamento”.

O próprio Nubius oferece-nos uma amostra de sua maneira de ser junto aos príncipes da Igreja para melhor traí-los. Dois carbonários tinham sido condenados à morte em razão de conspiração seguida de morte. Sobem ao cadafalso sem se reconciliarem com Deus. Targhini, do alto do cadafalso, exclama: “Povo, morro inocente, franco-maçom, carbonário e impenitente”. Montanari beija a testa do supliciado e em vez de render-se às exortações dos padres, diz-lhes: “Esta que acaba de ser cortada é uma cabeça de papoula”. O povo, compreendendo isso, põe-se de joelhos e amaldiçoa esse escândalo sem precedentes na Cidade Eterna.

A esse respeito, Nubius escreve a Víndice: “Gritar como um possesso, na própria praça do povo em Roma, na cidade-mãe do catolicismo, em face do carrasco que vos segura e do povo que vos olha, que se morre como franco-maçom impenitente, é admirável, tanto mais admirável visto ser a primeira vez que semelhante coisa acontece... Temos, pois, mártires. A fim de pregar uma peça na polícia de Bernetti, fiz depositar flores, muitas flores, na vala em que o carrasco escondeu os restos mortais. Temíamos ver nossos domésticos comprometidos ao realizarem esse serviço; aqui se encontram ingleses e mocinhas romanticamente antipapistas; encarregamo-los dessa piedosa peregrinação. Essas flores jogadas durante a noite aos dois cadáveres proscritos fizeram germinar o entusiasmo da Europa revolucionária. Pedimos também a um dos nossos mais inocentes afiliados da Franco-maçonaria, o poeta francês Casimir Delavigne, uma *Méssenienne* sobre Targhini e Montanari. Ele prometeu chorar uma homenagem aos mártires e fulminar um anátema contra os carrascos. Os carrascos serão o Papa e os padres”.

Eis o que ele fazia e do que se vangloriava junto aos seus amigos; e eis o que, no mesmo momento, ele planejava fazer junto aos eclesiásticos: “Durante o dia irei levar

---

[5] Palavras já referidas relativamente a Gioberti.

a monsenhor Piatti minhas condolências. Esse pobre homem perdeu duas almas de carbonários. Ele aplicou toda a sua tenacidade de padre para confessá-los e foi vencido. Devo a mim mesmo, ao meu nome, à minha posição e *sobretudo* ao NOSSO *futuro*, deplorar com todos os corações católicos esse escândalo inaudito em Roma. Deplorá-lo-ei tão eloqüentemente que espero enternecer o próprio Piatti".

Que homens retos se deixem algumas vezes enganar por tais hipocrisias, nada de espantoso! Em nenhum lugar tantas armadilhas tão sutis devem ter sido apresentadas à simplicidade dos bons corações como na corte pontifícia, porque em nenhum lugar Satã tem tanto interesse em surpreender a boa-fé, e em nenhum lugar tais surpresas poderiam servir a piores desígnios.

À hipocrisia eles juntavam a corrupção venal. Nubius, após ter dado ao judeu Klauss os detalhes de sua jornada, dizia: "Falastes-me freqüentemente em vir em nosso auxílio, quando ocorresse o vazio na bolsa comum. Essa hora chegou *in questa dominante*. Para trabalhar na futura construção de um Papa, não temos um papalino, e sabeis por experiência que o dinheiro é em toda a parte o nervo da guerra. Dou-vos notícias que vos subirão à alma; em troca, ponde táleres[6] à nossa disposição, muitos táleres. É a melhor artilharia para canhonear a Cátedra de Pedro."

———— ♦ ————

[6] Antiga moeda alemã, de prata. (N. do T.).

CAPÍTULO XXVII

FUTILIDADE DOS ESFORÇOS CONTRA A CÁTEDRA DE PEDRO

Qual foi o estratagema dessa infernal conspiração?

Dois anos antes da morte de Gregório XVI, em 2 de novembro de 1884, Beppo, gabando-se dos sucessos que conquistara fora de Roma, fazia notar a Nubius que, para fazerem o Papa desejado, o principal elemento continuava a escapar-lhes como no primeiro dia: "Nós outros marchamos a galope, e diariamente conseguimos alistar na conjuração novos neófitos: *Fervet opus*. Mas o mais difícil ainda está por ser feito, ou melhor, por ser começado. Obtivemos com muita facilidade a conquista de certos religiosos em todas as Ordens, padres de quase todas as condições, e mesmo certos monsenhores intrigantes e ambiciosos. Isto talvez não seja o que há de melhor ou de mais respeitável; não importa. Para a finalidade procurada, um *Frate*, aos olhos do povo, é sempre um religioso, um prelado será sempre um prelado. Fizemos um fiasco completo junto aos jesuítas. Desde que começamos a conspirar tem sido impossível pôr a mão num filho de Inácio. Não temos jesuítas conosco, mas sempre podemos dizer e fazer dizer que temos, e isto dará absolutamente no mesmo. Dá-se o mesmo com os cardeais. Todos escaparam às nossas ciladas. As adulações mais bem combinadas não serviram para nada, de sorte que no momento nós nos encontramos tão adiantados quanto no início. Nem um só membro do Sacro Colégio caiu em nossas redes".

Com efeito, diz Crétineau-Joly, nesse período de trinta anos, em que a Grande Loja ventilou tantos nomes convenientes e montou o cerco a tantas virtudes, não lhe foi jamais permitido dizer, ainda quando fez suas contas em segredo, que podia colocar alguma esperança em algum membro do Sacro Colégio. "A Revolução firmou os pés em todos os lugares, exceto num conclave". A maquinação, conduzida com tanta astúcia, pôde conduzir à perversão vários clérigos, mas não pôde nem mesmo tocar de leve a Sé Romana.

Beppo continua:

"O Papa Gregório XVI está a ponto de morrer, e nós nos encontramos, como em 1823, quando da morte de Pio VII. Que fazer nessas circunstâncias? Renunciar a nosso projeto não é mais possível. Continuar a aplicação de um sistema sem poder esperar uma ocasião favorável, mesmo incerta, produz em mim o efeito de tentar o impossível. O futuro papa, quem quer que seja, jamais virá para nós; podemos ir até ele? Não será ele como seus predecessores e seus sucessores, e não procederá como eles? Nesse caso, permaneceremos em plena atividade e aguardaremos um milagre? Não temos mais esperança no impossível. Morto Gregório, veremos nosso projeto adiado indefinidamente".

Essas palavras de desencorajamento estavam suficientemente justificadas, de uma parte, pela história, de outra parte, pelas promessas que Nosso Senhor Jesus Cristo fez à sua Igreja. Mas os homens possuídos por uma paixão tão satânica não podiam atentar para as lições da história, menos ainda dar ouvidos à palavra do divino Salvador.

Não podendo garantir para seus intentos nenhum dos eleitores-candidatos, não desesperaram de poder agir sobre o espírito do eleito, ou pelo menos de se servirem dele. Já após a morte de Leão XII, no conclave que elegeu Pio VIII, Chateaubriand, embaixador da França, exprimira, em nome de seu governo, o desejo de ver a escolha dos cardeais recair sobre um homem que soubesse *conciliar a política pontifícia com as novas idéias*. O cardeal Castiglione respondeu: "O conclave espera que Deus

concederá à sua Igreja um Pontífice santo e esclarecido, que pautará sua conduta segundo a política do Evangelho, que é a única escola para um bom governo". E foi ele o eleito. Certamente não queremos dizer que Chateaubriand fosse emissário da Grande Loja junto ao conclave; mas temos aqui uma nova prova da misteriosa influência que as sociedades secretas exercem sobre os poderes constituídos para fazê-los concorrer mais ou menos diretamente para a execução de seus desígnios.

Com a morte de Gregório XVI, a Revolução não pôde, tanto quanto antes, insinuar-se no conclave. Pio IX, o grande e santo pontífice Pio IX, foi eleito. É preciso dizer, no entanto, que as sociedades secretas haviam colocado na cabeça do cardeal Mastaï algumas vagas esperanças de conciliação com "as novas idéias". "Crétineau, diz o abade Ménard, deu-me a ler seu nome em mais de um documento da seita". Ela conhecia seu grande coração, esperava seduzi-lo, arrastá-lo pelo atrativo de idéias de aspecto generoso. Ela tentou e temos lembrança das singulares e inéditas ovações com as quais ela envolveu o início do seu reinado. A hora de sua ascensão ao trono pontifício era crítica. Todo mundo concordava em que o regime tão fechado de Gregório XVI não podia continuar; mesmo os cardeais Lambruschini e Bernetti eram de opinião ser preciso tentar algumas concessões. Pio IX entrou no caminho que lhe era mostrado, sem no entanto jamais ceder nenhum dos direitos essenciais da Igreja. Sabemos o que adveio disso, e sabemos também como, instruído por sua própria experiência e esclarecido pela luz divina, Pio IX pulverizou o liberalismo, quer dizer, a Maçonaria, com o martelo do *Syllabus*.[1]

Ainda não convencida da inutilidade de seus esforços e da leviandade de suas esperanças, a seita acreditou, por ocasião da morte de Pio IX, que sua hora ia enfim chegar. Ela o disse abertamente pela pena de Gambetta.

Leão XIII foi eleito em 20 de fevereiro de 1878. No dia seguinte, Gambeta escrevia a um de seus amigos, Spuller:

"Paris, 21 de fevereiro de 1878.

"Hoje será um grande dia. A paz vinda de Berlim talvez seja a conciliação feita com o Vaticano. Nomearam o novo papa. É aquele elegante e refinado cardeal Pecci, bispo de Perúsia, a quem Pio IX tinha ensaiado de entregar a tiara, nomeando-o camerlengo. Esse italiano, mais diplomata do que padre, atravessou todas as intrigas dos jesuítas e dos clérigos exóticos. Ele é papa, e o nome de Leão XIII, que adotou, parece-me do melhor augúrio.

"Saúdo esse acontecimento cheio de promessas. Ele não rompeu abertamente com as tradições e declarações de seu predecessor, mas sua conduta, seus atos, suas relações valerão mais do que os discursos, e se não morrer muito cedo poderemos esperar um casamento de razão com a Igreja.

"Léon GAMBETTA".

No dia seguinte ele escreveu esta outra carta:

"Paris, 22 de fevereiro de 1878.

"Tenho um gosto infinito por esse novo Papa, em razão do nome que ele ousou adotar; é um oportunista sagrado. Poderemos negociar? *Chi lo sa?* como dizem os italianos.

---

[1] Lemos na *Vie de l'Abbé Bernard* do Marquês de Ségur, que no mês de março de 1849, Pio IX, estando exilado em Gaëte, recebeu em audiência o cardeal Giraud. O Santo Padre estava profundamente entristecido com tudo o que acontecia em Roma, e com o coração transbordante de tristeza disse ao prelado: "Fiz concessões! Não páram de abusar disto para tudo confundir. Eu não posso, sendo seu autor, retirá-las. Mas meu sucessor poderia e fá-lo-ia. Penso em depor a tiara: minha resolução está tomada".

Monsenhor Giraud esforçou-se em demovê-lo dessa resolução. Pio IX fez melhor, com acabamos de ver, do que colocá-la em prática.

"Léon GAMBETTA".[2]

A resposta foi que, em quatro oportunidades diferentes, Leão XIII confirmou o *Syllabus* de Pio IX.

Numa carta endereçada, em 28 de agosto de 1879, aos tradutores das *Obras de Santo Afonso*, ele louva o santo Doutor por haver antecipadamente refutado a maior parte das proposições que deviam ser condenadas no *Syllabus*.

Numa carta ao bispo de Périgueux, datada de 27 de junho de 1884, ele diz que o *Syllabus* é a regra em que os fiéis devem tomar os princípios de direção dos seus pensamentos e de suas obras nas dificuldades presentes.

Na Encíclica *Immortale Dei*, ele diz que Pio IX, entre as opiniões falsas que começavam a adquirir vigor, percebeu diversas e as reuniu sob um mesmo título, a fim de que, na confusão tão grande dos erros do dia, os católicos tivessem um guia seguro. Ele assinala em particular as Proposições XIX, XXXIX, LV e LXXIX.

Na Encíclica *Inescrutabili*, confirmou e reiterou todas as condenações de seus predecessores, e em particular aquelas declaradas por Pio IX.[3]

Leão XIII pôde verdadeiramente dizer um dia a respeito de si mesmo: *Nosso combate tem por objetivo não somente a defesa e a integridade da religião, mas a da*

---

[2] Essas cartas foram imediatamente liberadas à publicação. O *Figaro* reeditou-as na edição de 23 de agosto de 1894, afirmando que tinha visto o texto original.

Em janeiro de 1897, comentando o discurso que Waldeck-Rousseau acabava de pronunciar em sua peregrinação aos Jardies, o mesmo jornal lembrou-as mais uma vez.

Enfim, por ocasião da morte de Leão XIII, elas foram de novo colocadas aos olhos do público por um grande número de jornais de Paris e do interior, inclusive por publicações católicas como a *Chronique de la Bonne Presse*, anexa ao *La Croix*.

O desejo da seita foi atendido, no sentido de que Leão XIII "não morreu muito cedo". Deus concedeu-lhe vinte e cinco anos de reinado. Mas o modernismo ainda está aguardando um casamento de razão com a Igreja.

[3] Ademais, é bom conhecer o fato levantado pelo abade Hourrat no seu estudo sobre o *Syllabus*. A idéia primeira da publicação de um documento semelhante remontaria ao próprio Leão XIII, quando era arcebispo de Perúsia. Em 1849, o concílio provincial de Spoletto colocara na ordem do dia a procura de meios mais apropriados para combater os erros nascidos com a *Declaração dos Direitos do Homem*. O cardeal Pecci propôs ao concílio a seguinte deliberação:

"Peçamos ao Nosso Santo Padre o Papa que nos dê uma constituição que, enumerando os erros concernentes a esse tríplice objeto (o Concílio tinha-se ocupado particularmente dos erros relativos à Igreja, à autoridade e à propriedade), cada qual sob seu nome próprio e sob uma forma tal que se possa por assim dizer abarcá-los com um só golpe de vista, aplique-lhes a desejada censura teológica e condene-os na forma ordinária. Com efeito, se bem que esses mesmos erros modernos já tenham sido, separadamente, condenados pela Igreja, o Santo Concílio está não obstante persuadido de que haveria grande proveito para a salvação dos fiéis se fossem apresentados agrupados em quadros e sob as formas de que eles estão revestidos em nossos dias, inflingindo-se-lhes a nota específica".

O texto completo das deliberações do Concílio de Spoletto está reproduzido nas *Œuvres pastorales de S. Em. le Card. J. Pecci, archevêque de Pérouse, aujourd'hui Léon XIII glorieusement régnant*, por Lury, tomo II, pp. 146 e seguintes (Société St. Augustin, Lille-Bruges).

Esta proposição do cardeal Pecci data de 1849. A questão foi colocada em estudo e, em 1852, uma primeira comissão foi encarregada de recolher e de anotar "os erros mais geralmente espalhados relativamente ao dogma e aos seus pontos de contacto com as ciências morais, políticas e sociais".

Por ocasião da publicação da Encíclica *Humanus Genus*, comparamos, na *Semaine Religieuse* da diocese de Cambrai, os erros assinalados por essa encíclica com as proposições condenadas pelo *Syllabus* de Pio IX (ano 1884, p. 481). *Le Temps* fez a mesma observação: "Este escrito, diz ele, testemunha a oposição na qual o Papado persiste relativamente a todos os princípios fundamentais do nosso direito moderno, tal como a Revolução de 89 os criou. Como seu predecessor Pio IX, Leão XIII não admite igualdade dos direitos políticos; condena o princípio da soberania do povo; afirma a necessidade de uma religião de Estado; levanta-se contra esta fórmula: "A lei é atéia"; não reconhece o casamento civil e protesta com energia contra a neutralidade religiosa da escola. Aí estão, sob uma forma suavizada, as próprias doutrinas do Syllabus".

própria sociedade civil, e a restauração dos princípios que constituem o fundamento da paz e da verdadeira prosperidade.[4]

A seita parece mesmo não ter desistido de ver suas esperanças realizadas no último conclave. A *Acácia*, na edição de setembro de 1903, publicou um artigo do I∴ Hiram, intitulado “A morte de Leão XIII”. Ele admitia seus desejos de ver um Papa que “desatasse os liames do dogmatismo, estendidos em excesso, que não desse ouvidos aos teólogos fanáticos e denunciadores de heresias, que deixasse os exegetas trabalharem à vontade, que recomendasse e praticasse a tolerância relativamente às outras religiões, que não renovasse a excomunhão da Franco-maçonaria ”. Ainda desta vez a Franco-maçonaria teve de perder as esperanças. Jamais a obra do Espírito Santo foi tão evidente como na eleição de Pio X.[5]

——— ♦ ———

[4] Alocução aos cardeais, 27 de junho de 1878.

[5] Diz-se que sem a intervenção do cardeal Pusyna, falando em nome do imperador da Áustria, o cardeal Rampolla teria sido eleito. A verdade é que essa declaração teve por efeito aumentar em uma unidade os votos dados ao antigo Secretário de Estado. Ele tivera 29 votos no dia 2 de agosto, pela manhã; teve 30 na tarde daquele dia. Uma vez feita essa declaração, os votos dos cardeais se concentraram sobre o cardeal Sarto, que tivera apenas 5 votos no primeiro escrutínio, 21 no dia 2 de agosto pela manhã, para seu grande desprazer, e 50 no dia 4 de agosto.

CAPÍTULO XXVIII

CORRUPÇÃO DOS COSTUMES

Para atingir o objetivo de Voltaire, a seita sabe bem que não basta derrubar o poder temporal dos Papas, nem mesmo tentar o possível e o impossível para obter um Papa que lhe seja devotado; é preciso atingir as almas. É nelas que a idéia cristã deve ser sufocada, deve morrer. Continuando a viver nas almas, um dia ou outro, necessariamente, ela refará as instituições à sua imagem. Ora, as almas não podem ser verdadeiramente tocadas de morte senão pela corrupção, pela corrupção dos costumes, e sobretudo pela corrupção das idéias. Por isso o chefe oculto da Grande Loja dera a esta a missão expressa de alterar as idéias e depravar os costumes; e isto principalmente em relação a esta dupla fonte da vida cristã: a juventude leiga e a juventude eclesiástica. Ela empregou nesta tarefa todo o tempo de sua existência. Não há dúvida de que após ela, outras lojas foram encarregadas de continuar sua obra. Nós a veremos, ó tristeza!, por demais florescente para que disso duvidemos.

Dois meses após sua chegada em Roma, no dia 3 de abril de 1824, Nubius escreveu a Volpe: "Sobrecarregaram meus ombros com um pesado fardo, caro Volpe. Devemos promover a educação imoral da Igreja".

Quatorze anos mais tarde, em 9 de agosto de 1838, numa carta escrita de Castellamare a Nubius, Víndice, falando das punhaladas distribuídas pelos carbonários, mostra a inutilidade disso e lembra que a missão deles é inteiramente outra; não são os indivíduos, é o velho mundo, é a civilização cristã que eles devem matar: "Não individualizemos o crime; *a fim de fazê-lo crescer até às proporções do ódio contra a Igreja, devemos generalizá-lo*. O mundo não tem tempo para dar ouvidos aos gritos da vítima, ele passa e esquece. Somos nós, meu Nubius, somente nós que podemos suspender sua caminhada. O catolicismo tem tanto medo de um estilete bem afiado quanto a monarquia; mas *essas duas bases da ordem social podem vir abaixo sob o peso da corrupção;* jamais nos cansemos de corromper. Tertuliano dizia com razão que o sangue dos mártires concebia cristãos. Está decidido nos conselhos que não queremos mais mártires; portanto, não façamos mártires, mas *popularizemos o vício nas multidões. Que elas os respirem pelos cinco sentidos, que elas o bebam, que elas se saturem dele*. Promovei corações viciosos e não tereis mais católicos".

O conselho foi compreendido. Desde os primeiros dias da Restauração, a seita, para recuperar o terreno perdido, dedicou-se a depravar, a corromper em grande escala. Sob o Império, Voltaire e Rousseau não tinham encontrado compradores nem leitores, pela boa razão de que a reimpressão de suas obras estava proibida como atentado aos bons costumes e à razão política. A seita fez inserir na Constituição a liberdade de imprensa, e logo se pôs à obra. Ela reorganizou a venda ambulante que soubera fazer funcionar com tantã utilidade no fim do século XVIII, multiplicou as edições de Voltaire e fraccionou-as, para colocá-las ao alcance de todos. Depois, não cessou de popularizar o vício sob todas as formas; mas jamais agiu com tanta audácia, com uma vontade tão manifesta, como nesses últimos anos. É justamente agora que as populações o respiram pelos cinco sentidos, que o bebem, que se saturam dele. Todas as influências diretivas do espírito público, a escola e a caserna, os cargos públicos, e o parlamento, a imprensa e as administrações comunais,

municipais e governamentais concorrem fraternalmente para levar sempre mais longe a depravação pública.[1] "Considerai bem a República e o espetáculo que ela oferece, dizia recentemente Maurice Talmeyer. Ela sofreu sobretudo uma dominação, a dominação maçônica. Aonde essa dominação a levou? A uma transformação política e social? Não. Ter-nos-ia ela dado pelo menos a liberdade? Muito menos. Mas qual é então a obra da república maçônica? Uma obra de *pura depravação*. Pornografia do livro,[2] do teatro,[3] dos salões, do jornal". Todo esse mundo e todas essas coisas, e muitas outras, conspiram em favor de quem levar mais longe a corrupção universal. O Estado vê essas coisas e, longe de reprimi-las, favorece-as. Quantas provas poderíamos oferecer a esse respeito! No dia 26 de novembro de 1901, era inaugurada em Montmartre a estátua do judeu Henri Heine, que exerceu tão funesta fascinação sobre a sociedade do Segundo Império e que dizia: "É preciso, em vez de continência e rigorismo, retornar à alegre licença, instituir saturnais, praticar, através da livre união, o melhoramento estético do animal racional". Em janeiro de 1902, Leygues, Ministro da Educação, impunha às jovens, como preparação para o certificado de conclusão do curso primário, a leitura do "Ensaio sobre os Costumes", de Voltaire. Um mês antes, um processo era intentado contra um desenhista que havia levado a licenciosidade a seus últimos limites. Uma das testemunhas pôde dizer: "No liceu *eu era educado no amor ao paganismo*. Na Escola de Belas-Artes *ensinaram-me o culto do nu. O Estado é, pois, o único responsável pela minha inclinação afrodisíaca*". Quantos outros testemunhos poderiam ser acrescentados a esses!

A educação que deve ser dada aos filhos das classes menos favorecidas é tão corruptora quanto aquela dada aos artistas. Livros de uma obscenidade revoltante são colocados nas bibliotecas das escolas, dados como prêmio. Vêem-se gravuras obscenas por toda a parte, mas particularmente nas portas dos liceus e das escolas.

---

[1] E a família, está sem mancha? Para assinalar apenas um único ponto um dia indicado pelo *La Libre Parole,* como não nos espantarmos com a incrível liberdade deixada aos jovens nas praias. "Acompanhado de um estrangeiro, eu me encontrava num desses últimos dias numa praia normanda. Diante de nós, um enxame alegre de moços e moças faziam ressoar a sala de jogos com suas contínuas gargalhadas. Dei a conhecer ao meu companheiro as reflexões que esse espetáculo me sugeria. "É forçoso reconhecer, disse-me então o estrangeiro, que tendes na França uma maneira de educar vossas filhas, deplorável sob todos os pontos de vista. A jovem francesa desfruta, durante três longos meses, de uma liberdade quase completa. No meio dos jovens, seus companheiros de todos os instantes, ela nada, cavalga, joga tamis, anda de bicicleta e à noite descansa de todas as fadigas do dia dançando como uma doida. Enquanto isso, as mamães, na praia, bordam tapetes. O verão chega ao fim. Então, atenção! Ao primeiro sinal, vossas filhas devem retomar suas posições; elas devem abster-se de dar dois passos fora de casa se não estiverem acompanhadas da aia... Regozijai-vos de ainda contar com anjos num regime admiravelmente feito para engendrar demônios".

[2] Um romancista atribuiu como *post-scriptum* de sua última obra estas palavras: "Que humilhação, a minha! Diante de mim, minha irmã degradada pelo meu livro! Promover o vício e chamar isso de psicologia, naturalismo, humanismo, eis toda a carreira literária francesa! O que pode fazer e no que pode se transformar um povo cuja imundície histérica é o único alimento intelectual. Uma literatura como a nossa é o maior elemento de corrupção e de decadência social que pode existir".

[3] O romancista ou outro escritor corruptor dirige-se a vós, a sós, face a face. O dramaturgo põe sua infâmia em palavras que voam de boca em boca e das bocas para os ouvidos do público. E se lá existisse apenas o que se declama. Pelos olhos, assim como pelos ouvidos, o espírito se embriaga de coisas cada vez mais inconfessáveis. Os teatros mais considerados pelo público são hoje aqueles em que se exibem mulheres nuas, aqueles em que a grosseria e a impudicícia do espetáculo substituem a insuficiência do talento. Nessas condições, não é triste verificar que os teatros da capital auferiram, nesses últimos anos, 45 a 50 milhões de francos? Ao teatro veio juntar-se o cinematógrafo [aparelho inventado em 1895 pelos irmãos franceses Lumière, capaz de reproduzir numa tela o movimento, por meio de uma seqüência de fotografias - N. do T.], e o cinematógrafo ambulante, que passa de cidade em cidade, de vila em vila. Em Paris, o cinematógrafo tem cinco milhões de espectadores. A companhia geral dos fonógrafos e cinematógrafos tem renda líquida de cinco milhões.

Procura-se atingir de surpresa os jovens piedosos, nos próprios locais em que vão praticar suas devoções.[4] Foram inseridas em cruzes e em outros objetos de piedade fotografias de uma inconveniência revoltante. Esses objetos são vendidos nas portas das igrejas, às quais acorrem numerosas peregrinações, por vendedores que apresentam como amostras objetos semelhantes, contendo vistas de monumentos religiosos. Foi *Le Fígaro* quem assinalou o fato em janeiro de 1892. Acrescentava que colegiais, moças, recebiam, nas cercanias de uma estação de bondes, pequenas brochuras intituladas: *Pour Dieu! – Pour la Patrie!*, que aceitavam sem desconfiança e que continham uma série de sujeiras inexprimíveis. Não existe, em tal propaganda, nenhuma especulação comercial, nenhum benefício material. É o envenenamento calculado, como os Quarenta queriam. Os cabarés e os maus lugares multiplicaram-se à vontade; e desenvolveram-se nesse momento uma atividade e uma engenhosidade incríveis para, a partir dali, levar as mulheres a se vestirem da maneira mais indiscreta. Todas as ocasiões são aproveitadas para espalhar através da imprensa, em todas as classes sociais, o conhecimento e a concupiscência das piores intemperanças. Para não falar senão das últimas, o "caso Syveton" e o "caso Steinheil", foram publicadas as mais desavergonhadas confidências. Ao longo de colunas inteiras puderam ser lidas torpezas que não teriam sido toleradas, há alguns anos, na mais licenciosa gazetilha. Quantas pessoas, que não teriam querido ler esse folhetim, liam essas notícias! Durante semanas, jovens operários, colegiais, moças, toda a adolescência e juventude da França puderam chafurdar seus maus instintos nessa literatura repugnante. Quem estava ali para agarrar a ocasião e dela se aproveitar para dirigir-se aos jornais, que querem presentear seus leitores com tudo que pode sobreexcitar a curiosidade malsã e propagar o vício?

Podemos dizer que os poderes públicos atuais não se contentam em tolerar a imoralidade sob todas as suas formas, eles a instituem. Há já muito tempo, no Conselho Municipal de Paris, uma propaganda incessante é feita em favor de tudo o que é vício e purulência moral. Ela terminou, em 1904, numa verdadeira revolução na polícia dos costumes, que poderíamos chamar de polícia destruidora dos costumes. Um programa inteiramente novo de regulamentação foi baseado num relatório apresentado ao Conselho Municipal por um conselheiro franco-maçom, o I.·. Turot. Esse relatório lembra tudo o que se poderia exumar dentre os pagãos e os bárbaros, não somente para justificar a devassidão, mas para glorificá-la; ele a compara com os rigores do cristianismo, pensando em tirar o brilho deste. A organização prática deveria seguir essa teoria. Ela a seguiu. A prostituição tornou-se livre, legítima,

---

[4] De tempo em tempo o chefe de polícia encaminha aos comissários de polícia de Paris uma circular, concitando-os a abrir inquéritos contra aqueles que expõem imagens contrárias aos bons costumes. Podemos dizer: pura hipocrisia; porque, no dia seguinte ao de uma prisão, verificamos a presença dos mesmos desenhos nas mesmas vitrinas; e a cada dia o desenho se apresenta mais obsceno e a exposição mais cínica.

Um congresso internacional para combater a imoralidade foi realizado em Colônia, no dia 26 de outubro de 1904. Além da Alemanha e da Áustria, estavam representadas a Inglaterra, a Bélgica, os Estados Unidos, a Dinamarca, a Suíça e a França.

O pastor Weber, presidente, abriu esse congresso com um discurso sobre os temíveis progressos do envenenamento da sociedade através da literatura imunda. Ouviram-se, então, os relatos dos delegados das diferentes nações sobre a situação e sobre as respectivas leis de seus países. Foi Béranger, senador, quem apresentou o relatório sobre a situação da França. Não existe nenhum país no qual a literatura imoral tenha se espalhado tanto. Uma petição com 210.000 assinaturas, pedindo uma lei contra essa praga, foi enviada ao presidente do Conselho. Para quando, essa lei? Os delegados das outras nações registraram, quase todos, o fato de que a onda impura que se espalha sobre elas vem principalmente da França.

É isto certo? Não seria mais verdadeiro dizer que foi sobre a França que a Franco-maçonaria, que tem seu centro nos povos protestantes, levou a efeito seu mais poderoso esforço?

oficial, foi organizada e protegida. Casas de encontros em que todas as facilidades, todas as ocasiões de corrupção são oferecidas às mães de família foram abertas após esse estímulo oficial. O número delas logo ultrapassou cento e cinqüenta. E o relator veio dizer ao Conselho Municipal: "Visitamos muitas dessas casas. Encontramos aí mulheres pertencentes a todas as condições sociais: mulheres de médicos, mulheres de advogados, mulheres de artistas..." Essas casas, no que diz respeito à complacência e à proteção das autoridades, estão colocadas em pé de igualdade com as empresas comerciais, industriais ou intelectuais mais verdadeiramente respeitáveis".

O Parlamento rivaliza em zelo com o Conselho Municipal. Ele elaborou a lei do divórcio. Ano após ano ele a ampliou. Ele ouve aqueles que lhe pedem a abolição do casamento civil e a união livre. Esta é considerada como o último benefício que deve decorrer do princípio posto na Renascença: o direito à felicidade individual, procurado pela consciência individual. "A união livre, disse Briand, por quê não? Na expectativa de que ela fosse legitimada e legalizada, a administração militar estendeu às "companheiras" dos jovens soldados os auxílios que eram concedidos às mulheres legítimas.

Após o Conselho Municipal, após as Câmaras, eis a Universidade.

Estão as autoridades acadêmicas bem seguras das conseqüências que poderão advir para a moralidade pública do ensino que acaba de ser implantado? Não obedeceram, também elas, a sugestões maçônicas?

Em 1901, o senador Bérenger e o professor Fournier constituíram a *Sociedade de Prevenção* ou de *Profilaxia Sanitária e Moral*.

Fournier expôs assim o objetivo dessa sociedade: dirigir-se à juventude, e em particular aos jovens dos liceus e colégios de rapazes e meninas, aos patronatos de jovens operários e operárias, para ensinar-lhes a conhecerem as perigosas doenças que constituem conseqüência da devassidão. Há sociedades que, assim como Pinard, querem que esse ensino seja dado desde a escola primária.

A sociedade tem como meios de ação distribuidores de brochuras, cartazes expostos à vista de todos, conferências públicas com projetores e figuras de cera.

Nos liceus e colégios de rapazes e moças haveriam cursos especiais, aos quais os jovens seriam admitidos apenas com o consentimento dos pais. Mas, quem impediria os excluídos de serem instruídos por seus camaradas ou suas colegas?

O Boletim da sociedade, na ata da reunião de 11 de janeiro de 1904 (página 4), informou que na reunião plenária do conselho superior da Universidade, o reitor Liard, questionado pelo decano da Faculdade de Medicina, respondeu: "Não somente devemos, mas *é necessário* dar esta educação aos jovens; e assumo o compromisso de envidar todos os meus esforços para que todos os alunos do Estado recebam esse ensino, condicionado à aprovação de seus pais". Todos os alunos do Estado: isto logo significará todos os jovens da França, posto que o monopólio do ensino não deve demorar em tornar-se absoluto. "Assim, acrescenta o professor Pinard, pudemos fazer com que a Universidade aceitasse o princípio das conferências coletivas" (*Ibid.,* p. 35). Isto como resposta aos que diziam que tal ensino não podia ser dado senão em particular.

O abade Fonssagrives, admitido a falar numa das reuniões da sociedade logo após a publicação de seu livro *L'Education de la Pureté*, fez esta observação: "Ou vosso ensino é incompleto, tendo por objetivo único a intimidação, e poderá produzir deploráveis efeitos sobre certas imaginações. Ou então é completo, compreendendo os meios preservativos e poderá justamente ser taxado de imoral".

O ensino completo absolutamente não preserva. Na aula de abertura do curso ministrado em 31 de janeiro de 1902, o professor Landouzy pôde fazer esta observação: "É verdade que os alunos de medicina, em contato desde o início com as doenças venéreas, não ignorando os riscos que correm, são menos atacados do que seus colegas de Direito e de Letras?"

Esse ensino é, pois: 1° inútil; 2° soberanamente imoral. Que pensar dos que querem impô-lo a toda a juventude da França? Que pensar do sucesso obtido na obra de desmoralização empreendida pela Franco-maçonaria para que homens bem intencionados — pois eles existem nesta sociedade — acreditem que se chegou ao ponto em que seja necessário generalizar um tal ensino!

Enfim, esse ensino não corresponde ao desejo de Vindex, à sua afirmação: "É a corrupção em larga escala que empreendemos"?

A esse ensino dado nos liceus, nas escolas e patronatos leigos, juntou-se outro em plena rua, que os poderes públicos não ignoram, mas ao qual não opõem nenhum entrave, se bem que, de tempo em tempo, derramem lágrimas sobre a diminuição da natalidade na França.

Na sessão de 13 de novembro de 1908, discutia-se na Câmara dos Deputados o orçamento do Ministério do Interior. Gauthier de Clagny pediu a palavra:

"Gostaria, disse, de salientar a obra destestável levada a efeito nos grandes centros operários pela Liga da Geração Consciente, da qual participa Robin, antigo diretor de Cempuis, subvencionada até ontem pelo Conselho Geral do Sena.

"Essa Liga, através de brochuras que tenho em mãos, através de conferências, prega nos lares operários o direito ao amor livre e indica os meios de evitar filhos. As brochuras contêm descrições infames, imagens obscenas, conselhos abomináveis para as mulheres e moças. É uma obra de envenenamento social.

"Não sei se o Ministério Público encontra-se desarmado ante essa propaganda desastrosa, se os poderes públicos podem impedi-la, mas digo que é impossível que o governo da República, preocupado com a grandeza do país e do seu futuro, se desinteresse por essa situação".

Gauthier de Clagny entregou a Clemenceau, que fingia grande desilusão, um dossiê.

– Eu o estudarei, disse ele. E foi tudo.[5]

Quatro anos antes realizara-se em Paris uma Exposição Internacional sobre higiene e o júri outorgou uma medalha de ouro a um produto cujo prospecto se intitulava: "Felicidade para todos". Eis os nomes e as qualificações eminentes dos membros da comissão sob cujo patrocínio esse pó pôde obter a solene recompensa: Presidente, Gerville-Réache, deputado; Vice-Presidente, Chauvet, senador; Dubois, deputado; o presidente do Conselho Geral do Sena; o presidente do Conselho Municipal de Paris; Mesureur, diretor da Assistência Pública; Messimy, deputado; Rivet, senador... E outros...

No dia 4 de dezembro de 1904, Piot, senador da Côte-d'Or, encaminhou ao Presidente do Conselho uma carta em que chamava sua atenção para o seguinte fato: nas portas de Paris, municipalidades emprestam salas das prefeituras para reuniões que preconizam as teorias maltusianas.

Paul Robin, o homem de Cempuis, bem parece ser um personagem oficial. Ele desfruta de copiosa pensão. Fundou um jornal e um comitê, que nossos governantes

---

[5] Em 1902, uma comissão extraordinária foi instituída para estudar as causas e os remédios do mal do decréscimo populacional mostrado pelas estatísticas. Foville, que participou da comissão, conta a sua história. Ao cabo de um ano, deixou-se de convocá-la. "Falta dinheiro", diziam, e a administração recusava orgulhosamente aquele que o doutor Javal lhe oferecia. Uma das brochuras, da qual acaba de falar Gauthier de Clagny, redigida por um antigo institutor oficial, lamenta não encontrar no campo a mesma acolhida da cidade e isto porque a população do campo é mais religiosa; as mulheres da cidade, diz ele, não têm, como as do campo, "o medo do pecado". "A experiência ensinou-lhe, diz ele ainda, que o canto é um meio de propaganda tão fecundo quanto as memórias e livros antigos. Ele cita o título de uma canção publicada na *Bibliothèque Ouvrière Socialiste*. Na sua opinião, seria necessário imprimir milhares de exemplares dessa canção, seguida de conselhos e de indicações. "É preciso sobretudo indicar os lugares em que os preservativos mais baratos podem ser encontrados e organizar estoques um pouco por toda a parte, nas casas das pessoas devotadas e sinceras".

não podem ignorar, para propagar nas famílias as doutrinas imundas, nas quais a indignação pública não mais lhe permitiu iniciasse as crianças da Assistência Pública. No dia 20 de novembro de 1905, sua liga proferiu conferência pública na sala das Sociedades dos Cientistas, sob a presidência de Eugène Fournière, encarregado de um curso de economia social na Escola Politécnica.

Alguns dias antes, em Charonne, o prefeito local colocou uma das salas da prefeitura à disposição de Paul Robin e seus amigos. Seu jornal noticiou que um grande número de médicos, farmacêuticos, herboristas, parteiras estava à disposição dos que quisessem colocar seus ensinamentos em prática.

Ele publica os nomes dessas pessoas. Os conferencistas garantem que a propaganda recruta diariamente numerosos prosélitos entre os operários, e que as campanhas são ganhas pelas doutrinas maltusianas.

Agora, por toda a parte, esses missionários da corrupção pregam e trabalham. Parecem obedecer a uma direção comum. Pierret forneceu informações tristemente curiosas a respeito dessa matéria, no último Congresso da Sociedade de Economia Social. Os fascículos de 1° e 16 de abril de 1908 da *Réforme Sociale* publicaram o respectivo memorial, que tem por título *L'Œuvre Maçonnique de la Dépopulation en France*.[6] Tais informações estabelecem de maneira peremptória que o movimento neo-maltusiano é desejado pela Franco-maçonaria. Ela fornece os teóricos, os propagandistas e também os executantes, isto é, os ministros, os administradores, os diretores de escolas. Ela empresta seus templos para que se façam conferências sobre a "livre maternidade". Ela publica essas conferências.

Um dos membros mais dedicados da *Liga Francesa Antimaçônica*, Emile Pierret, autor de diversas obras muito conhecidas sobre economia social, acaba de publicar uma brochura abundantemente documentada sobre as causas da queda da natalidade na França; e essa brochura, que é o resumo de um relatório feito no ano passado, ao Grupo de Estudos de Paris da *Liga Francesa Antimaçônica*, demonstra até à evidência que o flagelo que sofremos não é engendrado somente pelas condições sociais e morais da vida francesa, mas também e sobretudo é resultado de uma verdadeira conjuração organizada pela maçonaria.

Pierret prova que, com o alto patrocínio dela, com o concurso confessado dos mais eminentes personagens do partido maçônico, foram fundadas associações que tendem a esse fim criminoso: encorajar a queda da natalidade na França. O I∴ Robin está aí rodeado por todo um grupo de políticos cujos nomes são tristemente conhecidos do público: Aulard, Henry Bérenger, Séailles, Lucipia, Merlou, Fernand Gregh, Trouillot, Jaurès, o presidente Magnaud etc... E Emille Pierret explica como tomou contacto com esse movimento numa reunião da "juventude leiga" presidida por Havet, do Instituto, e cujos principais oradores não eram nada mais nada menos que Anatole France, da Academia Francesa, o deputado Sembat, o não menos deputado Ferdinand Buisson, que presidiu durante longo tempo aos destinos do nosso ensino oficial.

Eis os II∴ e os maçonizados de alta linhagem, aos quais se refere o I∴ Robin.[7]

---

[6] Eis a conclusão da monografia publicada pela *Réforme Sociale*:

Houve oportunidade para registrar: 1° que é no governo da Restauração, tão devotado à Igreja, que terminam os nascimentos normais e, com a era voltairiana de Julho, o número de nascimentos começa a ser ultrapasssado pelo de mortes; 2° que um crescimento da natalidade acompanha o Segundo Império, favorável à religião, e a República conservadora, quer dizer, de 1863 a 1882; 3° que, ao contrário, uma profunda queda da natalidade data da república anticlerical, dando, em lugar dos 130 nascimentos de 1813 a 1822, dois terços a menos, de 1893 a 1902, quer dizer, apenas 43.

[7] Não se deve crer que seja apenas na França que a seita anticristã propaga a imoralidade. Numa das sessões do Congresso Católico Alemão, o deputado Rœren teve a coragem de dizer:

"Os desastres causados pela imoralidade que se espraia e pela propagação da literatura obscena na juventude são incalculáveis; o mal produziu tantos estragos que é a saúde do povo alemão inteiro que está em jogo.

Atualmente põe-se seriamente a questão de abolir o casamento civil e de declarar a liberdade do amor. Conhecemos a teoria de Briand, Ministro da Justiça, sucessor de Aguesseau. Briand considera que o casamento moderno deve ser visto como um vulgar contrato de arrendamento, por exemplo: arrendamento de três, seis ou nove anos, ou mesmo menos, à vontade das partes.

Le Play disse que os homens são corrompidos pelas instituições. "Essa palavra, escreve Lacointa, é, em relação ao nosso país, de uma verdade tanto mais impressionante quanto é realmente para corrompê-lo que uma seita satânica dotou-o das instituições que atualmente ele possui,[8] porque ela sabe melhor que ninguém que o meio mais seguro de formar gerações ímpias consiste em favorecer, através das piores excitações, os pendores bestiais e anárquicos da natureza humana".

Víndice não mentia quando dizia: "É a corrupção em grande escala que empreendemos".

Para que ela seja profunda e durável é preciso que desça do alto. A Grande Loja compreendera bem isso; assim, ela se empenhou em corromper a aristocracia. Quantos escândalos ela nos dá hoje em dia! Sob o império de quais sugestões?

Na carta que já mencionamos algumas vezes, Piccolo-Tigre não apenas exortava a fazer entrar nas lojas o maior número possível de príncipes e nobres, ele queria que se dedicassem a corrompê-los.

"Uma vez que um homem, diz ele, mesmo um príncipe, sobretudo um príncipe, tiver começado a ser corrompido, estejais persuadidos de que ele não se deterá no declive. Há poucos costumes, mesmo entre os mais moralistas (agradava-lhe exprimir-se assim), e se caminha muito depressa nessa progressão" (isto é verdadeiro). Talvez não fosse impossível encontrar nessas linhas a explicação da queda de muitos príncipes contemporâneos, e talvez daqueles dentre nossos reis que, por seus costumes, desolaram a França e a Igreja, porque não é de hoje que data a Franco-maçonaria; ela sempre teve o mesmo objetivo e sempre recorreu aos mesmos meios de ação.

Nos dias atuais, quem não vê a que excessos de mundanismo é levada a nobreza pelos jornais mundanos, tais quais o *Fígaro*, o *Gaulois*, e outros. Alguma vez eles se perguntaram quem os inspirava a esse respeito?

Na nossa sociedade cristã, a mulher, com o olhar fixado em Maria, mantém na família, na sociedade, o aroma da pureza. A virtude que emana dela envolve o homem, mesmo o vicioso, força-o a um certo comedimento e algumas vezes chega mesmo a tirá-lo de sua corrupção. A seita sabe bem disso; por isso ela emprega seus melhores esforços em arrastar o sexo no lodo. Víndice não nos deixa ignorar essas coisas. "Ultimamente ouvi, continua ele, um de nossos amigos rir de uma maneira filosófica acerca de nossos projetos e dizer-nos: *Para abater o catolicismo* É

"Não posso, nem seria preciso dizer, mostrar-vos todos os dossiês que possuo, mas posso vos assegurar que são apavorantes as perspectivas que se abrem sobre o abismo da corrupção em todas as camadas da população e – o que é mais triste ainda – todas as faixas de idade estão contaminadas. A propagação dos escritos imorais é enorme, a obscenidade que encerram diabólica; um só desses fatores é bastante, nas mãos de pessoas jovens e fáceis de comover, para conduzi-las necessariamente ao pecado e à perversão sexual, que, em conseqüência, engendram os vícios mais repugnantes.

"Não faz muito tempo que, numa pequena loja da Alemanha, foram apreendidas 500.000 fotografias obscenas: 60 casas alemãs vivem apenas dessa vergonhosa indústria. Simultaneamente aos escritos ou às imagens, as representações obscenas crescem em petulância.

[8] 27 de julho de 1884 – O divórcio é estabelecido.

15 de dezembro de 1904 – É autorizado o casamento entre cúmplices adúlteros.

13 de julho de 1907 – O interregno imposto aos divorciados antes de se casarem novamente é abreviado.

5 de junho de 1908 – O divórcio de direito é concedido após três anos de separação.

5 de junho de 1908 – Os filhos adulterinos são legitimados.

NECESSÁRIO *começar por suprimir a mulher*. Essa palavra é verdadeira num sentido, mas posto que não podemos suprimir a mulher, corrompamo-la". Os liceus para moças não foram criados com a intenção de responder a essa palavra de ordem?

Não foi o mesmo pensamento que ditou os decretos de Combes, que fecharam todos os estabelecimentos mantidos pelas religiosas? As religiosas, nas aulas, e depois nas reuniões dominicais, inspiravam às moças o respeito a si mesmas, a decência e a pureza. Foi através das mães religiosas que as criaram, que a fé e os costumes cristãos se mantiveram em tantos lares, apesar de todas as excitações e seduções. Disseminadas por toda a parte nas nossas cidades e vilas, elas eram o mais poderoso obstáculo à grande empresa de corrupção perseguida pela seita. Esta resolveu fazê-las desaparecer. Perguntamo-nos por que aberração nossos governantes puderam assim escolher como primeiras vítimas essas mulheres tão devotadas a todo o bem, tão veneradas pelas populações entre as quais se encontravam. Não houve erro, houve cálculo.[9]

Não podemos dizer tudo a respeito desse assunto delicado da corrupção da mulher e da corrupção pela mulher. É bom, contudo, advertir as famílias a tomarem cuidado com quem se introduz nelas, a vigiarem sobre o que acontece. No dia 7 de dezembro de 1883, o jornal *Emeute* de Lyon escrevia: "É hora de reforçarmos nossos batalhões com todos os elementos que abraçarão nossos ódios... As jovens serão poderosas auxiliares; elas irão buscar os filhos de família até no regaço de suas mães para levá-los ao vício e mesmo ao crime; elas se farão criadas das filhas dos burgueses para poder inculcar-lhes as paixões vergonhosas... Há ainda um outro trabalho útil que incumbirá a essas auxiliares mulheres, no meio de certas famílias inimigas; mas nada diremos a esse respeito, por motivos óbvios. Tal poderá ser a obra das mulheres ligadas à revolução".

O primeiro autor da lei que criou os liceus para moças, o judeu Camille Sée, declarou que a obra da descristianização da França não alcançaria pleno sucesso senão quanto todas as mulheres tivessem recebido a educação laica. "Enquanto a educação das mulheres, disse ele em relatório à Câmara em 1880, terminar com a instrução primária, será quase impossível vencer os *preconceitos*, a *superstição*, a *rotina*" (leia-se: as tradições católicas, o dogma, a moral). E o I∴ Bienvenu-Martin, Ministro da Instrução Pública, rejubilando-se por ter ocupado suas férias parlamentares com a inauguração de numerosos liceus e colégios para moças, oferecia essa razão para o seu júbilo: "*Trata-se de transformar as almas femininas*".

Em janeiro de 1906, o renegado Charbonnel teve uma entrevista com o mesmo ministro. O *Raison* publicou-a.

"Viajo bastante, disse o ministro, por uma causa que tenho profundamente a peito, a educação de nossas jovens. Fui inaugurar numerosos liceus e colégios para uso delas. Arrancamos a mulher do convento e da Igreja". "O homem faz a lei, a mulher faz os costumes". Ouvindo essas palavras, diz Charbonnel, não me senti alegre".

Ainda aqui a iniciativa fora tomada pelas lojas.

Em 6 de setembro de 1900, a Assembléia do Grande Oriente da França reencaminhou "ao estudo das lojas a pesquisa dos meios mais eficazes para estabelecer a influência das idéias maçônicas sobre as mulheres, tentar arrancá-las da influência dos padres e criar instituições aptas a atenderem esse objetivo".[10]

---

[9] O que surpreende é que uma sugestão tão longa, tão contínua, tão perseverante, tão intensa, não tenha produzido resultados ainda mais alarmantes. É preciso convir que o nosso país e o povo da França tivessem de reserva uma provisão de moralidade muito considerável, para resisitir durante tanto tempo a semelhante tratamento.

[10] Ata da Assembléia de 1900, p. 166.

Para a execução desse desejo e outros semelhantes, o Conselho da Ordem endereçou a todas as lojas uma circular (n°. 13), datada de 15 de dezembro de 1902, dizendo-lhes: “O poder do clericalismo foi desenvolvido e consolidado graças à mulher, e é justamente graças a ela que esse poder malfazejo se mantém e se exerce. É preciso, pois, opor à mulher alimentada com idéias falsas e superstições ridículas, a mulher forte, a mulher maçônica, que conheça nossos princípios e nossas aspirações e as inculque em nossos filhos”.

Há coisa ainda pior do que essas que acabamos de ver, mais revoltante e mais satânica. Víndice, após ter dito: “Corrompamos a mulher”, acrescentava: “Corrompamo-la com a Igreja: *Corruptio optimi pessima*. É a corrupção em larga escala que empreendemos: a corrupção do povo pelo clero e do clero por nós, a corrupção que deve conduzir-nos a um dia colocar a Igreja na sepultura. O objetivo é suficientemente belo para tentar homens como nós. O melhor punhal para ferir a Igreja no coração é a corrupção. À obra, pois, até o fim!”

Puseram-se à obra. Que um padre seja corrupto ou que o povo creia que ele o seja, é mais ou menos a mesma coisa para o efeito que a seita tem em vista: propagar o vício, dando a entender que a virtude é impossível, que todos os homens sem exceção se entregam às suas paixões e que ali onde parece que ele é mais comedido existe apenas hipocrisia.

Assim, desde a Revolução de 1830, o padre foi representado nos teatros e nos romances como um ser cheio de torpezas. Esses procedimentos escandalosos, que são intentados a maior parte do tempo para permitir aos jornais da seita imputarem ao clero os vícios mais vergonhosos, tiveram início no fim do Segundo Império, e foram retomados depois que a República se tornou maçônica. Era preciso, não obstante, tanto quanto possível não se contentar em caluniar; corromper efetivamente seria bem melhor; e por isso foi elaborada a lei obrigando os seminaristas ao serviço militar, que entrega o inocente levita às promiscuidades da caserna; e como um ano de caserna não produzia o efeito desejado, obrigaram-no a dois anos e fizeram-no assistir a conferências pornográficas.

Víndice não estava sozinho a falar, como acabamos de ouvir. Ao mesmo tempo, ou quase, Quinet, professor no Colégio de França, promoveu a edição das obras do imundo luterano, Marnix de Sainte-Aldegonde, e justificou-a com esta razão no prefácio que escreveu: “Aquele que se propõe a desenraizar uma superstição caduca e malfazeja como o catolicismo, se detém autoridade, deve antes de tudo afastar essa superstição dos olhos do povo e tornar seu exercício absolutamente impossível, ao mesmo tempo em que elimina toda esperança de vê-la renascer. Para realizar essa esperança, trata-se não somente de refutar o papismo, mas extirpá-lo; não somente extirpá-lo, mas desonrá-lo; não somente desonrá-lo, mas, como queria a lei germânica contra o adultério, “SUFOCÁ-LO NA LAMA” (págs. 31 e 37).[11]

Que enorme honra para o catolicismo ter tais inimigos, e vê-los reduzidos a empregar e a divulgar tais meios com a esperança de vencerem nossa resistência!

Scipion Pertrucci, secretário de Mazzini, pintava bem seus II∴ quando, em 2 de abril de 1849, dizia a Paul Ripari: “*Il nostro è un gran partito porco; questo in famiglia lo possiamo dire*. Nossa associação é um grande partido de porcos. Isto nós podemos dizer em família”.

———— ♦ ————

[11] Não é inútil observar que em 1903 o governo da República comemorou e mesmo fez comemorar pelas crianças das escolas o centenário do nascimento de Edgar Quinet.

CAPÍTULO XXIX

CORRUPÇÃO DAS IDÉIAS

Para chegar ao "aniquilamento da idéia cristã", a corrupção dos costumes é seguramente um meio poderoso, mas apenas de segunda ordem. Pode até suceder que em lugar de servir aos que o empregam, ele vá de encontro aos seus desígnios. Quanto mais a cloaca se torna impura, mas constrange a dela saírem as almas que não perderam toda a nobreza. E onde se refugiar, senão na Igreja, que faz da pureza dos costumes o objeto de suas mais vivas solicitudes! Não foi na cidade mais corrompida do império romano, em Corinto, que São Paulo pôde, em menos de dois anos, fundar uma de sua mais belas Igrejas? Por isso a Grande Loja, sempre favorecendo a corrupção dos costumes, aplicou-se sobretudo em corromper as idéias. Foi o conselho dado por Weishaupt: "A grande arte para tornar infalível qualquer revolução, é *iluminar os povos*, isto é, levar insensivelmente a opinião pública a desejar, a querer, a exigir as mudanças que constituem o objeto da revolução pretendida". E acrescentava: "Quando o objeto desse desejo é uma revolução universal, todos os membros dessas sociedades que tendem ao mesmo fim, apoiando-se uns nos outros, devem procurar dominar invisivelmente e sem aparência de meios violentos, não a porção mais eminente, nem a menos distinguida de um só povo, mas os homens de todo estado, de toda natureza, de toda religião. Soprar por toda a parte o mesmo espírito, no maior silêncio e com toda a atividade possível, dirigir todos os homens esparsos sobre a face da terra para o mesmo objetivo. É na intimidade das sociedades secretas que se deve saber preparar a opinião".

Esse programa é ainda seguido, ponto por ponto.

O desejo das sociedades secretas é sempre exatamente uma revolução universal, uma revolução que abarque o mundo inteiro e que possa transformar todas as coisas, atacando-as no fundamento sobre o qual repousam, a civilização: destruir a civilização cristã para estabelecer sobre suas ruínas a civilização humanitária, a civilização maçônica.

E também o meio sempre empregado para tornar essa revolução *infalível* é "*iluminar aos povos*". As lojas não falam senão de iluminar, de espargir a luz. Sua principal ocupação é a sugestão. Por aí elas conduzem insensivelmente a opinião pública a *desejar*, a QUERER, a **exigir** as mudanças que devem trazer a revolução desejada, e toná-la infalível.

"É na intimidade das sociedades secretas, diz Weishaupt, que é se deve preparar a opinião pública". É aí que ela é construída antes de ser divulgada fora.

Importa, pois, ver de perto e estudar nos seus detalhes a máquina maçônica montada para construir a opinião. Ela é admirável, tanto quanto uma coisa má pode sê-lo, uma coisa criada para produzir o mal e um mal dessa envergadura.

Inicialmente os sofismas são difundidos nas lojas com o aspecto que os torna sedutores, com a cor que lhes dá a aparência da verdade que deve produzir o bem.

Porque não se deve imaginar que no fim do século XVIII se tenha dito nas lojas, aos aprendizes e mesmo aos mestres: ireis trabalhar conosco na derrubada da monarquia, na expropriação e no extermínio do clero e da nobreza. Faziam-nos ver as desordens introduzidas na sociedade pelas cortes dos séculos, e faziam-nos desejar o seu desaparecimento, mostrando-lhes um ideal de sociedade perfeita na igualdade substituída à hierarquia. Imbuídos dessas idéias, os maçons faziam-se apóstolos, divulgavam-nas nas suas rodas, e cada qual contribuía assim para construir a opinião que, no momento desejado, devia explodir como uma bomba e causar análogas destruições.

A seita utiliza sempre o mesmo procedimento: a sugestão. Ela sugestiona seus membros, estes sugestionam o público, o público sugestionado presta-se às

mudanças queridas pelo Poder Oculto, quando ele não as exige ou as impõe por atos mais ou menos revolucionários.

Sugestão! essa palavra diz talvez pouca coisa ao espírito do leitor. A constituição da maçonaria é inteiramente feita e admiravelmente feita para produzi-la. O que devemos, pois, estudar agora, a fim de podermos nos dar conta do estado de corrupção intelectual ao qual nossa sociedade chegou, é a constituição da Franco-maçonaria relativamente à sugestão. Como ela recruta, como ela se organizou, como, através desse organismo, ela chega a irradiar as idéias que quer fazer prevalecer e os sucessos que suas sugestões obtêm nas diversas classes da sociedade. Então compreenderemos como uma associação, restrita a um número de pessoas relativamente mínimo, pôde assenhorear-se de todos os níveis da vida pública, chegar aos resultados que vemos e alimentar a esperança fundada de alcançar os fins últimos a que ela se propôs há pelo menos dois séculos.

I — RECRUTAMENTO EM SOCIEDADE SECRETA

É dentro dela inicialmente e no espírito de seus membros que a Franco-maçonaria opera a corrupção das idéias. Desde o ingresso na loja, ela se aplica a essa perversão; ela a busca nas sucessivas iniciações; ela a completa através de sugestões contínuas.

Primeiramente, como ela recruta seus membros?

O membro da Grande Loja que se escondia sob o nome de Piccolo-Tigre vai nos instruir. Ele o faz numa carta endereçada, em 18 de janeiro de 1822, à uma loja piemontesa que ele próprio tinha criado da maneira como dissemos ao expor a constituição do Carbonarismo.

"*Para propagar a luz* ele julgou bom e útil dar impulso a tudo aquilo que aspira a excitar-se.[1] O essencial é isolar o homem de sua família, de fazê-lo perder os costumes. Pela inclinação do seu caráter, ele está suficientemente disposto a fugir dos cuidados do lar, a correr atrás dos prazeres fáceis e das alegrias proibidas. Ele gosta das longas conversas do café, da ociosidade dos espetáculos. Seduzi-o, liberai-o, conferi-lhe alguma importância; ensinai-o a enfastiar-se de seus trabalhos quotidianos, e, através dessa artimanha, após o terdes separado de sua mulher e de seus filhos, e de lhe terdes mostrado como são penosos todos os deveres, inculcar-lhe-eis o desejo de uma outra existência. Quando tiverdes insinuado em algumas almas o desgosto pela família e pela religião — um vai quase sempre atrás do outro — deixai escapar algumas palavras que provoquem o desejo de ser afiliado da loja mais próxima. Essa vaidade do habitante da cidade e do burguês de se entregarem à Franco-maçonaria tem algo de tão universal que fico sempre em êxtase diante da estupidez humana. Espanto-me em não ver todo o mundo bater à porta de todos os veneráveis, pedindo a esses cavalheiros a honra de serem um dos operários escolhidos para a reconstrução do Templo de Salomão. O prestígio do desconhecido exerce sobre os homens um tal poder que eles se preparam com temor para as fantasmagóricas provas da iniciação e do banquete fraterno. Julgar-se membro de uma loja, sentir-se, excetuados sua mulher e seus filhos, chamado a guardar um

[1] Dar impulso a tudo aquilo que aspira a excitar-se! Jamais essa instrução foi tão bem observada como nos nossos dias, de alto a baixo da sociedade. Não podemos verificar o efeito disso até no clero? Não vimos, mesmo no seio dele, erguerem-se agitadores e agitados? Sabem eles de onde lhes vem o "impulso" e a que fins se destina? Piccolo-Tigre di-lo: "Propagar a luz maçônica!!" Outros, mais abertamente: "a idéia democrática".

segredo que jamais lhe será confiado é, para certas naturezas, uma voluptuosidade, uma ambição".

A Franco-maçonaria, que não é senão a ante-sala de sociedades mais secretas, tais como o Carbonarismo, tem ela própria suas ante-salas, nas quais ela procura os desgostosos com a família, os vaidosos, os rebeldes, para convidá-los a entrar no seu seio.

A primeira dessas ante-salas foi a escola laica, tomando a palavra "escola" num sentido lato.

No número de 30 de setembro de 1903, *La Vérité* de Quebec publicou o seguinte:

"Existe nos Estados Unidos uma sociedade secreta que conta com mais de 200.000 membros, recrutados exclusivamente entre as crianças e os jovens de 14 a 21 anos. Suas ramificações estendem-se ao Canadá, ao México e ao mundo inteiro. Ela tem seu rito, seu alfabeto secreto, suas insígnias, seus graus, suas senhas, numa palavra, todo o equipamento das seitas maçônicas. Essa sociedade denomina-se *The Coming Men of America*. Nossos colégios clássicos, diz *La Vérité*, nossas academias não estão ao abrigo do trabalho feito por esses *Coming Men* para aliciar seus alunos. Não exageramos nada. Temos documentos em nosso poder: certificados de admissão, prospectos, panfletos etc., que não deixam nenhuma dúvida sobre o caráter dessa sociedade e a rapidez de seus progressos. Desses documentos resulta que essa sociedade de crianças e de jovens tem por organizador e por padrinho um grau 32 da maçonaria, um Old Fellow, um Mystic Shriner. O "Grande Secretário" adverte à criança iniciada que ela deve dissimular com o maior cuidado todos os seus documentos, notadamente o alfabeto secreto, jamais os trazendo consigo, mudando-os freqüentemente de lugar etc., etc., e isto sob a fé de uma palavra de honra que equivale, diz ele, ao mais terrível dos juramentos.

"Ademais, o mesmo secretário afirma que as seitas maçônicas colocam *gratuitamente* à disposição da C.M.A. suas salas de reunião".

Não temos nós associações semelhantes na Europa?

Existem outras ante-salas.

"Sob o mais fútil pretexto, criai, diz Piccolo-Tigre, ou ainda melhor, fazei criar através de outras pessoas associações que tenham por objetivo o comércio, a indústria, a música, as belas-artes. Reuni num lugar ou noutro vossas tribos ainda ignorantes; infiltrai o veneno nos corações escolhidos, infiltrai-o em pequenas doses e como que por acaso; depois, vindo a reflexão, ficareis espantados com o vosso sucesso".

Piccolo recomendava aos membros da loja que instituíra no Piemonte jamais hesitar em colocar essas associações de música e outras sob a direção eclesiástica: "Colocai-as, dizia, sob o báculo de um padre virtuoso, em evidência, mas crédulo e fácil de enganar".

Muito mais, ele recomendava introduzir franco-maçons recrutadores até nas confrarias: "Não temais em insinuar alguns dos nossos no meio desses rebanhos.[2] Que estudem com cuidado o pessoal dessas confrarias, e verão pouco a pouco que não faltam colheitas a fazer". Com efeito, na Itália, como na América do Sul, as confrarias forneceram numerosos franco-maçons, e daqueles que fizeram mais mal. Essas recomendações não devem escapar aos eclesiásticos encarregados da direção dos patronatos e dos círculos, menos ainda àqueles que, por eles próprios ou sob a influência de certas sugestões, organizam sociedades de música, de ginástica etc.

---

[2] Weishaupt dera um nome especial a esses dentre os seus II∴ chamados a desempenhar esse papel. Ele os chamava de II∴ *Insinuantes* ou *Recrutadores*.

Com o nome de I∴ Insinuante, diz Barruel, deve-se entender aqui o iluminado que trabalha para ganhar Irmãos para a sua Ordem. Há Irmãos mais especialmente encarregados dessa tarefa; são os que poderíamos chamar de apóstolos, os missionários da Ordem".

Eles jamais se arrependerão da demasiada perspicácia e vigilância acerca das idéias que são difundidas entre seus jovens.

Em geral, é nessas sociedades laicas que se faz o recrutamento dos maçons. O I∴ Bourget, no Congresso das Lojas do Nordeste em Rouen, recomendava a seus II∴ que se insinuassem no maior número possível de sociedades, "sempre e particularmente nos patronatos leigos, escolares e de beneficência, associações de previdência, de auxílio, de tiro e de ginástica, e em todos os grupos em que a idéia democrática[3] tem mais chance de germinar e de se desenvolver".

Jean Bidegain, no seu livro *Le Grand Orient de France, ses doctrines et ses actes* (p. 281), também diz: "Cada loja reúne em torno de si uma multidão de grupos, de sociedades que são sucedâneas". E ele mostra a atividade que o delegado da Franco-maçonaria sabe desenvolver junto a essas sociedades: "O cidadão que é franco-maçom organizará, às dez horas da noite, para as oito horas da manhã do dia seguinte, a Universidade popular; deliberará às onze horas na seção da Liga dos Direitos do Homem, e bradará às duas horas da tarde no grupo do livre pensamento. Os franco-maçons são os *Maîtres* Jacques da democracia".

No terceiro Congresso das Lojas do Leste, que se realizou em julho de 1882, os maçons receberam estas instruções:

"Quando, sob a inspiração de uma loja, um núcleo de maçons, auxiliados por todos os amigos profanos, criar uma sociedade qualquer, não devem deixar a direção em mãos profanas. Muito pelo contrário, devem esforçar-se para manterem no conselho diretor dessa sociedade por eles criada um núcleo de maçons, que permaneçam como o centro da ação operária, e que, tendo a direção da sociedade nas mãos, continuem a encaminhá-la numa via conforme às aspirações maçônicas.

"Que força não terá a maçonaria sobre o mundo profano quando existir ao redor de cada loja uma coroa de sociedades, cujos membros, dez ou quinze vezes mais numerosos do que os maçons, receberem dos maçons a inspiração e o objetivo, e unirem seus esforços aos nossos para a grande obra que perseguimos!"[4] Todavia, na Convenção de 1898, o relator da Comissão dos Propósitos fazia esta recomendação: "Não se deve deixar ver nessa obra a mão da Franco-maçonaria".[5]

A Franco-maçonaria, pois, tem emissários através dos quais não somente recruta seus novos membros, mas também sopra seu espírito nessa multidão de associações que ela cria ou no seio das quais pôde se introduzir. Por intermédio deles, ela imprime a essas associações suas diretrizes e as faz concorrer, sem que elas suspeitem, para o seu plano de descristianização. "É por esta plenitude de organização, diz o I∴ Goblet d'Alviella, que a maçonaria está em condições de rivalizar com sua grande inimiga, a Igreja de Roma".[6]

Waldeck-Rousseau, falando das congregações religiosas, quis fazer ver nelas "um substrato de influências ocultas, hoje visível"; impossível melhor caracterizar a ação que a Franco-maçonaria exerce sobre a sociedade através dessa plenitude de organização que coloca nas mãos de alguns chefes desconhecidos a direção não somente de todas as lojas do mundo, mas também a dessa multidão de associações que a seita soube estabelecer ao seu redor, que ela inspira ou que ela recruta.

---

[3] Já tivemos ocasião de observar que os franco-maçons dizem indiferentemente: idéias democráticas ou idéias maçônicas; propagar umas é, pelo menos, abrir o caminho para as outras.

[4] Em 1880, no mês de setembro ou de outubro, dez anos após a entrada dos piemonteses em Roma, o *Folchetto*, num artigo de elogio à Franco-maçonaria, dizia: "Seria uma suprema injustiça não reconhecer que todas essas associações (não maçônicas, mas maçonizadas), que não eram senão galhos da grande árvore maçônica, mantiveram vivo durante várias dezenas de anos o pensamento italiano (da unidade italiana), e que essa vegetação que desabrochou no santo empreendimento da redenção da pátria não encontrou seu alimento em nenhum outro lugar fora das associações".

[5] *Les Pétitions contre la Franc-Maçonnerie*, pp. 163-165.

[6] Na loja "Os Amigos Filantropos" de Bruxelas, em 5 de agosto de 1877.

Essas sociedades não fornecem senão burgueses; a maçonaria recebe-os de bom grado, mas não pode se contentar com isso. "A Grande Loja deseja, continua Piccolo-Tigre, que, sob um pretexto ou outro, seja introduzido nas lojas maçônicas o maior número possível de príncipes e de ricos. Os príncipes das casas soberanas, que não têm a esperança de serem reis pela graça de Deus, querem todos sê-lo pela graça de uma revolução. O duque de Orleans (depois Luís-Filipe; estas linhas foram escritas em 1822) é franco-maçom; o príncipe de Carignan (depois Carlos Alberto, rei da Sardenha), também foi. Não faltam, na Itália e em outros lugares, os que aspiram às honras do avental e da colher de pedreiro simbólicos. Adulai todos esses ambiciosos, obtende-os para a Franco-maçonaria: a Grande Loja verá depois o que poderá fazer de útil com eles para a causa do progresso. Enquanto esperam, eles servirão de isca para os imbecis, os intrigantes, os cidadãos e os necessitados. É uma bandeira magnífica, e sempre há tolos dispostos a se comprometerem com o serviço de uma conspiração da qual um príncipe qualquer aparenta ser o cabeça".[7]

---

[7] O *Monde Maçonnique* publicou, por volta de meados de 1883, um quadro da história da Espanha durante este século. Diz-se ali que todos os acontecimentos importantes que ocorreram naquele país constituem ação da Franco-maçonaria; que a rainha Isabel e seu filho Alfonso devem a ela o trono, e que foi graças à energia do grande-mestre que Fernando VII manteve a ab-rogação da lei sálica na Espanha.

Há apenas usurpadores nas mãos da Franco-maçonaria. Por ocasião da ascensão de Eduardo VII ao trono da Inglaterra, o *Evénement de Québec* publicou estas informações:

"Alberto Eduardo, príncipe de Gales, é o mais eminente franco-maçom que existe sobre a terra, não somente pelo fato de que se tornou rei da Inglaterra, mas porque ele é grande-mestre das grandes- lojas da Inglaterra, Irlanda, Escócia e País de Gales, e é também grande-prior da ordem dos Cavaleiros do Templo na Inglaterra e grande-patrão da Ordem *Ancient Accepted Scottish Rite of Freemasonry* no Reino Unido, tendo recebido o 33° e último grau nesse ramo da maçonaria.

Ele pertence à ordem maçônica há mais de trinta e dois anos; e não existe, no mundo inteiro, membro que tome parte mais ativa no seu desenvolvimento. Na posição real que ocupa e pela alta função que desempenha na ordem maçônica, ele dá claro exemplo a seus associados da igualdade que os franco-maçons preconizam como existente entre eles".

La Vérité de Quebec, após ter reproduzido essas informações, acrescentava:

"Nós sabemos que o novo rei da Inglaterra é um maçom altamente graduado; também sabemos que a rainha Vitória era a protetora dessa seita condenada pela Igreja. *Mas, por mais altamente graduado que seja Eduardo VII, ele provavelmente não está a par do que se passa nos círculos íntimos da Franco-maçonaria. Os verdadeiros chefes da seita, que nem sempre são os chefes aparentes, concedem de bom grado títulos e lugares de honra aos reis e aos príncipes, mas guardam os segredos maçônicos para si.* Eles sabem torcer em proveito próprio o prestígio real, eis tudo".

Quer dizer, eles sabem muito bem fazer os príncipes e os reis maçons servirem à execução de seus desígnios.

Em apoio ao que acaba de dizer *La Vérité* de Quebec, ao observar que o I∴ Eduardo VII, por mais grande-mestre que seja da maçonaria inglesa, provavelmente ignora muitos segredos, lembraremos a carta do duque de Orleans, grande-mestre do Grande Oriente da França, inserida em 22 de fevereiro de 1793 no *Journal de Paris*, assinado por ÉGALITÉ, e lido na sessão do Grande Oriente, no dia 13 de maio do mesmo ano:

"Eis minha história maçônica. Num tempo em que seguramente ninguém previa nossa revolução, eu me afeiçoei à Franco-maçonaria, que oferece uma espécie de imagem de igualdade, assim como eu me afeiçoei ao parlamento, que oferece uma espécie de imagem de liberdade. Depois troquei o fantasma pela realidade. No último mês de dezembro, tendo o secretário do Grande Oriente se dirigido à pessoa que ocupa junto a mim as funções de secretário do Grande-Mestre, para me fazer deferir um pedido relativo aos trabalhos dessa Sociedade, respondi-lhe, em data de 5 de janeiro:

"COMO NÃO CONHEÇO A MANEIRA PELA QUAL O GRANDE ORIENTE É COMPOSTO, E QUE, ADEMAIS, PENSO QUE NÃO DEVE EXISTIR NENHUM MISTÉRIO NEM NENHUMA ASSEMBLÉIA SECRETA NUMA REPÚBLICA, SOBRETUDO NO INÍCIO DO SEU ESTABELECIMENTO, NÃO QUERO MAIS ME ENVOLVER COM O GRANDE ORIENTE NEM COM AS ASSEMBLÉIAS DOS FRANCO-MAÇONS."

Ao escrever esta carta, PHILIPPE-ÉGALITÉ redigira sua própria sentença de morte. Algumas semanas mais tarde, ele teve a cabeça cortada pela faca triangular.

É numa sociedade SECRETA que os recrutas assim captados são introduzidos, de onde quer que venham.

— Sociedade, sem dúvida, alguém dirá; mas, secreta? Conhecemos um grande número daqueles que a integram. Seus nomes enchem um grosso volume que acaba de ser publicado. Conhecemos seus lugares de reunião: as *lojas*. Conhecemos a data de sua assembléia geral anual: a *convenção*; e as atas de suas sessões são publicadas.

E não obstante, apesar dessa notoriedade e dessa publicidade, a Franco-maçonaria é verdadeiramente uma sociedade secreta, e a mais secreta das sociedades que existem atualmente no mundo.

Como assim? Copin-Albancelli vai explicar para nós.

"Devemos, diz ele, considerar como sociedade secreta sobretudo aquela que esconde seu objetivo. Quando homens se reúnem é sempre em vista de um objetivo que lhes é proposto. Se eles acreditam que esse objetivo não pode acarretar suspeita para ninguém, eles o declaram francamente e sua sociedade não é qualificada como *secreta*.

"Mas, quando os homens se constituem em sociedade para um objetivo que eles sentem que vai prejudicar interesses ou ferir convicções, que vai colocá-los em oposição a um estado de espírito ou a um estado de coisas reinante, ou eles declaram em alta voz o objetivo de sua associação, pouco importando o que possa seguir-se a isso, ou adotam meios para que o público ignore esse objetivo, esse intuito, esse fim, e imagine um outro diverso daquele que realmente eles têm. A associação assim constituída será essencialmente secreta. Seremos obrigados a dizer: não sabemos por que esses homens se aproximaram uns dos outros e se uniram, por que eles realizam assembléias; não sabemos o que fazem, com que objetivo trabalham. Uma tal sociedade seria secreta, ainda mesmo quando ela não ocultasse sua existência. A existência de uma sociedade que se esconde acaba sempre por ser conhecida, quaisquer que sejam os meios que ela adote para se subtrair aos olhos do público e da polícia. Mas mesmo que se manifeste, uma sociedade pode ter uma finalidade oculta, um segredo que será tanto melhor guardado quanto não for confiado a todos os seus aderentes. Tal é a Franco-maçonaria. Ela chamou a si o mistério, ela se envolveu nele; para ela era necessidade, porque ela se propunha uma luta contra a ordem de coisas existente. Se ela não lutasse contra essa ordem de coisas, ela não se esconderia. Ela é uma conspiração, um complô em estado permanente; em outras palavras, um organismo de guerra contra a sociedade tal como ela está constituída".

Há cerca de dois séculos a Franco-maçonaria estabeleceu suas lojas em toda a França e mesmo em toda a Europa. Ora, discute-se permanentemente acerca do objetivo dessa associação. Ela ofereceu trinta e seis, diferentes segundo os tempos e os lugares, modificando mesmo seus estatutos segundo a oportunidade e as necessidades do momento. Ainda atualmente seus aderentes não concordam em ser interrogados, e sobretudo eles não concordariam que se pudesse colocar face a face os franco-maçons de todos os países do mundo, ou todos os franco-maçons franceses que existiram durante esses dois séculos. Se os fundadores da associação ou seus chefes atuais tivessem dado a conhecer a seus associados o verdadeiro objetivo, nós não teríamos que verificar assim as contradições entre as declarações de uns e de outros.

Louis Blanc, falando, em sua *Histoire de la Révolution*, sobre os príncipes colocados à testa dos Grandes Orientes, confirma nestes termos o que Philippe-Égalité acaba de nos ensinar: "*Eles sabiam a respeito da Franco-maçonaria apenas aquilo que pode ser mostrado sem perigo*; e eles não tinham com o que se inquietar, presos como estavam nos graus (nas iniciações) inferiores, nos quais *o fundo das doutrinas aparece apenas confusamente através da alegoria*, e nos quais muitos não vêem senão uma ocasião para diversões e alegres banquetes". T. II, pp. 82 e 83.

A Franco-maçonaria não esconde apenas seu fim. Ela não diz quem foram seus fundadores, qual é a sua organização. Ela oculta seus modos de ação; procura enganar-nos acerca do caráter da obra que realizou até aqui. Começamos a penetrar em tudo isso, não porque ela esteja tirando seus véus, mas por causa da observação a que ela está submetida agora. No que lhe diz respeito, ela continua a se encobrir de véus, véus não somente espessos, mas soberanamente enganadores.[8]

"A Franco-maçonaria é MENTIRA em todo o seu ser e em toda a sua ação", diz Copin-Albancelli. Nada manifesta melhor sua filiação. Nosso Senhor disse de Satanás: "Quando ele mente, fala de si mesmo: porque ele é mentiroso e o pai da mentira". Está exatamente aí o que é próprio da Franco-maçonaria, de sorte que se lhe pode aplicar o que Nosso Senhor dizia aos judeus: "O pai do qual proviestes é o diabo". Vossas mentiras denunciam vossa origem. Quereis realizar os desejos de vosso pai, e o meio que vos serve é aquele que ele emprega.

Uma sociedade que existe há séculos precisou e precisa recrutar. Para recrutar é preciso apresentar aos que são solicitados um motivo de adesão, um fim a alcançar através de uma comunhão de esforços. Mas se o fim que se lhes propõe é de tal natureza que não pode ser mostrado, é necessário apresentar um outro; de onde a mentira mesmo para os que aderem a essa sociedade.

Essa mesma necessidade impõe-se relativamente ao mundo no meio do qual a sociedade secreta se encontra, se reúne e age. Daí essa contínua diversidade de atitudes e de declarações, das quais a história da Franco-maçonaria está repleta. Nos seus primórdios, ela se declarou religiosa. Um dos primeiros que se declarou franco-maçom na França, o cavaleiro de la Tierra, escreveu: "Imaginai um homem temente a Deus, fiel a seu Príncipe; que dá a cada um o que lhe é devido, que não faz a ninguém o que não gostaria que fosse feito a ele próprio: eis o maçom, eis seus mistérios, eis seu segredo..." Após ter-se dito religiosa, ela se declarou tolerante. O primeiro artigo de seus estatutos afirma que ela tem por princípio a tolerância, que ela respeita a fé religiosa de todos os seus aderentes, e ela acrescenta que não se ocupa com política.

Eis como ela se exprime:

"Na esfera elevada em que ela se situa, a Franco-maçonaria respeita a fé religiosa e as opiniões políticas de cada um de seus membros, ela proíbe formalmente em suas assembléias qualquer discussão de matéria religiosa ou política, que tenha por objeto seja a controvérsia sobre as diferentes religiões, seja a crítica dos atos da autoridade civil e das diversas formas de governo".

---

[8] A Franco-maçonaria realizou, em 1894, um Congresso internacional em Anvers. Os diversos ritos deviam expor seus pontos de vista sobre as questões que lhes tinham sido previamente submetidas.

A terceira sessão foi consagrada ao exame da seguinte questão: qual é o alcance da obrigação do segredo maçônico?

O I∴ Bouvier, delegado do Diretório do Regime Escocês Retificado da Suíça, acha que "é importante, para se ter bom sucesso, trabalhar em segredo, porque a partir do momento em que o público souber que a Maç∴ estuda e prepara uma obra, todos os inimigos da nossa Ordem por-se-ão em campanha para fazê-la fracassar, sem se preocuparem com o valor e a utilidade dessa obra, mas unicamente por ódio à Franco-Maçon∴ Se a Maçon∴ tem ainda um poder tão considerável no mundo é por ser um poder oculto. Agiríamos muito mal, do ponto de vista do objetivo que pretendemos, em abandonar um sistema que até aqui tem sido para nós um elemento de força".

O I∴ Goebel diz:

"... Não refletimos sobre o segredo sob o ponto de vista que diz respeito às pessoas. Considero que o segredo deve ser inviolável acima de qualquer coisa. Deve ser proibido a quem quer que seja divulgar no mundo profano o segredo dos outros. Tendes o direito de vos apresentardes como Maç∴; tendes o direito de dizer aos profanos: "Sou Maç∴ por tais motivos", mas não podeis dispor do segredo de vossos II∴ Os que entram num templo maçônico devem saber que jamais alguém não o saberá senão pela sua própria vontade".

Também na Hungria, diz o I∴ Bosanyi, "o segredo, quanto às pessoas e quanto à instituição, não pode ser objeto de dúvida para ninguém. Esse juramento deve ser mantido rigorosamente".

Respeito pela fé religiosa e nada de política. Toda discussão "de matéria religiosa ou política" é *formalmente proibida*. Está dito de forma absolutamente precisa.

Ora, isto não é verdade.

De fato, a Franco-maçonaria não é tolerante. Ela não respeita a fé católica. Ao contrário, ela a persegue com um ódio encarniçado. Os fatos entram pelos olhos. Mas se hoje ela se apresenta anti-religiosa, fá-lo de maneira diferente nos países protestantes e nos países católicos.[9]

O mesmo vale para a política. Durante muito tempo ela declarou não querer se ocupar com política de nenhuma maneira; agora, reconhece que se transformou em dona do poder. Todas as formas de poder foram sucessivamente aduladas e combatidas por ela, até que ela chegou a essa república que, segundo sua confissão, ou fanfarrice, é tão-somente a maçonaria a descoberto.

Se a Franco-maçonaria é mentirosa por função, por necessidade, se ela não pode agir de outra maneira senão mentindo para se manter secreta no sentido que estudamos, daí não decorre que todos os franco-maçons sejam mentirosos. Eles próprios são enganados; o que significa que quando dizem as coisas mais contrárias à verdade, a propósito da sociedade a que pertencem, são, no mais das vezes, sinceros consigo mesmos.

As lojas, assim recrutadas, não passam, como diz Piccolo-Tigre na carta que citamos, de "um lugar de depósito, uma espécie de haras, um centro pelo qual é necessário passar antes de chegar a nós (membros as lojas de retaguarda). Ensinando-lhe a carregar a arma com seu copo, apoderamo-nos da vontade, da inteligência e da liberdade do homem. Preparamos essas coisas, rodeamos o homem, estudamo-lo. Adivinhamos seus pendores, afetos e tendências; quando está maduro para nós, encaminhamo-lo a uma ou outra das sociedades secretas das quais a Franco-maçonaria não é senão a ante-sala muito mal iluminada".

———— ♦ ————

[9] Franco-maçonaria e protestantismo sempre viveram em boa harmonia. Em novembro de 1905, em Mansion House, o lorde prefeito de Londres abriu a loja maçônica nº 3116, denominada Guildhall, que foi consagrada pelo grande secretário, assistido pelo arquidiácono Sinclair e por *sir* Savary, que desempenharam as funções de capelães. Entre os fundadores dessa loja, criada na Prefeitura de Londres, está o lorde prefeito, Vaughan Morgan, e numerosos vereadores. Entre os franco-maçons presentes, estão os bispos anglicanos de New York e de Barking, o deão anglicano de Capetown e membros do Parlamento. O arquidiácono anglicano Sinclair, no discurso que pronunciou, assinalou que a nova loja era destinada aos membros do Câmara Municipal e aos altos funcionários envolvidos na vida tão complexa de Guildhall.

CAPÍTULO XXX

CORRUPÇÃO DAS IDÉIAS *(continuação)*

II. — INICIAÇÕES

Ao atrair alguém para seu seio, se a maçonaria começasse por lhe descobrir suas doutrinas e mostrar-lhe distintamente seu objetivo, no mais das vezes causaria ao neófito um espanto e mesmo um pavor tais que este procuraria se evadir. Ela procede com mais prudência. Inicialmente, o discípulo das lojas encontra-se aí numa atmosfera que não pode respirar durante muito tempo sem que sua alma fique intoxicada. “As lojas, diz Piccolo-Tigre, discorrem sem cessar sobre os perigos do fanatismo, sobre a felicidade da igualdade social e sobre os grandes princípios da liberdade religiosa. Entre dois festins elas têm anátemas fulminantes contra a intolerância e a perseguição”.

As iniciações fazem os aspirantes entrar no espírito da maçonaria, melhor ainda do que através dos discursos que eles ouvem.

O primeiro objetivo da iniciação é *purificar* o aprendiz de toda mentalidade cristã, caso possua uma. O *companheiro*, tendo retornado assim ao estado de *natureza*, sem preconceitos religiosos e sociais, será capaz, tornando-se *mestre*, de adquirir uma nova mentalidade.

A criança criada na sociedade cristã vê, julga e age cristãmente; o maçom nascido à luz do templo verá, julgará e agirá maçonicamente. Não é necessário sugerir-lhe os atos. O Mestre Perfeito, na presença de um julgamento a fazer, de uma decisão a tomar, julgará e agirá por instinto, seguindo os preceitos da maçonaria, para o bem da Ordem; a disciplina cristã terá sido substituída pela escravidão maçônica.

Desde os primeiros passos dados na associação, ela lhes diz que possui um segredo para obter a felicidade da humanidade e o soberano bem de seus membros, e que eles não podem chegar ao conhecimento desse segredo senão através de sucessivas iniciações. Essas iniciações são feitas através de cenas simbólicas sabiamente graduadas. Numa comunicação confidencial endereçada, em 1° de março de 1902, pelo Grande Colégio dos Ritos, Supremo Conselho do Grande Oriente da França, aos Conselhos Filosóficos e aos Capítulos da Federação, diz-se:

“Nossos símbolos representam antes de tudo procedimentos de educação filosófica e ao mesmo tempo de união. Sob formas materiais, eles exprimem por meio de emblemas um certo número de verdades morais aceitas por todos os nossos adeptos, e que é conveniente lembrar-lhes incessantemente, dirigindo-os simultaneamente a seu bom senso e à sua razão...

“As oficinas superiores devem ser, de alguma maneira, como as escolas normais da Ordem; escolas que devem se consagrar antes de tudo ao estudo da ciência maçônica. Seus membros irão em seguida levar para as lojas o que tiverem aprendido aí. Eles o farão com tato e prudência”.[1]

Em cada iniciação os candidatos são atentamente observados. Há os que se detêm nas aparências exteriores, que não procuram se dar conta de seus significados,

---

[1] Esta circular foi publicada, por inteiro, por Bidegain no seu livro *Le Grand-Orient de France*, pp. 142-152.

penetrar no mistério. Esses são deixados em sua ingenuidade e formam a primeira fileira da sociedade, à qual, não obstante, prestam importantes serviços.

Aqueles cuja inteligência penetra além do véu dos símbolos, e que dão testemunho de que seu espírito se abre aos ideais maçônicos, são convidados a subir mais alto.

"As cerimônias são simbólicas — dizia o I∴ Régnier numa sessão comum das lojas, realizada em Lyon, no dia 3 de maio de 1882 —, praticadas por maçons inteligentes; sua significação produz seus frutos". E no discurso de encerramento da Convenção de 1883 do Grande Oriente da França, o I∴ Blatin também dizia: "A Franco-maçonaria, no seu simbolismo aperfeiçoado por uma longa tradição, e que ela ainda pode modernizar a seu bel prazer sem ofender a sua própria Ordem, possui a contrapartida salutar e o contraveneno do simbolismo religioso".

Esses símbolos são simultaneamente luz e trevas; são concebidos de tal maneira que iluminam estes e cegam aqueles. Gerbet, depois bispo de Perpignan, publicou em 1832, no *Mémorial Catholique*, os documentos de um chefe das sociedades secretas, apreendidos após sua morte, diz ele, "por um personagem de alta posição". Após ter explicado no que constitui a liberdade e a igualdade no sentido maçônico, diz: "Tal é a força da nossa doutrina. Mas persuadamo-nos bem de que *não podemos jamais expô-la subitamente à luz do dia, nem em termos tão formais* a todos os aspirantes. Um espírito perspicaz poderia deduzir conseqüências *muito funestas às intenções que ela esconde*. Assim, apenas tenhamo-lo feito ouvir essas duas palavras sagradas: *Liberdade, Igualdade,*[2] e logo devemos saber prevenir ou pelo menos parar o curso de suas reflexões, contra as quais nossos emblemas e nossos hieroglifos oferecem um remédio certo, empregando-os imediatamente para distrair propositadamente o espírito do aspirante através da variedade de assuntos que se lhe apresentam: recurso admirável e fruto da política refinada de nosso célebre *autor* (fundador), por demais versado no conhecimento do coração humano para nos ter preparado, com toda astúcia imaginável, *a taça encantadora e misteriosa* que devemos apresentar e fazer passar sem cessar na alma de cada irmão, sempre oculta e sob uma forma inocente, que disfarça o seu verdadeiro sentido".

Em seguida o autor distingue entre os espíritos *penetrantes*, os espíritos *inquietos* e os *imbecis*. "Devemos, diz ele, pôr cada uma dessas categorias a par da nossa doutrina, mas não comunicá-la a cada uma ao mesmo tempo nem da mesma maneira. Aos primeiros, *o verdadeiro sentido* não tarda a ser conhecido. Os segundos não devem ser levados a esse alto conhecimento senão por graus, por emblemas que se lhes propõem à adivinhação. Dos últimos não se exige outra coisa que não seja *seguir cegamente e sem reserva*, sempre mantendo-os presos pelo medo da violação do juramente sagrado".

Essas regras de conduta são religiosamente observadas. Após cada iniciação, concede-se ao iniciado um prazo de quinze dias para preparar a explicação que ele deve dar a respeito do grau que recebeu, para descobrir o sentido da cerimônia da qual foi o herói. O que quer que ele diga, sempre se o complementa, sem lhe dar a conhecer o que se pensa de sua explicação. Se não compreende, deixa-se-o onde está, a menos, entretanto, que não seja daqueles nos quais se colocou alguma espécie de esperança. Nesse caso, fazem-no passar por novas provas, sob pretexto de novos graus que lhe serão conferidos, que adelgaçarão pouco a pouco o véu que cobre o mistério.

---

[2] Eis que ainda reaparecem essas duas palavras, que são exatamente não o segredo, mas a alma da Franco-maçonaria.

Essas provas têm variado com o tempo, com as obediências e também com os fins mais imediatos a que se propunham os chefes. É o que o I∴ Blatin acaba de dizer.

No momento atual, eis no que consiste, em meio a muitas outras, a prova fundamental:

Conduz-se o maçom a ser iniciado diante de um ataúde; faz-se mais: deitam-no no ataúde.

Aí ele ouve dizer que está morto, bem morto, podre, que sua carne sai de seus ossos. E com medo de que ele esqueça isso, dá-se-lhe por senha, que ele repetirá a vida inteira, cada vez que entrar numa loja, uma palavra hebréia que significa, ao que se diz: a carne sai dos ossos: *Mac-Benac*. Em outro rito, dá-se a palavra *Mahabone* ou *Moabon*: filho da putrefação.

Cada vez que ele entrar na loja, dará alguns passos de aspecto extravagante, que constituem o simulacro de passar por cima de um esquife. Essa iniciação corresponde à do grau de mestre, que faz o verdadeiro maçom.

Quando as testemunhas tiverem declarado que o novo mestre está bem morto, que está exatamente em putrefação, que sua carne deixa seus ossos no ataúde simbólico, o presidente da loja vem tirá-lo do esquife. Declaram-no então ressuscitado, o aparelho fúnebre da loja cede lugar a alegres iluminamentos, e diz-se ao novo mestre que ele é, em pessoa, o mestre Hiram ressuscitado. Esse Hiram é para os franco-maçons o arquiteto do Templo de Salomão. Esse símbolo da reconstrução do Templo de Salomão — no seu sentido último, naquele que jamais se revela publicamente — anuncia a reconstituição do povo judeu como nação, mas em nação tornada mestra do universo.

Ora, esse Templo de Salomão não será construído, a Igreja não lhe cederá o lugar, o Deus dos cristãos não será vencido, a não ser por uma condição: essa condição, é a de que o mundo inteiro, e por completo, desça ao ataúde simbólico de Hiram para aí receber uma vida nova, após a morte absoluta, a dissolução definitiva do que nós vemos existir e viver hoje em dia.

O *sentido social* da iniciação é, pois, a colocação do mundo cristão no ataúde e a ressurreição do mundo hebreu. E como meio para alcançar esse objetivo, único meio, revelado na própria iniciação como sendo seu preceito mais imediato, mais transparente: a destruição de toda ordem de coisas estabelecida sobre os princípios do cristianismo.

O *sentido pessoal* reside em que o iniciado colocado no ataúde está bem morto enquanto cristão, enquanto cidadão do mundo no qual Cristo é conhecido e adorado. Nenhum átomo de carne que ainda mantenha a vida segundo a ordem de Deus, do Deus dos cristãos, permanece nele. Sabemos que Deus é o caminho, a verdade e a vida. É nesse sentido que se declara ter o iniciado perdido a vida, tão realmente quanto a vida animal deixa um cadáver cuja carne se decompõe. O nome hebreu que se lhe dá ao ser levantado, ao ser festejada sua ressurreição, revela o mundo novo do qual se tornou cidadão, a nova civilização a cujo triunfo ele deve se dedicar.

Aquele que compreende essas coisas é notado pelas lojas de retaguarda, nas quais o número, a composição e a missão assinalada a cada um variam segundo as circunstâncias, a marcha da Revolução, os progressos obtidos na construção do Templo.

As lojas de retaguarda estando assim compostas, emissários trazem no tempo oportuno as diretrizes e ordens de um conselho central e superior, ao mesmo tempo em que se colocam em contactos constantes todos os Grandes Orientes. Esses emissários são quase todos judeus. Dá-se que o povo judeu encontra na sua organização nacional facilidades de que ninguém mais dispõe para desempenhar esse papel. Há, com efeito, em toda a parte aquilo que o Kabal chama de *carteiros*, agentes do governo oculto dos israelitas que intervêm de um extremo a outro do mundo nas compras e vendas, nos processos de seus correligionários, que agem junto às administrações em tudo o que é de interesse da raça, secundando ou

paralisando os projetos dos governos etc. Eles são admiravelmente próprios a serem os caixeiros-viajantes da Franco-maçonaria e da Revolução. Os documentos da Grande Loja mostram-nos Piccolo-Tigre em Paris, Londres, Viena, Berlim; aqui ele parece fidalgo, lá banqueiro, mais adiante negociante, corretor e mesmo pequeno vendedor ambulante; em toda a parte, caixeiro-viajante contratado pelo ódio contra Aquele que seus ancestrais crucificaram.

Bakumine traça esse retrato do maçom verdadeiramente iniciado, admitido nas sociedades mais secretas: "O revolucionário é um homem consagrado. Ele não tem interesses pessoais, sentimentos, negócios, preferências, bens, nem mesmo nome. Tudo nele está absorvido por um interesse único e exclusivo, por um pensamento único, por uma paixão única: a Revolução. Não somente por suas palavras, não somente por seus atos, mas ainda no próprio fundo de seu ser, ele rompeu para sempre com a ordem pública, com o mundo civilizado inteiro. Frio em relação a si próprio, ele deve se-lo também relativamente a outrem. Todos os sentimentos de afeição, de amor, de gratidão devem ser abafados na sua alma pela paixão única e calma da obra revolucionária. *Noite e dia, ele deve ter um único pensamento, perseguir um só objetivo: a destruição implacável. E realizando essa obra friamente e sem descanso, ele deve estar pronto a morrer e a estrangular com suas próprias mãos quem quer que oponha obstáculo a seus desígnios*".

——————— ♦ ———————

CAPÍTULO XXXI

CORRUPÇÃO DAS IDÉIAS *(continuação)*

III. — A MÁQUINA DE CORROMPER

Os criadores da Franco-maçonaria, querendo fundar uma sociedade cujo objetivo devia permanecer ignorado, se bem que ela própria se manifestasse, deviam constituir nela um organismo dissimulador da finalidade que queriam alcançar, e dissimulador ao ponto de que, posto em movimento, esse organismo produzisse, por assim dizer automaticamente, aparências opostas à realidade, quer dizer, mentiras. Se eles não tivessem tido êxito nisso, a Franco-maçonaria não poderia ter atingido o objetivo que ela se propôs, não teria vencido.

O mistério desse organismo construído expressamente para criar a ilusão — e, graças a ela, produzir o efeito desejado —, foi rompido por Copin-Albancelli, espírito observador que sabe ver e que penetra até no interior das coisas que se lhe apresentam aos olhos. Ele desmontou o mecanismo e expôs todas as suas peças aos nossos olhos!

Ele descobriu, inicialmente, que a Franco-maçonaria tem uma dupla organização, uma visível, outra oculta, servindo aquela para dissimular esta. A organização visível divide a Franco-maçonaria universal em grandes agrupamentos chamados federações, Grandes Lojas ou Soberanos Conselhos. O agrupamento mais importante e o mais conhecido que existe na França é o Grande Oriente da França. São entidades *administrativas*, independentes. Esses grandes agrupamentos subdividem-se em agrupamentos infinitamente menores, chamados oficinas ou lojas. Uma loja é dirigida por seus oficiais, quer dizer, pelo Venerável, pelo Primeiro e pelo Segundo Zelador, pelo Orador e pelo Secretário. São chamados as *Cinco Luzes*. Esses oficiais são eleitos pelos membros da loja, cada ano, no mês de dezembro, e somente por um ano. São sempre reelegíveis. Notemos de passagem que eles não têm autoridade como oficiais senão na loja. Nos demais lugares são obrigados a obedecer aos oficiais das oficinas nas quais entram a simples título de visitantes, assim como a multidão dos outros maçons.

O Grande Oriente da França conta atualmente pouco mais de vinte mil aderentes, repartidos entre quatrocentas oficinas, com cerca de cinqüenta membros em média.

É também através da eleição que se constitui a autoridade *administrativa* de toda a federação. Todos os anos, no mês de dezembro, cada oficina nomeia um delegado à Convenção que se reunirá em Paris no mês de setembro seguinte. A Convenção nomeia um conselho de trinta e três membros que é, por assim dizer, o conselho executivo da federação do Grande Oriente. Ademais, ele examina as questões que são do interesse geral da federação. Às vezes ele entra em contacto com as federações ou poderes maçônicos estrangeiros. Enfim, ele cuida, e com mais ardor do que todo o resto, das questões atuais de ordem política e religiosa.

O Grande Oriente é administrado por um Conselho da Ordem. Esse Conselho da Ordem é a mais alta autoridade administrativa da Franco-maçonaria francesa, na qual não mais existe o Grão-Mestre.

Tal é a organização da maçonaria, a maneira como ela se apresenta à massa dos seus aderentes e ao público.

Mas existe nela um outro organismo menos conhecido, o dos graus. Quando um profano é submetido à iniciação, ele recebe, simultaneamente com a luz, o grau de

aprendiz. Após alguns meses, se ele for assíduo às reuniões, será admitido ao grau de companheiro; em seguida, após um interregno igualmente bastante curto, ao grau de mestre. Mas não é através de eleição que ele é nomeado para esses diferentes graus. Não é mais de baixo, como na hierarquia administrativa, que ele recebe o impulso; ele é atraído do alto. São seus superiores em grau que o convocam, se o julgam digno.

É preciso fazer aqui uma observação importante, no sentido de que o grau confere àquele que o recebe prerrogativas sempre presentes, em qualquer local maçônico em que ele se encontre. Quero dizer que, enquanto um Orador, um Primeiro Zelador ou um Venerável exercem as funções de Orador, de Primeiro Zelador ou de Venerável apenas na sua loja, um companheiro tem o grau de companheiro em toda a parte; um Mestre desfruta igualmente em toda a parte as prerrogativas da Mestria que ele recebeu.

Quase todos os franco-maçons chegam ao grau de Mestre e chegam rapidamente. O franco-maçom Mestre é reconhecido como um franco-maçom perfeito.

Acima da mestria há os altos graus, que não são conhecidos até mesmo por um certo número de Mestres.

Como se chega aí? Sempre através de seleções.

Os altamente graduados têm para eles oficinas diversas das lojas, que levam o nome de capítulos, conselhos, areópagos. Mas nem por isso freqüentam menos as lojas, sendo mesmo particularmente obrigados a isso pelos regulamentos. Quando encontram um Mestre que parece apresentar as condições necessárias, e que conta com os três anos necessários de graduação, interrogam-no prudentemente, e se crêem poder contar com sua aceitação, propõem-lhe servir de padrinhos numa loja superior, cujos membros terão ainda de votar sobre sua admissão. É desta forma que o princípio de seleção exerce na Franco-maçonaria um papel considerável, sem que o percebam os maçons de grau inferior, que são constantemente observados sem o saberem. Na realidade, é exatamente sobre o princípio de seleção que se constitui a verdadeira e secreta autoridade maçônica.

Os graus de aprendiz, companheiro e mestre formam a base da maçonaria. Sobre essa base erguem-se numerosos graus. Existiram trinta e três no Grande Oriente; hoje há somente oito em uso. Os mais conhecidos são o Rosa-Cruz (18°. grau) e o Kadosch (30°. grau).

Podemos imaginar a Franco-maçonaria sob a forma de uma pirâmide, cujos diferentes lados vão-se estreitando da base ao cume, posto que quanto mais elevados são os graus, mais restrito é o número dos que neles são investidos.

A sociedade dos *aprendizes*, que está abaixo de todas as outras, não somente é dominada, mas também é penetrada por todas. Os graus superiores podem introduzir-se entre eles como lhes agradar, e os aprendizes não podem se reunir senão na companhia de um mestre que os fiscalize, os inspire, dê-lhes sugestões que ele mesmo recebeu de mais alto.

No segundo estágio encontram-se os *companheiros*. Na iniciação a esse grau tiveram de pronunciar novos juramentos, foram ameaçados com a maldição dos mestres se revelassem não somente aos profanos, mas também aos aprendizes, aquilo que é particular ao grau de companheiro. Esse grau constitui, pois, uma sociedade secreta superposta à primeira.

Chegado ao segundo estágio, o companheiro continua a ser observado pelos mestres e pelos mais graduados, sem que o perceba, e, quando é julgado digno, é chamado a tornar-se *mestre*.

Aprendizes, companheiros e mestres constituem a maçonaria inferior, chamada *maçonaria azul*, que se reúne nas lojas.

Acima dessas lojas, as oficinas superiores formam uma maçonaria superposta, igualmente com diversos estágios, mais ou menos numerosos segundo os ritos, os tempos e as necessidades do momento.

O livro tão curioso de Filalete (pseudônimo de Anderson), *The Long Livers*, dedicado em 1720 aos *grãos-mestres, mestres e guardiães e irmãos* das lojas de Londres, indica muito bem no seu prefácio que já existia acima dos três graus tradicionais (aprendiz, companheiro e mestre), tomados emprestados aos *free-masons*, uma *iluminação* e uma *hierarquia cuja natureza ele não revela*.[1]

Que vantagens a autoridade superior retira dessa organização? Ei-las.

Um maçom do primeiro grau, um aprendiz, tem o direito de saber tudo o que sabem os outros aprendizes. Ele pode entrar em todas as outras oficinas nas quais se trabalha a nível de aprendiz, *mas não em nenhuma das outras oficinas nas quais se trabalhe a nível de um grau superior ao seu*.

Da mesma maneira relativamente a um maçom do segundo grau ou companheiro, da mesma maneira ainda relativamente ao maçom que chegou ao grau de mestre, 3°. grau. Ele conhece tudo o que se passa nas oficinas nas quais se trabalha a nível de aprendiz, e naquelas em que se trabalha a nível de companheiro, posto que, antes de ser mestre, foi-lhe preciso necessariamente começar por ser aprendiz em primeiro lugar e companheiro em seguida. Ele tem o direito de ir a todas as oficinas nas quais se trabalha a nível de aprendiz e de companheiro. *Ele tem mesmo o dever de ir ao maior número possível delas, a fim de atrair os aprendizes e os companheiros para o caminho no qual está, à razão de um ou dois graus, à frente deles. Mas ele não conhece absolutamente nada do que se diz e faz em nenhuma das oficinas nas quais se trabalhe a nível de um grau superior ao seu*.

O dever imposto aos graus superiores, de freqüentarem as oficinas nas quais se trabalha a nível de graus inferiores, para aí levarem as inspirações que eles próprios receberam, é considerado essencial, indispensável à transmissão das ditas inspirações.

Cada maçom, pois, ignora absolutamente tudo o que se diz e faz nas oficinas superiores àquelas do seu grau, porque o ingresso nessas oficinas lhe é rigorosamente proibido. De sorte que, da mesma forma como seu grau constitui uma sociedade verdadeiramente secreta para os graus inferiores, os graus superiores ao seu constituem sociedades verdadeiramente secretas para ele.

Compreende-se como aqueles que compõem o grupo superior, qualquer que ele seja, e quem quer que sejam eles próprios, podem fazer circular suas vontades em toda a pirâmide das oficinas maçônicas. Assim que elaboram um projeto em conjunto, assim que tomam uma resolução, se percebem que determinado estado de espírito reinante na nação e pressentido na maçonaria se oporia à realização desse projeto,

---

[1] A Franco-maçonaria não é somente, por sua própria constituição, um organismo dissimulador do que é, do que faz, do que objetiva; ela construiu, ademais, uma imensa máquina, montada para projetar constantemente através do mundo inteiro toda a espécie de mentira.

Essa máquina é representada pelo conjunto das grandes agências judias e dos jornais de informações que levam por toda parte os ecos das notícias que ela lhes dita.

O primeiro anúncio dos fatos sempre chega aos leitores do mundo inteiro apresentado de maneira a preveni-los, a formar neles preconceitos contra o verdadeiro, o justo e o legítimo, contra o bem. É nos guetos e nas lojas de retaguarda que se faz essa manipulação, e a notícia assim travestida impõe-se mesmo aos jornais de bandeira católica, graças ao monopólio do judaísmo.

O que sucede às notícias sucede também às reputações. Através da imprensa, a Franco-maçonaria leva ao pináculo os homens menos dignos de estima em toda a ordem de coisas. Léon Gambetta é um dos mais ilustres exemplos da reputação mundial que a seita consegue dar aos seus. Seu nome está inscrito nas ruas, nas praças de todas as nossas cidades, por menores que sejam; sua efígie está por toda a parte. Para a maioria ele é um grande patriota, grande político, grande orador, salvador da pátria, pai da democracia. É inútil dizer o que ele foi na realidade; os leitores destas páginas estão suficientemente instruídos acerca da história contemporânea para que ignorem os fatos.

atacam esse estado de espírito nos grupos que estão abaixo deles, e o fazem com todas as chances de sucesso, porque, sendo ignorado o grupo deles, a compreensão que eles têm da situação também o é.

Compreendemos assim que os documentos emanados desses grupos superiores, como aqueles apreendidos em Munique e em Roma, por pouco numerosos que sejam, devem ser de uma incontestável utilidade para o estudo profundo da maçonaria, pelo conhecimento que nos dão do caminho através do qual ela é conduzida e do método que emprega.

Compreende-se, finalmente, que aquele ou aqueles que se encontram no ápice da pirâmide a dominam por inteiro. Por eles e para eles é feita a ascensão; deles descem as influências e as sugestões.

É preciso acrescentar que a chamada maçonaria dos altos graus tem, ela também, acima dela, uma maçonaria superior internacional; de sorte que nem mesmo ela passa, a despeito de seu título, de uma maçonaria subalterna. Ela serve de canal de transmissão às lojas das vontades superiores e de órgão de seleção que age sobre os membros reunidos nas lojas; mas do ponto de vista do conjunto da seita que cobre o mundo com suas malhas, ela é um lugar de depósito através do qual é necessário passar "antes de chegar a um outro mundo secreto", do qual ela é apenas a "ante-sala muito mal iluminada". São expressões de Piccolo-Tigre.[2]

---

[2] Copin-Albancelli conta como tomou conhecimento da existência dessas lojas tenebrosas.

"Havia notado, diz ele, a influência extraordinária de certos membros da loja que eu freqüentava.

Foi um desses personagens que num belo dia me fez um sinal.

— Gostaríeis, disse-me ele, de vir à minha casa? Preciso falar-vos.

E ele marcou um encontro. Aceitei e fui.

A conversa tomou logo de início um rumo que eu não tinha previsto.

— Dai-me, disse meu interlocutor, vossa palavra de honra de homem de que nada do que vos for aqui confiado transpirará lá fora.

Dei minha palavra de honra. Se pareço violá-la hoje, é porque no fundo de minha consciência decidi de uma vez por todas que o interesse superior de meu país é anterior àquelas palavras de honra.

— Que pensais da Franco-maçonaria? perguntou-me bruscamente meu interlocutor.

— É uma questão bem difícil, disse eu, para que se possa respondê-la tão depressa.

— Muito bem! Então, disse-me com um sorriso, que pensais de sua obra?

E sem deixar-me tempo para responder, meu interlocutor continuou.

— A Franco-maçonaria, vós julgastes, não passa, afora algumas exceções, algumas raras exceções, de uma corja de imbecis, de vendedores de vinho e de "sub-vendedores de vinho", em número de aproximadamente 25.000. Nós ultrapassamos esse número. Sabeis bem disso. E não obstante, essas 25.000 mediocridades, essas 25.000 imbecilidades dominam a França. Eis sua obra. Vós igualmente a conheceis. — Como ela é feita? É muito simples. Ela resulta do simples fato de sua organização e da desorganização de nossos adversários. Nós somos organizados, eles não o são. Nós sabemos para onde vamos, eles o ignoram. Nós somos secretos, escondidos, invisíveis, eles são visíveis e sujeitos a todos os golpes. A despeito de nossos maus elementos, nossa maravilhosa disciplina fez o que somos, os donos deste país, e nós vamos, nós vamos, nós vamos sempre direto para a frente, à conquista de todas as instituições, de todos os poderes, sem que nada nos impeça, por esta razão muito simples de que na nossa frente não há nada...

"Muito bem! exclamou de repente meu interlocutor, agora que já vos descrevi a Franco-maçonaria, deixai-me imaginar uma outra maneira de associação secreta. Ela seria inicialmente muito restrita. Ela compreenderia, por exemplo, mil adeptos, no máximo. Cada um de seus membros teria sido provado, sob todos os aspectos: inteligência, energia, habilidade, flexibilidade, tenacidade etc., e isto não somente durante dias, nem durante meses, mas durante anos — longos, pacientes anos. Não é tudo: para esse indivíduo, colocado por assim dizer em observação sob o olhar do Oculto, o poder secreto que o rodeia teria criado, sem que ele soubesse, dificuldades de toda espécie, unicamente para verificar e de alguma maneira experimentar cientificamente seu valor. — Dizei-me, pois, o que poderia fazer semelhante associação de homens escolhidos em tais condições?

— Ela seria, exclamei arrebatado, a dona do mundo.

— Muito bem, retomou meu interlocutor, estou encarregado de vos informar que essa associação existe e de vos anunciar que doravante fazeis parte dela...

Porque, é preciso sabê-lo, a Franco-maçonaria francesa não é a única constituída conforme o tipo que acabamos de descrever tão resumidamente. Em todos os países encontramos uma organização semelhante e acima de todas essas organizações nacionais, deve-se encontrar, encontra-se uma organização internacional à testa da qual se mantém o que com razão se chamou o PODER OCULTO, que dirige a ação do todo em direção ao objetivo desejado.

Abaixo desse Poder existem, pois, três Franco-maçonarias superpostas.

Em baixo, a Franco-maçonaria azul, claramente visível, cuja existência é conhecida pelos profanos há muito tempo. Essa maçonaria inferior não tem, por assim dizer, acesso ao Templo de Hiram; ela é mantida no átrio que se lhe oferece como sendo o Templo. O Poder Oculto serve-se dela para realizar uma seleção que tem por objetivo colocar de lado os indivíduos hipnotizáveis, suscetíveis de se tornarem os sectários de que o Poder Oculto tem necessidade para chegar a seus fins. Estes formam a segunda maçonaria, que deve alcançar um objetivo parcial, cuja realização prévia é indispensável ao objetivo geral que somente o Poder Oculto conhece. Esses objetivos parciais não são os mesmos em todos os países, porque o Poder Oculto neles não dispõe dos mesmos meios, nem tem que superar os mesmos obstáculos

Acima dessas duas maçonarias estabelecidas no Templo, há uma terceira, oculta das outras duas, e que se entoca nas criptas do Templo. Ela está encarregada das ações de conjunto que se estendem a diversos países e a todo o universo.[3]

Conhece ela o verdadeiro objetivo cuja realização é desejada pelo Poder Oculto? Conhece ela esse mesmo Poder e quais são os seus membros? Podemos dizer: não, quanto aos membros; mas quanto à sua existência, ela pode, como nós, deduzi-la dos fatos produzidos há mais de um século e particularmente nesses últimos anos.

Como está construído o Poder Oculto? Segundo a lógica geral do sistema, não poderia ser um homem. É um grupo de homens. Somente assim pode ser assegurada a perpetuidade da obra. Quem pode chegar a fazer parte desse grupo-chefe? Somente aquele que, após as múltiplas seleções de que foi objeto, apresente todas as garantias de que será, relativamente a tudo e contra tudo, fiel à idéia que é a alma dessa extraordinária criação. Isto não basta. É preciso, ainda, que ele preencha uma condição especial, e essa condição especial é, como veremos, pertencer à raça judia.

"Não posso vos dizer, prossegue Copin-Albancelli, qual foi o assombro e mesmo o pavor de meu interlocutor quando, a essas palavras, levantei-me e declarei com toda clareza que recusava, apoiando-me em razões que me determinavam a abandonar a própria Franco-maçonaria, como ademais toda associação secreta que objetivasse, através de meios mais ou menos poderosos, fins semelhantes".

[3] Essa constituição da Franco-maçonaria tem servido de tipo à organização de outras sociedades secretas criadas sem dúvida pelos franco-maçons. Como indicativo, eis a questão que Paul Lafargue, genro de Karl Marx, suscitava em fevereiro de 1908:

"Que faríeis se viésseis a descobrir na Confederação Geral do Trabalho *uma sociedade secreta, ignorada pelos sindicatos* e composta por alguns sindicalistas e burgueses, que fariam intrigas para que os sindicatos e a Confederação caminhassem sob as ordens de um Conselho secreto, residente no estrangeiro, cujos afiliados, por ocasião da realização dos congressos sindicais e das sessões do Conselho Federativo, se reuniriam *secretamente* para adotar as decisões que deveriam ser votadas?"

Eis a resposta do mesmo Paul Lafargue:

"A *Aliança dos Irmãos Internacionais*, sociedade secreta composta por alguns membros da Internacinal e de burgueses, e fundada por Bakounine para fazer não a luta de classes, mas a "igualdade das classes", que tinha comitês secretos na Itália, Espanha e Bélgica, foi organizada dentro da Internacional para dirigi-la segundo as instruções do Conselho Diretor da Suíça, onde reinava Bakounine. Os membros da Aliança decretavam em segredo as resoluções que os congressos e os Conselhos da Internacional deviam adotar".

Foi no curso de uma polêmica com Emile Pouget, redator-chefe da *Voix du Peuple*, que Lafargue fez essas revelações. A carta foi publicada por Pouget, mas somente após ter dela retirado toda a parte que visava os irmãos internacionais.

Poder Oculto. Várias vezes essa palavra voltou sob nossa pena. Existe realmente no ápice da maçonaria um poder que se subtrai a todos os olhares?

Copin-Albancelli tratou superiormente dessa questão no seu jornal e nos seus livros.

Quando, diz ele, se trata de romper o mistério com o qual os fundadores da maçonaria se cobriram, um só método é possível, um só é científico, porque adequado ao objeto do estudo que se pretende: é o raciocínio. Esse raciocínio deve estar estabelecido sobre a indução e a dedução; essa indução e essa dedução devem repousar sobre fatos positivos e fora de contestação. Um outro caminho seria procurar documentos. Mas se eles se produzem poder-se-ia dizer com certeza que, dissimulação na sua essência, a seita os teria fabricado de propósito para enganar o público e despistar os pesquisadores.

Raciocinemos, pois.

Existe um fato que domina toda a questão; é a própria existência da Franco-maçonaria. Ela existe há séculos. Alguém a criou. Admitido que ela não é somente secular, mas internacional, esse alguém dispõe de meios de ação poderosos e universais. Pelo menos há dois séculos ela funciona no nosso meio, não se sabe ainda como, nem por que, nem por conta de quem. Procuramo-la, pressentimos sua existência, mas é apesar dela e apesar dos esforços que ela realiza para se manter no mistério que chegamos a saber alguma coisa a seu respeito. Se essa seita existe, ela tem uma razão de ser. Seu fundador tinha um objetivo; sem isso ele não se teria dado o trabalho de criar um organismo tão vasto, tão complicado. Mas o que deve ser considerado acima de tudo é que esse organismo foi criado para ludibriar seus próprios associados e cegá-los, ao mesmo tempo em que os faz servir à realização de seus propósitos. A maçonaria, com efeito, já vimos isso, através de sua dupla organização, é constituída de maneira a permitir que uma autoridade invisível seja exercida sobre ela, do mesmo modo como a autoridade maçônica é exercida no mundo profano. Todas as engrenagens da organização maçônica foram moldadas e arranjadas para transmitir, de grau em grau, desde as mais secretas lojas de retaguarda até o mundo profano, sugestões, idéias, vontades. Numa palavra, a máquina inteira está constituída em vista do funcionamento de um poder dirigente que quer permanecer oculto. Tomemos, como exemplo, o último caso, o caso Ferrier. Uma agitação universal foi produzida subitamente. Ela não poderia ter sido executada sem que uma palavra de ordem fosse dada. Ora, uma palavra de ordem supõe uma vontade e um mecanismo ordenado para a transmissão dessa vontade. Onde está a vontade? Não a vemos. E como o organismo de transmissão é evidentemente a Franco-maçonaria, é forçoso concluir que a Franco-maçonaria é um corpo que tem uma cabeça e que os outros membros desse corpo agem em vista dos desígnios que a cabeça concebeu. Essa cabeça é o Poder Oculto.

Um fato, entre mil outros, que bem mostra sua existência e sua ação.

A queda da independência temporal do Papado é devida a uma vasta conspiração internacional, cujos fios terminam nas lojas da Inglaterra, França, Alemanha e Itália. Teria sido impossível realizar essa conspiração sem um plano concebido e uma direção fornecida por um estado-maior misterioso, agente de uma força escondida que concentra em suas mãos o poder da alta maçonaria, como em geral concentra a ação militar.

A Revolução Francesa não se explica fora da ação desse agente tão misterioso quanto poderoso.

Quando ledes os quatro alentados volumes de Taine sobre a *Revolução*, ficais sempre tentados a vos perguntar se não há alguma coisa por detrás da página. Os fatos, os acontecimentos, as coisas, as pessoas, o drama, os atores, tudo isso desfila diante de vós num quadro maravilhosamente vivo, mas que permanece, de uma ponta a outra, como um verdadeiro logogrifo. Como todas essas revoltas explodem assim no momento desejado? Como tudo o que teria sido elementar fazer para a salvação

do país e da monarquia jamais é regulamente feito? Como, ao contrário, tudo o que teria sido elementar evitar jamais é regularmente evitado?

Taine não vos oferece senão a explicação vaga da "anarquia espontânea" na qual, precisamente, nada se percebe de "espontaneidade", ao passo que tudo ali se pressente continuamente como "preparado". Falta àquelas páginas uma palavra: poder dirigente, Poder Oculto.

Numa Carta Pastoral escrita em 1878, Monsenhor Martin, bispo de Natchitoches, nos Estados Unidos, falando sobre a conjuração anticristã que se estende pelo mundo inteiro, dizia:

"Na presença dessa perseguição de uma universalidade até aqui inaudita, da simultaneidade de seus atos, da similaridade dos meios que emprega, somos forçosamente levados a concluir pela existência de uma direção administrada, de um plano de conjunto, de uma forte organização que executa um objetivo determinado para o qual tudo tende.

"Sim, ela existe, essa organização, com seu objetivo, seu plano e sua direção oculta, à qual ela obedece; sociedade compacta apesar de sua disseminação no globo; sociedade mesclada a todas as sociedades, sem depender de nenhuma delas; sociedade de um poder acima de todo o poder, exceto o de Deus; sociedade terrível, que é, assim para a sociedade religiosa como para as sociedades civis e para a civilização do mundo, não somente um perigo, mas o mais temível dos perigos".

Graças ao organismo que descrevemos, esse grupo-chefe tem em suas mãos todas as maçonarias visíveis e invisíveis. Ele exerce sua influência em cada grau. As vontades do Poder Oculto descem das esferas superiores para as inferiores. Cada etapa tem sua função; cada país tem seu papel.

Concepção espantosa e gigantesca! Organismo maravilhoso que põe em jogo seres livres e os conduz, sem que o percebam, em direção a um fim que a maioria reprovaria se conhecesse! Obra que seria impossível para um homem ou para alguns homens vindos daqui ou dali, mas que não está acima das forças de uma raça e de uma religião.

———— ♦ ————

CAPÍTULO XXXII

CORRUPÇÃO DAS IDÉIAS *(continuação)*

IV. — INSINUAÇÕES

Piccolo-Tigre dera este conselho aos membros das lojas que ele instituiu: "Infiltrai o veneno nos corações escolhidos; infiltrai-o em pequenas doses e como por acaso. Ficareis espantados com o vosso sucesso".

Como e através de que meios fazer essa infiltração? A *Revue Maçonnique* responde: "Através de influências individuais cuidadosamente acobertadas".

Essas influências são exercidas no interior das lojas e daí no mundo profano.

O Poder Oculto sugestiona essas "oficinas"; ao saírem das oficinas os maçons sugestionam o público. Foi assim que se espalharam, desde antes da Revolução, as idéias de liberdade e igualdade que deveriam produzi-la. Nos nossos dias temos visto serem preparados os caminhos para o ensino neutro através desta máxima: "foi o mestre-escola que promoveu a vitória do francês". Esta outra sentença: "Necessidade do serviço militar obrigatório para todos", permitiu recrutar os padres, tornou o exército detestado, esvaziou os campos, corrompeu a juventude e diminuiu a natalidade. Coisas essas, todas, desejadas pelo Poder Oculto para os fins que mencionaremos.

De que maneira essas sugestões e mil outras chegaram a dominar o espírito público?

Para responder a essa questão, vejamos inicialmente o que se passa nas lojas.

Sabemos que as federações maçônicas estão divididas em grupos chamados oficinas e que cada uma destas é constituída apenas de um número restrito de pessoas. Nas grandes cidades, as autoridades maçônicas preferem que os franco-maçons fundem diversas lojas a se reunirem numa só. Sendo a maçonaria uma sociedade secreta, é conveniente não precisar instruir em conjunto senão um pequeno número de adeptos.

Sabemos ainda que os graus superiores, se bem que tenham suas oficinas especiais, são obrigados à freqüência assídua das lojas. Nelas nada os distingue de todos os outros maçons que aí se encontram e, no entanto, eles receberam uma iniciação superior, eles pertencem a uma oficina de ordem superior.[1] Mas todos ignoram isso. Eles podem, pois, misturar-se à discussão das questões propostas, sem que se saiba que devem fazer prevalecer a opinião que trazem, adrede preparada, de mais alto. Eles mesmos, os graduados de nível mais alto, foram sugestionados da mesma maneira pelos delegados da maçonaria superior, que pertencem a uma oficina de ordem superior, cuja existência os primeiros ignoram, ou, em todo caso, cujos membros lhes são desconhecidos enquanto tais e que, quando aparecem entre eles, são tidos por iguais. O Poder Oculto pode assim cultivar com sucesso e incógnito as inteligências que vêm se colocar na sua escola; tanto melhor quanto entre esses que

---

[1] Os graduados de nível mais alto não são todos empregados nessas missões, mas somente aqueles reconhecidos como os mais aptos a transportar as inspirações diretivas; aqueles que estão melhor armados para isso, inicialmente por suas aptidões, posteriormente pelo Poder Oculto, ou pelos intermediários deste. Nada os revela aos olhos dos graduados de nível mais baixo. Nas lojas eles usam o simples cordão dos mestres, algumas vezes mesmo o avental de aprendiz. Executam os passos ao entrarem no templo. Representam seu papel humildemente em todas as cerimônias de que participem os maçons do primeiro grau.

foram introduzidos nas lojas pelos recrutadores foi feita uma seleção automática, como diz Copin-Albancelli, por eliminação voluntária. O Poder Oculto tem o cuidado, com efeito, de não opor nenhum obstáculo à saída dos que, em razão do caráter ou do apego aos princípios recebidos pela sua educação, se mostrem insubmissos ao ensino que lhes é dado. Os mestres não têm, pois, diante deles senão escolares dóceis.

Que se faz nas reuniões maçônicas? pergunta-se o ex-franco-maçon Copin-Albancelli; e responde: “Nas reuniões maçônicas começamos ouvindo sermões; e mais tarde fazemo-los nós mesmos. As lojas são lugares em que recebemos a pregação e em que pregamos”. Essa resposta não deve surpreender; porque desde que se trate para o Poder Oculto de lançar sugestões no espírito dos franco-maçons, só existe um meio à sua disposição: a prédica.

Que se ensina?

Primeiramente, e como fundamento da doutrina que será edificada sobre essa base, duas sugestões mestras: 1° A Franco-maçonaria é uma instituição sublime, eterna iniciadora de tudo o que se faz de bom e de grandioso na humanidade; 2° Essa associação se choca com um inimigo: o catolicismo — diz-se inicialmente: o clericalismo. — De onde a conclusão: posto que o catolicismo é o inimigo da maçonaria, ele é o inimigo de todas as grandes causas às quais esta se dedica. Em conseqüência, quem quer que ame as grandes causas deve combater o catolicismo.

Como a Franco-maçonaria pode ser apresentada sob uma luz tão bela e o catolicismo sob uma luz tão deplorável? Fazendo-se da Franco-maçonaria o órgão e o defensor da RAZÃO.

Que é essa deusa, à qual a maçonaria ofereceu tantos sacrifícios humanos no dia em que ela se fez adorar na pessoa de uma prostituta? Conhecemos razões individuais, inteligências humanas nas quais se desenvolvem mais ou menos com a idade, o estudo e a reflexão, a experiência, a ciência e a sabedoria. Mas essas razões individuais são sempre limitadas, mesmo entre os mais sábios e os mais eruditos. A razão assim adquirida pelo estudo e pela experiência outra coisa não é senão um reflexo na alma humana da razão infinita, que é Deus. Querem os franco-maçons defender Deus e a sabedoria infinita contra o catolicismo sob o nome de Razão? Basta colocar a questão para resolvê-la. A Razão que eles nos pretendem fazer adorar é um fantasma que revestem com pomposas palavras deslumbrantes: ciência, progresso, civilização, liberdade, e atrás das quais eles colocam todos os papalvos. Sob todas essas palavras está escondida a contradição das verdades cristãs, a oposição à civilização nascida dos princípios dispostos no mundo pela pregação de Cristo.

Quando o estado de espírito almejado pela dupla sugestão que acabamos de mencionar está bem dentro das cabeças, dão-lhes a conhecer uma a uma as causas em razão das quais todo bom franco-maçom deve trabalhar pelo triunfo da Razão sobre a Superstição, e os meios a adotar para assegurar a supremacia da Razão e aniquilar o catolicismo. Todos os os maçons dignos desse belo título devem colaborar para a realização de tais meios.

Por sobre isso vêm os estudos em comum, cujos temas são fornecidos através dos intermediários sugestionados pelo mais alto, como dissemos. São os diferentes aspectos, os diferentes pontos de uma filosofia anti-católica, de uma ciência história anti-católica, de uma economia social anti-católica e de uma moral anti-católica. O estudo da questão social, por exemplo, permite insinuar todas as idéias de 1789: a soberania do povo, a liberdade, a igualdade e toda a bagagem democrática.[2]

---

[2] “Sofri essa intoxicação, diz Copin-Albancelli, quando estava na maçonaria. Inicialmente inocularam-me certos pensamentos pelos quais minha inteligência tinha sido seduzida e como que cloroformizada. A operação foi completada sem que eu nada sentisse. Minha boa fé permanecera sempre absolutamente intacta, e, de outra parte, eu imaginava que raciocinava livremente. De fato, eu mastigava e ruminava um

Assim é formado no seio do organismo maçônico um estado de pensamento anti-católico, não somente sobre as questões gerais que acabamos de indicar, mas sobre cada uma das questões atuais que se apresentam, ou que o Poder Oculto levanta, tais como a questão do ensino, do divórcio, da separação entre a Igreja e o Estado etc. etc.

Mas, em razão do resultado ao qual tende, o Poder Oculto não pode restringir sua ação aos limites das lojas. É preciso que ele crie igualmente um estado de opinião conforme aos seus desígnios no "mundo profano".

Para isso ele tem em primeiro lugar seus maçons. Recrutados em todas as camadas, eles fazem sentir por toda a parte ao redor deles o contragolpe da ação incessantemente exercida sobre seus espíritos. Eles repetem ou fazem repetir nos jornais e nas conferências, nas escolas e nos liceus aquilo que ouviram dizer pelos pregadores do Poder Oculto. "Ser franco-maçom, dizia o I∴ Laferre no banquete da Convenção de 1903, é ser apóstolo". Deveis ser apóstolos, repete-se-lhes sem cessar. Não falham, e são muito mais audaciosos em espalhar o erro do que o são os bons em defender a verdade. O jornalista nos seus artigos, o publicista nos seus escritos, o autor dramático nas suas peças, o cantor em suas canções, o pornográfico nos seus desenhos, o professor nos seus cursos, o institutor nas suas aulas, todos espalham, sob diferentes formas, o ensino que receberam, as idéias de que foram impregnados, as palavras de ordem que lhes foram transmitidas.[3]

---

certo número de idéias gerais que tinham sido transfundidas em mim, e que, teoricamente justas e verdadeiras na aparência, tornavam-se falsas e destrutivas na aplicação que se lhes dava. À medida que se efetuava essa inoculação, eu perdia cada vez mais a posse de mim mesmo. Não era mais eu quem raciocinava. Era alguma coisa estranha que raciocinava, ou melhor, que desarrazoava em mim, como o absinto desarrazoa o cérebro daquele que com ele se embriaga. Eu era um alucinado, um hipnotizado, como toda a nação. E basta que me lembre disso para ter a certeza de que todos os outros franco-maçons estavam hipnotizados como eu. Isto é tão verdadeiro que, se pude escapar das insinuações que tinham sido lançadas no meu espírito, em grande foi em razão de ter tido a oportunidade de me dar conta, enquanto ainda era tempo, do trabalho que era operado em mim e ao meu redor. Sucedeu um dia que, tendo uma série de artigos para escrever para a *Revue de l'Hypnotisme*, fui levado a refletir sobre as sugestões que são disseminadas nos meios sociais, como outras o são no espírito de certas pessoas sobre as quais atuam os hipnotizadores. Fiquei então impressionado com o que se fazia nas lojas e com o que eu mesmo fazia, e percebi que nós éramos alucinados que, uma vez sugestionados por alguns dentre nós, em seguida sugestionávamos outros. Falava-se acerca da razão, e por nossa vez falávamos também; mas, na realidade, tratavam-se apenas de sugestões lançadas nos nossos espíritos.

[3] Falamos acima do estudo feito por Cochin e Charpentier a propósito da campanha que precedeu as eleições de 1789 em Bourgogne. Eles mostram como a sugestão agiu, naquele momento, de uma extremidade à outra da França, e o que ela produziu.

Em 89 (escrevem eles) a nação parecia erguer-se por si mesma, agir por movimento próprio, sem nada dever aos talentos nem à autoridade de ninguém... (O povo) reúne-se sem ser convocado, assina petições sem que se saiba de onde elas vêm, nomeia deputados sem ter ouvido os candidatos, levanta-se sem seguir ninguém.

E no entanto esse exército de oficiais manobra num conjunto estupendo: vêem-se as mesmas providências serem adotadas ao mesmo tempo nas províncias separadas pelos costumes, interesses, os próprios dialetos, sem falar nas alfândegas e nos maus caminhos. Em novembro de 1788 toda a França pede a duplicação do terço nos Estados-Gerais [N. do T.: em outras palavras, a classe popular (Le Tiers Etat) — por oposição ao clero e à nobreza — pretendia dobrar o número de seus representantes nos Estados-Gerais]; em janeiro de 89 o voto pessoal; em março, toda a França envia aos Estados-Gerais reclamações tão semelhantes que se poderiam crer escritas segundo o mesmo rascunho pelo mesmo filósofo panfletário: porque os aldeões, também eles, falam de filosofia em seus cadernos, para permanecerem em uníssono. Em meados de julho, no momento do Grande Medo, toda a França se julga ameaçada por malfeitores e toma as armas; no fim do mês, toda a França está tranqüila: não havia malfeitores. Mas a guarda nacional tinha saído do nada em cinco dias, ela obedecia à palavra de ordem dos clubes, e as comunas permaneceram armadas.

Não se deve crer que esses missionários da doutrina maçônica estejam todos de má-fé. Eles foram fanatizados, cegados, de tal sorte que é, talvez, com convicção que eles pregam seus erros. Um grande número deles é de *crentes*; eles acreditam na missão da Viúva, e fazem-se apóstolos dela com fanatismo. Conseguiram persuadi-los de que a Ciência, o Progresso, a Civilização exigem a destruição do Cristianismo. Eles crêem nisso. E essa fé constitui uma força considerável entre os ingênuos. "É preciso ver, diz Copin-Albancelli, até onde vai sua alucinação".

Assim como os graduados são delegados nas reuniões da Franco-maçonaria azul, assim também os franco-maçons são delegados nessa multidão de associações que sabemos depender dela. "Nossa Comissão, diz o relatório do congresso maçônico de Amiens de 1894, estimou que esse meio (de ação sobre a opinião pública através das sugestões maçônicas nas sociedades de caráter indiferente) devia ser designado de uma maneira toda particular à vossa atenção. Ele vos propiciará, com efeito, a vós, a ocasião de fazer predominar nossas idéias em toda a parte *se tivermos o talento de organizar essas sociedades, continuando elas nos bastidores*".

O I∴ doutor Savoire, relator da Comissão de Propaganda da Convenção de Paris, 1900, disse a mesma coisa a propósito dessas sociedades laicas:

"Seria preciso que a F∴ M∴ se apoderasse dessas Associações, *de uma maneira OCULTA.* Bastaria que um certo número de F∴ M∴ entrasse no Conselho de cada uma dessas instituições de maneira a nele exercer uma *influência preponderante*..."

O I∴ Blatin dizia a seus co-maçons, na Convenção de 1892: "sois um estado-maior, sois oficiais que ainda não agrupastes suficientemente as tropas que deveis conduzir ao combate. *Essas tropas, não podeis trazê-las a nossas lojas*, mas é preciso conseguir reunir em torno de vós todas essas massas do sufrágio universal que não pedem senão ser disciplinadas por vós". Um ano antes que o I∴ Blatin pronunciasse essas palavras, o congresso das lojas do Midi nos comunicava que, somente naquela parte da França, "o livre-pensamento já contava *seiscentos grupos* cuja formação era devida em grande parte à Franco-maçonaria". Aqui não mais se trata de sociedades neutras, mas daquelas que têm por si mesmas um caráter anticlerical, como a "Liga do Ensino", as "Uniões Amistosas de Solidariedade", as "Amistosas de Instituidores", os "Círculos de Estudo", as "Bibliotecas Populares" etc. etc.[4]

E essas são apenas as grandes etapas do movimento: o mesmo conjunto nos detalhes. Se vemos uma comuna subscrever um requerimento ao rei, "esse novo Henrique IV", e a Necker, "nosso Sully", podemos estar certos de encontrar os habitantes de uma outra comuna, na outra extremidade do reino, ocupados em redigir o mesmo requerimento, precedido das mesmas invocações.

Os franceses de então parecem obedecer a uma espécie de harmonia preestabelecida que os faz praticar os mesmos atos e pronunciar as mesmas palavras em todos os lugares ao mesmo tempo; e quem conhece os fatos e gestos de tais burgueses do Delfinado ou do Auvergne, conhece a história de todas as cidades da França ao mesmo tempo.

Assim, nessa singular campanha, tudo se passa como se a França inteira obedecesse a uma palavra de ordem do mais bem articulado dos partidos, e não se vêem partidos...

Havia uma conspiração. Como e por quem foi ela formada? (A. Cochin e CH. Charpentier, *La Campagne Electorale de 1789 en Bourgogne*, Paris, 1904, pp. 5, 6 e 7).

O I∴ Jouaust respondeu por antecipação a essa pergunta de Cochin e Charpentier — no que diz respeito à Bretanha — quando disse:

"*A união, até então incompreendida, com que todas as cidades da Bretanha se levantam para agir no mesmo momento, com o mesmo objetivo, explica-se facilmente pela correspondência incessante das lojas tão numerosas nessa província*". (*Le Monde Maç∴*, dezembro de 1859, p. 479).

[4] Jean Bidegain, na sua obra *Masques et Visages Maçonniques*, página 30, escreve:

"A Franco-maçonaria criou por obra inteiramente sua:

A Sociedade Republicana das Conferências Populares;

A Comissão de Ação para as Reformas Republicanas;

Essas sociedades neutras ou livre-pensantes foram constituídas pela maçonaria, e elas não o sabem; elas são dirigidas pelos representantes dessa sociedade secreta, e elas o ignoram; são alimentadas por suas idéias, e não se dão conta disso. É exatamente a realização do desejo formulado pela *Revue Maçonnique*: "*É preciso usar influências individuais cuidadosamente acobertadas*".

A Franco-maçonaria, sem que se atente para isso, criou, pois, em torno dela uma multidão de sociedades nas quais dissemina suas sugestões, da mesma forma como o Poder Oculto as dissemina no seio dela. Essas sociedades constituem seus exércitos, e ao mesmo tempo sua cobertura protetora, da mesma forma como ela é o exército e a cobertura protetora do Poder Oculto.[5] Através desses milhares de

---

A Liga de Ação Republicana;
As Uniões da Juventude Republicana;
As Uniões Fraternas.
O espírito da seita anima as sociedades cujos nomes seguem:
A Liga dos Direitos do Homem;
A Liga do Ensino;
Sociedade Nacional das Conferências Populares;
Associação Politécnica;
Sociedade das Universidades Populares;
Sociedade para a Instrução Primária;
União Democrática para a Educação Social;
Círculo Popular de Ensino Leigo;
Patronato Leigo de Ensino Popular e de Educação Moral e Cívica;
As Casas do Soldado;
As Casas do Marinheiro;
A maior parte dos *Patronatos Leigos*, dos *Fundos* ou *Soldos das Escolas*, das *Caixas das Escolas* e das *Bibliotecas Populares*.

[5] Além das sociedades acima mencionadas, outras existem diretamente afiliadas à Franco-maçonaria, sem no entanto a ela pertencerem. Eis, sobre essas sociedades, as informações precisas e autênticas emprestadas do *Bulletin Maçonnique* de abril de 1892, p. 26:

COLETIVIDADES ADERENTES. — Art. 1° - Todas as associações que possuam uma organização permanente e um funcionamento regular, tais como as sociedades de livre-pensamento, patronatos, ligas de ensino patriótico ou de defesa de interesses materiais ou morais, sociedades de previdência, de auxílio mútuo e filantrópicas de toda espécie, sociedades de companheiros, sindicatos profissionais, associações corporativas, bibliotecas populares etc., podem tornar-se *grupos aderentes* à Franco-maçonaria a título coletivo.

Art. 2° - Toda associação que quiser tornar-se grupo aderente à Franco-maçonaria fará a solicitação a uma loja por ela escolhida, à qual será enxertada.

Art. 3° - A admissão só será definitiva após aviso de acordo da grande loja simbólica. Para tanto, a loja transmitirá ao secretariado geral o extrato da ata de sua sessão relativa à apreciação do pedido do grupo; ela anexará a lista dos membros que compõem o dito grupo, indicando-lhes os nomes, domicílios e profissões. Cada ano ela publicará as modificações ocorridas nessa lista em conseqüência de admissões ou cancelamentos.

Art. 4° - As lojas poderão constituir com os grupos a elas enxertados, a título provisório ou permanente, comissões mistas para organizar festas, concertos e todas as reuniões de propaganda julgadas úteis.

(a) FRIQUET.

Em muitos casos os simples membros dessas sociedades aderentes não suspeitam de que estão assim arregimentados e *enxertados* à Franco-maçonaria. São seus chefes que, sem os ter consultado, dispuseram deles e de seus nomes, e que, em seguida, manobram-nos no sentido maçônico como marionetes.

Durante muito tempo o caráter maçônico da Liga de Ensino foi escondido e mesmo negado; quando se julgou chegado o momento o véu foi rasgado.

No V Congresso da Liga, realizado em Lille, em 1885, o I∴ Macé declarava isto: "Outrora nós afirmávamos que a Liga de Ensino não era uma instituição política nem religiosa. Hoje não é mais assim. Hoje é preciso afirmar que a Liga é uma instituição maçônica".

E o I∴ Adrian Duvaud, na Convenção de 1898, declara que foi a Liga de Ensino que fez votar as leis escolares da República", que "é uma instituição maçônica", que "o espírito maçônico sempre esteve

sociedades, e através das incessantes insinuações que lhes são feitas, como poderia o Poder Oculto não deixar de destruir de alto a baixo o modo de pensar de uma nação? Tirar do francês todas as tradições francesas, substituí-las por outras, é a obra à qual a Franco-maçonaria se dedica há dois séculos com a maior constância e sucesso, a fim de levar nosso país a destruir-se a si mesmo.

———— ♦ ————

presente nela". E o I∴ Lecoq, na Convenção de 1900, declarava: "Não devemos esquecer que ao lado da Franco-maçonaria existe a filha da Franco-maçonaria, a Liga de Ensino".

CAPÍTULO XXXIII

CORRUPÇÃO DAS IDÉIAS *(continuação)*

V. — INSINUAÇÕES ANTI-TRADICIONALISTAS

Pela ação de um organismo concebido e empregado com uma sabedoria infernal, o Poder Oculto que preside à Franco-maçonaria pode, pois, lançar no espírito da multidão insinuações favoráveis a seus desígnios e repeti-las sem cessar.

As principais insinuações lançadas ao público no século XVIII foram a da *igualdade,* que devia libertar os judeus e colocá-los em pé de igualdade conosco franceses; e a da *liberdade,* que devia suscitar a Revolução. Tratamos disso no livro *Vérités Sociales et Erreurs Démocratiques*.

Hoje, as insinuações do humanitarismo, da abolição das fronteiras, sejam políticas, sejam dogmáticas, ocupam o primeiro lugar. Elas têm por escopo destruir todo amor à pátria e à religião, a fim de que sobre essas ruínas se possa edificar a Jerusalém da nova ordem, que deve se estender a todo o universo. Falaremos sobre isso na segunda parte desta obra.

Aqui devemos limitar-nos às insinuações anti-tradicionalistas semeadas na França a fim de destruir a nacionalidade francesa, porque a alteração das tradições francesas no espírito dos franceses é a condição prévia, necessária ao desígnio da seita, que é, podemos dizer com toda a certeza, o assassinato da França.

Mais de cinqüenta anos foram assim empregados em sugestionar o espírito público e em preparar a Revolução; e eis setenta anos empregados da mesma maneira para nos levar à situação atual e à que deve sucedê-la. Ontem como hoje, a seita, antes de agir, começou criando um estado de espírito novo fundado sobre o desprezo e o ódio às tradições do povo francês: tradições políticas, assim como tradições religiosas, as duas raízes mestras da árvore nacional, como diz Copin-Albancelli. Destruí-las pela força era impossível. Chega-se ao objetivo através da insinuação e da mentira.

À primeira vista é-se levado a crer que uma nação não pode ser vencida senão por exércitos. É um erro. A par das feridas que fazem correr o sangue das veias, há outras mais debilitantes e de cura mais difícil, aquelas que fazem correr o sangue da alma. Onde se encontra a alma de um povo? Em suas tradições. É nas suas origens e nas tradições que daí surgiram que estavam e estão as verdadeiras fontes de sua vida. Ora, quem quer que examine os fatos de nossa história contemporânea pode convencer-se de que um imenso e incessante esforço é realizado há cento e sessenta anos para matar a alma francesa através deste procedimento: desligá-la de suas origens e de suas tradições, fazendo com que as esqueçam, inspirando-lhes a respeito delas o ódio e o desprezo.

"Há mais de um século, diz Gustave Bord no prefácio de seu livro intitulado *La Franc-Maçonnerie en France, des origines à 1815*, os historiadores e os economistas se perguntam como um país essencialmente monárquico e católico como a França pôde mudar bruscamente de ideal e de fé... Nenhum historiador de boa-fé tem posto em dúvida que a alma do país fosse realista e crente... É preciso que um mal mais terrível (que o déficit financeiro etc.) tenha invadido o que então se chamava a opinião pública: o objetivo desse estudo é provar que o mal que devia contaminar o mundo inteiro não era somente a Franco-maçonaria, mas sobretudo o ESPÍRITO

MAÇÔNICO, o espírito maçônico criado por sugestões contínuas e que se difunde das lojas para todo o mundo profano".

"Quando se quer que um povo viva, diz ainda Bord, não se destróem as fontes de sua vida. Não se atacam odiosamente suas lembranças. Mesmo no caso em que se torna necessário escolher entre diferentes caminhos que o futuro pode oferecer, faz-se-o com o respeito devido a si mesmo e que mais ainda se deve aos antepassados em virtude dos quais existimos; consideramos piedosamente as modificações de que essas tradições são susceptíveis, graças às quais eles construíram aquilo que nos foi transmitido. Agimos não de maneira a matar o passado, nem a desonrá-lo, mas de reatá-lo às novas condições que podem resultar da mudança de idade das nações. Se, pelo contrário, se quer que um povo morra, nada mais lógico do que de feri-lo nos pontos em que se encontram as próprias fontes da vida.

"Não é singularmente impressionante essa caminhada da maçonaria, instalada no meio de um povo cujos olhos ela começa por fechar e cuja razão ela embriaga; depois, que suprime, uns após outros, todos os órgãos da nossa vida nacional, atacando primeiro aqueles cujo desaparecimento o Poder Oculto julga mais urgente: a monarquia, tradição nacional política, força que mantinha a coesão do corpo social, que coordenava os esforços em caso de defesa; depois o catolicismo, força moral que dava às almas o impulso na falta do qual a melhor organização permanece inútil, como seria uma máquina, mesmo a mais perfeita, na qual não houvesse nenhum vapor? Terminadas essas destruições prévias, estando a alma do país adormecida, senão destruída, e seus membros ou dispersos ou paralisados, reduzidos à impotência defensiva, o Poder Oculto ocupa-se sucessivamente das idéias, doravante sem proteção, de propriedade, família, moralidade, que, na falta das instituições tradicionais e dos princípios fundamentais previamente aniquilados, distinguiriam ainda o homem do animal. Ele quer que seja apagada essa última distinção, e se encarniça em proclamar que trabalha pela luz, pela justiça, pela civilização, pelo progresso! Ele ataca, enfim, a própria idéia nacional, da maneira como atacou todas as outras, quer dizer, divulgando sub-repticiamente, através da fraude e da mentira, nas suas lojas, e daí para o mundo profano, as idéias que entende necessárias para fanatizar uns, entorpecer outros. Foi através da renúncia a todas as nossas tradições que o Poder Oculto resolveu nos matar, fazendo de nós os artesãos da nossa ruína".

Isto começou com Voltaire e a escola enciclopedista. Eles prepararam a Revolução através de uma propagação de idéias.

"Devemos temer, dizia Mirabeau a Chamfort, a oposição da maioria da nação, que não conhece nossos projetos e que não estaria disposta a oferecer-nos seu concurso. Fá-la-emos desejar e dizer o que ela jamais pensou. Se ela duvidar disso, responder-lhe-emos como Crispim ao legatário: É a vossa letargia. A nação é um grande rebanho que não pensa senão em pastar e que com bons cães os pastores conduzem à vontade deles. Afinal, é o bem deles que queremos fazer sem que o saibam. Nem seu velho regime, nem seu culto, nem seus costumes, nem suas antiqualhas de preconceitos merecem ser poupados. Tudo isto causa vergonha e compaixão a um século como o nosso e, para traçar um novo plano, é necessário limpar o terreno".

Graças a esse envenenamento dos espíritos, eles conseguiram cortar a cabeça do rei e liquidar o culto católico.

Napoleão, dando-se conta das necessidades que se impunham, restaurou a tradição religiosa; e quis criar um novo tradicionalismo político. Não tendo querido fazer a primeira dessas coisas como o Papa a entendia, não teve êxito na segunda.

Após a Restauração, todo o trabalho realizado pela seita estava por ser refeito; ele foi retomado da mesma maneira. Ela atacou inicialmente o tradicionalismo político. Mediante o liberalismo e suas hipocrisias, ela conseguiu destronar os Bourbons, restabelecer uma República; depois, não a achando mais viável, substituiu o tradicionalismo político francês de novo pelo Império, que é uma reprodução fraudulenta daquele. Ao mesmo tempo, a unidade italiana era preparada para atacar o

baluarte do catolicismo, o Papado; e Napoleão III era citado por emprestar suas mãos a esse atentado, de todos o mais funesto. E enquanto ele se efetivava, toda uma série de assaltos se sucediam entre nós, com tanta paciência quanta perfídia, ao tradicionalismo religioso. Sabemos o que resultou disso.

A França pareceu tornar-se dona da situação após a guerra, a invasão e a Comuna, e pareceu querer fugir à Franco-maçonaria e ao Poder Oculto através do retorno ao tradicionalismo religioso e político. Foi esta a marca das eleições de 1871. Mas a seita soube semear entre os representantes da nação divisões que abortaram tudo. O tradicionalismo político foi abatido em 1874 e 1877, e desde aquele momento a guerra ao tradicionalismo religioso foi lenta mas seguramente conduzida. Ela começou pela escola laica, foi seguida pela expulsão das congregações religiosas; hoje ela está na fase da separação entre a Igreja e o Estado, esperando que isso possa liquidar a Igreja da França.

Tudo quanto se tentou desde 1880 para fazer os franceses esquecerem o que foram, o que são, o que devem ser, foi preparado nas lojas. Para convencer-nos disso basta consultar o *Bulletin du Grand-Orient*. Ali se vê que todas as leis, todas as medidas anti-religiosas, anti-morais, anti-sociais, adotadas pelo governo ou fabricadas pelo Parlamento, foram discutidas e votadas nas oficinas maçônicas mais ou menos tempo antes de o serem na Câmara ou no Senado. Quando foi feita a observação a esse respeito, o *Bulletin du Grand-Orient* desapareceu do depósito legal, deixou de ser levado até lá, de sorte que hoje é impossível realizar novas descobertas.

Assim, depois de cinqüenta anos, a mesma marcha é sempre inflexivelmente seguida em direção ao mesmo fim; são as mesmas machadadas do lenhador invisível buscando a destruição na França dessa dupla raiz da árvore francesa: o tradicionalismo político e o tradicionalismo religioso. Hoje, o anti-tradicionalismo religioso é levado até ao ateísmo nas escolas; e o anti-tradicionalismo político até à demolição da idéia de Pátria nas forças armadas. Outrora esse plano era negado; não o é mais, porque os franco-maçons crêem não dever mais se incomodarem, estando já morto um dos dois tradicionalismos, dizem eles, e morrendo o outro. “Agrada-nos verificar que não estamos alheios a essa dupla ruína, dizia em 1902, num canto de triunfo, o auxiliar de lenhador I.·. Delpech. Do ponto de vista político, os franco-maçons variaram; mas em todo tempo a Franco-maçonaria se manteve firme nesse princípio: guerra a todas as superstições, guerra a todos os fanatismos... O triunfo do Galileu durou vinte séculos; está morrendo”. O canto de vitória contém uma mentira. Ele diz: guerra a todas as superstições, a todos os fanatismos; ora, existe uma “superstição” e um “fanatismo” que a maçonaria jamais combateu: é a “superstição” e o “fanatismo” judeus. Por Israel, contra o “Galileu”! tal é a fórmula que de melhor maneira resume a obra maçônica. O outro ponto dessa declaração — “Do ponto de vista político, os franco-maçons variaram” — pede explicação: sim, a seita adulou a Restauração, mas para desviar a atenção de suas manobras. Ela trabalhou pelo estabelecimento de um poder pessoal nas pessoas dos Napoleões, mas para servir-se deles. E no que diz respeito aos nossos reis, ela jamais deixou de carregar no seu coração e de executar, tanto quanto as circunstâncias o permitiam, essa palavra de ordem que lhe foi dada nas origens: *Lilia pedibus destrue*.

Tudo isso a seita pôde fazer graças à sua ação sobre o espírito público através dos meios acima mencionados.

Na obra já citada, Bord dá o nome de “empedrados” às pessoas iniciadas ou profanas que estão impregnadas da doutrina maçônica. Os romanos chamavam de “pedreiras” as minas de pedra onde encerravam os prisioneiros. Os “empedrados” são pois os cativos da maçonaria, seus cativos intelectuais, aqueles de cujo espírito ela se apossou. Há muito mais desses cativos no mundo profano do que nas lojas. São todos aqueles nos quais as insinuações maçônicas obliteraram mais ou menos o ideal dos nossos antepassados, o ideal que construiu a França. G. Bord faz esta observação, que é hoje tão patente quanto antes da Revolução: “O empedrado foi um perturbador tão terrível quanto o iniciado, porque sua mentalidade era a causa fatal do

ambiente criado pelo dogma igualitário. Com efeito, a mentalidade maçônica agia tanto sobre o empedrado quanto sobre o iniciado, e a maioria deles não via mais exatamente as transformações que a maçonaria tinha produzido nas suas inteligências, nas suas vontades e nas suas consciências. *Eis aí precisamente onde se encontra a força da maçonaria. Aí também está o perigo que ela representa".*

A França tinha como ideal a religião católica e a realeza tradicional. Foi da união dessas duas idéias e desses dois fatos que nasceu a pátria francesa; é ao culto delas que ela deve seu desenvolvimento, sua prosperidade e sua supremacia sobre a Europa e sobre o mundo civilizado.[1] Ó tristeza! como ela decaiu, depois que se instalou em seu seio uma associação que constantemente trabalha, e com tantos cúmplices fora dela, para secar nas almas essas duas fontes da vida nacional!

Esses cúmplices são encontrados até nas nossas fileiras. No que diz respeito à tradição religiosa, não foi entre os católicos que a encíclica *Pascendi* teve de procurar e condenar os promotores do modernismo? E que faz o modernismo? Ele combate hipocritamente as próprias raízes do cristianismo. Como o protestante, o modernista nega a autoridade divina da Igreja; como o racionalista, o modernista nega a divindade real de Nosso Senhor Jesus Cristo; como o panteísta e o ateu, o modernista nega a existência real de um Deus distinto do mundo; como o cético, o modernista recusa à razão humana o poder de conhecer realmente alguma verdade. E negando tudo isso, o modernista mantém toda a aparência, toda a fachada, todas as fórmulas do catolicismo. Por isso Pio X pôde dizer: "Não devemos procurar os adeptos desses erros entre os inimigos declarados; eles se escondem no próprio seio e no coração da Igreja, inimigos tanto mais temíveis quanto menos declaradamente o são. Falamos de um grande número de católicos leigos, e, o que é de se deplorar mais ainda, de padres que, sob a coloração de amor à Igreja, colocam-se, menosprezando toda modéstia, como renovadores da Igreja. Em falanges cerradas, eles praticam audaciosamente o assalto a tudo quanto há de mais sagrado na obra de Jesus Cristo".

Pode existir perigo maior para a tradição religiosa e sua conservação no nosso país do que este aqui descrito?

O perigo não é menor para a tradição nacional. Os franco-maçons julgam-na morta, não obstante vejam apenas a agonia da tradição religiosa. Eles se equivocam. O catolicismo não está morrendo, mesmo na França; e a idéia monárquica não está morta. Ela revive; ela se refaz dos golpes que lhe foram infligidos durante um século. Mas a seita jamais abandonou as armas; ela continua o combate e ela o desenvolve ali onde ela crê que será mais decisivo. É a razão pela qual ela endereça o ataque primeiramente às escolas. De Maistre disse que a História, depois da Reforma, é uma conspiração contra a verdade. Essa conspiração é patente no ensino de todos os níveis, assim na escola primária como na secundária e nas universidades. Na pesquisa que se realiza neste momento acerca dos livros clássicos, verifica-se um igual encarniçamento contra a verdade religiosa e contra a verdade histórica: em todas as páginas a falsificação premeditada dos fatos e das doutrinas é feita para criar na alma das crianças preconceitos irremovíveis. Tal a recomendação que fora feita à Grande Loja: "É preciso chegar à juventude, é preciso seduzi-la, é ela que devemos levar conosco sem que o perceba".

Ao sair das escolas, o jovem é apanhado pelas associações; é catequizado pelos jornais; é envolvido por apóstolos dos quais não julga dever desconfiar e que, na verdade, são os mais perigosos porque se apresentam com um ar religioso e patriótico.

---

[1] Do século oitavo ao décimo quinto não houve no mundo senão um povo no seu apogeu: a França. Tudo o que ela então fez de grande nasceu da dupla inspiração religiosa e nacional.

Qual o jornal, qual a associação mais encarniçada contra a tradição monárquica do que o *Sillon*, para citar apenas esta?[2] Os jovens católicos que ela arrasta consigo, através do atrativo de idéias generosas, mas vagas, imprecisas, podem desconfiar de que, hipnotizando-os na contemplação da idéia democrática, o *Sillon* executa a obra da maçonaria? Podem eles desconfiar de que a idéia fundamental do *Sillon* é uma idéia judia, uma dessas idéias que são empregadas pela seita judaico-maçônica para sujeitar a França e sabotar o catolicismo? Não podem, porque nos seus círculos de estudos, evita-se atrair a atenção deles para o lado da seita. Através do estudo sério, aprofundado, da questão maçônica, eles veriam aquilo a que a seita se propõe, os meios que emprega para chegar a seus fins, as insinuações que julga útil espalhar para obter colaboradores entre os "profanos". Eles veriam que esses colaboradores são procurados de preferência entre eles, em razão das qualidades naturais da juventude e dos recursos que ela apresenta para o apostolado no presente e para as instituições que serão estabelecidas no futuro. Aproveitando-se da simplicidade e da candura próprias à idade, ela trabalha para fazer das associações a que eles pertencem uma escola de dissociação anti-católica e também anti-francesa. Não vimos o *Sillon* aderir aos que insultam Joana d'Arc? E no entanto, se há uma tradição francesa digna de respeito e de entusiasmo, é exatamente essa. Não vimos o *Sillon* fazer por toda a parte alianças com os protestantes, e mesmo com as *Uniões Cristãs*, cuja finalidade declarada é arrastar a juventude de todos os países do mundo para uma religiosidade que sacode o jugo de todo dogma? As coisas semelhantes se atraem e o ódio à tradição monárquica devia necessariamente trazer atrás dele pelo menos a indiferença na ordem religiosa.

O Papa, os bispos freqüentes vezes advertiram-nos no que concerne à religião; homens dignos de toda consideração advertiram-nos relativamente às coisas da pátria. Eles fecham obstinadamente os ouvidos, tanto a insinuação maçônica se apoderou fortemente de seu espírito. Quantos há entre eles que podem se dar conta disso!

Quem estudou a seita maçônica, quem conhece seus fins e os meios de ação que emprega, não duvida que sua influência se exerça algumas vezes mesmo nos jornais mais bem reputados. Pela maneira como são tratadas certas questões, sente-se o hálito, a inspiração da seita. Se há uma questão urgente entre todas é exatamente a da união dos católicos num mesmo pensamento e numa mesma ação. Desde os primeiros dias de seu pontificado, na sua primeira Encíclica, nosso Santo Padre o Papa Pio X assinalou o único terreno no qual eles podem se compreender e unir seus esforços. Ele próprio se colocou ali, convidando-os a se agruparem em torno dele e oferecendo-se para dirigi-los. "Em face da guerra ímpia que foi levantada e que vai continuando quase por toda a parte contra Deus... se nos pedem uma divisa que traduza o próprio fundo de nossa alma, não daremos outra que não esta: *Restaurar todas as coisas em Cristo*... Existem, e em grande número, não o ignoramos, aqueles que, levados pelo amor à paz, quer dizer, da *tranqüilidade da Ordem*, se unem e se agrupam para formar o que eles chamam de partido da *Ordem*. Que pena! vãs esperanças, trabalho perdido! Partido da Ordem capaz de restabelecer a tranqüilidade em meio à perturbação das coisas só há um: O PARTIDO DE DEUS". Essa palavra devia, parece, unir todos os órgãos católicos de publicidade. Mas não. Os mais ostensivamente católicos preferiram o *partido da Ordem* ao *Partido de Deus*; e a ação liberal à ação católica! E quando a constituição do Partido de Deus pede, atualmente, que cada qual, na defesa dos direitos de Deus, da Igreja e das almas, faça abstração de suas preferências políticas, esses mesmos jornais "católicos" exigem, preliminarmente a qualquer acordo e a qualquer ação em comum, uma profissão de fé

---

[2] A Associação da Juventude Católica, em muitas províncias, não se distingue suficientemente do *Sillon* sob esse aspecto.

republicana. Quem não reconheceria nisso a inspiração maçônica, a insinuação da seita que nos dotou com a república, ao mesmo tempo em que declarava de viva voz e por suas obras que a república outra coisa não é senão "a maçonaria a descoberto"? Não foi com leviandade que Copin-Albancelli disse: "O jornal moderado, patriota, religioso mesmo, pode ter, sem que o saiba, seu ou seus franco-maçons, que não dizem senão o que podem dizer. Se não tem seu ou seus franco-maçons, há tal ou qual de seus redatores que estão embebidos, graças a "influências individuais cuidadosamente acobertadas", de espírito maçônico diluído na medida conveniente para ser assimilado no meio em que deve agir. Esses "maçonisantes" transmitem, por seu turno, a seus confrades o espírito que receberam. E é assim que nossa imprensa, mesmo a da oposição, está atacada em muitos pontos por infiltrações maçônicas.[3] Dá-se o mesmo com as oficinas, os salões, os grupos que nós constituímos". Podemos dizer infalivelmente que tudo o que está marcado pela estampilha "liberal" vem das lojas através de caminhos mais ou menos tortuosos.

A que conclusão chegar?

O Poder Oculto tem baseado sua ação sobre um estado de espírito.

Esse estado de espírito é anti-tradicionalista. Anti-tradicionalismo religioso e anti-tradicionalismo político. Ele é resultado das sucessivas divisões operadas entre nós há quatro séculos.

Quando um operário de pedreira quer partir um bloco de pedra, diz Copin-Albancelli, ele começa por separá-lo em dois pedaços. Em seguida ele ataca um e outro, e por seu turno os subdivide. Ele continua assim, fazendo pedaços cada vez menores, até que estejam reduzidos à dimensão que lhe convém.

Tal é o procedimento que serviu para reduzir a França ao estado em que a vemos.

Seu adversário começou por parti-la em dois grandes fragmentos. Foi o dia em que ele conseguiu introduzir o protestantismo.

O bloco católico e monarquista francês, após ter sido reduzido pela quebra resultante do estabelecimento do protestantismo, foi de novo partido pela filosofia do século XVIII. O estouro foi então duplo: ele se produziu no sentido religioso e no sentido político. A Revolução foi a conseqüência disso e após ela, em lugar do bloco católico e monarquista já reduzido, houve, de um lado, católicos e "filósofos", e de outro lado, monarquistas e republicanos.

Sobreveio o Império, que constituiu uma tentativa de reaglutinação devida à ambição e ao gênio de um homem, apoiados no instinto de conservação da nação. Quando esse homem caiu, a tarefa da Restauração tinha-se tornado muito difícil, porque no lugar do bloco nacional de outrora havia então na França católicos, protestantes, deístas, ateus, realistas, imperialistas e republicanos. Um novo

---

[3] Louis Teste contou o que segue:

"Um dos nossos bispos, hoje arcebispo, tendo ido, não sei mais em razão de que negócio, visitar um de nossos confrades em seu escritório, encontrou-o em companhia de alguns de seus colaboradores, que logo lhe foram apresentados; mas dois deles já se tinham precipitado para beijar o anel episcopal, se bem que em Paris isso não fosse costume, fato que anoto sem apreciar-lhe o mérito. Ao sair, o bispo disse à pessoa que o acompanhava: "Oh! aí estão dois ótimos católicos, Fulano e Ciclano!" Eram os dois judeus que tinham beijado o anel. Recebi essa anedota de primeira mão e garanto sua autenticidade".

Quanto aos que se espantariam com o que está dito aqui, bastaria pôr-lhes sob os olhos a revista maçônica *L'Acacia*, número de março de 1908, página 235:

"Por que razão, quando a *Croix* tiver o monopólio incontestado da direção dos católicos, não nos apossaríamos dela, com o concurso dos judeus, dos protestantes e do governo, comprando-lhe as ações?

"Varreríamos então toda a redação católica "para substituí-la por uma de livres-pensadores astuciosos que inicialmente conservariam o tom da casa, depois o mudariam *pouco a pouco*". Fazer um jornal evoluir sem que seus leitores o percebam, assim como um fabricante de chocolate muda seu cacau, *é a origem da arte*".

desmembramento operou-se quando o ramo cadete sucedeu ao ramo primogênito: um partido orleanista passou a existir desde então a lado dos outros já tão numerosos.

Desde então o misterioso inimigo não cessou de trabalhar no mesmo sentido. Ele tem martelado, sem descanso e sem que pessoa o veja agir, sobre os fragmentos produzidos pelas sucessivas explosões do antigo bloco francês. E faz isso tão bem que hoje não somente há na França católicos, protestantes, deístas, ateus, realistas, imperialistas e republicanos, mas ainda cada um desses agrupamentos encontra-se subdividido num grande número cada vez mais crescente de sub-agrupamentos.

Olhai por toda a parte, à direita, à esquerda, entre os crentes e os incrédulos, entre os patriotas e entre os que não mais o são, entre os autoritários e os liberais, em todos os meios, em todos os campos, em todos os graus da escala social estabeleceu-se a guerra incessante, incessantemente renovada a qualquer pretexto.

Os germes dessa guerra foram inoculados nas gerações que precederam a nossa pelo inimigo mascarado com o qual disputamos e nos foram transmitidos como conseqüência irresistível dos estados de choque anteriores.

Só há uma coisa a opor a esse deplorável estado: as doutrinas verdadeiras às doutrinas falsas; uma contra-propaganda que tenda a recolocar em lugar de honra, com uma constância incansável, os princípios de nossa raça, a criar um espírito oposto àquele que a seita não há muito faz prevalecer.

“A antiga França, diz Gustave Bord, tinha como ideal a religião católica e a realeza tradicional. Dessas duas crenças nasceu a pátria francesa; doutrinas maçônicas puderam fazer com que momentaneamente a esquecêssemos; mas estou convencido de que a França de amanhã retomará suas antigas tradições; que elas estarão de acordo com as necessidades do mundo moderno e que nosso país tornará a ser a nação enérgica e generosa que ela foi sob seus reis”.

——— ♦ ———

CAPÍTULO XXXIV

CORRUPÇÃO DAS IDÉIAS *(continuação)*

VI. — PROPAGANDA ATRAVÉS DA VENDA AMBULANTE E DAS ESCOLAS

Assim, pois, para difundir as idéias que ela tem interesse em fazer prevalecer, a Franco-maçonaria usa antes de tudo "influências cuidadosamente acobertadas", influências dos iniciados em grau elevado sobre os maçons vulgares, influências dos maçons sobre as sociedades que organizaram ou nas quais puderam se introduzir, e através delas e deles, influências sobre a opinião pública em todas as classes da sociedade.

Mas, para chegar aos resultados que deseja obter, o partido oculto não se contenta com essas influências.

Na carta de 18 de janeiro de 1822, Piccolo-Tigre felicitava-se pelos recursos abundantes que obtinha de Londres para a propagação das idéias liberais e humanitárias através de brochuras e de jornal das idéias liberais e humanitárias.

"Ofertas consideráveis foram-me feitas. Logo teremos em Malta uma gráfica à nossa disposição.[1] Podemos, pois, impunemente, e de maneira infalível, e sob o pavilhão britânico, espalhar de uma extremidade à outra da Itália os livros, brochuras, etc., que a Loja no momento apropriado colocará em circulação". No dia 5 de janeiro de 1846, o mesmo Piccolo-Tigre escrevia de Livourne para Nubius: "Nossas gráficas da Suíça estão no bom caminho. Elas produzem livros tais como os desejamos; mas são um pouco caros; destinei a essa *propaganda necessária* uma parcela bastante considerável dos subsídios recolhidos. Vou utilizar o restante nas missões diplomáticas".

Agora, a seita tem suas gráficas por toda a parte e a venda ambulante de suas produções é favorecida pelas leis.

---

[1] Em março de 1763 Voltaire escrevia a Helvécio: "Por que os adoradores da razão permanecem em silêncio e no temor? *Que coisa os impediria de terem uma pequena gráfica* e de publicar obras úteis e curtas, das quais seus amigos seriam os únicos depositários?... Oporíamos assim, ao *Pédagogue Chrétien* e ao *Pensez-y bien* verdadeiros livrinhos filosóficos que temos necessidade de espalhar sutilmente por toda a parte. Não os venderíamos, nós os daríamos a pessoas afiliadas, que os distribuiriam a jovens e a mulheres..."

O conselho foi seguido, como vimos mais acima, e esta foi uma das coisas que melhor prepararam a Revolução.

Um certo Leroy, tenente das caçadas reais, exclamava em 1789, num jantar mencionado por Barruel e que se realizou na casa de d'Angevilliers, intendente dos palácios do rei: "Eu era secretário da comissão à qual deveis essa Revolução e morri de dor e de remorso por causa disso... A maioria desses livros que há muito tempo tendes visto aparecer contra a religião, os costumes e o governo, eram obra nossa, e nós os enviávamos a vendedores ambulantes que, recebendo-os de graça, os vendiam pelo preço mais baixo... Eis o que mudou esse povo e o conduziu ao ponto em que o vemos hoje".

Segundo declaração de Didier, declaração feita à Câmara dos Deputados em 1833, o conselho de Piccolo-Tigre, copiado do de Voltaire de 1772, teve para a Revolução de 1830 o efeito que este tivera para a Revolução de 1789.

Em 1881, a liberdade completa da venda ambulante foi introduzida na liberdade completa de impressão e de livraria. Os vagabundos, os criminosos reincidentes receberam o direito de divulgar as mais ímpias e imundas brochuras. E no entanto, alguns anos antes, o chefe de polícia tinha estabelecido que a venda ambulante não empregava menos de dez a doze mil agentes, que espalhavam fraudulentamente quinze milhões de publicações indecentes e vergonhosas. Não era suficiente; decretou-se uma liberdade mais completa. Ademais, os autores das obras assim vendidas foram glorificados, a fim de lhes conferir mais crédito junto ao povo.[2]

São sobretudo os jornais que servem para disseminar as idéias que a seita quer semear no público. Os jornais que lhe são devotados constituem legião; eles são graduados com uma arte infernal, para todas as classes possíveis de leitores, a fim de que cada qual, segundo o grau em que seu espírito tenha chegado ao caminho do mal, possa escolher o periódico ao qual seu espírito possa se adaptar e marchar juntamente com ele. A poesia e o romance, as belas-artes e as ciências, a história do passado e a exposição dos acontecimentos presentes, tudo serve, na medida em que convém ao público ao qual se destina tal ou qual jornal, para espalhar as idéias de liberdade intelectual, moral e religiosa que constituem o fundo do espírito maçônico.

Os congressos têm sido muito freqüentemente empregados para a mesma finalidade. O impulso que lhes foi dado data da existência da Grande Loja. Sabemos quanto eles se multiplicaram nesses últimos tempos, sob todas as denominações imagináveis. Inicialmente tratavam-se apenas de congressos científicos. O Papa Gregório XVI opôs-se a isso com uma firmeza inabalável. Ele não pôde afastar esse flagelo da Itália, posto que os príncipes se deixaram intimidar; mas pelo menos preservou Roma. Os congressos científicos representaram para Itália em 1845 o que foram na França dois anos mais tarde os banquetes democráticos. Ademais serviram para que os espíritos aventureiros se conhecessem, para que os cúmplices semeassem suas idéias, para que a seita lançasse o descrédito e o desprezo sobre os dogmas cristãos.

Mas, para ser profunda, tenaz, geral, a propaganda das idéias deve ser empreendida desde a tenra idade, através da educação. Nas suas instruções ao "Regente", Weishaupt diz: "É necessário, pois, ganhar para a nossa Ordem as pessoas comuns do povo: o grande meio para isso é a influência nas escolas... Deveis ver sem descanso como podemos, nas províncias, dominar a educação pública, o governo eclesiástico, as cátedras de ensino e de prédica". Esmagai o inimigo, qualquer que seja ele, diziam as Instruções aos membros da Grande Loja, mas sobretudo esmagai-o dentro do ovo. "É preciso ir à juventude, é preciso seduzi-la, *sem que ela o perceba*... Ide à juventude, e, se for possível, até à infância".

Essas instruções não eram daquelas que os membros da Grande Loja devessem guardar apenas para eles. Eles não podiam, sendo quarenta, doutrinar toda a juventude européia. Elas deviam ser transmitidas pouco a pouco, mais ou menos explícitas ou veladas, segundo o grau de avanço das pessoas às quais se desejava fazê-las chegar. Elas eram particularmente destinadas àqueles que se ocupavam com a instrução da juventude, nos liceus, colégios, escolas e mesmo nos seminários. Não era necessário que todas as pessoas chamadas para essa propaganda estivessem engajadas nos liames da maçonaria; bastava, sempre basta, que elas tenham o espírito maçônico; estas são consideradas mesmo como as mais úteis, porque

---

[2] Acabam de erigir uma estátua a Eugène Sue e de celebrar seu centenário; isto foi precedido de propagandas em favor de suas obras. A cada cinco ou seis anos, jornais reimprimem seu *Juif Errant*, seus *Mystères de Paris*, em capítulos; edições em fascículos provêem o mercado sem descanso, para que nenhuma geração cresça sem ter bebido o veneno que elas contêm.

inculcam as idéias desejadas na juventude que lhes é confiada sem perceberem o mal que lhe fazem.

Para os outros, os iniciados, recomendava-se uma extrema prudência. Ela era então mais necessária do que hoje, mais nos Estados Pontifícios do que entre nós. Ela era exigida sobretudo daqueles que, de uma maneira ou de outra, direta ou indiretamente, podiam ter alguma influência sobre a educação da nobreza ou do clero.

O documento publicado por monsenhor Gerbet, depois de dizer que é preciso se esforçar para arrastar para o terreno maçônico as autoridades civis e militares, os reis e os próprios príncipes, acrescenta: "e sobretudo seus filhos... É através dos autores célebres, cuja moral estaria de acordo com nossos desígnios, que paralisaremos e abalaremos seu poder. É através de tão sábias medidas postas em prática com prudência, e sobretudo convenientemente aplicadas em corações jovens, por demais fracos para discernirem o verdadeiro objetivo, que nós os conduziremos a nos secundar na grande obra". Esta prática tem sido incessante. Para citar apenas um exemplo: a seita conseguiu fazer admitir como preceptor do príncipe Rodolfo, herdeiro presuntivo do imperador Francisco José, um apóstata, acreditemos nisso, e, como professores, sábios como o naturalista Brehm, que não acreditava nem em Deus nem na vida futura. Sabemos como esse desafortunado príncipe rolou até o mais profundo abismo da desonra e do desespero.

Ainda aqui vemos que são observadas atualmente as instruções de Weishaupt. Eis as que tinham sido dadas àquele que ele havia escolhido para ser preceptor do herdeiro presuntivo da coroa da Baviera, em 1785:

"I. Visar-se-á a que os conhecimentos do príncipe sejam *extensos*, mas não *profundos*. Atacar diretamente o sentimento religioso inato à juventude seria imprudente; procedendo indiretamente obter-se-ão excelentes resultados. Basta mostrar, no ensino, uma oposição entre a ciência e a fé.

"II. O educador estudará cuidadosamente o caráter de seu aluno. Existem sobretudo dois pontos a respeito dos quais ele deverá obter um conhecimento seguro: quais são os prazeres relativamente aos quais o príncipe se sente mais atraído? quais são as paixões dominantes de sua natureza? O preceptor preocupar-se-á em alimentar as tendências e as paixões do príncipe. A juventude, irrefletida por natureza, gosta disso, mostra-se reconhecida e se apega àqueles que assim agem com ela. Mas evitar-se-á ultrapassar uma determinada medida, a fim de impedir que se produza a saciedade. É preciso manter a sede. Os conhecimentos extensos e superficiais produzem a vaidade. Ela será adulada: a juventude inexperiente sempre se deixa seduzir por elogios.

"III. Atenção especial será dedicada à escolha das leituras. Serão exaltadas as obras escritas segundo o espírito da loja, como sendo obras que marcam época na ciência, e que constituam pérolas literárias. Quando o público se tiver deixado prender por essas manobras, o preceptor chamará a atenção do príncipe para as publicações em questão, como sensacionais e dignas de serem lidas com atenção.

"IV. É importante dar à juventude, desde cedo, através da palavra e de leituras, um certo interesse, até mesmo a *estima pelo suicídio!* Assinalar-se-á o suicídio como o ato mais elevado da coragem viril, sobretudo em certos casos especiais".

O príncipe herdeiro da Baviera, mais feliz do que o príncipe Rodolfo, foi preservado pelo destino de semelhante educação.

A esses preceptores sobretudo é que as Instruções recomendam a prudência: "Jamais tenhais em relação a essas crianças uma palavra de impiedade ou de impureza: *Maximo debetur puero reverentia*. Não esqueçais jamais essa palavras do poeta, porque elas vos servirão de salvo-conduto contra os descomedimentos, dos quais é essencialmente importante abster-se no interesse da causa. Para fazê-la frutificar nos umbrais de cada família, para vos propiciar o asilo na casa doméstica,

deveis apresentar-vos com todas as aparências do homem grave e moral".[3] Pode parecer surpreendente que aqui se recomende não proferir uma palavra de impiedade, quando se trata de "aniquilar a idéia cristã": mas já vimos, e veremos ainda melhor mais adiante, através de que palavras, através de que idéias, à primeira vista inofensivas, a maçonaria consegue inculcar nos espíritos, propagar nas massas, fazer reinar na sociedade seus princípios, que são inteiramente o oposto dos princípios cristãos.

Eis um fato que bem mostra como Voltaire, Weishaupt, Nubius são sempre fielmente obedecidos.

Nos primeiros dias de junho de 1892, o correspondente parisiense do *Courrier de Bruxelles* comunicou o seguinte:

"Foi na época em que as Câmaras ainda tinham sede em Versalhes e em que, conseqüentemente, os senadores, deputados, jornalistas, morando em Paris, estavam condenados a viagens quase diárias. Eu me encontrava um dia num compartimento do trem, chamado parlamentar, em companhia de Madier de Montjau, do senhor e senhora Lockroy, dos filhos Hugo, Georges e Jeanne. Falava-se sobre um homem amigo das duas famílias, a respeito do qual eram feitos muito bons comentários. Como a senhora Lockroy lembrasse que esse adolescente tivera durante muito tempo idéias "reacionárias e clericais", Madier interrompeu: "Sim, sim, mas *eu lhe inoculei o vírus*,[4] e agora ele o possui". Jamais esquecerei o ar verdadeiramente infernal com que aquelas palavras foram pronunciadas. Todo o ódio anti-religioso de Madier de Montjau aparecia nos seus olhos, na sua voz sibilante, no seu ríctus de fanático".

O governo maçônico proporcionou a esse Madier de Montjau funerais às expensas do Estado!

Não são somente os filhos dos príncipes que os I∴ Insinuantes têm a missão de corromper intelectualmente, mas todos os filhos do povo. Instruções nesse sentido são dadas aos preceptores pelos jornais pedagógicos. Basta citar uma só nota da *Action Scolaire* (número de outubro de 1900). Ela propõe essa questão: "Como os professores laicos conseguirão destruir a influência do padre?" Ela responde: "Uma conversa de alguns minutos com as crianças que vêem da igreja bastaria para apagar os estragos causados às suas inteligências pelas lições do catecismo. Interrogando-os habilmente, o professor conheceria de cada vez que gênero de veneno o padre acabara de inocular em suas vítimas, e o remédio seria 'de fácil aplicação: uma pequena conversa com toda a classe, referindo-se, sem dar aparência disso, à lição do cura, e que mostraria claramente que este é um descarado mentiroso".

Parece inacreditável que a seita tenha podido conceber a esperança de atingir os próprios seminaristas. Foi ilegitimamente que muitos nos repeliram quando, na *Semaine Religieuse* da diocese de Cambrai, lançamos um grito de alarme em face das tentativas feitas recentemente junto aos levitas por missionários das novas idéias, das idéias liberais, democráticas e humanitárias: jornais, conferências, oradores laicos de reivindicações sociais aos jovens eclesiásticos.[5]

---

[3] Weishaupt, t. III, p. 35, dizia aos seus *Irmãos insinuantes*: "O Irmão insinuante pode ter todos os vícios, mas não deve, ao mesmo tempo, jamais se deixar ver senão sob o mais perfeito exterior de honorabilidade e virtude. É-lhe prescrito aplicar-se "à perfeição exterior". Ele deve observar como poderá assenhorear-se da educação, das cátedras de ensino, do governo eclesiástico. Ele poderá ter a aparência de preencher qualquer função *em favor desses mesmos poderes, cuja destruição deve ser seu único objetivo*".

[4] "Inocular o vírus", "infiltrar o veneno", são as mesmas expressões empregadas nas Instruções secretas dadas aos Quarenta da Grande Loja.

[5] No livro que intitulou de *A propos de la séparation des Eglises et de l'Etat*, Paul Sabatier, protestante, ex-ministro, diz (pp. 93 e segtes.): "Dentre os espetáculos interessantes que a vida atual nos oferece, não vejo nenhum maior do que aquele do encontro dos jovens católicos com os livre-pensadores.

Falamos com conhecimento de causa. Já no século XVIII Weishaupt dizia aos iluministas: “Se é importante para nós possuímos as escolas ordinárias, parece igualmente muito importante ganhar os seminários eclesiásticos e seus superiores. Com esse mundo aí nós temos a parte principal do país; colocaremos ao nosso lado os maiores inimigos de toda inovação (e sobretudo da grande inovação desejada pela seita: o retorno à civilização pagã através do naturalismo e do liberalismo); e, o mais importante de tudo, com os eclesiásticos, o povo e as pessoas comuns estarão em nossas mãos”. Assim, a grande vantagem que Weishaupt encontrava no seduzir o espírito dos seminaristas com as idéias de liberdade e igualdade era que os seminaristas, tornando-se padres, as espalhariam no meio do povo, fazendo-as adotar por essa parte da população que é por demais cristã para que a seita possa atingi-la diretamente.

No século dezenove encontramos as mesmas recomendações no documento publicado por monsenhor Gerbet: “É da maior importância, está dito ali, para o sucesso de nosso sublime projeto, e para facilitar-lhe e garantir-lhe a execução, nada negligenciar no sentido de atrair para nossa ordem os membros destacados do clero, e todos aqueles cujos interesses estejam em oposição à nossa doutrina. É preciso, *sutilmente*, NA EDUCAÇÃO DELES, *e sob as formas mais sedutoras, introduzir furtivamente o germe dos nossos dogmas*, e através disso acostumá-los, insensivelmente e sem que o percebam, *ao choque que deve liquidá-los*”.

Por seu turno, as instruções dadas à Grande Loja dizem o quanto importa para a seita ganhar o espírito dos seminaristas: “Uma vez estabelecida vossa reputação nos colégios, ginásios, universidades *e seminários*, uma vez que tiverdes captado a confiança dos professores e dos estudantes, fazei PRINCIPALMENTE com que *aqueles que estão engajados na milícia clerical* gostem de procurar vossas conversas. Oferecei-lhes, antes de tudo, livros inofensivos; depois, pouco a pouco, levareis vossos discípulos ao grau de cozimento desejado... Deveis ter a aparência de serdes simples como pombas, mas sereis prudentes como a serpente”.

Falando dessa maneira, dando esses conselhos e essas ordens, Weishaupt , o iniciado que nos é revelado por monsenhor Gerbet e pela Loja, outra coisa não fazia senão retomar os procedimentos que tinham proporcionado êxito aos gnósticos, aos maniqueus, e depois aos chefes da Reforma. Para arrastar o povo para fora das vias da verdade e do bem, para fora da Igreja, sempre foi necessário, antes de tudo, ganhar uma parte do clero e sobretudo seduzir a juventude clerical através de generosas ilusões.

Ao mesmo tempo que fazia exercer sobre os seminaristas essa ação direta e pessoal, a Grande Loja preocupava-se com a própria direção dos seminários; ela

---

“Uma grande crise intelectual, religiosa, moral, social, prepara-se em muitas consciências. Medir-lhe a origem, a profundidade e o alcance, sem dúvida jamais será possível. Quem nos contaria a história do germe de trigo durante sua germinação no seio da terra?

“No entanto, por um instante pude contemplar bem de perto essa germinação de uma vida nova no seio da velha Igreja, e guardei disso uma lembrança irresistível. Foi há alguns meses, na casa de um professor de seminário do qual eu era hóspede. À noite, um jovem diácono envia-me um grosso caderno manuscrito, espécie de diário confidencial, no qual, durante três anos, alguns alunos desse grande seminário escreveram suas preocupações, suas angústias, seu ideal, seus sonhos, sua fé.

“Que acontecerá quando a França conhecer esses novo clero?”

Esse fato, e cada uma das palavras que o expõem e o comentam, falam suficientemente por si mesmos, sendo inútil dar-lhes destaque.

Fonsegrive também era recebido nos seminários e admitido a pregar o modernismo aos seminaristas. Harmel, nas reivindicações sociais no Val-des-Bois, para as quais convocava seminaristas e jovens padres, embebia-os com o espírito democrático. Os abades Naudet, Lémire, Garnier, etc., também encontravam abertas as portas dos seminários, grandes e pequenos, e aí semeavam a mãos cheias suas idéias sobre o passado e futuro da Igreja.

Através de quais “influências cuidadosamente acobertadas” isso pôde ser conseguido?

pedia e mandava pedir, diz Crétineau-Joly, que se desse nos seminários uma educação mais apropriada às necessidades do século e aos interesses do país. Ela lamentava ver o estudo das línguas antigas absorver a atenção da juventude clerical. O estudo da teologia e o das belas-letras deviam ser relegados ao segundo plano. Não ouvimos as mesmas queixas e os mesmos conselhos nesses últimos tempos?

Em 1867, o *Univers Israélite* (T.V., p. 223) dizia contar acima de tudo com a direção a ser dada aos espíritos dos jovens clérigos para mudar a orientação intelectual do mundo. "Inaugurada pela sábia e especulativa Alemanha, a renovação dos estudos teológicos se aclimata na França, a qual, graças a seu espírito generalizador e expansivo, pode ser chamada a fazer pela *síntese religiosa* o que ela fez um dia pela reconstituição civil e política do mundo. E *todo israelita deve experimentar o desejo de cooperar com essa obra, na qual estão empenhados NOSSOS mais sagrados interesses*".

Através da venda ambulante, a seita esforça-se principalmente em corromper os costumes. Através do ensino, ela visa sobretudo a perverter os espíritos.

Nos seminários, como nos colégios e universidades, o que ela mais tem a peito é fazer penetrar nessas instituições os princípios de 89.

Põe-se aqui um doloroso enigma: como pôde acontecer que a seita tenha encontrado personagens de reputação altamente católica e tantas revistas e jornais católicos para apresentar ao público a "taça enfeitiçante e misteriosa", que derrama nas almas "os grandes princípios, os imortais princípios"? Sabem eles de onde vêm esses princípios e para que finalidade foram inventados? No concílio do judaísmo reunido em Leipzig, em 29 de junho de 1869, sob a presidência do Dr. Lazarus, de Berlim; o Dr. Philipson, de Bonn, apoiado pelo grande rabino da Bélgica, Astruc, concluiu, sob o aplauso de todos: "O sínodo reconhece que o desenvolvimento e a realização dos princípios modernos constituem as mais certas garantias do presente e do *futuro do judaísmo* e de seus membros. Eles constituem as condições mais energicamente vitais para a existência expansiva e o mais alto desenvolvimento do judaísmo".[6]

Valia dizer: "Israelitas, aspirais à dominação universal; se quereis preparar eficazmente os caminhos para aquele que deve obtê-la para vós, tendes apenas uma coisa a fazer: empregar-vos em desenvolver os princípios modernos, em fazê-los

---

[6] Ver *Les Juifs, le judaïsme et la judaïsation des peuples chrétiens*, por Gougenot des Mousseaux.

Bidegain, no seu livro *Le Grand-Orient de France, ses doctrines et ses actes*, publicou (páginas 261 a 276) uma circular assinada por eminentes judeus: Henri Aron, membro do Consistório Central dos Israelitas da França; Dr. Dreyfus-Bresac, membro da comissão central da Aliança Israelita Universal; Narcisse Leven, presidente da Comissão Central da Aliança Israelita Universal e vice-presidente do Consistório Israelita de Paris; Salomon Reinach, vice-presidente da Comissão Central da Aliança Israelita Universal. A finalidade dessa circular, datada de 14 de novembro de 1902, era dupla: "1° chamar a atenção sobre as eleições que se realizarão em 1906; 2° abrir uma subscrição para os gastos dessa eleição e de seus preparativos". Encontram-se aí os mesmos pontos de vista expostos acima, no *Univers Israélite*: a igualdade de 89 que devia tornar iguais judeus e franceses e logo aqueles mestres destes.

"Consagrando-nos antes de tudo em fazer triunfar a causa da igualdade de todos os franceses perante a lei, pretendemos apenas distinguir entre franceses e partidários dos princípios da Revolução. Combatemos os primeiros (nas eleições de 1902) sob quaisquer rótulos sob os quais tenham podido se cobrir e forçamo-nos a sustentar os segundos. Como não reivindicávamos privilégios nem reclamávamos nada fora do *direito comum*, não tivéramos necessidade, para garantir a defesa dos nossos interesses, senão de pedir-lhes que defendessem seus princípios e que trabalhassem, permanecendo fiéis a eles mesmos, para a vitória de suas próprias doutrinas". E mais adiante: "O que é de natureza a nos tranqüilizar relativamente ao futuro, é que a luta não mais se trava atualmente entre o anti-semitismo e os judeus, mas entre o anti-semitismo e os princípios da Revolução... Mesmo na suposição de que nossos próprios interesses estivessem doravante fora de alcance, seria ainda nosso dever, como filhos reconhecidos da Revolução, prosseguir na obra começada.

entrar nos espíritos, sob todos os aspectos, tirar deles todas as conseqüências que encerram; depois realizá-las, quer dizer, fazer com que essas últimas conseqüências passem da ordem das idéias para a ordem dos fatos, através das leis que sugerireis e através dos costumes que introduzireis".

Como podem os judeus considerar os "princípios modernos" como preparatórios dos caminhos para essa dominação? Eis como. Graças à igualdade civil e à igualdade em todas as coisas com os cristãos, os judeus viram desaparecer o dique que até então os continha; e então, como uma torrente devastadora, eles irromperam por toda a parte e se apoderaram de tudo: dos bancos, do comércio, da imprensa e dos cargos mais importantes na diplomacia, na administração política, nas forças armadas, no ensino: tudo caiu nas mãos deles ou nas mãos daqueles que dependem deles. E agora a sociedade cristã encontra nos princípios de 89, nos "direitos do homem" inscritos nas constituições dos Estados, o maior obstáculo para sacudir o jugo judeu que lhe foi imposto sob a roupagem da "liberdade" e da "igualdade".

"Quando percebemos que os judeus eram *cidadãos*, escreveu um judeu convertido e padre católico, o abade Lémann, eles já eram em parte os DONOS". Crémieux, fundador da *Aliança Israelita Universal*, exclamou em uma de suas assembléias: "Como tudo já está mudado para nós, e em quão pouco tempo!" E Disraeli: "O judeu consegue hoje exercer sobre os negócios da Europa uma influência cujo prodígio é espantoso". Também um publicista, Kuhn, teve razão ao declarar: "Essa reivindicação dos princípios modernos em favor do judaísmo é das mais humilhantes para nós democratas".

Se os organizadores de associações da juventude cristã conhecessem essas coisas, empurrá-las-iam com tanto ardor para as vias da democracia? Se os superiores dos seminários tivessem sabido dessa declaração do concílio convocado por Pio IX, como conseqüência da publicação do *Syllabus*, que desmascara os "grandes princípios" e os acossa até às suas últimas conclusões, encontraríamos entre eles quem tivesse deixado entrar em suas casas publicações democráticas? Teriam eles autorizado a realização de conferências democráticas em suas casas?

Um rabino alemão permitiu-se esta ironia:

"Os cristãos limitados e de vista curta dão-se ao trabalho de nos arrancar daqui e dali uma alma e ficam felizes como reis quando têm bom êxito. Mas não vêem que nós também somos missionários e que nossa prédica é mais hábil e mais frutuosa do que a deles. Eles não compreendem que marchamos contra eles, de conquista em conquista. Ainda mais um pouco de tempo e todos aqueles cristãos que têm verdadeiramente educação não mais terão necessidade de Cristo e dEle se desembaraçarão tão facilmente quanto nós. Está próximo o tempo em que a maioria dos cristãos terá retornado ao nosso ensino sobre Deus, ao nosso monoteísmo. O futuro nos pertence. Convertemos em massa e de uma maneira não percebida".

Como e por quê? Através dos princípios modernos, através das doutrinas democráticas, cuja "realização é a mais segura garantia do presente e do futuro do judaísmo".[7]

Bachen fez recentemente ao Parlamento prussiano esta comprovação:

"O judaísmo alemão trabalha com um poder de tal forma gigantesco e uma perseverança de tal forma constante pela civilização e pela ciência modernas, que o

---

[7] "Para nós o Messias chegou em 27 de fevereiro de 1790, com os direitos do homem", disse o israelita Cahen (Relatado nos *Archives Israélites*, em 1847).

O príncipe Louis de Broglie concluiu um estudo sobre *a questão judaica do ponto de vista político* com esta observação: "... 3° Entrando nas sociedades graças aos princípios modernos, eles tornaram-se os adeptos e os propagadores mais ardentes desses princípios, os membros mais ativos da Franco-maçonaria, os filhos mais dedicados do livre-pensamento".

maior número de cristãos (literalmente a maior parte do cristianismo) é levado de uma maneira consciente ou inconsciente pelo espírito do judaísmo moderno”.

Não é somente na Alemanha que o judaísmo trabalha pelo desenvolvimento e pela realização dos princípios modernos da civilização anti-cristã; ele se empenha muito mais na França. E ademais, quais são os países em que eles não reinam? Quais são os espíritos que não estão mais ou menos atingidos por isso?

No seu comentário ao Apocalipse, Bossuet diz: “Vejo na Igreja duas espécies de perseguição: a primeira no seu início, e sob o império romano, em que a violência devia prevalecer; a segunda no fim dos séculos, em que haverá o reinado da sedução.”

A sedução liberal exerce-se em nossos dias sob formas tão escondidas e tão pérfidas que suas vítimas nem mesmo a percebem. Ela invade pouco a pouco todas as inteligências, assim na ordem eclesiástica como na ordem laica, e isso desde os mais tenros anos.

Isto que acabamos de testemunhar, isto que ainda vemos pode nos dar a compreensão das palavras pelas quais o divino Salvador nos precaveu contra as seduções dos últimos dias: “Levantar-se-ão muitos falsos profetas que seduzirão um grande número... Se o Senhor não abreviar esses dias, ninguém escapará”.

——————— ♦ ———————

CAPÍTULO XXXV

CORRUPÇÃO DAS IDÉIAS *(continuação)*

VII. — A PERVERSÃO DA LINGUAGEM

O grande meio empregado para corromper as idéias foi perverter a linguagem.

A Franco-maçonaria soube fazer adotar pelo público a palavra *laicização* no lugar de descristianização; *secularização* no lugar de separação entre a ordem religiosa e a ordem civil, na família e na sociedade; *neutralidade escolar* no lugar de ensino ateu; *separação entre a Igreja e o Estado* no lugar de ateísmo no governo e nas leis; *denúncia da Concordata* no lugar de espoliação da Igreja; [*desafetação*] no lugar de confisco; *leis existentes* no lugar de decretos arbitrários e ilegais; *tolerância* em lugar de licença dada aos piores erros etc. etc.

Ela construiu as palavras *clericalismo, inalienabilidade* etc., espantalhos; seduções, como as palavras *liberdade, igualdade, fraternidade, democracia* etc.

"São, dizia Bonald, expressões de sentido dúbio, nas quais as paixões encontram primeiro um sentido claro e preciso, sobre o qual a razão se esforça em vão para fazê-las voltar através de explicações tardias: as paixões atêm-se ao texto e rejeitam o comentário".[1]

"Apesar dos ensinamentos dados pela razão e da evidência produzida por nossas catástrofes, diz Le Play, essa fraseologia que embrutece fornece alimento diário às tendência revolucionárias encarnadas na nossa raça. Sob essa influência penetram cada vez mais, nas camadas inferiores da sociedade, o desprezo pela lei de Deus, o ódio às superioridades sociais e o espírito de revolta contra toda autoridade".[2]

Mazzini não pensava diferentemente de Le Play sobre esse ponto. Dizia: "As discussões eruditas não são nem necessárias, nem oportunas. Há palavras *regeneradoras*[3] que contêm tudo o que é necessário repetir freqüentemente ao povo: liberdade, direitos do homem, progresso, igualdade, fraternidade. Eis o que o povo compreenderá, sobretudo quando opusermos a estas as palavras despotismo, privilégios, tirania etc."

O sentido inteiro das palavras *liberdade, igualdade, progresso, espírito moderno, ciência* etc., que reaparecem sem cessar nos discursos e nos artigos dos políticos e nas profissões de fé dos candidatos patrocinados pelas lojas, é revolução, destruição da ordem social, retorno ao estado de natureza pelo desaparecimento de toda autoridade que limite a liberdade, destruição de toda hierarquia, que rompe a igualdade, e o estabelecimento de uma ordem de coisas, através da fraternidade, em que todos os direitos e todos os bens serão comuns. Os iniciados, ao pronunciarem essas palavras, sabem que estão anunciando um programa contra as leis de Deus e seus representantes na terra, que estão exprimindo o conceito de estado social cuja

---

[1] Bonald, no Instituto Nacional, sessão de 29 de junho de 1805. Monsenhor Darbois, arcebispo de Paris, refém, lembrava, aos que o levavam ao paredão, que ele sempre defendera a liberdade. Um dos seus executores respondeu-lhe: "Cala-te! Dane-se a paz. Tua liberdade não é a nossa!"

[2] *Réforme Sociale*, t. IV, p. 29.

[3] Palavras que podem servir para operar a regeneração da sociedade no sentido maçônico.

fórmula foi dada por J.-J. Rousseau. Os outros, repetindo-as após eles, tolamente, preparam para a aceitação desse estado social aqueles que a Franco-maçonaria não poderia atingir diretamente.[4]

Que é a direção suprema da Franco-maçonaria quem escolhe essas palavras, que as lança e que encarrega seus adeptos de propagá-las, não há a menor dúvida.

"Vamos começar, tinham dito as Instruções secretas, a pôr em circulação os princípios humanitários." Reformas, melhoramentos, progresso, república fraterna, harmonia da humanidade, regeneração universal: todas essas palavras enganosas são lidas nas Instruções. Picollo-Tigre fá-las seguir destas: "A felicidade da igualdade social" e "os grandes princípios da liberdade". Nubius acrescenta: "A injusta repartição dos bens e das honras". Resumindo tudo, Gaétan regozija-se de ver o mundo lançado no caminho da democracia.

No relatório do 3° Congresso das Lojas do Leste, em Nancy, 1822, lê-se: "Nos últimos graus (os mais altos da hierarquia maçônica), está condensado um trabalho maçônico universal de uma grande profundidade. Não seria desses cumes que nos chegam as palavras misteriosas que, partidas não se sabe de onde, atravessam às vezes as multidões em meio a um grande convulsão, e as levanta para a felicidade (!) da humanidade?"

É de notar que a maçonaria se serviu da língua francesa para forjar suas fórmulas revolucionárias. Isto não escapou a de Maistre, que tão bem conheceu o poder misterioso de nossa língua. Na terceira das *Lettres d'un royaliste savoisien à ses compatriotes*, escritas nos dias da Revolução, ele diz: "O reinado dessa língua não pode ser contestado. Esse império jamais foi tão evidente e jamais será mais fatal do que no momento presente. Uma brochra alemã, inglesa, italiana etc., sobre *os Direitos do Homem*, divertiria, quando muito, um camareiro do país: escrita em francês, ela sublevará num piscar de olhos todas as forças do universo".[5]

Todas essas fórmulas pérfidas foram criadas há dois séculos. Sob o reino do filosofismo, foi "tolerância" e "superstição" que passaram de boca em boca; sob o do Terror, foi "fanatismo" e "razão"; sob a Restauração, "*ancien régime*", "dízimo", "privilégios"; sob o Segundo Império, "progresso"; por ocasião da recente perseguição na Alemanha, "Kulturkampf"; na França, em 16 de maio, "governo dos párocos". Hoje, o que está mais em voga, juntamente com "clericalismo",[6] "ciência", "democracia" e "solidariedade": a ciência contra a fé, a democracia contra toda hierarquia religiosa, social e familiar; a solidariedade dos plebeus contra todos os que opõem obstáculo ao livro gozo dos bens deste mundo, os ricos que os possuem e os padres que proibem a injusta cobiça; solidariedade também entre todos os povos que, de uma extremidade

---

[4] O *Univers*, no seu número de 13 de setembro de 1902, mencionava que na anterior peregrinação dos franceses a Roma, Harmel, no brinde quue pronunciou em Sainte-Marthe, exclamou: "Somos servidores apaixonados da liberdade, — sim, servidores apaixonados da liberdade, prontos a dar nossa vida e a derramar nosso sangue pela causa sagrada da liberdade!"

A liberdade para que as almas possam ir a Deus, seu fim último, sem entraves, muito bem. Mas foi assim que entenderam os ouvintes de Harmel, foi mesmo essa liberdade que ele pretendia ver aclamada?

Uma palavra de explicação não teria sido inútil, no dia seguinte àquele em que o chefe dos democratas cristãos da Itália foi condenado por seu discurso: *Liberdade e Cristianismo*.

[5] *Œuvres Complètes*, t VII, pp. 139-140.

[6] O "governo dos párocos" serviu para fazer passar a lista de Gambetta e para constituir o governo dos franco-maçons. O medo do "clericalismo" faz fechar os olhos às piores tiranias. Com medo de serem acusados de favorecer esse monstro, os católicos proibem-se de ser clericais. Por ocasião da aprovação do nome de Gayraud, Lemire disse da tribuna: "Meu colega e eu não somos clericais". No dia 27 de novembro de 1899, a mesma coisa: "Permitir-me-ei observar que nem o abade Gayraud, nem o abade Lemire são aqui deputados do catolicismo. Não aceitei no passado e não aceitarei no futuro que a Câmara seja transformada num lugar de discussões teológicas ou filosóficas"(*Diário Oficial* de 28 de novembro de 1899).

à outra do mundo, se devem auxiliar mutuamente para quebrar o jugo da propriedade, da autoridade e da religião.

Acima de todas essas palavras reina há um século a divisa: ”Liberdade, igualdade, fraternidade”. A seita faz com que ressoe por toda a parte, conseguiu inscrevê-la nos edifícios públicos, nas moedas, em todos os atos da autoridade legislativa e civil. “Essa fórmula, diz o I.·. Malapert num de seus discursos às lojas,[7] foi fixada por volta da metade do último século (XVIII) por Saint Martin (fundador do iluminismo francês). Todas as oficinas a aceitaram e os grandes homens da revolução fizeram dela a divisa da república francesa”. “Liberdade, igualdade, fraternidade, essas três palavras dispostas nessa ordem, diz ainda o I.·. Malapert, indicam o que deve ser uma sociedade bem regrada”, coisa que ela será quando o contrato social tiver chegado a suas últimas conseqüências, tiver dado seus últimos frutos. Weishaupt e os seus disseram abertamente o que pretendiam tirar dessa fórmula: primeiro a abolição da religião e de toda autoridade civil; depois a abolição de toda hierarquia social e de toda propriedade.

Eis o que essas três grandes palavras dizem aos iniciados, eis o que eles têm no pensamento, eis onde eles querem nos fazer chegar. Eles fizeram com que as palavras fossem adotadas; pelas palavras insinuam as idéias, e as idéias preparam o caminho para os fatos. Não devemos pois nos espantar se, por ocasião da admissão nas lojas, os postulantes ao carbonarismo devem dizer, no juramento que são obrigados a prestar: “Juro empregar todos os momentos de minha exitência em fazer triunfar os princípios de liberdade, de ualdade, de ódio à tirania, que constituem a alma de todas as ações secretas e públicas da *Carbonara*. Prometo propagar o amor à igualdade em todas as almas sobre as quais me for possível exercer alguma ascendência. Prometo, se não for possível restabelecer o reino da liberdade sem combate, fazê-lo até à morte”.[8] Eis o dever bem marcado, e bem trarçadas as etapas para realizá-lo inteiramente: espalhar as palavras, propagar as idéias, fazer a coisa triunfar, pacificamente, se for possível, se não por uma guerra de morte.

Não é somente entre as classes degradadas, ignorantes ou sofredoras que essa fraseologia exerce suas devastações. Ela causa igualmente vertigem nas classes superiores da sociedade, fato que a seita considera bem mais vantajoso para a finalidade pretendida. Graças à confusão das idéias introduzidas por ela nos espíritos, reina atualmente nas classes que são chamadas por sua posição a dirigir a sociedade, a mais deplorável divergência de pontos de vista, a mais perfeita anarquia intelectual.

Voltamos à confusão de Babel; todas as idéias estão confusas e, nessa confusão, numerosos cristãos são arrastados mais facilmente do mundo para o sulco dos erros maçônicos. As pessoas não desconfiam dessas correntes, abandonam-se às suas ondas com placidez, e isto porque a maior parte das palavras que para aí as arrastam podem servir para exprimir idéias cristãs, assim como se prestam a exprimir as idéias mais opostas ao espírito do cristianismo. Le Play deixou-nos sua observação a esse respeito. “Nenhuma fórmula composta de palavras definidas conseguiria satisfazer simultaneamente aqueles que crêem em Deus e aqueles que consideram essa crença como o princípio de todas as degradações. Mas aquillo que não pode ser obtido por um arranjo de palavras torna-se fácil com palavras que comportam, segundo a disposição de espírito dos que as lêem ou ouvem, sentidos absolutamente opostos”.[9]

Entre as palavras hoje em voga, nenhuma há da qual se faça um uso mais freqüente e pernicioso do que “liberdade”. Ela tem duas faces, concomitantemente cristã e maçônica.

---

7 *Chaîne d'Union*, 1874, p. 85.
8 Saint-Edme, *Constitution et Organisation des Carbonari*, p. 110.
9 *L'Organisation du Travail*, p. 355.

“A liberdade, diz Leão XIII, é um bem, bem excelente, apanágio exclusivos dos seres dotados de inteligências e de razão”. A inteligência dá-lhes o conhecimento de seus fins, a razão faz com que descubram os meios de alcançá-los, e o livre arbítrio permite-lhes escolher dentre os meios aqueles que lhes convêm e de empregá-los para atingir o objetivo a que se propuseram. Se todos os homens vissem e colocassem seu fim último lá onde ele está, e reclamassem liberdade para isso, todos ouviriam pedir que o caminho em direção ao Soberano Bem fosse largamente aberto, não fosse obstruído por nenhuma dificuldade imprevista e que eles próprios não fossem entravados na sua ascensão em direção a Deus. Mas quem não sabe que os fins aos que os homens se propõem são numerosos, tão diversos quanto diversos são os objetos de suas paixões! De maneira que o apelo à “liberdade” pode jorrar simultaneamente dos corações dos maiores santos e dos maiores celerados, e que, pedindo-a com uma mesma voz, parecem desejar uma mesma coisa. Na realidade, eles querem coisas tão diversas e mesmo tão opostas quanto são opostos, de uma parte, os infinitos degraus que conduzem o homem à mais alta virtude, e de outra parte, os degraus não menos numerosos que os fazem descer até à pior corrupção.

Ao grito de “liberdade”, o filho indócil, o servidor orgulhoso sentem crescer em seu coração o desejo de independência relativamente aos pais e aos mestres: os esposos infiéis vêem luzir o dia em que o liame conjugal será dissolvido; a pessoa ruim aspira a um estado político e social no qual a coerção do mal não mais existirá. Esse grito une todas as rebeliões, excita todas as cobiças. O próprio cristão, a esse grito, sente tornar-se mais pesado o jugo do Senhor, porque a concupiscência original não está extinta no coração de ninguém, e todo homem é mais ou menos amigo, no seu fundo mau, da liberdade perniciosa. Para todos o grito de “liberdade” tem uma atração doentia, atração que o pai da mentira pôs na origem de todas as coisas na sua primeira tentação: *Dii eritis!* sereis como deuses, sereis vossos próprios senhores, não dependereis mais de ninguém. E como não existe independência em nenhum lugar, este grito torna-se, em toda parte, um apelo à revolta, revolta dos inferiores contra a autoridade, dos pobres contra a propriedade, dos esposos contra o casamento, dos homens contra o Decálogo, da natureza humana contra Deus.

Assim, entre as palavras em voga, nenhuma há da qual se tenha feito uso mais pernicioso e mais freqüente do que da palavra “liberdade”. Ela serve para as multidões exigirem, os reis consagrarem, as instituições fixarem em si os mais poderosos dissolventes da ordem social. É a liberdade de consciência, ou da independência de cada um relativamente a Deus; é a liberdade dos cultos, a separação entre a Igreja e o Estado, a neutralidade e a laicização, coisas essas todas que quebram os laços que ligam o homem e a sociedade a Nosso Senhor Jesus Cristo e à Sua Igreja; é a soberania do povo, quer dizer, a independência das multidões relativamente às autoridades sociais e civis; é o divórcio de certas disposições do Código Civil, que colocam a anarquia na família. Enfim, para levar avante todas essas revoltas, para obter todas essas independências, a liberdade da imprensa que trabalha todos os dias para corromper nos espíritos a noção da verdadeira liberdade e para insinuar nos corações o amor e o desejo das más liberdades.

Se os católicos juntassem suas vozes à de todos os revoltados para reivindicarem, eles também, pura e simplesmente a liberdade, e não tal ou qual liberdade definida, e, antes de todas as outras, a liberdade de as almas de não serem entravadas em sua caminhada em direção a Deus, eles dariam a impressão de reivindicarem a mesma coisa que os revolucionários, e eles os ajudariam a obtê-la. E é isto que vemos com muita freqüência.

Em nome do Progresso, em nome da Civilização, do Direito novo, a seita faz reivindicar através dos seus jornais, através das associações que ela inspira, através daquelas em que ela têm afiliados, a abolição de tal ou qual instituição, ou o estabelecimento de tal outra. Quem ousaria opor-se ao progresso, à civilização? Com medo de parecerem retrógrados, católicos, no parlamento, nos conselhos

departamentais ou comunais, votam medidas contrárias à sua própria maneira de ser e de pensar, medidas que, ao tiranizarem seus irmãos, tiranizam a eles próprios.

Numa de suas visões, o apóstolo São João viu todos os povos seguirem estupefatos a Besta, à qual o Dragão dera seu poder e seu trono. Ela abriu uma boca da qual saíam palavras que pareciam significar grandes coisas: *Datum est ei os loquens magna*. Na realidade, eram blasfêmias contra Deus, contra Seu tabernáculo e contra aqueles que habitam o céu da Igreja: *Blasphemias ad Deum, et tabernaculum ejus et eos qui in Cœlo habitant.*[10]

Acabamos de ouvir essas palavras grandiloqüentes e conhecemos a estranha sedução que exercem sobre as multidões. Elas verdadeiramente constituem, no significado que lhes é dado pela Besta, basfêmias que levam a morte às almas, que sabotam os fundamentos da sociedade civil e da sociedade religiosa, e que querem aniquilar o Reino de Deus sobre as criaturas.

O cúmulo da astúcia desenvolvida pela Besta e pelo Dragão — quer dizer, pela Maçonaria e por Satã — seu triunfo, constitui em fazer crer e em fazer dizer que essas palavras foram tomadas do Evangelho e que, por intermédio delas, eles querem trazer o reino de Nosso Senhor Jesus Cristo para a sociedade!

"O que existe de mais funesto para os povos, após a Revolução, disse Saint-Bonnet, é a língua que a criou. O que existe de mais temível após os revolucionários são os homens que empregam essa língua, cujas palavras são outras tantas sementes para a Revolução... Não lancemos mais às multidões termos cujo sentido teológico e verdadeiro não lhes seja explicado. Eles não cessam de engendrar as idéias que mantêm as massas em ebulição e as arrancam ao dever da vida..."

Rejeitar altaneiramente a língua desleal, eis daqui para a frente no que se reconhecerá o homem piedoso.

"Ó França! tu saberás que virão a ti homens piedosos quando pararem de te adular e de *empregarem* equívocos".[11]

Charles de Ribbes também disse: "Somente a verdade reerguerá a França, e para que essa verdade produza seu efeito regenerador a nobre língua francesa deverá, também ela, ser restaurada".[12]

———— ♦ ————

[10] Apocalipse, XII, 1-6.
[11] *La Légimité*, pp. 281-284.
[12] Le Play, extraído de sua Correspondência, p. 191.

CAPÍTULO XXXVI

CORRUPÇÃO DAS IDÉIAS *(continuação)*

VIII. — O ESPÍRITO MAÇÔNICO

Das insinuações lançadas no público pela Franco-maçonaria e das palavras que ela põe em circulação nasce o espírito maçônico.

Numa instrução pastoral endereçada a seu clero em 1864, monsenhor Meirieux, bispo de Digne, dizia: "Tal é a sabedoria com que o espírito do mal tem armado suas ciladas, que ele desencaminha os espíritos retos, que ele os fascina a ponto de torná-los seus defensores. Opera-se a nossos olhos aquilo que será visto no último dia: um grande mistério de sedução. Parece, se isso fosse possível, que os próprios eleitos não lhe escapariam".

Decorreu meio século desde que esse grito de alerta se fez ouvir. Quanto, depois disso, o movimento dos espíritos se acelerou e torna a advertência mais urgente!

A Franco-maçonaria chegou, é fato notório, ao apogeu do seu poder. Ela faz o que quer, mesmo aquilo que há apenas poucos anos pareceria completamente impossível.

Para explicar esse sucesso não basta dizer que a maçonaria é uma sociedade organizada muito sabiamente, provida de meios poderosos para chegar a seus fins, e que freqüentemente contou em seu seio com homens de uma maravilhosa habilidade. A Igreja que ela quer destruir nada fica a lhe dever. Foi a própria Sabedoria de Deus que A constituiu e organizou, e os santos, pelo menos, tiveram pelo bem o zelo e a inspiração que os sequazes de Satã têm pelo mal. Sem dúvida, a maçonaria goza do benefício que lhe dá o mistério no qual se envolve. Ela não desvenda seus desígnios, nem mesmo aos que ela encarrega de executá-los. Mas, se o segredo tem suas vantagens para o mal, a luz plena do bem e da verdade as tem maiores.

É preciso, pois, buscar em outro lugar a explicação para o poder ao qual a Franco-maçonaria chegou.

Essa explicação encontra-se nas cumplicidades que ela cria para si fora de suas lojas, através das insinuações. Através disso ela consegue que todos ou quase todos a sigam.

Através do organismo no qual ela se plasmou, a Franco-maçonaria encontrou maneira de encontrar, em todas as classes da sociedade, numerosos cúmplices que, ainda mesmo quando a detestam, trabalham com ela e para ela. E isso através da propaganda das idéias que ela tem interesse em espalhar.

Ela se vangloria disso.

"... A Franco-maçonaria, diz uma circular, foi até aqui uma vasta escola na qual homens de todas as classes e de todas as opiniões, ateus ou deístas, vieram se instruir, se formar para os bons combates da democracia. Apesar da diversidade de suas origens e condições, doutrinas comuns incitavam-nos a falar ou a agir no mundo profano de acordo com os ensinamentos recebidos nas lojas. A *Franco-maçonaria foi-lhes a inspiradora e graças à cooperação deles impregnou a sociedade contemporânea com o seu pensamento*. Se a nossa Ordem renunciasse a seu papel histórico, à sua missão de propagação entre todos os homens conscientes, sem

exceção de crença ou de opiniões, ela própria pronunciaria sua condenação". Quem fala dessa maneira? O Conselho da Ordem do Grande Oriente.[1]

A seita chegará ao fim de seus empreendimentos, arruinará toda a ordem religiosa, toda a ordem civil, toda a ordem familiar, se o público continuar a dar ouvidos a ela e a seus órgãos. Como disse um dia Leão XIII aos peregrinos franceses, a coisa mais urgente a fazer é nos desembaraçarmos do jugo da Franco-maçonaria. E sobretudo do jugo intelectual, que há dois séculos pesa sobre nós. Ora, para livrar o país é preciso, inicialmente, que cada qual subtraia a esse jugo seu próprio pescoço. Ninguém porá mãos à obra antes de ter percebido a presença desse jugo sobre suas costas. É preciso, pois, fazer ver a cada um que está sobrecarregado, e mostrar-lhe que contribuiu para sobrecarregar seus irmãos, a fim de lhe dar desejo de se desfazer do peso e de ajudá-los, por seu turno, a se desfazerem de seus pesos.

Que é, então, o maçonismo? É, no fundo, como veremos na segunda parte desta obra, o espírito naturalista.

A Franco-maçonaria deseja a substituição da ordem sobrenatural pela ordem natural, nas idéias e nos costumes, nas pessoas e nas instituições. O maçonismo é essa substituição, em seus diversos graus de adiantamento nas almas e na sociedade.

Da parte do coração ele encontra as portas abertas diante de si. A natureza está em cada um de nós com as concupiscências e as paixões que o pecado perverteu. "Ah! fiéis, exclama Bossuet, não temamos confessar ingenuamente nossas enfermidades, confessemos que nossa natureza é extremamente mole. Quando quiséssemos dissimulá-la ou fazê-la calar, toda nossa vida gritaria contra nós... De onde vem que todos os sábios concordem em que o caminho do vício é escorregadio? De onde vem que sabemos por experiência que não somente aí caiamos por nós mesmos, mas ainda que a isso somos levados? ao passo que para subir àquela eminência sobre a qual a virtude estabeleceu seu trono, é preciso tornar insensíveis e reprimir os nervos com inacreditável esforço. Após isso é-nos penoso conhecer para onde nos leva o peso de nossa inclinação dominante? e quem não vê que caminhamos para o mal naturalmente?"[2] "Essa maldita concupiscência, diz ele em outro lugar, corrompe tudo o que ela toca".[3] E em outra parte ainda ele chama atenção para essa "atração do mal" mesmo nos santos.[4]

A Franco-maçonaria não se engana quando coloca suas esperanças na perversão do coração humano. "O sonho das sociedades secretas, dizem as Instruções da Grande Loja, realizar-se-á pela mais simples das razões: é que ele está baseado nas paixões humanas". Todos os homens, sem exceção, sentem-se, em certos momentos, pelo menos através das tentações que experimentam, coniventes com o partido que quer dar à natureza o império que o paganismo lhe reconhecera e que o cristianismo trabalha para arrebatar-lhe. Essa disposição que prepara para a realização dos desígnios da seita, bem pode ser chamada de MAÇONISMO, maçonismo do coração, que faz o homem inclinar-se para tudo o que adula a natureza, e faz com que o homem, na medida em que se abandona a isso, contribua para o triunfo que a seita quer alcançar sobre o sobrenatural. O homem virtuoso presta-lhe apenas um fraco concurso, porque ele combate mais do que cede; mas a multidão, sequiosa de prazeres, tem sempre o ouvido atento aos que lhe prometem dá-los, e está sempre pronta a precipitar-se para obtê-los.

---

[1] Extraído da circular do Conselho da Ordem de 15 de fevereiro de 1904, a propósito da modificação do art. 1° da Constituição. Publicado no *Le Grand-Orient de France, ses doctrines et ses actes*, por Bidegain, pp. 15-18.

[2] Sermão para o dia de Pentecostes. *Œuvres Oratoires de Bossuet*. Edição crítica completa, pelo abade Lebarcq, I, 544.

[3] Ibid. Sermão sobre a Natividade da Santíssima Virgem, p. 177.

[4] Sermão para o dia de Páscoa, p. 506.

Podemos ainda chamar de maçonismo do coração essa pusilanimidade que impede tantas pessoas virtuosas, tantos bons cristãos de se mostrarem como são. Enquanto os maus se vangloriam e afirmam com tanta audácia seus erros políticos, sociais e religiosos que nos levam para o abismo, os bons ficam mudos por temores que se resumem no temor de serem tidos pelo que são. Quantas vezes vimos esse medo levar ao ponto de dizer e mesmo de realizar o que o adversário quer dizer e fazer!

Quando Boni de Castellane levantava contra si a quase unanimidade dos conservadores da Câmara, ao protestar contra a visita do presidente da República ao rei da Itália, a grande maioria desses conservadores não podia, no fundo, pensar um pouco como Castellane; mas o terror de parecer clerical estava ali, e o que existe de mais invencível, no mundo, é o terror. Que Castellane tivesse proposto a seus colegas não importa o que, eles talvez o teriam seguido. Mas ele lhes propusera que se fizessem chamar de “papalinos” quando o Bloco lhes censurava de sê-los. Ele ia por antecipação, e com certeza, a uma derrota estrondosa.

Quantas pessoas nas quais encontramos essa tendência em seguir o inimigo, esse terror de passar por imbecis, se lhes acontece de tomarem atitudes de independência e de julgamento!

Ao maçonismo do coração vem juntar-se o maçonismo do espírito. Ele se tornou quase generalizado em nossos dias e é bem mais perigoso porque, não despertando tanto quanto o primeiro as suscetibilidades da consciência, muitos deixam-se arrastar por ele, freqüentemente sem o saberem, e a ele se abandonam sem remorsos. Ele é também mais propício à seita, ele a segue mais eficazmente, porque as idéias têm um império mais extenso e mais durável do que os costumes. Assim, ela se aplica a ele com um cuidado todo particular. “É preciso — está dito nas instruções que a Grande Loja deve transmitir e fazer passar gradativamente — é preciso insinuar sutilmente nos espíritos os germens dos nossos dogmas”.

A ação exercida sobre a juventude pelos que a instruem ou pelos que dela se aproximam, tão recomendada aos Quarenta e por estes à toda a seita, seguramente contribui, em grande parte, para a corrupção das idéias na sociedade cristã. As impressões recebidas nos primeiros dias da vida apaga-se facilmente e o homem conserva geralmente, na idade madura, os preconceitos que por primeiro se apoderaram de sua inteligência.

Para os adultos, é através da imprensa e das tribunas de todo gênero e de toda ordem que se dá o contágio do maçonismo.

Não vos aconteceu de retomardes, após alguma interrupção, relações com pessoas que conhecíeis como perfeitamente cristãs em suas idéias e sentimentos? Alguns instantes de conversa fazem com que vos pergunteis: É mesmo o amigo de outrora? Ele não vê mais as coisas sob o mesmo ponto de vista, não usa mais o mesmo critério para apreciá-las e julgá-las; e seus novos julgamentos inspiram-lhe outros sentimentos; não ama mais ou não ama mais tanto o que amava antigamente, não mais detesta o que detestava; sua conduta, que naquele tempo se inspirava nos princípios da fé, é hoje guiada pelo racionalismo mais ou menos declarado.

De onde vem essa mudança? No mais das vezes do efeito produzido sobre seu espírito pelo jornal que ele tem o hábito de ler. Através dos jornais produzem-se no público correntes de opiniões, maneiras de pensar e de agir que ganham este e aquele e acabam por constituir a atmosfera moral na qual todos se encontram mergulhados, o ar cambiante que todos respiram. Os livros, os romances, as obras de vulgarização científica, as conversas e os exemplos viciam-no todos os dias e transformam-no num veneno do qual os temperamentos mais vigorosos têm dificuldade de se defender. Quantas famílias católicas administram a si mesmas o maçonismo, franco ou requintado, através das publicações às quais se entregam inconsideradamente! Por isso são bem raros hoje em dia os espíritos inteiramente

vazios e puros de naturalismo, de racionalismo e de liberalismo, em outras palavras, de espírito maçônico.

A seita vangloria-se de espalhar a *luz* no mundo. Essa palavra pode servir para fazer compreender com propriedade o que é o maçonismo e como ele consegue penetrar, mais ou menos, em todos os espíritos. A luz é direta ou difusa. Quando o sol envia seus raios sem encontrar obstáculo, ela se encontra na plenitude do seu ser e em toda a sua força. Mas quando ela encontra um pára-fogo, ela inflete, espalha-se obliquamente nos lugares circunvizinhos e atenua-se cada vez mais à medida que se distancia do ponto de incidência, do centro que os raios diretos alimentam. Assim a maçonaria, esse centro tenebroso de erros e de perversidade anticristãs, estende sua influência bem além de suas lojas, espalha a noite nas inteligências mesmo muito distantes de sua ação, impregna de tal maneira a sociedade com idéias falsas, que todos os erros se propagam hoje como que por si mesmos.

O maçonismo intelectual é pois um conjunto de idéias emanadas da Franco-maçonaria, espalhadas por ela na atmosfera dos espíritos, respiradas e em seguida retidas, professadas e praticadas por uma multidão de pessoas que não podem ser chamadas de "maçons", posto que não se encontram inscritas nos registros de nenhuma loja, não foram iniciadas, não prestaram juramento à seita; mas que lhe pertencem em razão das idéias que acolheram em suas inteligências e que propagam em torno delas, por seus escritos, discursos e atos, pela influência que exercem na opinião pública, na vida de família, no ensino, nas diversões públicas e nas obras sociais, na legislação e nas relações internacionais, sobretudo, numa palavra, que contribuem assim poderosamente para o progresso da obra maçônica, que é a ruína da sociedade.

Um espanhol, Don Sardá y Salvany, num livro intitulado *Le Mal Social, ses Causes, ses Remèdes*, chamou a atenção sobre algumas questões a respeito das quais o espírito maçônico teve mais livre curso e produziu os danos mais perniciosos. Os principais objetos de suas observações são: a religião, o Estado, a família, o ensino etc., etc.

1° A religião. Ouvimos a maçonaria dizer em suas lojas que o objetivo para o qual devem tender todos os seus esforços é aniquilar a religião, e mesmo toda idéia religiosa. Em pública, ela se contenta, geralmente falando, em colocar nos espíritos a persuasão de que a religião é questão puramente individual, a respeito da qual cada um decide no seu foro íntimo: o homem é livre para servir e adorar a Deus da maneira que lhe parece melhor. Dessa forma ela recomenda, ela propaga o indiferentismo religioso, o qual logo se transforma em ausência de toda e qualquer religião; ela proclama a liberdade de consciência, a liberdade dos cultos e o direito de depreciá-los. Muitos conservadores deixam-se seduzir a ponto de chamar esse maçonismo de progresso.

2° O Estado. O erro que o maçonismo adota relativamente ao Estado é o seguinte: o Estado é soberano,de uma soberania absoluta. É nele mesmo, e não em Deus, que se encontra a fonte de sua autoridade. Ele não deve reconhecer outra sujeição que não aquela imposta por suas próprias leis. Ele é o autor do direito, não somente no seu domínio, mas no da família, da propriedade, do ensino. Ele faz as leis, e essas leis que dispõem acerca de todas as coisas não podem emanar de outra autoridade que não a sua. Aquilo que a maioria dos sufrágios declara ser bom é bom, o que ela declara ser verdadeiro é verdadeiro. Ante seus decretos deve-se apenas curvar a cabeça, ainda mesmo quando os direitos da consciência cristã sejam ultrajados. Isso é admitido agora pela multidão. Para ela, assim que a palavra "lei" é pronunciada tudo está dito.

3° A família. O maçonismo aprova a instituição do casamento civil e de tudo quanto dele resulta, isto é, ele aceita que o Estado atribua a si o direito de sancionar a união entre o homem e a mulher, de determinar e prescrever as condições dessa

união, de dissolver o laço conjugal assim como ele o formou. Ele admite que o Estado substitua Deus, que instituiu o matrimônio na origem das coisas; substitua Nosso Senhor Jesus Cristo, que o elevou à dignidade de sacramento; substitua a Igreja, que recebeu de Deus e de Cristo poder para regulamentá-lo, reconhecê-lo e abençoá-lo.

4° O poder paterno. O maçonismo considera o exercício da autoridade paterna pertence aos pais apenas em virtude de uma concessão presumida pela lei civil, que pode restringi-la ou extingui-la a seu bel-prazer. Ele reconhece como legítimos os direitos que o Estado se arroga sobre a educação dos filhos e a partilha da herança.

5° Educação. Em matéria de educação e na sua administração, o maçonismo parte do princípio da perfeição original. A criança, segundo ele, é naturalmente voltada para o bem e basta que siga suas inspirações para ser boa e virtuosa. Isto é contrariado, como observa Le Play, pela mais grosseira das amas-de-leite como pela mais perspicaz das mães. Elas verificam a cada momento que a propensão ao mal é predominante nas crianças. Pouco importa: o maçonismo muito menos se apóia nesse falso dogma e faz consistir toda a educação na instrução, para proibir a correção, afastar o ensino religioso, desenvolver o sentimento de orgulho, estimular a ambição.

No ensino, o maçonismo não admite que a ciência esteja subordinada ao dogma, a verdade presumida e hipotética à verdade fixa e absoluta.[5] Ele não admite que esta sirva de aferição para verificar aquela. O maçonismo acha bom que o ensino seja obrigatório e neutro, quer dizer, que o Estado faça passar todas as almas pelo laminador do seu ensino, para maçonizá-las todas; e se ele protesta contra o monopólio absoluto do ensino, se ele quer que seja conservada uma certa liberdade que permita fugir ao ensino do Estado, acha justo que aqueles que pretendem usá-lo não somente o procurem às suas expensas, mas seja obrigado a contribuir para o ensino público; ele acha bom que o Estado tenha o monopólio dos exames, o controle dos livro de ensino, que ele tenha seu *Index* e que, através deste, ele pratique com muita antecedência a ingerência ano ensino pretensamente livre. O ensino dos dogmas àquele que é batizado e a exigência de adesão à Fé, pela Igreja, são chamados pelo maçonismo de opressão despótica, escravidão do pensamento; mas que o Estado imponha o ateísmo é, a seus olhos, coisa liberal.

6° A propriedade. O maçonismo reconhece ao Estado o poder de declarar nulo o direito de propriedade, quando este tem por objeto os bens eclesiásticos, a mais sagrada de todas as propriedades. Ele lhe reconhece o direito de elaborar leis para a transmissão e o usufruto da propriedade privada, e através disto prepara os espíritos e as instituições para o socialismo de Estado.

7° A beneficência. O maçonismo desvia a atenção e o coração dos homens das principais necessidades do pobre, aquelas da sua alma. Não vê no pobre senão o corpo, e entre as obras de misericórdia só admite aquelas que tem por objeto o corpo. Ele quer que o pão dado para apaziguar a fome, a vestimenta destinada a cobrir a nudez, a visita feita ao indigente ou ao enfermo, o remédio oferecido ao doente não tenham outro fim que o alívio corporal; ele não quer que haja outra finalidade além desse fim imediato: edificar a alma, aperfeiçoá-la, ajudá-la a obter os bens que lhe são próprios, a verdade, a graça de Deus, a felicidade eterna. É essa a razão pela qual, se ele considera ruim a laicização dos hospitais, dos hospícios, dos orfanatos, é unicamente por verificar experimentalmente que os cuidados dos leigos não equivalem aos dos religiosos. Ele não lamenta a ausência de socorros espirituais, ele não os reconhece como benfazejos.

O maçonismo faz secar a verdadeira fonte da beneficência ao desdenhar o verdadeiro, o principal motivo que deve determiná-la: o amor a Deus. Ele pretende que se ame o homem pelo homem; isso ele chama de filantropia, que ele opõe à

---

[5] A cada momento vemos as teorias científica mais autorizadas e as mais universalmente aceitas serem subitamente colocadas entre os paradoxos.

caridade divina. Para obter o concurso para suas obras de filantropia, o maçonismo, ignorando ou desdenhando os motivos de ordem superior, recorre a diversos meios, uns tão miseráveis quanto os outros. Ele se esforça em estimular a sensibilidade natural, mas o egoísmo responde-lhe com fatos, quando não com palavras, que é menos desagradável ver sofrer o próximo do que impor sacrifícios a si mesmo. Ele abre subscrições públicas, serve-se do respeito humano para fazer com que contribuam em razão do medo do ridículo ou da censura. Ele organiza festas de beneficência, mercados públicos de sensualidade, no qual se aproveita a ocasião da infelicidade alheia para buscar o prazer pessoal.

8° A arte não está, mais do que o resto, fora dos ataques do maçonismo. A arte que ele patrocina e exalta é aquela que exprime e excita as concupiscências que animalizam o homem, em detrimento daquela que exprime os sentimentos que enobrecem a alma humana, que põem em relevo a sua dignidade. Na hora atual o maçonismo domina inteiramente na arte. A poesia e o canto, a pintura e a escultura aplicam-se em nos adular os sentidos, em levar os homens a procurar suas alegrias naquilo que os envilece e os suja, em lugar de os elevar às alegrias da inteligência e da alma.

Imensa é a influência do maçonismo artístico e literário. Ele atinge todas as classes da sociedade, mesmo as mais ínfimas, através da novela, do anúncio, das estátuas oficiais, das diversões públicas, que outra coisa não são senão uma grande empresa de corrupção geral.

Como vemos, o maçonismo se espalha por toda a parte. No momento presente seu contágio é tão poderoso e tão extenso que se alguém quiser voltar a si mesmo, examinar suas idéias e seus sentimentos, deverá reconhecer que existe mais de um e mais de uma que foram alterados, que não foram conservados inteiramente a pureza da doutrina e do senso católicos.

É através desse enfraquecimento gradual, metódico, que a seita espera chegar pouco a pouco a aniquilar a idéia cristã no mundo.

O jornal *Opinion Nationale* escrevia, sob o reinado de Napoleão III: "Existe em certas partes da África e da América um inseto de uma atividade e de uma fecundidade impressionantes: o cupim. É um inseto mole, esbranquiçado, sem resistência, organizado que é para viver nas trevas. No entanto, quando ele ataca as casas acaba-se sempre por ceder-lhe o lugar. Nada o faz parar. Sem ruído, ele rói vigas, barrotes, pranchas e até o corrimão da escada. Apoiai-vos sem desconfiança: a madeira cede sob os dedos. Os cupins vão assim furando, furando com uma atividade incrível e multiplicando-se cada noite aos milhares. Do lado de fora nenhum vestígio; tudo conserva a aparência da solidez, até que um dia, ao primeiro sopro da tempestade, a casa desfaz-se em pó sobre os seus habitantes surpresos e mostra, à luz do dia, a incontável e imunda multidão de cupins, fervilhando sobre as ruínas".

Esse verme, sob a pena do *Opinião Nationale*, eram os Irmãozinhos dos Pobres, as Filhas de São Vicente de Paulo e outras congregadas. Não é mais justo ver sob essa figura o maçonismo e sua obra? As idéias que o formam são exatamente como essas formigas brancas. Elas se espalham aos poucos na sociedade, minam-na sem que ninguém o perceba. No dia da tempestade revolucionária, veremos a sociedade cair; e todos, tanto aqueles que propagaram essas idéias quanto aqueles que não reagiram contra elas, perecerão sob suas ruínas.

Quantas pessoas, vendo esse trabalho obscuro de destruição, recuariam de pavor! Por isso é necessário e caridoso abrir-lhes os olhos, ensinar-lhes a traduzirem perante suas consciências as idéias que povoam suas inteligências, a perguntarem-se se, desse exame, não resulta que elas pertencem, pelo menos em razão de algumas tendências de seus espíritos, à alma da Franco-maçonaria.

Porque da mesma maneira como distinguimos na Igreja de Deus o corpo e a alma, e que podemos pertencer ao corpo sem ser completamente da alma, e reciprocamente, pertencer à alma sem ser do corpo, assim também sucede

relativamente ao Templo de Satã. O corpo é constituído pelas lojas e pelos que nelas estão inscritos; a alma é constituída pelo liberalismo e pelo racionalismo, numa palavra, pelo naturalismo. Todos os que têm algo dele pertencem à alma da seita, na medida que deixaram descristianizar o espírito ou o coração, ou o coração e o espírito.

——————— ♦ ———————

CAPÍTULO XXXVII

CORRUPÇÃO DAS IDÉIAS *(continuação)*

IX. — MAÇONISMO E EVANGELHO

Ouvimos um dos membros da Grande Loja explicar como pode dar-se que alguns membros do clero se deixem seduzir pelo liberalismo, pelo igualitarismo e por outras produções do maçonismo. "Eles se persuadem, diz ele, que o cristianismo é uma doutrina essencialmente democrática". Não há insinuação que tenha tido sobre os espíritos um império mais extenso e mais funesto.

O esforço para espalhá-la vem de longe, e se remontamos à sua fonte, verificamos que ela tem como seus primeiros autores Weishaupt e Knigge, os dois homens que deram às sociedades secretas seu último e decisivo impulso, aqueles que assinalaram o objetivo supremo que elas deviam se esforçar para alcançar: o aniquilamento do cristianismo.

Knigge, numa carta a Zwach, expõe que entre os alunos do Iluminismo encontram-se homens que têm necessidade de uma religião revelada para fixar suas idéias e outros que detestam toda revelação. "Para pôr em ação, para fazer concorrerem para nosso objetivo essas duas classes de homens, para ter êxito, era preciso encontrar uma explicação do cristianismo que chamasse os supersticiosos à razão e que ensinasse aos nossos sábios mais livres não rejeitarem a coisa em razão do abuso. Esse segredo devia ser o da maçonaria e conduzir-nos ao nosso objetivo. Para reunir esses dois extremos, dizemos pois que Jesus não estabeleceu uma nova religião, que quis simplesmente restabelecer nos seus direitos a religião natural. Sua intenção era de nos ensinar a governar-nos a nós mesmos, e de *restabelecer*, sem os meios violentos de revolução, a liberdade e a igualdade entre os homens. Bastava para isso citar diversos textos da Escritura e oferecer explicações *verdadeiras ou falsas, pouco importa*, visto como cada um encontra um sentido de concordância com sua razão na doutrina de Jesus. Spartacus (Weishaupt) tinha reunido muitos dados para isso; acrescentei os meus na instrução para esses dois graus (os dois graus dos pequenos mistérios)".[1]

Segundo essas Instruções, antes de admitir o Cavaleiro Escocês no grau de Epopte, dirigiam-lhe diversas questões que ele devia responder por escrito.

"1. O estado atual dos povos responde ao objetivo para o qual o homem foi colocado sobre a terra. Os governos, as religiões dos povos preenchem a finalidade para a qual os homens os adotaram? Eles os conduzem à verdadeira felicidade?

"2. Não existiu outrora uma ordem de coisas mais simples? Que idéia fazeis desse antigo estado do mundo?

"3. Tendo em vista que passamos por todas as nulidades (por todas as formas vãs e inúteis de governo e de religião), seria possível voltar àquela primeira e nobre simplicidade de nossos pais?

"4. Como seria preciso [s'y prendre] para [ramener] aquele período feliz?

"7. Pode-se conhecer e ensinar um cristianismo melhor? O mundo, tal como se encontra hoje em dia, suportaria mais luz?

"9. Enquanto esperamos, não seria preciso semear a verdade nas sociedades secretas?

---

[1] *Ecrits originaux*, t. II, pp. 104 e seguintes.

"10. Não percebeis as medidas de uma educação gradual na arte que vedes ser transmitida à nossa Ordem desde os mais remotos tempos?"

Quando as respostas convenientes tinham sido dadas e o Cavaleiro Escocês era admitido ao grau de Epopte, o Hierofante dizia-lhe na cerimônia de iniciação: "Nossa doutrina é essa doutrina divina, tal qual Jesus a ensinava a seus discípulos, aquela cujo verdadeiro sentido ele desenvolvia nos seus discursos secretos... Ele ensinou a todo o gênero humano a maneira de chegar à LIBERTAÇÃO... Ninguém franqueou à LIBERDADE caminhos tão seguros como nosso grande mestre Jesus de Nazaré".

Weishaupt, ao redigir essa parte do seu ritual, encarregava seus discípulos de disseminar a persuasão de que a liberdade, a igualdade e a fraternidade, entendidas no sentido maçônico, tiveram por inventor Nosso Senhor Jesus Cristo; que sua doutrina secreta — que era aquela verdadeiramente e inteiramente sua, e que não devia ser pregada abertamente senão quando o mundo fosse capaz de compreendê-la — era a pura doutrina democrática, que rejeita toda a autoridade e maldiz toda a propriedade.

Estivessem ou não persuadidos disso, seus discípulos não deixaram de falar nesse sentido. Basta citar Camille Desmoulins, que fazia de Nosso Senhor Jesus Cristo "o primeiro *sans-culotte*"; Gracchus Babeuf, que lhe conferiu um papel de partidário da divisão dos bens; e, mais próximo de nós, Proudhon, que o transfigurou no "divino socialista"; Lammenais, que empreendeu demonstrar esse sofisma: que a Revolução Francesa saiu do Evangelho.[2] Weishaupt não se enganou. Dar ao povo a convicção de que a doutrina democrática é a própria doutrina do Evangelho, a pura doutrina de Jesus Cristo, e sobretudo conseguir transmitir-lhe essa convicção através dos padres, era seguramente o meio mais engenhoso e mais infalível de fazer chegar e sedimentar a Revolução para sempre, com vistas à qual ele havia fundado o Iluminismo. Assim, disseminar essa persuasão foi uma das principais ocupações da Grande Loja, herdeira direta do Iluminismo. Na Bula *Ecclesiam a Jesu Christo*, o Papa Pio VIII fez a seguinte advertência: "Os carbonários fingem um singular respeito e um zelo maravilhoso pela religião católica e pela doutrina e pessoa de Nosso Senhor Jesus Cristo, O qual, algumas vezes, eles têm a audácia de nomear como seu grande mestre e o chefe de sua sociedade".

E Pio IX, na alocução consistorial pronunciada em Gaëte, em 20 de abril de 1849, também disse: "Os chefes da facção, por um culpável abuso das palavras e dos pensamentos do santíssimo Evangelho, não temem, lobos de rapina disfarçados de cordeiros, em arrastar a multidão inexperiente para seus desígnios e seus empreendimentos e de derramar nos espíritos imprevidentes o veneno de suas falsas doutrinas".

Piccolo-Tigre deu a razão última pela qual essa tática foi inventada e posta em ação: "A Revolução (ou a idéia revolucionária) na Igreja é a Revolução em estado de permanência".

Nossos democratas deixaram-se apanhar nisso.

No seu número-programa, o *Démocratie Chrétienne*, após ter dito que "a democracia tem como princípio fundamental a igualdade natural de todos os homens", acrescenta: "E quem, pois, fez prevalecer esse princípio da igualdade natural de todos os homens, que nenhuma sociedade pagã tinha reconhecido, e que encontra seu pleno desenvolvimento social no regime democrático bem compreendido?... Ah! não foi Jesus Cristo? E quando a democracia vem dar a esse princípio da igualdade humana seu pleno desenvolvimento social, repugnaria a nós cristãos a total exaltação da democracia?"

---

[2] No momento em que o padre Lacordaire, Ozanam, o abade Maret fundavam o *Ere Nouvelle*, apareciam jornais intitulados: *Le Christ Républicain — Le Christ Socialiste*.

E em outro lugar: “A democracia é boa, seu princípio é inatacável, pois constitui o estado social mais conforme ao espírito da Igreja, posto que ela foi promulgada por Jesus Cristo”.

“A liberdade, a igualdade, a fraternidade, são benefícios que nos vêm do cristianismo”.

A liberdade da qual fala Nosso Senhor quando diz: *Veritas liberabit vos?* Sim, certamente, essa liberdade é um dos grandes benefícios do cristianismo. A verdade sobre Deus, sobre o homem, sobre nossos destinos que Sua Bondade infinita tornou sobrenaturais e eternos, essa verdade liberta o homem da escravidão de Satã e do mundo, de suas paixões e de seus pecados. Eis a liberdade que vem do cristianismo. Mas não a liberdade democrática, cuja essência está no subtrair-se à Autoridade, no sacudir seu jugo. A palavra foi tomada do cristianismo, a coisa às paixões do homem, ao seu orgulho. E roubar assim ao cristianismo suas palavras para interpretá-las no sentido do paganismo, é levar a anarquia intelectual ao cúmulo, é trilhar o caminho mais seguro para levar os povos à perdição mais irremediável.

As mesmas observações valem para a palavra igualdade. A igualdade dos homens chamados todos à vida eterna, resgatados todos pelo sangue de Nosso Senhor Jesus Cristo, que recebem todos as graças necessárias à salvação, essa igualdade vem do cristianismo. Mas é essa liberdade que a inveja democrática reivindica, inveja que quer rebaixar tudo ao seu nível? o orgulho democrático, que não pode suportar superiores?

E a fraternidade pregada pela democracia é a fraternidade dos homens em Jesus Cristo, que se fez irmão deles e que lhes deu por Pai o Soberano Senhor que está nos céus? Não é mais o humanitarismo que tende a um Estado-Humanidade através da solidariedade universal?

“Quando vemos quais são as doutrinas pelas quais muitos homens trocaram os tesouros de verdades escondidas em Cristo, disse Shelling, involuntariamente nos lembramos daquele rei a respeito do qual Sancho Pança conta que tinha vendido o reino para comprar um bando de patos”.

Não; a liberdade, a igualdade, a fraternidade democráticas não foram promulgadas por Nosso Senhor Jesus Cristo. Não foi isso que Ele quis que prevalecesse ao vir a esta terra. Não se pode dizer que essa liberdade, essa igualdade e essa fraternidade sejam benefícios que nos vêm do cristianismo e que o estado social que neles repouse seria o mais conforme ao espírito da Igreja. O estado social mais conforme ao espírito da Igreja é aquele que melhor ajuda os homens a obter a salvação.

Essas confusões de idéias e de ações liberais que constituem sua [mise en oeuvre], preparam uma sociedade essencialmente anti-cristã; porque nada há que possa se opor mais eficaz mente ao retorno da nossa sociedade revolucionária ao espírito do cristianismo, àquele espírito que, segundo Leão XIII — ao se dirigir diretamente aos democratas-cristãos — deve dar à comunidade humana uma forma e um caráter em harmonia com aqueles que Deus estabeleceu.[3] Deus estabeleceu a sociedade não sobre a liberdade, mas sobre a submissão às autoridades; não sobre a igualdade, mas sobre a hierarquia; não sobre o humanitarismo, mas sobre a caridade divina.

Sempre se disse, e nada há de mais verdadeiro: o erro mais nocivo é o que está mais próximo da verdade, ou aquele que lhe toma emprestados os termos. Os homens mais perigosos são aqueles que têm a verdade no rosto e o erro no coração. Como a juventude prevenir-se-á contra escritores e oradores honestos e brilhantes, que anunciam a todos o reino da liberdade e da igualdade com o pão e os prazeres? Eles afirmam trazer a solução cristã da questão social quando propagam as idéias da

---

[3] Encíclica *Graves de Communi.*

Revolução. Isto é atirar os povos numa confusão da qual não poderão sair. "Se se conseguisse, diz Saint-Bonnet, aliar o espírito revolucionário ao espírito religioso, casar o orgulho com a verdade, nossa civilização estaria perdida para sempre. O socialismo cristão perderá tudo se usar a força: ele se apropria da verdade o bastante para dissimular o erro e sufocar definitivamente a verdade. Queira Deus proteger nosso clero do erro mais insinuante, mais terrível como jamais houve! A miragem é tal que muitos dentre os mais sábios não sabem mais onde fixar o espírito. Como fazer para, daqui para a frente, distinguir o ramo envenenado do ramo do Evangelho?"[4] "Cada época tem a sua heresia, mas aqui se retira o próprio fundo do cristianismo, deixando-lhe seu nome. A alma experimenta um calafrio. O inimigo do gênero humano encontrou um erro que carrega o nome da verdade e que é capaz de acelerar o fim dos tempos".

Montalembert não falava de outra maneira:

"Se o contágio socialista invadisse até os filhos da própria Igreja, se uma parte de nossa juventude católica tivesse a infelicidade de abrir seu espírito e seu coração a essas doutrinas falaciosas, então verdadeiramente o mal poderia parecer irreparável e nada mais restaria senão chorar sobre as ruínas de uma sociedade condenada a morrer nas angústias de uma anarquia incurável".

"Para um sacerdote, constitui traição, dizia ainda Saint-Bonnet, conduzir a questão social fora do terreno da Fé".

Há cerca de dez anos, num número do *Éclair*, datado de 6 de julho, o abade Charbonnel, que não tinha ainda apostatado, escrevia um artigo intitulado *O Socialismo Cristão*. Aí ele invocava a autoridade de São Paulo, de monsenhor Ketteler, de monsenhor Ireland, do conde de Mun, do abade Hitze. E terminava com estas palavras:

"No dizer de Proudhon, a questão social já está levantada, mas é errante: *pregada em nome de Deus, consagrada através da palavra do sacerdote, ela se espalhará com a rapidez do raio*. É O QUE ACONTECE e a evolução esteve singularmente presente de Lammenais a Leão XIII. Quem disse, pois, que a Igreja não muda?"

Não, a Igreja não muda, ela diz hoje o que dizia ontem, mas são muito perigosos aqueles que tentam fazê-La dizer o contrário do que Ela sempre ensinou e que, por isso, apresentam-se sob o manto do Pontificado supremo e da infalibilidade doutrinária!

Da persuasão de que o cristianismo é uma doutrina essencialmente democrática nasceu o desejo da reconciliação da Igreja com o século, inicialmente na ordem política, depois em toda a ordem de coisas. Na carta ao seu clero sobre o Concílio Ecumênico do Vaticano,[5] o cardeal Regnier dizia: "O catolicismo liberal trabalha para que a Igreja se afaste de seus caminhos tradicionais e seculares, para fazê-La entrar naqueles em que está comprometida a sociedade moderna e cujo desfecho só Deus conhece".

Os católicos liberais proclamam-se com muito gosto filhos da sociedade moderna, que declaram ser "a menos imperfeita, a melhor das sociedades que jamais existiu". Repetem a todo instante que "a aceitam tal qual ela é", e que ninguém deve pensar em reagir contra a corrente criada pela Revolução. A língua da Revolução não lhes põe medo, longe disso; eles têm habitualmente nos lábios as fórmulas das liberdades que estão na moda. Que digo? Essas liberdades que os papas chamaram de delírios e de instrumentos de perversão e de corrupção, eles dizem que saíram do Evangelho, como tantos outros frutos requintados" e que ali estão "os aspectos soberbos da

---

[4] Blanc de Saint-Bonnet forneceu ele mesmo a resposta: "Para reconhecê-lo, resta um sinal certo. O espírito do cristianismo se revela imediatamente: em vez de inflar o ego, ele pede o sacrifício".

[5] *Œuvres,* t. IV, p. 189.

sociedade moderna". Acerca da *Declaração dos Direitos do Homem*, que constitui o próprio princípio da Revolução e o fundo do naturalismo, dizem que "nenhuma nação jamais teve algo semelhante", "que foram necessários dezoito séculos de cristianismo para torná-la possível", que jamais houve "acontecimento tão grande no mundo". A maior parte dessas citações foram tomadas do livro do abade Bougaud *Le Christianisme et les Temps Présents*.[6] Vacherot tinha uma compreensão mais precisa das coisas quando dizia: "Àqueles que acreditariam ainda que a Revolução pode se reconciliar com a Religião, a democracia, que é a alma e o espírito da Revolução, responde nestes termos: "Nenhuma religião, nem mesmo o protestantismo, que é a mais liberal de todas, é compatível com o ideal da democracia".[7]

Depois disso não temos como nos espantar que nos primeiros dias de junho de 1885, o *Figaro* tenha tido a insolência de endereçar a Leão XIII o seguinte convite: "Se Leão XIII, *com o solene número 1789 nas mãos*, se levantasse subitamente de sua cadeira, na qual está sentado tão tranqüilo, pensativo, vistoso — ele seria tão grande quanto o Moisés de Saint-Pierre-aux-Liens. A vê-los assim, o Papa e Moisés, imaginamos como seria a altura deles se estivessem em pé. ELE COMPREENDEU que *se a sua Igreja não caminha com a sociedade moderna — a sociedade moderna caminhará sem a sua Igreja*". Isto que o Figaro dizia, toda a clientela dos Ignotus, dos Wolff, dos Grandlieu, dos Millaud etc., numa palavra, todo o catolicismo liberal, pensava.

Foi Lammenais o pai e o chefe da escola a um só tempo católica e revolucionária da pacificação, da conciliação, da adaptação, da união enfim e da fusão entre o Cristianismo e a Revolução. Segundo ele, não há salvação para a Igreja no futuro senão aí. É preciso que Ela se harmonize com a liberdade moderna, digamos com mais propriedade, com o liberalismo, que é a heresia das heresias.

"Aqui está, diz Chapot, o ponto culminante da sedução liberal. Não precisaria haver nada além disso. Fazer os bons e o clero acreditar que a salvação virá do liberalismo é o apogeu e o triunfo da Revolução.

"Eis mais de setenta anos que essa nova maneira de compreender os interesses da Igreja invadiu tudo. Ela reina no seio das academias, ela está sentada nos santuários, ela tem todos os favores da opinião pública; é considerada como a garantia certa, infalível, da vitória iminente da Igreja sobre a terra.

"Graças à engenhosa distinção entre a tese e a hipótese do liberalismo, foi completada a evolução dos católicos no terreno revolucionário do direito comum, dos direitos do homem, da liberdade para todos, da adesão às idéias, às instituições políticas e sociais do mundo moderno. Os exércitos cristãos passaram-se inteiros, com armas e bagagens, para os estandartes do liberalismo e da Revolução. Foi assim que os católicos da França foram lançados, de cabeça baixa, na suprema armadilha de Satã. Essa cegueira é tão profunda e tem uma extensão tão considerável que podemos de pleno direito considerá-la como o acontecimento capital da Revolução e um dos mais infelizes, quanto às suas conseqüências, de toda a história humana.

"A confusão invadiu todos os espíritos, mesmo os melhores. Chegamos a não mais distinguir nitidamente os caracteres do reino de Satã dos do reino de Jesus Cristo, os princípios do cristianismo dos princípios da heresia de Satã".[8]

Felizmente Roma está sempre presente.

---

[6] Nessa mesma obra, t. V, p. 21, o abade Bougaud diz: "Não existe solução de continuidade entre as verdades da ordem sobrenatural e as verdades da ordem natural; estas embebem-se naquelas e vice-versa". E mais adiante: "Sobe-se do sentido à razão, assim como se sobe da razão à fé". Na página 42: "Sem dúvida, a fé é um dom de Deus, como a visão, a razão, nem mais nem menos do que eles". Essas proposições são puro pelagianismo. Elas mostram o que se torna a noção do sobrenatural nos espíritos que se deixam invadir pelo liberalismo.

[7] *De la Démocratie*, p. 60.

[8] *Revue Catholique des Institutions et du Droit*, setembro, 1904, n. 9, p. 202.

A carta do Papa ao cardeal Gibbons veio condenar essa proposição: “Para trazer de volta mais facilmente à verdade católica os dissidentes, é preciso que a Igreja se adapte de preferência à civilização de um mundo chegado à época do homem e que, relaxando o antigo rigor, Ela se mostre conciliadora relativamente às aspirações e às exigências dos povos modernos”. Era, sob uma nova forma, a última das proposições condenadas pelo *Syllabus* de Pio IX: “O Pontífice romano pode e deve se reconciliar e transigir com o progresso, o liberalismo e a civilização moderna”.

No dia seguinte ao da publicação dessa Encíclica, em 24 de março de 1899, o *Temps*, um dos órgãos do protestantismo, veio dizer aos conciliadores de jamais renunciarem, no entanto, ao seu projeto: “Aqueles que, no clero como entre os leigos, procuram uma renovação, uma ação social mais profunda, uma relação mais cordial com a sociedade moderna, não têm nenhuma razão para se desencorajarem”. A *Civiltà Cattolica* dizia: “Aquele que se aproxima, que apalpa, que se adapta ao século e transige, esse pode dar a si mesmo o nome que quiser, mas diante de Deus e diante da Igreja é um rebelde e um traidor”. Rebelde porque quer ir de encontro às diretrizes seculares da Igreja; traidor porque faz o jogo dos inimigos da Igreja.

É difícil dizer se há um só campo em que o recuo da Igreja não tenha sido solicitado para chegar à conciliação: as Sagradas Escrituras não deveriam manter intacta sua inspiração, sua veracidade, sua autenticidade; a teologia deveria diminuir o número dos seus dogmas e submetê-los ao controle da cientificismo; a filosofia deveria se “kantizar”; a política deveria consagrar a soberania do povo; a economia deveria encontrar o céu aqui em baixo etc., etc. A cada uma e a todas dessas pretensões Leão XIII respondeu através de suas imortais encíclicas. A primeira, *Inescrutabili*, disse que a civilização que repugna às doutrinas da Igreja não passa de uma falsa civilização; aquela que começa pelas palavras *Quod Apostolici* refutou as conclusões práticas a que essa falsa civilização deve chegar: o socialismo, o comunismo, o niilismo, que querem estabelecer a ordem social sobre a igualdade de todos os homens, quer dizer, a derrubada de toda hierarquia; a abolição do casamento e da família, a negação do direito de propriedade. As encíclicas seguintes repisaram cada uma dessas bases da ordem social: *Arcanum Divinæ Sapientiæ*, sobre o casamento e a família; *Diuturnum*, sobre o poder civil; *Immortale Dei*, sobre a constituição cristã dos Estados; *Libertas Prœstantissimum*, sobre a verdadeira noção da liberdade; *Sapientiæ Christianæ*, sobre os deveres civis dos cristãos; *Rerum Novarum*, sobre a paz social e os meios de obtê-la; *Æterni Patris*, sobre a filosofia; *Providentissimus Deus*, sobre a Sagrada Escritura etc., etc.; e no centro dessa esfera de onde a luz esparge sobre todas as questões agitadas de nossos dias, a encíclica sobre a Igreja, depositária e doutora de todas as verdades, e aquela sobre a Franco-maçonaria, centro de todos os erros.

“Fazemos todos os nossos esforços, dizia Leão XIII aos peregrinos de Malta, em 22 de maio de 1893, para trazer a sociedade de volta ao caminho reto”; e numa carta endereçada em 6 de janeiro de 1896 ao cardeal Langénieux, exortava todos os católicos a secundarem seus esforços nestes termos: “Os católicos devem afirmar-se como filhos da luz, tanto mais intrépidos e mais prudentes quando vêem um poder tenebroso colocar mais persistência em arruinar em torno deles tudo o que resta de sagrado e benfazejo; eles devem tomar, com clarividência e coragem, de acordo com a doutrina exposta em nossas Encíclicas, a iniciativa de todos os verdadeiros progressos sociais, manter-se na primeira fileira entre os que têm a intenção leal, em qualquer grau que seja, concorrer para fazer reinar por toda a parte, contra os inimigos de toda a ordem, os eternos princípios da justiça e da civilização cristã”.

A recusa de conciliação oposta pela Igreja aos inimigos de tudo o que constitui a ordem, alcança apenas o erro e o mal que ela não pode consagrar, mesmo no grau mais ínfimo. Quanto a isso, sua oposição é para sempre irredutível. Mas é uma perfídia da seita, que queria a conciliação no erro e no mal, fazer acreditar que a Igreja

tem horror às descobertas da ciência moderna e à respectiva aplicação aos usos da vida.

O apóstolo São Paulo disse: "*Nolite conformari huic sæculo".*[9] Não vos conformeis com o presente século". E o apóstolo São [Jacques]: "Quem quer ser amigo do mundo torna-se inimigo de Deus". Jamais a Igreja deixará essas palavras caírem no esquecimento.

As Instruções dadas aos Quarenta, sobre os meios a empregar para corromper o espírito público, foram tão bem seguidas e tiveram tanto sucesso que, dez anos após a sua redação, o Papa Pio VIII teve de deplorar, na sua Encíclica de 24 de maio de 1829, o mal que elas já tinha feito.

Em 23 de janeiro de 1844 Gaëtan escrevia a Núbius: "No espaço de um pequeno número de anos caminhamos muito. A desorganização reina por toda a parte, no Norte como no Sul, no coração dos nobres como no dos padres. Todos se curvaram sob o *nível* que quisemos impor à humanidade para rebaixá-la. *O mundo está lançado na via da DEMOCRACIA*".

Gaëtan tomava por realidades os seus desejos. Não, não era verdadeiro dizer que *todos* tinham se curvado sob o nível que a maçonaria quis impor à humanidade para rebaixá-la. Muitos se curvaram, no entanto, e tantos que no ano seguinte, em 4 de agosto de 1845, o cardeal Bernetti, cuja perspicácia tinha espantado Núbius, pôde escrever a um dos seus amigos:

"Virá o dia em que todas essas minas carregadas de pólvora constitucional e progressista explodirão. Permita o Céu que, após ter visto tantas revoluções e assistido a tantos desastres, eu não seja testemunha das novas infelicidades da Igreja! A barca de Pedro sem dúvida não submergirá, mas sinto a necessidade de me recolher na paz antes de ir prestar contas a Deus de uma vida tão atormentada a serviço da Sé Apostólica. Que Sua divina vontade seja feita e tudo será para o melhor!"

Não fazia mais de vinte anos que a Grande Loja tinha começado sua obra, tinha-se aplicado a pôr em execução o plano que lhe fora traçado para introduzir o maçonismo na Igreja, e já o Papa e seus fiéis ministros podiam manifestar amargas queixas, lançando um olhar de tristeza e de piedade sobre o que tinha sido feito e um olhar de receio sobre o futuro.

Coisa incrível, coisa que não se poderia ter imaginado: para que suas insinuações fossem acolhidas por numerosos espíritos, que pediam apenas para caminhar à luz da verdade, a seita encontrou o meio de fazê-las apresentar à juventude sob a máscara da autoridade do Soberano Pontífice.

As Instruções secretas dadas à Grande Loja disseram: "Desejais estabelecer o reino dos eleitos (de Satã) sobre o trono da prostituta da Babilônia (Roma); QUE O CLERO MARCHE SOB VOSSO ESTANDARTE, SEMPRE ACREDITANDO MARCHAR SOB A BANDEIRA DAS CHAVES APOSTÓLICAS".

No seu livro *Nouveaux Catholicisme et Nouveau Clergé*, Maignen não hesitou em chamar a atenção para as palavras e os fatos que mostram que essa ilusão existiu para vários sacerdotes.

"Que exista perigo para a fé e para a disciplina da Igreja, nessa necessidade insaciável de novidade, que arrebata muitos católicos e uma parte do clero, torna-se cada dia mais difícil de contestar.

"Mas acreditamos perceber um perigo maior na maneira como os inovadores pretendem fazer prevalecer suas doutrinas.

---

[9] Rom., XII, 2.

"Essa tática, com efeito, é maravilhosamente adaptada à situação presente e àquilo que poderíamos chamar de mentalidade católica depois do Concílio do Vaticano.

"Não somente os modernos inovadores não pretendem romper com Roma, nem se insurgir abertamente contra a autoridade pontifícia, mas *eles sustentaram abertamente o desígnio de monopolizar, de alguma maneira, a influência dessa própria autoridade, e de dela se servirem para o surgimento do seu partido*.

"No domínio da teoria, não se trata mais, para os inovadores, de negar um dogma, mas de dar a todos os dogmas, segundo a ocasião, um sentido novo.

"No domínio dos fatos, *não se cogita de resistir ao Papa, mas de fazer a opinião pública acreditar que os mentores do partido são os únicos fiéis intérpretes do pensamento do Papa*.

"Para chegarem a seus fins, os inovadores dispõem de dois meios poderosos: um, que pertence a todos os tempos, a intriga, através da qual eles se esforçam em impelir seus partidários para dentro da Igreja e do Estado; o outro, mais moderno e mais temível, a imprensa, que sabem manobrar habilmente de maneira a criar simpatias populares, essas correntes de opinião, tanto mais perniciosas à vida da Igreja quanto mais parecem inofensivas e espontâneas".[10]

O falecido Auguste Sabatier, então deão da Faculdade de Teologia protestante, em Paris, fez a mesma observação, em cartas endereçadas de Paris ao jornal de Genebra, em 20 de outubro de 1898 e 19 de março de 1899, uma anterior e outra posterior à publicação da Encíclica sobre o americanismo.

Após ter observado que:

"O americanismo é filho do liberalismo",

Ele diz:

"Seu pensamento dominante é UNIR O SÉCULO E A IGREJA, *procurar uma conciliação entre a tradição da Igreja e as aspirações do século*, fazer cessar o conflito entre a *teologia dos seminários* e as ciências modernas".

Ele termina dizendo que os americanistas *esperam triunfar contra todas as resistências*.

Como? Ele ainda o diz: "*Redobrando seus protestos de submissão à Santa Sé*, abrigando tudo isso *sob a soberania do Papa*, protestando *uma plena obediência às suas diretrizes*".

Aqueles que têm seguido os inovadores, aqueles que têm observado suas atitudes e seus atos, que têm lido seus escritos, reconhecerão que Sabatier captou essa tática pelo ponto essencial. Foi isso, ademais, que verificou monsenhor Lorenzelli, no discurso pronunciado no Seminário Maior de Soissons, nos primeiros dias do ano de 1902. O núncio, após ter falado dos *perigos que ameaçam a Igreja Católica na hora presente* e assinalado "a tendência em naturalizar o espírito do clero, em acolher toda nova doutrina, todo novo método de ação", não temeu em acrescentar: "Esse espírito pretenderia se justificar com certas palavras da Santa Sé".

Essa maneira de fazer, não é inútil registrar, responde de uma maneira evidente aos desejos expressos pelas Instruções dadas à Grande Loja.

Democratas-cristãos no princípio, depois americanistas e enfim modernistas não cessaram de agitar a bandeira do Papa e de se apresentar como seus arautos, ao mesmo tempo em que ensinavam e propagavam da melhor forma possível as doutrinas que a Santa Sé não cessa de condenar.

Colocaram seu ponto de apoio na própria Roma. Com diretrizes pontifícias interpretadas contra o senso comum eles forjaram uma arma contra os defensores da sã doutrina; ganharam os jornais, mesmo aqueles outrora mais opostos ao liberalismo, de maneira que na França e na Itália, na Alemanha e na América, tivemos a dor de ver

---

[10] *Nouveau Catholicisme et Nouveau Clergé*, páginas 435-436.

célebres campeões da Igreja se dedicarem a dissimular as verdades, quando eles próprios não propagavam os erros do americanismo, do liberalismo e da democracia. Assim apoiada, a audácia dos inovadores não conheceu nenhum temor.[11]

Quando veio a condenação do americanismo, disseram que essa condenação fora "arrancada à fraqueza doentia do Santo Padre". E não foi apenas o *Figaro* que falou dessa forma (número de 11 de junho de 1899). O *Sillon*, que, diga-se de passagem, não mudou, teve a audácia de lançar estas pérfidas insinuações: "Muitas coisas são cochichadas, não o ignoro, sobre o modo como os assessores do Santo Padre, nesses últimos tempos, teriam tirado proveito de sua velhice e de sua doença".

No *Problème de l'Heure Présente*, muitos outros fatos semelhantes foram relatados.[12]

Que confusões tais dizeres não produzem nos espíritos que não têm as desconfianças recomendadas pela adversidade destes tempos!

No número de 10 de abril de 1899, o *Sillon* publicou, sem comentários, uma carta na qual um dos seus começava por lhe recordar a dúvida que ele emitira anteriormente, a propósito da Encíclica contra os americanistas. "Podia Leão XIII condenar com o mesmo golpe a obra inteira do seu pontificado?" Depois vinham as censuras:

"Agora vós vos separais dos homens ou das idéias que sustentáveis, na esperança, parece, de que essas concessões pouparão outros. Permiti-me crer que é trabalho perdido. Sereis desalojado de vossas últimas trincheiras... Não seria mais franco afirmar que o Papa parece em vias de arruinar pouco a pouco — ou de *deixar* arruinar e desfazer, naquilo que ela tem de humano e por conseguinte de destrutível, bem entendido — a obra do seu glorioso pontificado? Isto pode e deve entristecer-nos: isto não pode nem deve nos desencorajar. Mas por que não consigná-lo?"

A seqüência do artigo mostrava o pensamento da apostasia que rolava no espírito desses jovens que "acreditaram marchar sob a bandeira das chaves apostólicas" enquanto, na realidade, estavam sendo lançados nos caminhos abertos pelo maçonismo.

No momento em que a Franco-maçonaria chegou ao poder e lançou o grito de guerra: "O clericalismo, eis o inimigo", um dos maçons mais instruídos e dos mais capazes de se dar conta dos desígnios e dos planos da seita, disse a um bispo, o qual, por sua vez, o disse ao *Univers*: "Nossas providências são muitíssimo bem adotadas, preparamos muitíssimo bem nossos meios de ataque, garantimos muitíssimo bem *todas as alianças*, TODAS AS CONIVÊNCIAS, TODAS AS CUMPLICIDADES de tudo quanto seja uma força, uma influência, um poder, para que nosso sucesso seja certo".

Ó dor! tudo caminhou como a Franco-maçonaria tinha preparado e como o interlocutor do bispo predissera.

———— ♦ ————

---

[11] Em novembro de 1894, *La Démocratie Chrétienne* publicou um artigo de mais de 40 páginas cuja conclusão era a seguinte: "Nós não tínhamos aqui senão uma finalidade com esse trabalho: demonstrar que o Papa tem simpatias e preferências pelos *Chefes*, pelas *Doutrinas* e pelas *Obras* dessa Escola que nós poderíamos chamar doravante de *Escola Pontifícia*. Acreditamos ter atingido nosso objetivo".

[12] Ver 1ª parte, capítulo XXXV.

O AGENTE DA CIVILIZAÇÃO MODERNA

III. — SEU OBJETIVO

A CONSTRUÇÃO DO TEMPLO

O TEMPLO

I. — NAVE POLÍTICA

CAPÍTULO XXXVIII

RUMO A UM NOVO ESTADO SOCIAL

Nas primeiras páginas deste livro vimos que há duas maneiras de considerar a vida presente:

Como tendo seu fim nela mesma.

Como preparatória para a vida eterna.

Essas duas maneiras de ver abrem o caminho para duas civilizações:

A civilização cristã.

A civilização humanitária.

Elas sempre estiveram em conflito. Mas esse conflito, que desde o surgimento do cristianismo jamais cessou de existir no coração do homem, tornou-se público, social, no dia em que os humanistas olharam para trás, em direção ao paganismo, e se propuseram restaurá-lo.

Uma sociedade secreta foi formada para lutar pela realização, na sociedade cristã, do novo ideal, ou melhor, do antigo ideal: gozar e morrer, — em oposição ao ideal que Cristo e sua Igreja nos fizeram admitir: merecer e viver eternamente, participando da natureza divina, de sua beatitude e de sua glória.

Seguimos os desenvolvimentos dessa sociedade desde do século XV até nossos dias, suas transformações e sua ação incessante para destruir todo o estado de coisas existente: ação política, derrubando e erguendo os príncipes e os regimes, segundo ela podia ou não inspirá-los, governá-los, fazê-los servir à realização de seus desejos; ao mesmo tempo, ação moral sobre os povos através da corrupção das idéias e dos costumes. Seguimos essa dupla ação incessante, posta em prática e correndo de sucesso em sucesso, graças a um maravilhoso organismo superiormente dirigido.

Devemos ver agora o que a franco-maçonaria pretende, onde ela quer chegar.

Através de suas correspondências e dos documentos apreendidos em Munique e em Roma, já ouvimos Voltaire e os Enciclopedistas, Weishaupt e os Iluministas, Nubius e seus conjurados, confiarem uns aos outros seus desejos, e vimos uma primeira experiência de realização desses desejos de 1789 a 1800. Assistimos, desde 1830, e sobretudo depois de 1875, a um segundo ensaio, mais prudentemente conduzido, mais astucioso, e dessa maneira mais seguro de chegar ao fim.

Qual deve ser esse resultado? É a pergunta que agora se faz e à qual procuraremos responder.

Digamos primeiramente que seria errôneo crer que todos os franco-maçons conheçam explicitamente a obra para a qual colaboram. Esse conhecimento não é dado completamente nem mesmo aos iniciados nos graus elevados, mesmo àqueles que pertencem às lojas de retaguarda. Cada qual, ou melhor, cada equipe realiza o trabalho que lhe é determinado, no lugar que lhe foi designado, junto aos príncipes e ao clero, parlamentares e funcionários, jornalistas e professores, magistrados e oficiais, e ainda no seio da multidão. Mas, realizando a tarefa que lhes foi imposta, o indivíduo e a equipe ignoram o lugar que a obra particular para a qual colaboram ocupa no plano geral, porque eles não têm o traçado completo sob os olhos.

Esse plano é duplo: destruição e reedificação; destruição da cidadela cristã, edificação da cidadela maçônica. Vimos os trabalhos e as ruínas da destruição nas páginas precedentes. Devemos agora assistir à edificação do Templo. Os mesmos operários, os mesmos maçons são empregados nesse segundo trabalho, mas aqui aparecerão com maior clareza os mestres da obra, e acima deles o Grande Arquiteto.

"É absurdo, disse Aulard, professor de história revolucionária na Sorbone, continuar a dizer: não queremos destruir a religião, quando somos obrigados a sustentar, de outra parte, que essa destruição é indispensável *para pôr os fundamentos racionais da nova cidadela política e social*. Por isso, não digamos mais: não queremos destruir a religião; ao contrário, digamos: queremos destruir a religião, a fim de poder estabelecer no seu espaço e no seu lugar a nova cidadela".

Com efeito, ordinariamente não se demole senão para reedificar: Aulard traduziu com exatidão o pensamento da seita. Ela quer levantar uma nova ordem de coisas sobre as ruínas da antiga. Ela tem seu ideal, ela busca sua realização. Qual é? Ela lhe deu um nome: o TEMPLO. É para a edificação desse templo que ela, há séculos, recruta os maçons.

Que deve ser esse Templo?

O divino Salvador, ao trazer à terra a concepção cristã da civilização, não quis abandoná-la aos riscos que necessariamente corre uma idéia deixada a si mesma, e que, por conseguinte, vaga ao sopro das fantasias e das paixões humanas. Ele a depositou nas mãos de uma sociedade que Ele ergueu sobre Pedro, e entregou a essa sociedade a incumbência de manter Sua doutrina na pureza, de defendê-la contra as idéias contrárias, de propagá-la no mundo, de produzir para Ele frutos de vida. Assim, o divino Mestre comparou-se a um arquiteto: "Tu és Pedro, e sobre essa pedra edificarei a minha Igreja; e as portas do inferno não prevalecerão contra Ela".

Para melhor assinalar sua oposição, Satã fez-se chamar de "Grande Arquiteto",[1] e em face da Igreja ele constrói um "Templo". Como a Igreja, esse Templo é a um só tempo espírito e corpo: corpo, uma sociedade, a maçonaria; espírito, uma idéia que a sociedade tem a missão de propagar no mundo e de realizar através das instituições.

Essa idéia é uma concepção da ordem social oposta àquela que o cristianismo fez prevalecer.

"Não se trata de nada além de uma reedificação da sociedade, diz Findel, sobre bases inteiramente novas, de uma reforma do direito, de uma renovação completa do princípio da existência, notadamente do princípio da comunhão, e das relações recíprocas entre o homem e seus semelhantes".[2]

Rabaut-Saint-Etienne tinha dito antes dele, na tribuna da Constituinte: "Para tornar o povo feliz, é preciso renovar, mudar suas idéias, mudar suas leis, mudar seus costumes, mudar os homens, mudar as coisas, destruir tudo, sim, destruir tudo, posto que tudo deve ser recriado".

Eis o que a franco-maçonaria se propõe conseguir através da Revolução, que hoje está no segundo ato, aguardando o terceiro. Nada de mais radical pode ser imaginado: fazer desaparecer o princípio sobre o qual repousa atualmente nossa existência e substituí-lo por um outro; depois, tirar as conseqüências dessa mudança:

---

1 Grande Arquiteto é uma dessas expressões que a franco-maçonaria se excede para criar, e que para ela têm a grande vantagem de que todos podem aceitá-la, porque cada um as compreende segundo suas próprias idéias. Para os judeus e deístas, o Grande Arquiteto do universo é o Criador do mundo; os cristãos podem ver nele, se quiserem, a Santíssima Trindade; para os iniciados, é a natureza; para o último grau de iniciação é Lúcifer, o porta-luz.

Nosso Senhor Jesus Cristo disse: "Eu sou a luz do mundo; aquele que me segue não anda nas trevas, mas possui a luz da vida: crede na luz, a fim de serdes filhos da luz". Aqui aparece mais uma vez o embuste. A maçonaria diz ser possuidora da luz; suas lojas são o lugar da luz, ela chama a si os homens para comunicar-lhes a luz em suas iniciações, e seu mestre e seu príncipe é Lúcifer, o astro decaído.

2 Les Principes de la Franc-Maçonnerie dans la Vie des Peuples, p. 163.

quer dizer, revirar as relações dos homens entre si, reformar o direito, e reedificar a sociedade segundo um novo princípio.

Quais são, pois, as bases inteiramente novas sobre as quais a sociedade deve ser reedificada? Qual o princípio novo em cuja conformidade o direito social deve ser reformado? Jean-Jacques Rousseau expôs isso longamente em suas diversas obras, e todo mundo sabe que foi com o seu *Contrato Social* nas mãos que os homens de 89 fizeram a Revolução, quiseram pela primeira vez limpar o terreno para edificar sobre as ruínas da sociedade cristã o Templo maçônico. Os maçons do século XX reconhecem o mesmo mestre dos maçons do século XVII; seus chefes têm o mesmo ideal e buscam a realização do mesmo plano. "*Se um dia esmagarmos a infame, será SOB O CONTRATO SOCIAL*". Essa frase foi dita no Congresso das Lojas do Noroeste, realizado em Amiens, em 1901, nos dias 13 e 14 de abril, pelo I∴ Dutilloy, membro do Conselho da Ordem do Grande Oriente.[3] É preciso, pois, recorrer a Jean-Jacques Rousseau para saber o que será o estado social que a maçonaria prepara para nós.

O princípio sobre o qual repousa a existência humana foi, em todos os tempos e entre todos os povos, o seguinte: "O homem é naturalmente um ser social e aquele que permanecer em estado isolado e selvagem será um ser degradado".[4] É sobre esse ponto, colocado por Deus no fundo da natureza humana, que ela vive desde suas origens; foi observando o que ele prescreve que a sociedade se constituiu e se mantém, que o homem nasce e cresce.

O cristianismo estabelecera com grande clareza essa verdade, reconhecida pela sabedoria das nações, que a sociedade sai espontaneamente da natureza humana, que ela é o resultado da constituição, da maneira de ser que Deus deu ao homem. O indivíduo isolado é impotente para obter aquilo de que necessita para viver e desenvolver-se; ele só pode encontrar o que precisa no auxílio que recebe de seus semelhantes, e que em troca ele lhes dá, numa palavra, nas relações que nascem da associação. E como seus desejos são múltiplos e diversos, diversos também são os motivos e os fins para os quais ele se associa, múltiplos são os aspectos sob os quais a associação se apresenta.

O homem tem necessidades físicas, intelectuais, religiosas. Ao nascer ele se encontra no seio de uma sociedade, a família, que defende sua frágil existência contra os agentes exteriores, e lhe fornece o alimento que mantém sua vida e pouco a pouco aumenta suas forças.

Mas a família não pode também bastar a si mesma; ela não encontra em si os recursos necessários para conduzir seus membros à perfeição que cada qual pode atingir do ponto de vista físico, assim como do ponto de vista intelectual e religioso. E é por isso que a família, como o indivíduo, também não é isolada: ela também nasce e vive no seio de associações mais vastas que a cobrem com sua proteção, que presidem os interesses gerais de bem-estar material, de cultura intelectual e de aperfeiçoamento moral e religioso, que estão nas exigências ou pelo menos nas aspirações da natureza humana. Tão numerosas e diversas são essas exigências ou essas aspirações, tantas são as formas diferentes que a associação adota para que todos possam atingir os fins comuns à humanidade e os fins especiais próprios às aptidões de cada um.

As sociedades com finalidades particulares e contingentes têm origem nas convenções que entre si fazem os que perseguem o mesmo objetivo.

Mas não se dá o mesmo com a sociedade chamada a conduzir todos os homens ao seu último fim. Esta tem necessariamente como autor o Deus que indicou ao homem seus destinos. De fato, Deus fundou-A nas origens, e a segunda Pessoa da

---

[3] Congrès des Loges du Nord-Ouest, p. 24, Amiens, editora Duchâtel.
[4] Aristóteles, Politique, § 9.

Santíssima Trindade veio o meio dos tempos conferir-lhe sua última perfeição. Essa sociedade se chama Santa Igreja Católica: católica porque, ao menos virtualmente, ela abarca todos os tempos e todos os lugares, e todos os homens são chamados a fazer parte dEla, visto como Deus quer a salvação de todos; santa porque é sua missão conduzir os homens à santidade: não somente à perfeição moral, mas a um estado sobrenatural, a uma certa participação na natureza divina, na vida divina, iniciada aqui em baixo pela graça santificante, coroada pela glória na eternidade dos céus.

A sociedade civil mantém-se a meio caminho entre a Igreja e as associações particulares: ela é mais necessária do que estas, oferecendo respostas às necessidades que não podem encontrar nestas sua plena satisfação; ela não pode ser tão geral como aquela, porque as diversas tribos da família humana, possuindo aptidões e caracteres diferentes, exigem não serem governadas da mesma maneira. Na formação das sociedades civis entra, pois, necessidade e convenção, divino e humano; divino, o que é fundamental, o que vem das exigências da natureza; humano, o que é da ordem secundária e variável como os temperamentos dos povos.

J.-J. Rousseau agiu fraudulentamente contra esses dados da razão e da fé; e eis o que ele imaginou, o que ele consignou em todos os seus escritos, e o que a maçonaria assumiu como missão de realizar. A sociedade, o estado social, não resulta da constituição do homem e da instituição divina; é, no mundo, uma excrescência acidental e poder-se-ia dizer contra a natureza, que sobreveio um belo dia por efeito das vontades humanas.

Os homens viviam em estado de natureza, diz J.-J. Rousseau, como fazem os selvagens, os animais, e era a idade de ouro; estado de liberdade e de igualdade no qual os frutos eram de todos e a terra de ninguém, onde cada homem era cidadão do universo.

Para passar do estado de natureza ao estado social, os homens primitivos fizeram um pacto, um *contrato*, "o contrato social".[5] De uma parte, cada indivíduo se colocou, sua pessoa e todos os seus direitos, nas mãos de todos; de outra parte, todos garantiram a cada um uma parte igual dos bens comuns. O indivíduo deu à sociedade tudo o que ele tinha e tudo o que ele é, e a sociedade admite o indivíduo na comunhão de toda a coisa pública, a *república*.

As cláusulas do pacto social, diz J.-J. Rousseau,[6] reduzem-se todas a uma só: *a alienação total de cada associado com todos os seus direitos* a toda a comunidade... Se alguns direitos permanecessem com os particulares, o estado de natureza subsistiria e a associação tornar-se-ia necessariamente vã... Fazendo-se a alienação sem reserva, a união é tão perfeita quanto possível, e nenhum associado nada mais tem a reclamar".

Eis a idéia que a maçonaria tem da sociedade, eis o plano sobre o qual ela quer reconstituí-la. Durante todo o tempo em que isso não seja completamente realizado, quer dizer, durante todo o tempo em que os indivíduos pretendam conservar alguns direitos, o estado social, tal como o contrato o criou, tal como deve ser, não será julgado perfeito; o estado de natureza, ao qual o contrato quis pôr fim, subsistirá em alguma coisa. O progresso é, pois, a caminhada em direção à completa absorção de

---

[5] J.-J. Rousseau não é, propriamente falando, o inventor do contrato social. Foi um protestante, Hubert Languet, quem, na Vindici contra tyrannos, sob o pseudônimo de Junius Brutus, esposou pela primeira vez a teoria de um "contrato", origem da sociedade.

É tão absurdo supor um pacto primitivo fundamental da sociedade pública como seria absurdo supor um pacto constitutivo da família entre o pai e os filhos. Bonald denuncia o círculo vicioso no qual Rousseau cai: "Uma lei, fosse apenas aquela que regulasse as formas a seguir para fazer a lei; um homem, fosse aquele que a tivesse proposto, teria sempre precedido essa pretendida instituição do poder, e o povo teria obedecido antes de ter um patrão". Bossuet dissera antes de Bonald: "Tão remota seria a possibilidade de um povo nesse estado (sem lei e sem poder) ter um soberano, quanto seria a de existir mesmo um povo".

[6] Contrat Social, livro I, cap. VI.

todos os direitos pelo Estado; quanto mais direitos para o indivíduo, mais direitos para a família, mais direitos, com muito mais razão, para uma sociedade qualquer que se formasse no se io do Estado, ou acima dele.

Na sociedade democrática sonhada pela franco-maçonaria não mais haverá ou não deverá mais existir senão essas duas unidades: o indivíduo e o Estado. De um lado o Estado onipotente; de outro, o indivíduo impotente, desarmado, privado de todas as liberdades, pois que nada pode sem a permissão do Estado.

Não é em direção a isso que caminhamos a passos largos? E essa concepção da sociedade não é a explicação, e, para nossos maçons, a justificativa de tudo o que é feito ou tentado atualmente contra a liberdade da Igreja, contra a liberdade das associações, contra a liberdade das famílias, contra a própria liberdade individual? O Estado não pode, não deve estar sujeito a nenhuma outra associação senão àquela que ele é. Se acontecimentos do passado, se individualidades poderosas criaram no seio da sociedade civil associações distintas, o Estado deve trabalhar constantemente em encolher o círculo no qual elas vivem e agem, até que consiga absorvê-las ou liquidá-las. Segundo Rousseau, segundo a maçonaria, aí está seu direito, aí está seu dever, direito e dever que decorrem diretamente do contrato social, e sem o exercício dos quais esse contrato se tornaria ilusório e logo caduco.

Deixemos, pois, de nos espantar com que nessa sociedade nascida da Revolução, petrificada na idéia revolucionária, o Estado, queira tudo centralizar e tudo absorver, sufocar toda iniciativa e paralisar toda a vida: nisto ele obedece à sua lei, ao princípio segundo o qual ele deve ser tudo, já que tudo lhe foi entregue pelo contrato inicial. O que vive, o que se move, o que está fora dele, assim age por efeito de uma usurpação da qual deverá prestar contas.

Essa reivindicação deve ser exercida sobretudo relativamente às associações, porque elas são mais poderosas do que os indivíduos, e sobretudo em relação àquelas associações que têm um ideal diverso daquele do Estado naturalista. O pacto social foi acordado para um mais completo gozo dos bens deste mundo. Se há sociedades formadas com a finalidade de levar mais longe o olhar do homem, de exortá-lo a se desapegar dos bens presentes para ambicionar e buscar outros bens, essas sociedades estão em contradição viva com a sociedade nascida do contrato social, elas devem desaparecer, antes de qualquer outra. O dever é encurralá-las, mutilá-las até ao completo aniquilamento. Aí está a explicação para as calúnias espalhadas pelos humanistas em seus escritos contra os religiosos, e para as perseguições incansavelmente renovadas contra eles desde a Renascença até nossos dias, como também para a guerra de morte declarada hoje contra a primeira das sociedades religiosas, contra aquela que é o fundamento e o princípio de vida de todas as outras, a Igreja Católica.

Percebemos hoje um movimento de reação contra o estado social instituído na França pela Revolução. Por toda a parte são instituídos sindicatos, retorna-se às corporações. Possa esse movimento desaguar na restauração da sociedade em seu estado normal! Na sociedade normalmente organizada, existem entre o indivíduo e o Estado sociedades intermediárias que conglomeram os indivíduos e que por sua ação natural mantêm o Estado nos domínios que lhe pertencem e impedem-no de deles sair. Essas sociedades chamam-se: famílias, corporações, comunas, províncias, Igrejas. Quando, nesse regime, o mais fraco dos indivíduos é lesado pelo Estado ou por qualquer outro, de imediato sua associação, toda uma coletividade organizada se levanta para defendê-lo. Através dela, ele é forte; e porque ele é forte, é livre.

A democracia é a escravidão.

———— ♦ ————

CAPÍTULO XXXIX

O ESTADO, SENHOR SOBERANO DE TODAS AS COISAS

O Templo que a maçonaria quer edificar, segundo o plano que J.-J. Rousseau traçou no seu *Contrato Social*, é pois o Estado soberano, senhor de todas as coisas, nele absorvendo todos os direitos, assim os dos indivíduos como os da família, os das associações como os da Igreja.

Aí está, dir-se-á, uma utopia e uma pretensão tão monstruosas quanto irrealizáveis. Não para os maçons; para os revolucionários é o ideal, e um ideal em direção ao qual nos fazem caminhar a largos passos.

J.-J. Rousseau disse que em virtude do contrato social — que ele imagina estar na base da sociedade, contrariamente à história e contrariamente à natureza humana, que nada podem fazer — todos os homens pertencem totalmente à coletividade, suas pessoas e suas forças, seus direitos e seus bens. É o que os maçons querem realizar; é exatamente a isso que a Revolução quer chegar; e isso e somente isso que pode dar a explicação do modo de ser e de agir do Estado contemporâneo relativamente a tudo e a todos. Em todas as coisas ele se esmera em restringir os direitos individuais: seu desígnio é suprimi-los inteiramente.

Antes de tudo e sobretudo, o cidadão não tem o direito de ser cristão. "Nada, diz Taine, interpretando o pensamento fundamental do Contrato Social, nada é mais contrário ao espírito social do que o cristianismo... *Uma sociedade de cristãos não seria mais uma sociedade de homens, porque* A PÁTRIA DO CRISTÃO NÃO É DESTE MUNDO". É necessário reconduzir o cristão aqui para baixo, é preciso limitar seus pensamentos à busca dos interesses terrenos, é preciso que ele pertença por inteiro à sociedade à qual ele foi dado por inteiro. Assim, vê-se o católico tratado como inimigo no Estado maçônico.

O cidadão não tem o direito de ser proprietário. Tudo o que ele tem, assim como tudo o que ele é, tornou-se um bem social. Assim, vemos o direito de propriedade desaparecer pouco a pouco ante as usurpações do socialismo de Estado. Os impostos crescem e se multiplicam sem cessar. A utilidade pública expropria com uma consciência a cada dia mais leviana. As leis ensaiam a repartição dos ganhos entre patrões e empregados. O Estado age como parte financeiramente interessada nas vendas e doações, e sobretudo nas sucessões. Ele fala agora em impostos sobre o rendimento e em impostos progressivos, destinados a nivelar as propriedades, a igualar as fortunas, ou melhor, a fazer com que o Estado se torne o único proprietário. Já no século XVIII ele se apossou de toda a propriedade eclesiástica, e hoje mesmo ele põe a mão sobre aquela que foi reconstituída no século passado. Amanhã ele se apoderará da mesma maneira dos instrumentos de trabalho: minas, fábricas, campos, tudo será *nacionalizado*.[6]

---

[6] É de se notar que a franco-maçonaria não mais hesita em se declarar socialista e mesmo coletivista. O I.·. Bonnardot, que foi nomeado, em 1901, Grão-Mestre da Grande Loja da França, propôs ao Congresso das Lojas do Centro, realizado em Gien, em 1894, em nome da 3ª Comissão, fosse proclamado o princípio da propriedade coletiva. Seu relatório foi submetido à consideração da Convenção do mesmo ano. A maior parte das lojas parisienses tornou-se socialista-reformista. A grande maioria das lojas dos Departamentos seguiram-nas; um certo número já é coletivista. O próximo programa de ação da franco-maçonaria, para nos cingirmos apenas à loja La Fidélité de Lille, foi assim definido por seu orador, em 8 de julho de 1900: "Combatemos todas as idéias teológicas; há ainda um deus a combater, o deus capital".

Não são somente os bens que o Estado reivindica, como pertencentes à coletividade, mas as forças de cada um: "Cada membro da sociedade pertence a ela, ele e todas as suas forças". Será preciso também, sob esse aspecto, que o Estado chegue a atribuir a cada um as funções que ele deverá exercer na sociedade, sob sua vigilância e em seu benefício. Os monopólios do Estado, que vão da instrução pública à fabricação do fumo e dos fósforos, e o funcionalismo que pouco a pouco se estende a tudo, constituem um encaminhamento rumo a essa escravidão universal.

Para alcançar esse fim, importa sobretudo apoderar-se das forças nascentes, das gerações que surgem. Assim, a primeira preocupação do Estado revolucionário é se apossar da infância.[7] "As crianças, dizia Danton, pertencem à República antes de pertencerem a seus pais; o egoísmo dos pais poderia ser perigoso para a República. Eis porque a liberdade que lhes deixamos não vai ao ponto de educarem seus filhos de outra maneira que não segundo a nossa vontade"; e Jules Ferry, no discurso que pronunciou em 1879 para obter a aprovação do famoso artigo VII: "Existe um pai de família que os compreende a todos: é o Estado". Temos ouvido essas palavras serem repetidas à saciedade depois que novos projetos de lei querem colocar em absoluta segurança os preceptores e as preceptoras encarregados pelo Estado de introduzir nas almas juvenis os dogmas maçônicos.

É exatamente sob esse ponto de vista do direito exclusivo do Estado sobre toda a juventude que vemos o Estado moderno se colocar. Sua legislação estudou-a melhor, apertou-a mais, suas leis mais intangíveis são aquelas que tendem a suprimir toda liberdade se ensino, a reuní-la sob a férula do Estado, a abandonar à sua educação as crianças de todas as famílias, da escola dita maternal às faculdades. Inicialmente, é de seu interesse formar as vontades através das quais ele perdura, preparar os votos que o manterão, implantar nas almas as paixões que lhe serão favoráveis, idéias que secundarão a construção do Templo. Não tem ele o dever de petrificar as gerações, de modo a torná-las aptas ao mais perfeito funcionamento do pacto social? "A educação nas regras prescritas pelo soberano (pelo povo soberano) é uma das máximas fundamentais do governo popular", diz J.-J. Rousseau. É através dela que se forma o cidadão, "é ela que deve dar às almas uma forma nacional"; "as boas

---

(Ver a petição contra a franco-maçonaria, na 11ª Comissão de Petições da Câmara dos Deputados, pp. 51 e 75).

[7] "As crianças do sexo masculino são educadas, dos cinco aos dezesseis anos, pela pátria. São vestidas em todas as estações. Deitam sobre esteiras e dormem oito horas. São alimentadas em comum com raízes, frutas, laticínios, pão e água. Não comem carne antes de dezesseis anos completos. Dos dez aos dezesseis anos sua educação é militar e agrícola. São distribuídas em companhias de sessenta etc. Todas as crianças conservarão o mesmo traje até os dezesseis anos; dos dezesseis aos vinte e um, terão traje de operário; de vinte e um a vinte e seis, traje de soldado, se não forem magistrados".

(*Projeto de lei segundo as* Instituições de Saint-Just).

Em 12 de abril de 1903, no Congresso das Lojas da África do Norte (Argélia), os II∴ Collin e Marchetti exprimiram este desejo:

"Que um dispositivo, assim concebido, seja acrescentado ao Código Civil: Proibições formais serão feitas aos pais ascendentes ou que tenham quaisquer direitos, de dar ou de ensinar a seus filhos, pupilos ou descendentes uma religião, qualquer que seja, SOB PENA DE DESTITUIÇÃO DO PÁTRIO PODER e de poder legal. E que em caso de infração, devidamente verificada, os filhos, pupilos ou descendentes sejam retirados e confiados ao Estado, às custas dos pais ou ascendentes".

No ano precedente, na Convenção de Paris, uma loja da França, a Themis, tinha emitido um desejo pouca coisa diferente:

"Quando uma criança, de oito completos ou mais, não estiver freqüentando a escola, os pais e pessoas responsáveis poderão ser *destituídos do pátrio poder*".

Condorcet foi o primeiro a oferecer à Assembléia Legislativa, em 1792, um plano de *educação nacional*. Sob a Convenção outros em grande número o seguiram. Os mais conhecidos são os planos de Saint-Just, Lakanal, Michel Lepelletier, este acolhido e apresentado à Convenção por Robespierre. Meninos e meninas deviam ser educados em comum até a idade de onze e doze anos, às expensas da República, sob a santa lei da igualdade.

instituições nacionais são aquelas que melhor sabem *desnaturar o homem*, esvaziar sua existência absoluta para dar-lhe uma existência relativa e transportar o eu para a unidade comum".[8]

Desnaturar o homem! Que palavra poderia melhor exprimir o que a seita pretende, o que ela faz nas escolas do Estado?

Para conseguir realizar seu desígnio sem muita oposição, ela começou por dar à juventude a instrução gratuita, hoje ela acrescentou a isso a alimentação e o vestuário, assim nos colégios como nas escolas primárias, esperando com isso ter os interesses como seus cúmplices.

Não se diga que o direito que a Igreja recusa ao Estado Ela o reivindique para Si própria. Não, a Igreja respeita os direitos da liberdade natural a ponto de que se um pai, uma mãe não pertencem, pelo batismo, à Sua jurisdição, Ela se considera como que impedida de intervir na educação da criança até que ela alcance a idade de se pronunciar segundo sua própria consciência. A Igreja considera como um atentado contra o direito natural a educação do filho menor na religião cristã contra a vontade expressa de seus pais não batizados. Ela não permite que se o batize. E mesmo quando o filho católico de pais católicos chega à maioridade, Ela não o admite à profissão religiosa sem a permissão deles, se ele lhes é necessário ao sustento.

O Estado maçônico compreende que as crianças não poderão ser completamente dele enquanto não tiver abolido a família; enquanto ela subsistir, o grito da natureza protestará contra a sua intrusão. Por esta razão ele tende à supressão do casamento. Segundo o pensamento dos sectários, o casamento civil e o divórcio são etapas que devem conduzir ao amor livre, e por conseguinte ao Estado, único pai nutrício, único educador das gerações vindouras.

A abolição da família, a supressão da propriedade, o aniquilamento da Igreja e o sufocamento de qualquer associação que não seja o Estado, "todos esses artigos, diz Taine, são conseqüências forçosas do contrato social. No momento em que, entrando num corpo, eu não reservo nada de mim mesmo, somente por isso renuncio a meus bens, a meus filhos, à minha Igreja, às minhas opiniões. Deixo de ser proprietário, pai, cristão, filósofo. É o Estado que me substitui em todas essas funções. No lugar da minha vontade há a vontade pública, quer dizer, em teoria, o arbítrio rígido da assembléia, da fração, do indivíduo que detém o poder".

Tal é o "Templo" que a maçonaria está construindo; nele ela já nos fez entrar, passo a passo, antes de concluí-lo; nele ela pretende abrigar as gerações vindouras e a humanidade inteira.

O empreiteiro que assumiu a construção desse Templo foi o regime parlamentar. O povo soberano escolheu delegados, investiu-os de todo o poder. Eles se reúnem, a maioria é tida como expressão da vontade geral, e essa vontade faz lei. Essa lei pode atingir tudo; e em todas as coisas ela cria o direito, sem considerar quem ou o que quer que seja, nem mesmo Deus, nem mesmo as exigências da natureza humana.

Há já um século, para construir esse Templo, diz Taine, fizeram três mil decretos; e para pô-los em vigor substituíram o governo da força pelo governo da lei. O cadafalso presidiu à reedificação da sociedade, àquilo que tinha sido chamado de "renovação do princípio da existência humana".

As coisas não acontecerão de maneira diferente se a nova experiência, a que assistimos, for levada até o fim. O alemão que foi o doutor dos jacobinos e que se conservou como o doutor dos maçons, traçou perfeitamente o caminho que aqueles seguiram e no qual estes estão engajados.

No ritual que Weishaupt compôs para as cerimônias de iniciação nos diversos graus do iluminismo, ele faz dizer ao iniciado através de Hierofante:

---

[8] J.-J. Rousseau, citado por Taine. *L'ancien Régime*, p. 324.

"Ó Irmão, ó meu filho, quando, aqui reunidos, longe dos profanos, nós consideramos a que ponto o mundo está entregue aos maus (aos soberanos e aos padres), poderíamos contentar-nos em suspirar? — Não, Irmão, apoiai-vos em nós. Procurai colaboradores fiéis; eles estão nas trevas (nas sociedades secretas); é aí que, solitários, silenciosos, ou reunidos em círculos pouco numerosos, crianças dóceis, ele levam avante a GRANDE OBRA, conduzidos por seus chefes...

"Os padres e os príncipes resistem a esse grande projeto; temos contra nós as constituições políticas dos povos. Que fazer nesse estado de coisas?... É necessário atar insensivelmente as mãos dos protetores da desordem (os reis e os padres) e governá-los sem parecer dominá-los. Numa palavra, *é preciso estabelecer um regime dominador universal*, sob forma de governo, que se estenda sobre todo o mundo... É preciso, pois, que todos os nossos Irmãos, educados da mesma maneira, estreitamente ligados uns aos outros, não tenham senão um mesmo objetivo. Ao redor dos Poderes da terra é preciso agrupar uma legião de homens infatigáveis, e dirigindo por toda a parte seus trabalhos, seguir o plano da ordem para a felicidade da humanidade".[9]

E em outro lugar: "Como o objeto do nosso desejo é uma revolução universal, todos os membros dessas sociedades (secretas) que tendem ao mesmo fim, apoiando-se uns nos outros, devem procurar dominar invisivelmente e sem aparência de meios violentos, não a parte mais eminente ou a menos distinta de um só povo, mas os homens de qualquer estado, de todas as nações, de todas as religiões. Soprar por toda a parte o mesmo espírito; no maior silêncio e com toda a atividade possível, dirigir todos os homens esparsos sobre toda a face da terra em direção ao mesmo objetivo. Uma vez estabelecido esse império pela união e pela multidão dos adeptos, que a força suceda ao império invisível; atai as mãos de todos os que resistem, subjugai, sufocai a maldade em seu germe, esmagai tudo o que resta de homens que não tiverdes podido convencer".[10]

Foi exatamente assim que o compreenderam os homens de 93. Jean-Bon-Saint-André dizia que "para estabelecer solidamente a República era necessário reduzir a população à metade". Geoffroy julgava que isto era insuficiente: ele queria deixar na França apenas cinco milhões de cidadãos. "É preferível fazer da França um cemitério a não regenerá-la segundo nosso modo", dizia Carrier. Eles fizeram dela um cemitério e não puderam regenerá-la à maneira deles. O insucesso não desencorajou seus sucessores. "A França regenerada, diz o I∴ Buzot, ainda não alcançou o grau de perfeição que exigem as doutrinas da franco-maçonaria e o gênio dos filósofos. *Mas o movimento foi dado,* ARREBATADOR, IRRESISTÍVEL; A GRANDE OBRA SE REALIZARÁ".[11] Eles pretendem realizá-la não somente na França, mas no mundo inteiro. "É preciso, disse Weishaupt, estabelecer um dominador universal, uma forma de governo que se estenda sobre todo o mundo". Eles trabalham para isso, como veremos. Esse regime dominador universal cujo estabelecimento eles buscam, chamam-no de regime da democracia, ou república universal.

A teoria de J.-J. Rousseau sobre as origens da sociedade, sua constituição racional, o que ela será quando o contrato social tiver produzido suas conseqüências, não permaneceu em estado especulativo. Faz um século nós nos aproximamos a cada dia do termo que ele designou para nós, no qual não haverá mais propriedade, nem família, nem Estado independente, nem Igreja autônoma. Sobre o lugar que as

---

[9] A felicidade a que o iluminismo deve fazer chegar a humanidade está assim exposta nesse mesmo discurso: "A fonte das paixões é pura; é necessário que cada qual possa satisfazer as suas nos limites da virtude e que nossa ordem forneça os meios para isso". A virtude! a felicidade da humanidade! Basta que a seita abra a boca para que dela logo saiam a hipocrisia e a mentira.

[10] Barruel, t. III, cap. II e IX.

[11] *Tableau Philosophique, Historique et Moral de la Franc-Maçonnerie.*

ruínas produzidas pela Revolução deixaram livre, Napoleão I construiu, "com areia e cal, diz Taine, a nova sociedade, segundo o plano traçado por J.-J. Rousseau. Todas as massas da grande obra, Código Civil, universidade, Concordata, administração municipal e centralizada, todos os detalhes da arrumação e da distribuição concorrem para um efeito de conjunto que é a *onipresença do governo, a abolição da iniciativa local e privada, a supressão da associação voluntária e livre*, a dispersão gradual dos pequenos grupos espontâneos, a interdição preventiva das longas obras hereditárias, a extinção dos sentimentos pelos quais o homem vive além dele mesmo, no passado e no futuro. Nessa caserna filosófica, — nesse TEMPLO, dizem os maçons — nós vivemos há oitenta anos".[12] A grande obra avança, ela terminará tanto melhor quanto sua continuação está nas mãos da multidão e de seus mandatários, quer dizer, dos cegos e dos irresponsáveis.

O indivíduo recua diante das últimas conseqüências de seus erros quando ele vê onde eles o conduzem. Um povo entregue a si mesmo, como é todo povo submisso ao regime republicano, não pode fazê-lo. São os mais lógicos que se fazem ouvir pelas multidões, sobretudo quando essa lógica está de acordo com as paixões e promete à massa a posse dos bens que ela cobiça: são estes que o sufrágio universal leva ao poder. E se os que chegam primeiro se espantam e não ousam realizar o programa, são suplantados por outros, e por outros ainda, até que venham aqueles que resolutamente se entregam às grandes obras que os princípios condenam. Já vimos os oportunistas varridos pelos radicais; estes desaparecem diante dos socialistas, e do seio do socialismo se levantam os anarquistas, os niilistas e os *catastrophards*".[13]

Winterer, no seu livro *Le Socialisme Contemporain*, faz uma observação cujo bom fundamento ninguém pode negar.

"Retirai Deus e a vida futura, e o homem sem Deus se acha colocado, com suas paixões, em face da vida mortal, com a desigualdade das condições e a desigualdade do prazer. Esse homem pedirá ao banquete da vida a parte que suas paixões reclamam. Ele sentirá as barreiras que a sociedade atual, baseada sobre a fé em Deus e na vida futura, opõe às suas paixões; ele se irritará contra o obstáculo; e o ódio social, com todos os ódios que o acompanham, entrará na sua alma". Em quantos corações esse ódio ruge atualmente! Ela incita as massas a se precipitarem, tão logo isso possa ser feito, sobre o que resta da ordem social! E isso por toda a Europa, e não somente no Velho Mundo, nas Américas e na Oceania; e não somente entre os miseráveis, mas entre os intelectuais! Basta citar Elisée Reclus na França, Karl Marx na Alemanha, Bakounine e o príncipe Krapotkine na Rússia, Most nos Estados Unidos etc., etc. Todos são concordes em dizer que o dogma da soberania do povo exige: 1° uma revolução política, que leve ao poder as massas populares através do sufrágio universal; 2° uma revolução econômica, que introduzirá a propriedade comum; 3° uma revolução democrática, que suprimirá os pais e entregará os filhos à República".[14]

Caminhamos para isso.

---

[12] *La Révolution*, III, p. 635.

[13] *Catastrophards* é o nome que a si mesmos deram, perante o Tribunal do Sena, aqueles que fizeram a revolta de 2 de março de 1901.

[14] Em outubro de 1882 inaugurou-se um grupo escolar em Ivry-Sur-Seine. Entre os assistentes *oficiais* contava-se grande número de representantes das lojas maçônicas. O I∴ C. Dreyfus pronunciou a alocução; nela encontramos estas palavras: "É a franco-maçonaria que prepara as soluções que a democracia faz triunfar. Assim como nossos gloriosos ancestrais de 1789 inventaram a igualdade civil dos homens perante a lei (sabemos como ela é praticada), assim como nossos antecessores de 1848 realizaram a igualdade política dos cidadãos perante a urna do sufrágio universal, assim a maçonaria deve preparar, para o fim do século XIX, a igualdade social, que restabelecerá o equilíbrio de forças econômicas e trará de volta a união e a concórdia para o seio de nossa sociedade dividida". (Citado pelo *Le Monde* de 4 de outubro de 1882). Estamos, pois, na Revolução econômica; a democrática, que deve segui-la e que entregará as crianças, de corpo e alma, à República, está bem avançada.

Qual o homem inteligente que não se aterroriza com as ruínas já amontoadas em toda a ordem de coisas, e que, ouvindo os clamores de súcias prestes a se lançarem sobre o que resta da ordem social, não levante, na hora atual, essas terríveis questões:

Os bens que o Criador colocou à disposição dos homens, mas que o trabalho, a ordem, a temperança, a economia repartiram entre as famílias, serão ainda amanhã propriedade dos que assim os adquiriram, ou serão universalmente possuídos pelo Estado, que distribuirá seus frutos segundo as leis que lhe aprouver fazer?

Amanhã haverá ainda, entre o homem e a mulher, casamento, quer dizer, contrato passado sob o olhar de Deus e por Ele sancionado, união sagrada e indissolúvel? Haverá ainda a família com a possibilidade de transmitir a seus filhos não somente seu sangue, mas sua alma e seus bens?

Amanhã, que será da França? No que se transformará a Europa? Reduzida a estado de poeira pela democracia não será ela uma presa fácil para a franco-maçonaria internacional e judaica que caminha para a conquista do mundo, e já calcula o número de anos ainda necessários para fazer de todos os Estados uma República universal?

Eis o que está sendo preparado pelo movimento das idéias e dos fatos que povoam os espíritos e dos quais somos testemunhas.

Se o curso das coisas atuais não tivesse suas fontes no passado longínquo, poderíamos apavorar-nos menos, acreditar que não há em tudo isso senão fatos acidentais. Mas não é assim. O estado atual, repleto do futuro que acabamos de descrever, é o produto natural de uma idéia, lançada como um grão sobre nosso solo há cinco séculos. Ela germinou. Vimos seus primeiros rebentos sair da terra; eles foram cultivados secreta e cuidadosamente por uma sociedade que, já por várias vezes, serviu ao mundo seus frutos prematuramente colhidos; hoje ela os vê chegar à maturação: frutos de morte que carregam a corrupção para os próprios fundamentos da ordem social.

A França revolucionária recebeu do Poder das Trevas a missão de manifestar ao mundo aquilo que a Renascença concebeu, aquilo que a franco-maçonaria criou. Parece que se quis simbolizá-lo nas moedas. Essa mulher desgrenhada, com o barrete frígio à cabeça, que, sob os auspícios da República, lança a todos os ventos os grãos da liberdade, da igualdade e da fraternidade, sob os raios de um sol levante chamado para aclarar o mundo com um dia novo, bem representa a maçonaria que confia a todos os sopros da opinião as idéias que preparam os espíritos para a aceitação da nova ordem, ordem que há tanto tempo ela projeta estabelecer no mundo.

———— ♦ ————

CAPÍTULO XL

A REPÚBLICA UNIVERSAL

O Templo maçônico, cujo plano vimos, deve, no pensamento dos seus arquitetos, estender suas construções sobre o universo inteiro. Quando o "aprendiz" pede para ser recebido como "companheiro", fazem-lhe estas outras perguntas:

P. — Quais são o comprimento e a largura da loja?

R. — Seu comprimento é do Oriente ao Ocidente; sua largura do Sul ao Norte.

P. — Que significam essas dimensões?

R. — Que a franco-maçonaria é universal, e que um dia ela se estenderá sobre toda a humanidade.[1]

"Não é por um vão capricho, diz o I∴ Clavel, que nós nos intitulamos de "maçons". Nós estamos construindo o edifício mais vasto que jamais houve, posto que ele não conhece outros limites que não os extremos da terra".[2] Nem pode ser de outra maneira, porque a maçonaria se propõe nada menos do que mudar as bases sobre as quais repousa a sociedade humana: fazer depender de um contrato o que é de direito natural e divino, fixar sobre a terra os destinos do homem, dotá-lo de uma civilização e de instituições próprias a mantê-lo escravizado à matéria. Assim como a Igreja Católica, a maçonaria deve querer aplicar sua concepção de vida à humanidade inteira. Todavia, há entre elas uma diferença. A Igreja aspira a fazer de todos os homens uma família de irmãos, e a englobar o mundo na vasta unidade cristã. Foi a missão que Lhe deu seu divino Salvador. Apenas Ela jamais pensou em suprimir a

---

[1] Em 1907 apareceu pela primeira vez um anuário publicado pelo "Escritório Internacional das Relações Maçônicas".

O caráter internacional da maçonaria está afirmado no próprio título da publicação, que apresenta uma mistura bizarra de francês, alemão e inglês. Reproduzimo-la: "Annuaire, Vralender, Annual, della, der, of, Maçonnerie universel, Wellfraumerei, Universel Masonry, 1907. Première année, Erste Jakr, First Year". Esse anuário foi publicado por Buchler, o editor das publicações maçônicas na Suíça e tem como autor o I∴ Martier la Tente, presidente do Escritório Internacional.

Segundo esse anuário, existem no mundo 106 poderes maçônicos regulares. Denomina-se "poder maçônico" uma confederação de lojas que têm à sua testa uma Grande Loja, um Grande Oriente ou um Conselho Supremo.

Eis, relativamente aos principais países da Europa, a contagem dos membros das lojas:

País	Lojas	Membros
Inglaterra	2.607	150.000
Irlanda	450	15.000
Escócia	1.012	50.000
França (Grande-Oriente)	396	27.000
França (Grande Loja)	81	5.100
Holanda	91	2.093
Suécia	35	12.295
Noruega	13	3.900
Suíça	33	3.670
Dinamarca	29	4.500
Espanha	59	2.594
Alemanha	495	60.145
Hungria	61	2.594

Restaria fazer a contagem das lojas da América, da Ásia e da Oceania.

[2] *Tableau Philosophique, Historique et Moral de la Franc-Maçonnerie*, pelo I∴ Bazot, pp. 20-28.

personalidade dos diversos povos; longe disso, ela sempre se aplicou em estudar a fisionomia especial de cada um deles, a missão particular que a Providência lhes destinou, para encorajá-los e ajudá-los a corresponder a essa missão. Não se dá o mesmo com a maçonaria: seu princípio cosmopolita é essencialmente contraditório com o princípio nacional.

"Apagar nos homens, diz o I∴ Clavel, a distinção de posição, de crença, de opinião, de PÁTRIA; ... fazer, numa palavra, de todo o gênero humano uma só família: eis a grande obra que a franco-maçonaria empreendeu, e à qual o aprendiz, o companheiro e o mestre são chamados a associar seus esforços[3] : uma só e mesma família; não na unidade de uma mesma fé e na comunhão de uma caridade que se estende a cada qual a todos e de todos a cada um, mas sob a dominação de uma mesma seita. Para chegar a essa dominação, a maçonaria emprega todos os seus membros, que trabalham, uns diretamente, outros inconscientemente, pela constituição lenta e gradual de um Estado, de uma república que abranja o mundo inteiro: Estado-Humanidade, República Universal.

O Templo da natureza, dizem os maçons, abrigou o gênero humano nos dias de sua felicidade. A cupidez, a ambição e a superstição — lede: a propriedade, a autoridade civil e a religião — derrubaram o antigo edifício. Os maçons unem seus esforços para reerguê-lo sobre as ruínas da família, do Estado e da Igreja.

O Templo que deve ser reedificado é convenientemente chamado de República, a República humanitária. A República que representa o poder, os bens, as pessoas tornadas coisas comuns. A República humanitária é a República que reúne a humanidade num todo indivisível. É, como disse Billaud-Varennes, a fusão de todas as vontades, de todos os interesses, de todos os esforços para que cada qual encontre, nesse conjunto de recursos comuns, uma parte igual ao seu investimento.

Desde o ingresso na Ordem, a seita apresenta aos maçons essa idéia, numa espécie de nuvem que ela dissipará pouco a pouco no curso das sucessivas iniciações O artigo 2° da Constituição do Grande Oriente diz: "A franco-maçonaria tem como obrigação estender a todos os membros da humanidade os laços fraternos que unem os franco-maçons sobre toda a superfície do globo". Desde o grau de aprendiz ela diz ao recipiendário através do Venerável: "Possais vós, fiel para sempre às promessas que acabais de fazer, ajudar-nos a concluir a obra sublime para a qual trabalham os maçons há tantos séculos, sobretudo aquela da reunião dos homens de todos os países, de todos os caracteres, de todas as opiniões civis e religiosas, numa só família de amigos e de irmãos!".[4] Ela não lhes desvenda o pensamento de outra maneira, mas se eles se mostram dignos de comunicações mais explícitas, logo saberão, como observa Prarche no seu relatório sobre as petições endereçadas à Câmara dos Deputados contra a franco-maçonaria, que, "sociedade cosmopolita e humanitária, a maçonaria sonha em estabelecer uma República universal".[5] O relator remete ao *relatório da Convenção* de 1895, página 209, onde está dito: "A franco-maçonaria esforça-se em preparar os Estados-Unidos não somente da Europa, mas da terra inteira".[6]

Quatro anos antes, em novembro de 1891, um congresso internacional da paz universal reunira-se em Roma. "Garantem-nos, disse então o *Monitor de Roma*, que atrás dessa máscara se esconde, para uma parte dos congressistas, um desejo muito particular. Segundo nossas informações, não seria nada menos do que o

---

[3] O internacionalismo e o humanitarismo são atualmente duas insinuações que a maçonaria se esforça por fazer entrar em todas as cabeças; mesmo no espírito da juventude católica, através do *Sillon*.

[4] Ragon, *Cours...*, p. 110.

[5] É a esperança da paz universal e eterna que a maçonaria faz cintilar aos olhos dos crédulos para preparar os espíritos a admitirem a idéia de uma república mundial.

[6] *La pétition contre la franc-maçonnerie*, p. 221.

estabelecimento de uma República universal, sobre as ruínas dos impérios e dos reinos, como garantia absoluta e eficaz da paz universal. É evidente para todo observador imparcial que os maçons, sobretudo os franco-maçons franceses e italianos, sem falar dos espanhóis e dos portugueses, tendem com todas as fibras de suas almas em direção a esse ideal. Seria muito curioso que Roma, capital do reino da Itália, se tornasse o laboratório da República universal".

"Povos, sede irmãos! exclama o I∴ Bazot, secretário do Grande Oriente. O Universo é vossa pátria!" Bem antes dele, Danton tinha dito, na festa aniversária do juramento do *Jeu de Paume*,[7] em 20 de junho de 1790: "O patriotismo não deve ter outras bases que não o universo".

Em 1825, um outro franco-maçom célebre, Blumehnagen, dizia: "A Ordem da franco-maçonaria encerrou sua infância e sua adolescência. Agora ela é adulta, e antes que seu terceiro século de existência esteja terminado, o mundo saberá no que ela realmente se transformou. Posto que o mundo inteiro é o Templo da Ordem, o azul do céu seu teto, os pólos seus muros, o Trono e a Igreja seus pilares, os poderosos da terra submeter-se-ão por si mesmos, e *entregarão a nós o governo do mundo* e aos povos a liberdade que para eles preparamos.

"Que o Mestre do universo (o príncipe deste mundo, Satã), nos conceda somente um século, e nós chegaremos a esse objetivo assim antecipadamente designado. Mas, para isso, é preciso que nada retarde o trabalho, e que, dia após dia, nossa construção se levante. Coloquemos, sem que percebam, pedra por pedra, e a parede invisível levantar-se-á solidamente sempre mais alto".[8]

Quantas pedras foram colocadas desde 1825! Quantos governos revolucionários surgiram desde então! A Itália foi unificada sobre as ruínas do poder temporal e das soberanias legítimas; a Prússia tornou-se a Alemanha imperial; a Áustria anexou populações eslavas. A idéia capital do reino de Napoleão III é o princípio das nacionalidades. Herdeiro da tradição napoleônica e revolucionária, besuntado, ademais, de carbonarismo, ele consagrou a esse princípio toda a sua influência e todas as suas forças. Após Sedan, após a unidade italiana e a unidade alemã feitas contra nós, após o desabamento do seu trono, ele se encarniçava ainda em defender e em glorificar o princípio que enunciara desta maneira na sua proclamação de Estrasburgo ao povo francês: "Dediquei minha existência à realização de uma grande missão. Do rochedo de Santa Helena um olhar do sol poente passou sobre minha alma; saberei guardar esse fogo sagrado; saberei vencer ou morrer *pela causa dos povos*".

Hoje, como conseqüência dos acontecimentos que essa idéia produziu, a Europa inteira mantém todos os seus homens válidos sob arregimentação, armados de engenhos de um tal poder que até então o mundo não fazia idéia. Ela está pronta para o conflito que dará a cada um dos seus povos, com a supremacia sobre os outros, o poder de subjugar todas as raças.

Cartas muito interessantes foram publicadas em 1888 pelo *Osservatore Cattolico* de Milão. O autor dessas cartas, voltando do Rio de Janeiro, em 1858, estava no mesmo vapor com um diplomata europeu e o Ministro das Relações Exteriores do Brasil, que era grão-mestre das lojas de seu país. Um dia, conversando com o diplomata europeu, o ministro brasileiro disse: "Virá o tempo, e o vereis com vossos próprios olhos, senhor barão, em que não haverá na Europa senão três monarquias: uma romana, sob a Casa de Sabóia; uma alemã, sob a Casa de Hohenzollern; uma eslava, sob a Casa de Romanof-Gottorp. Mas não crede que nós maçons tenhamos algum interesse na manutenção dessas dinastias. *Quando o preto tiver terminado seu*

---

[7] No dia 20 de junho de 1789, seiscentos deputados prestaram juramento, na sala do *Jeu de Paume* [= jogo da péla] do Palácio de Versalhes, de não se separarem enquanto não fosse estabelecida a Constituição do reino. (N. do T.)

[8] Citado por Pachtler, *Der Cœtze der Humanitœl,* p. 450.

trabalho, poderá ir. Essas três monarquias só podem ser o ponto que nos conduzirá às grandes repúblicas européias, das quais nascerá, enfim, a GRANDE REPÚBLICA DA HUMANIDADE, que permanece como objetivo dos iniciados".

Um franco-maçom dos mais altos graus, grão-mestre do Grande Oriente de Beirute e professor na Universidade de Heidelberg,a um dos homens que, através do ensino e de seus escritos, mais contribuiu para jogar a classe erudita na Culturkampf e cujas obras são traduzidas em quase todas as línguas, Bluntschli, ensina também que o ESTADO *moderno futuro* deve abraçar a humanidade inteira. Como seus livros *La Théorie Générale de l'Etat, La Politique, Le Droit des Gens*, destinam-se a todos, aos iniciados como aos que não o são, ele não diz como esse resultado poderá ser obtido. Mas ele foi mais explícito num discurso que pronunciou em 1873, em Zurique, na loja *Modestia*. Aí ele disse abertamente que é dos esforços reunidos das lojas maçônicas do mundo inteiro que se deve esperar a formação desse Estado que abraçará a humanidade inteira.

Às palavras a seita junta a ação. Em 1869 formou-se em Nova Iorque uma associação chamada *Aliança Republicana Universal*, com o objetivo de reunir todos os Estados do mundo em uma só república.

"O objetivo da associação é afirmar o direito de todo país de se governar como *república*, e, por conseguinte, o direito de todos os republicanos de se unirem entre eles para formar uma solidariedade republicana.

"Para aplicar as verdades supra mencionadas, propôs-se formar uma só associação fraterna de todos os homens de princípios livres, que desejem promover, na medida de suas forças, o reconhecimento e o *desenvolvimento do verdadeiro republicanismo em todos os países e entre todos os povos*. Essa associação fraterna deve ser composta de seções distintas, que compreenderão, cada qual, os membros de uma mesma nacionalidade, americanos e europeus.

"Essas seções, conservando suas respectivas individualidades, serão outras tantas representações das *futuras repúblicas*, enquanto que seus futuros delegados, reunidos num conselho central, representarão a *solidariedade das repúblicas*, cuja realização é a finalidade suprema proposta aos trabalhos da Aliança".[9]

Prache, no seu relatório sobre as petições contra a franco-maçonaria, tem um capítulo para mostrar "como se estabelecem e se estreitam os laços entre a maçonaria francesa e as maçonarias estrangeiras, para trabalharem ordenadamente pelo objetivo que todas buscam". Há: 1° "garantias de amizade" entre todas elas; 2° relações especiais, que poderíamos chamar de pessoais, entre *certas* lojas francesas e as potências maçônicas estrangeiras; 3° o funcionamento, no Grande Oriente da França, de uma comissão de relações exteriores. Os relatórios dessa comissão não são impressos, por causa — disse o I∴ Dequaire, ao expor à Convenção de 10 de setembro de 1894 os trabalhos do Conselho da Ordem — de avaliações delicadas que tratam das relações entre o Grande Oriente e diversas federações do universo"; mas o *Bulletin du Grand-Orient* desse mesmo ano mostra-nos o Grande Oriente da França em relações "com os Supremos Conselhos em geral, com os Supremos Conselhos de Charlestown, e de Lausanne em particular; com a Grande Loja da Inglaterra em todos os pontos do globo; com o Grande Oriente da Itália, com o fraternalíssimo Grande Oriente espanhol e a Grande Loja suíça *Alpina*; com as diversas maçonarias da bacia do Mediterrâneo; com as oficinas e potências maçônicas regulares que, *em todos os pontos do globo, combatem paralelamente com o Grande Oriente da França pelo sucesso final da obra maçônica universal*".[15] Qual o objeto dessas relações? "As inumeráveis reticências que constelam os documentos maçônicos, diz Prache, quando

---

[9] Gautrelet, pp. 184 e segtes. Nas páginas seguintes o autor acompanha os progressos da Aliança na Alemanha, Itália, França etc.

[15] *Bulletin du Grand-Orient*, agosto-setembro de 1894, p. 118.

se tratam das relações exteriores, impossibilitam o estudo completo da questão". Ele destaca, no entanto, diversas coisas interessantes, que podem ser vistas no seu livro, nas páginas 195 a 204.

Bluntschli, na sua *Théorie Générale de l'Etat*, revela-nos sem nenhuma dúvida o objetivo desse relacionamento entre todas as lojas do mundo. Ele ensina que o progresso consiste em "suprimir todos os pequenos Estados, e que acima das grandes potências, como a Áustria e a França, há as potências mundiais que têm consciência de seus direitos e de seus deveres relativamente à toda a humanidade". "Para que a humanidade cumpra seus destinos, diz ele ainda, é preciso que os povos que a compõem possam cumprir os seus". Esses destinos consistem, "para os povos que têm consciência deles mesmos e que sentem uma vocação política e que têm qualidades viris", em se desenvolverem em detrimento dos outros, dos que não possuem senão qualidades femininas". "Aí está o direito santo deles contra todos os outros". E acrescenta: "A humanidade progressista não encontra sua plena satisfação nos Estados particulares, ELA OS CONSOME. Se o *Estado Universal* for um dia fundado sobre as bases de toda a humanidade, podemos esperar que durará tanto tempo quanto a própria humanidade" (p. 86-87).

Eis, pois, o objetivo para o qual trabalham os Grandes Orientes do mundo inteiro em suas relações, eis para onde o Poder Oculto os empurra e dirige: para destruir os Estados particulares e chegar à constituição de um Estado universal. Foi aos pequenos Estados que se dedicaram em primeiro lugar. A Revolução Francesa e o primeiro Império empregaram-se nisso; eles fizeram desaparecer uma multidão de Principados, e vimos recentemente o Piemonte apagar todos os pequenos Estados da Itália, e a Prússia numerosos pequenos Estados alemães. Breve não haverá senão "grandes potências". A maçonaria diz agora que é preciso distinguir entre elas. Há aquelas que têm ou às quais se pode dar "consciência delas mesmas", que têm ou às quais se pode sugerir "uma vocação pública", que têm, enfim, "as qualidades desejadas para se desenvolverem em detrimento das outras". Outras há às quais não são reconhecidas senão "qualidades femininas", como a França[16] e a Áustria. Quando as primeiras, cumprindo "seus direitos e seus deveres" relativamente à humanidade, tiverem feito desaparecer as segundas, o Estado universal estará bem próximo de ser fundado sobre a larga base da humanidade inteira.

Como se vê, o Poder Oculto da franco-maçonaria tem a arte de empregar as potências na mútua destruição, para erguer seu Templo sobre as ruínas de todas. Já em 1811 J. de Maistre havia penetrado nesse desígnio. Ele escrevia de São Petersburgo ao seu rei, ancestral de Victor Emanuel, que foi um instrumento tão útil nas mãos da seita: "Vossa Majestade não deve duvidar um instante da existência de uma grande e formidável seita que jurou há muito tempo a derrubada de todos os tronos; e é dos próprios príncipes que ela se serve, com uma habilidade infernal, para derrubá-los... Vejo aqui tudo o que vimos em outros lugares, quer dizer, *uma força oculta que engana a soberania e a constrange a se estrangular com as próprias mãos*... A ação é incontestável, embora o agente não seja ainda inteiramente conhecido. O talento dessa seita para encantar os governos é um dos mais terríveis e dos mais extraordinários fenômenos que se têm visto no mundo".[17]

O agente é agora universalmente conhecido: é o franco-maçom e, acima do franco-maçon, o judeu. A *Revue Maçonnique*, no número de janeiro de 1908, fazia essa confissão: "A atividade hebraica numa parte da maçonaria pode ser vista de diferentes maneiras. O espírito hebreu, por seu temperamento histórico, é um

---

[16] A França, saindo das mãos de seus reis, era tão pouco considerada potência feminina que foi ela que a franco-maçonaria escolheu por primeiro para desordenar a Europa, através das guerras da Revolução e do Império. Hoje a seita emprega todo seu saber e todo seu poderio em "feminizá-la", retirando-lhe sua fé e desorganizando seu exército.

[17] *Œuvres Complètes*, t. XII, p. 42.

fermento, uma levedura, que põe em movimento de uma maneira freqüentemente muito útil, a massa da civilização ocidental". Esse fermento age sobre a massa maçônica, e através dela sobre o mundo.

"Os judeus, tão notáveis por seu instinto de dominação, por sua ciência inata do governo, diz Bidegain, criaram a franco-maçonaria a fim de aí alistar os homens que não pertencem à raça deles, e que se empenham, no entanto, em ajudá-los na obra deles, em colaborar com eles para a instalação do reino de Israel entre os homens.

"É útil repetir aos bons franceses que os judeus que, dizem eles, não perderam a fé na reconstrução do Templo, escondem, sob essa palavra simbólica, sob essa reivindicação de nacionalidade, a vontade de fazer, do mundo inteiro, um templo gigantesco no qual os filhos de Israel sejam sacerdotes e reis, e no qual todos os homens de todos os climas e de todas as raças, reduzidos à escravidão pela organização capitalista, trabalharão para a glória de Jeová. Tudo isso pode-se dizer, mas não se pode provar, não se pode ainda provar. Somente aqueles que viveram na intimidade da Ordem maçônica, que adivinharam o pensamento secreto dela — não esse pensamento de que falam os homens, mas aquele que se depreende dos fatos, dos símbolos, dos costumes — somente esses podem ter a profunda convicção dessa verdade.

"Foi graças a imensos e pacientes trabalhos que os israelitas puderam adquirir a situação preponderante que ocupam hoje. É através de sábias e sutis intrigas que eles trabalham para o triunfo definitivo. O domínio financeiro e político do judeu não poderá se estabelecer definitivamente senão após a destruição, em todos os países — através das lojas, da imprensa, de diversos meios que o dinheiro e a intrigam obtêm — de todas as instituições, de todas as forças, de todas as tradições que formam como que a ossatura de cada pátria".[18]

E mais adiante: "Os judeus não poderão concluir, no futuro, sua obra de espoliação e de desnacionalização senão por intermédio de grupos ditos republicanos, tais como a Liga dos Direitos do Homem ou o Comitê Radical e Radical-Socialista — e sobretudo da franco-maçonaria. Graças à intriga, eles dirigem, de uma maneira secreta, essas sociedades políticas em direção ao objetivo que buscam com incansável energia: a dominação universal do povo de Israel".[19]

♦

CAPÍTULO XLI

A IDÉIA DA REPÚBLICA UNIVERSAL NA FRANÇA

Ela nasceu nas lojas, há cerca de dois séculos.

Num discurso pronunciado em 1740 num *congresso*, o duque de Antin disse: "O amor à pátria, mal compreendido e levado ao excesso, destruía freqüentemente nessas repúblicas (antigas) o amor à humanidade em geral... O mundo inteiro não é senão uma grande república, da qual cada nação é apenas uma família, e cada particular um filho..."

---

[18] Jean Bidegain, 186-189.
[19] *Ibid.*, 256.

Em 1792 foi publicado em Paris um livro que tinha por título *La République Universelle*. O autor, Anarchasis Kloost, era o barão J.-B. Hermann, Marie de Kloost, nascido em Guardenthal, no ducado de Clèves. As sociedades secretas não tiveram membro mais zeloso. Cedo ele testemunhou uma grande simpatia pelos judeus. Diz ele no seu livro: "Encontraremos poderosos auxiliares, fervorosos apóstolos, nas tribos judaicas que olham a França como uma segunda Palestina. Nossos concidadãos circuncisos nos abençoam em todas as sinagogas do cativeiro. O judeu aviltado no resto do mundo tornou-se cidadão francês, cidadão do mundo por nossos decretos filosóficos" (páginas 186-187).

Fixado em Paris antes de 1779, Anarchasis Kloots foi daqueles que mais ativamente prepararam a Revolução. Vemo-lo aparecer em 19 de junho de 1790, na Assembléia Nacional, com uma bando de 36 estrangeiros qualificados: a *Embaixada do Gênero Humano*. Seu livro sobre a República Universal valeu-lhe da Assembléia Legislativa o título de cidadão francês em 1792. Sua doutrina pode se resumir numa frase: "O gênero humano viverá em paz quando formar um só corpo, a única nação".

Podemos observar hoje a existência do mesmo pensamento. O mesmo espírito persevera, mantido e, quando preciso, reavivado pela própria seita.

O que aconteceu na França nos últimos vinte e cinco anos, e muito particularmente a desorganização, nesses últimos tempos, do exército e da marinha, por aqueles mesmos que presidem os destinos do país, mostra os progressos dessa idéia. Para todos aqueles que não têm conhecimento dos pensamentos últimos da sinagoga, a construção do Tempo que deve abrigar todos os povos, em outros termos, o estabelecimento de uma República humanitária sobre as ruínas de todas as pátrias, é um doloroso enigma. É, pois, necessário mostrar que a maçonaria francesa, pelo menos nos altos graus, conhece esse desígnio da maçonaria cosmopolita, e, de sua parte, trabalha para a sua realização.

Prache, no relatório que já citamos, diz (página 191): "Abramos a ata da Conferência Maçônica Internacional realizada em Anvers, em 1894; lemos na página 35, num discurso de um dos representantes do Grande Oriente da França, o I∴ Dequaire, atualmente inspetor da Academia em Mende, esse convite endereçado a todas as outras maçonarias do universo: "Nossa maçonaria crê na necessidade de exercer sobre a opinião nacional, e, através dessa opinião, sobre a marcha do nosso governo, sua influência, que, pela ação política, cresce em poder *em benefício do programa maçônico universal*". "Há, pois, conclui Prache, um programa maçônico universal". Qual é esse programa? Qual é a obra para a qual devem trabalhar todas as lojas da França, em união com as lojas de todas as partes do mundo? Prache encontra-a nestas palavras do mesmo I∴ Dequaire: "A grande missão da França é presidir a obra da *organização da democracia*, numa palavra, *a organização da República Universal*". E ele faz remissão ao *Relatório* dos trabalhos do Grande Oriente de 16 de janeiro a 28 de fevereiro de 1897, p. 10.

Algumas citações mostrarão que as lojas francesas não recusam o concurso que lhes é pedido. Não remontaremos além de 1848.

Garnier-Pagès, ministro da segunda República, declarou publicamente que "os maçons queriam terminar a obra gloriosa da República; e que essa República estava destinada a ser estabelecida em toda a Europa e sobre toda a face da terra".

J. Weil, franco-maçom judeu escreveu: "Nós exercemos uma influência insistente sobre os movimentos do nosso tempo e sobre os progressos da civilização em direção à republicanização de todos os povos".

Um outro judeu, Louis Bence, dizia na mesma época: "Com mão poderosa sacudimos os pilares sobre os quais está fundado o antigo edifício de maneira a fazê-lo gemer".[1]

---

[1] Ver monsenhor Meurin, *La Franc-Maçonnerie, synagogue de Satan*, pp. 197-198.

Crémieux, o fundador da *Aliança Israelita Universal*, ao receber, na qualidade de membro do governo provisório, os delegados da franco-maçonaria, disse-lhes: "A República fará o que faz a maçonaria; ela se tornará a garantia resplandecente da união dos povos em todos os pontos do globo, em todos os lados do nosso triângulo; e o Grande Arquiteto sorrirá a esse nobre pensamento da República que, espalhando-se por todas as partes, reunirá, num mesmo sentimento, todos os habitantes da terra".[2] Não é inútil comparar essas palavras com aquelas que um maçom alemão pronunciava nesse mesmo momento numa loja de Gœttingue, *Ao Compasso de Ouro*: "A grande época predita tão freqüentemente é enfim chegada, em que nossa associação deve se transformar em aliança universal entre os membros da humanidade?... A liberdade que a geração atual reclama é a supressão de todas as barreiras (ou fronteiras), tornadas supérfluas quando todos os homens estiverem reunidos NUM SÓ ESTADO".

Jean Macé publicou, nesse mesmo ano de 1848, um opúsculo intitulado: *Les Vertus d'un Républicain*. Ali ele diz: "O vento que passará sobre a França se encarregará de levar, para além dos rios e das montanhas, os germes fecundantes destinados *a fazer , as repúblicas*. NÓS FAREMOS A CONQUISTA DO MUNDO sem deixar nossas mulheres e nossos filhos". Jean Macé foi um dos maiores propagadores da idéia da República Universal, como organizador da *Liga Universal de Ensino*, agente do internacionalismo, assim como da própria Aliança Israelita Universal. Apesar disso, a loja *La Fraternité des Peuples* submeteu-o a julgamento, porque "ele parecia a alguns ser francês antes de ser membro da humanidade"; e Macé, através de uma carta que foi lida na sessão de 22 de junho de 1867, tranqüilizou-a plenamente.

Victor Hugo também emprestou, desde 1848, sua voz sonora à união dos povos, à confusão das raças, a ponto de ter sido chamado "o poeta do humanitarismo". Presidindo o Congresso da Paz que se realizou em Paris em 1849, ele deu a entender, em nome do Evangelho, diante de duas mil pessoas, à França, Inglaterra, Prússia, Áustria, Espanha e Rússia, que um dia as armas lhes cairiam das mãos. Declarou entrever os Estados Unidos da Europa estendendo os braços aos Estados Unidos da América por cima dos oceanos.[3]

Mais tarde ele exclamava nos seus *Les Châtiments*: "Não mais soldados com a espada empunhada! não mais fronteiras!" No prefácio do *Paris-Guide* ele aclamava os alemães como nossos "concidadãos na cidade filosófica", "nossos compatriotas na pátria-liberdade". Em 1° de março de 1871, na Assembléia de Bordéus, ele desejava que a França reconquistasse a margem esquerda do Reno, mas pelo prazer de dá-la de presente à Alemanha dizendo-lhe: "Fronteiras não mais! O Reno para todos! Sejamos a mesma República, os Estados Unidos da Europa, a paz universal".[4]

Já em 1859, por ocasião da partida de Napoleão III para a guerra da Itália, observa Goyau, ao qual tomamos emprestada a maioria das citações, tiradas do seu livro *L'idée de Patrie et l'Humanitarisme*, os operários parisienses aclamavam o imperador porque viam nessa guerra a realização da idéia de emancipação dos povos e da fraternidade entre os povos emancipados.

É que essas idéias, espalhadas no público pelos jornais e pela sugestão das lojas, penetravam já profundamente na massa do povo. Nas aproximações da Prússia com todos os seus vizinhos, elas foram propagadas com mais ardor. Em 1864, Boutteville, professor em Santa Bárbara, proclamava que a maçonaria devia construir

---

[2] *Histoire du Grand-Orient de France*, por Jouaust, pp. 502-505.

[3] *Actes et Paroles. Avant l'exil*, II, pp. 160-161.

[4] *Actes et Paroles. Avant l'exil*, 1870-1871, p. 90. Foi em torno de 1850 que a fórmula "Estados Unidos da Europa" apareceu na história. Encontramo-la nos lábios de Victor Hugo no discurso com o qual, em 1849, abriu o Congresso da Paz em Paris. Ela aparece ao mesmo tempo na Itália e na Bélgica. No Congresso de Lausanne, em 1869, Victor Hugo, que ainda presidia, empregou uma outra fórmula: "Nós queremos a grande república continental".

“o Templo simbólico da República Universal”. A *Ruche Maçonnique* [Colméia Maçônica] explicava como isso podia ser feito. Ela desejava que a unidade maçônica, prelúdio da unidade universal, emanasse de um centro único, que daria o impulso intelectual e administrativo aos centros secundários, um para cada Estado. Rebold enunciava o projeto de uma confederação maçônica universal que conduziria num dado tempo à confederação da humanidade.[5]

Dois anos mais tarde, em junho de 1866, Varlin, que devia tornar-se o “communard”[6] de 1871, endereçava um manifesto aos trabalhadores parisienses no qual se lia: “A democracia sobe... sobe e cresce sem parar. A democracia não é francesa nem inglesa; ela não é mais austríaca do que alemã; os russos e os suecos participam dela assim como os americanos e os espanhóis; numa palavra, a democracia é universal!”

Nos Congressos de Genebra, Lausanne, Berna, Havre, que se realizaram naquela época, o grito mais freqüentemente repetido foi o do ódio contra a Igreja Católica: “Nada de fronteiras!”

A maçonaria fez espalhar essa idéia até nas escolas. Edgar Monteil, o prefeito que conhecemos, no seu *Cathécisme du Libre-Penseur*, dedicado à franco-maçonaria universal, “associação internacional e fraterna, força organizada”, saúda os tempos futuros, nos quais, “ajudando o progresso, as fronteiras serão rebaixadas, nos quais não se conhecerá senão a Sociedade”. Ele repete a mesma coisa no seu *Manuel d’Instruction Laïque*.

As folhas pedagógicas, publicadas pelos inspetores da academia, tais como *Le Volume, L’Ecole Nouvelle, La Revue de L’Enseignement Primaire, L’Union Coopérative, L’Ecole Laïque* etc., mostram-se inimigas declaradas das nossas instituições militares. “Arrancai, derrubai, proscrevei, diz a *L’Ecole Laïque*, tudo o que, nos vossos livros, nos vossos cadernos ou nas vossas aulas celebre a glória do sabre”. “A vós, mestres, diz ela ainda, compete fazer penetrar essas idéias nos cérebros dos camponeses”.

A *Revue de L’Enseignement Primaire* atualmente é dirigida por Hervé — o homem da bandeira no estrume. Ela não conta com mais de quatorze mil professores assinantes, e dá o tom a mais de trinta mil. É dos escritórios da *Enseignement Primaire* que saem os *Boletins* dos sessenta Amigos de mestres e mestras. Em 1904 ela publicou na parte destinada aos alunos as palavras e a música da *Internacional*, com a famosa estrofe:

> Se eles se obstinam, esses canibais,
> A fazer de nós heróis,
> Logo saberão que nossas balas
> São para nossos próprios generais.

O próprio Hervé fez essa advertência ao país, em abril de 1906, no *Pioupiou*:

“Declaramos que, qualquer que seja o governo agressor, nós nos recusaremos a dar uma gota do nosso sangue. Estamos decididos a responder à ordem de mobilização através da greve dos reservistas”.[7]

---

[5] *Histoire des Trois Grandes Loges*, pp.552-662.

[6] Partidário da insurreição da Comuna de Paris. [N. do T.].

[7] A maioria do corpo docente no ensino primário está gangrenado não somente pelo internacionalismo, mas também pelo socialismo. Em 1904, após o discurso pronunciado no dia 3 de junho por Chaumié, Ministro da Educação, a propósito da introdução do Manual de História de Hervé em certas escolas, a *Revue de l’Enseignement Primaire* escrevia: “Somos cerca de trinta mil professores socialistas na França... Somai a isso trinta ou quarenta mil radicais-socialistas... Não devereis vos espantar se em alguns anos vosso sucessor se encontrar à frente de um pequeno exército de oitenta mil educadores socialistas”.

Faz alguns anos, dois jornais, *L'Instruction Primaire* e *L'Union Pédagogique Française*, tentaram reabilitar o culto da bandeira nacional. Esses dois órgãos não encontraram clientela entre os cem mil professores formados por Buisson.

O internacionalismo vai se infiltrar até nas associações de jovens católicos? Na conferência pública que proferiu em 23 de março de 1903, na sala das Mil Colunas, Marc Sangnier, vendo seu auditório imbuído de idéias humanitárias, creu dever antecipar-lhe o seguinte: "Amamos apaixonadamente a França, mas a consideramos como o campo de experiência da humanidade, e somos de alguma maneira patriotas internacionalistas".[8]

Mas eles não se limitam a semear a idéia; trabalham para a sua realização, e antes de tudo paralisando as nações marcadas para desaparecerem em primeiro lugar. Quem pode esquecer os esforços que foram feitos, após a vitória da Prússia sobre a Áustria, para impedir a França de manter seu exército em estado de resistir ao assalto que lhe ia ser desferido![9]

Em maio de 1869, Gambetta, ao lançar sua candidatura em Paris contra Carnot, deixava inscrever em seu programa de governo "a supressão dos exércitos permanentes, causa de ruína para as finanças e os negócios da nação, fonte de ódio entre os povos e de desconfiança no interior". Jules Simon dizia na mesma oportunidade: "Quando digo que o exército que queremos construir seria um exército de cidadãos, e que ele não teria em nenhum grau o espírito militar, não é uma concessão que faço, é uma declaração e uma declaração que me deixa feliz. Porque é para que não haja na França espírito militar que nós queremos um exército de cidadãos que seja invencível nela e fora de condições de levar a guerra ao exterior. Se não existe exército sem espírito militar, que tenhamos um exército que não o seja". No ano precedente ele tinha dito (sessão de 17 de julho de 1868): "O exército, já que se diz que é preciso um..." As esquerdas aplaudiam, reclamavam o desarmamento universal, de sorte que Caro pôde escrever a respeito delas, no momento dos nossos desastres, que elas tinham "preparado com todas as suas forças, de fato, o desarmamento da França". É bem o caso de repetir aqui a palavra de Montégut: "Uma espécie de emulação *patricida* reina no campo da democracia".[10]

Como vemos, não foi Hervé de maneira nenhuma que inventou o herveísmo. Ele se limitou a repetir acerca do militarismo e do exército as palavras que os republicanos mais ou menos afiliados às lojas não cessaram, nos últimos quarenta anos, de imprimir em seus jornais e de clamar em suas reuniões.

Na sua obra *Idée de Patrie et l'Humanitarisme*, Georges Goyau mostra-nos Buisson perorando no Congresso de Lausanne, em 1869. "Era preciso, dizia ele, ir às vilas e aí distribuir pequenos documentos e livrinhos contra a guerra, contra todos os uniformes, contra o Deus dos exércitos, contra os conquistadores; e sua conclusão era de que não se deviam temer as perseguições, a prisão, "e que um dia seria preciso recusar a submeter-se".

Não está aí o pleno herveísmo? Quando J. Ferry chegar a ser Ministro da Educação, ele não terá nada de mais urgente do que chamar esse Buisson para perto dele e confiar-lhe a reforma do ensino primário.

Nos nossos desastres alguns saudavam, parece, o caminho para a realização de seus sonhos. O *Siècle* de 10 de julho de 1870, num artigo assinado por Henri Martin,

---

[8] *Le Sillon*, número de 4 de junho de 1903, p. 406. — Os judeus são internacionalistas desde a sua dispersão. Não é absolutamente lógico, absolutamente natural, pensar que o internacionalismo judeu não é absolutamente estranho ao internacionalismo revolucionário? Tanto menos estranho é quanto vemos atualmente, na França, os jornais revolucionários "acionados" pelos judeus, e na Rússia as revoltas organizadas pelos mesmos judeus.

[9] Ver Goyau: *L'Idée de la Patrie et de l'Humanitarisme*, cap. I.

[10] *Libres Opinions Morales et Historiques*, p. 367.

chamava Garibaldi para a França e dizia: "Garibaldi vale mais do que um exército e mais do que um povo, porque ele vem em nome de todos os povos e traz consigo o direito universal, o ideal da universal humanidade". Três meses mais tarde, um futuro deputado de Tours, Armand Rivière, seguido por uma delegação, apresentava a Garibaldi e a alguns deputados republicanos da Espanha as homenagens da democracia de Tours e dizia: "Quando nós, republicanos franceses, italianos, espanhóis, tivermos vencido o inimigo comum (não a Prússia, mas o sacerdócio católico), teremos lançado os fundamentos dessa grande federação à qual virão se associar nossos irmãos democratas alemães e que logo formará aos Estados Unidos da Europa". E esses garibaldinos, encontrando uma bandeira prussiana enterrada sob cadáveres, devolveram-na ao exército prussiano dizendo: "Vimos para defender a República francesa em nome da fraternidade humana, da qual nunca ouvimos dizer que excluísse o povo alemão".[11]

Em abril de 1860, Garibaldi, preparando-se, com a conivência da Inglaterra, para sua expedição à Sicília, foi recebido como grão-mestre da maçonaria italiana. Os que o recebiam disseram-lhe: "Diz agora conosco nosso juramento supremo". E ele disse: "Juro não ter nenhuma outra pátria que a pátria universal; — juro combater a todo transe, sempre e em toda a parte, as fronteiras das nações, as fronteiras dos campos e das oficinas; e as fronteiras das famílias. Juro derrubar, para isso sacrificando minha vida, as fronteiras que os humanicidas traçaram com sangue e a fronteira do nome de Deus".[12]

A Comuna manifestou os mesmos sentimentos dos garibaldinos. Na sua proclamação de 28 de março de 1871, ela dizia aos prussianos: "Pregai com o exemplo, provando o valor da liberdade, e chegareis ao próximo objetivo: a República Universal".[13] Desde a primeira sessão, em 28 de março, Delescluze escreveu à guarda nacional: "Vosso triunfo será a salvação de todos os povos. Viva a República Universal![14] Esse grito se reencontra em quase todos os manifestos dos "communards".

Cheguemos aos dias presentes. O judeu Alfred Naquet publicou em 1901 um libro com este título: *L'Humanité et la Patrie*. Um espanhol, Lozano, resume-o assim: "O patriotismo do verdadeiro francês consiste em não ter pátria". Nesse livro Naquet repreende Gambetta por não ter tido suficiente cuidado com a defesa republicana, por ter tomado a peito exclusivamente a defesa do território. Diz que quando o homem não for mais petrificado nos limites nacionais, cada membro da comunidade terá uma parte maior no consumo e uma soma maior de prazeres — coisa prometida pela civilização maçônica. Sua conclusão é no sentido de que, sobre os escombros das pátrias niveladas fundar-se-á a República dos Estados Unidos da Civilização, da qual a França será apenas um cantão. De sorte que, dois mil anos após a infrutífera tentativa de Cristo para realizar a Paz universal, o advento definitivo do Messias-Humanidade — lede: o Anticristo — marcará o triunfo do antigo sonho judaico.

Em 22 de junho de 1902 realizou-se em Saint-Mandé um banquete franco-itálico sob a presidência de honra de Jaurès, cujas declarações na Câmara a respeito da Alsácia-Lorena repercutiram em toda a Europa, e sob a presidência efetiva de Cerutti e Sadoul. Nos seus brindes exprimiram a esperança de que aquela festa consagraria logo a união de todos os povos. Suas palavras foram acolhidas aos gritos de "Viva a Internacional!" Jaurès disse: "Congratulo-me com que os dois povos se tenham reaproximado na hora em que um e outro sacodem o jugo da tirania clerical".

---

[11] *Les Etats-Unis d'Europe*. Revista publicada por Charles Lemonnier, 1° de março de 1877.
[12] *L'Ennemie Sociale*, por Rosen, da raça judia.
[13] Reimpressão do *Diário Oficial* da Comuna, 30 de março, p. 106.
[14] *Ibid.*, p. 527.

Em 1905 foi editado um livro intitulado *Pour la Paix*. O *Journal des Instituteurs* ofereceu o programa nestes termos: "Fazer guerra à guerra. Apagar as fronteiras, que são apenas preconceitos. Assegurar ao proletariado do mundo uma era de justiça e de humanidade". Após ter feito a exposição dessa bela tese, o *Journal des Instituteurs* a aprova: "Nós, que sempre consideramos as guerras e suas histórias como um contra-senso e um crime, não podemos senão aplaudir o lançamento de *Pour la Paix*".

Uma associação internacional que tem por divisa "Nem fronteiras, nem Deus" parece ter atualmente como chefes, na França, os deputados Jaurès e Pressensé; na Itália, os deputados Enrico, Ferri e Bovio; na Espanha, Soriano. O objetivo dela é trabalhar, sob os auspícios do espírito de Garibaldi, para a união dos Estados latinos sob o regime republicano, para a guerra ao catolicismo. Ter-se-á assim ultrapassado uma das etapas que devem conduzir ao fim último que a sinagoga assinalou para as sociedades secretas.

Essas idéias e esses projetos vêm dos profetas da Revolução, de J.-J. Rousseau, como demonstramos, e, antes, de Weishaupt.

No discurso que o Hierofante endereça àquele que inicia o grau de Epopte lemos: "No momento em que os homens se reuniram em nação (em virtude do contrato social), o nacionalismo ou o amor nacional tomou o lugar do amor geral. Com a divisão do globo e de seus países, a benevolência se encerrou em limites que ela não devia mais ultrapassar. Então foi uma virtude desevolvermo-nos às custas daqueles que não se encontravam sob nosso império. Essa virtude foi chamada de *patriotismo*. E desde então, por que não dar a esse amor limites mais estreitos ainda? Assim vimos nascer do *patriotismo* o *localismo*, o espírito de família e enfim o egoísmo. Diminuí, cerceai esse amor à pátria, os homens aprendem *de novo* a se conhecerem e a se amarem como homens... Os meios para sair desse estado de opressão e de remontar à origem de nossos direitos são as escolas secretas da filosofia (os ensinamentos dados nas lojas de retaguarda). Através dessas escolas um dia será reparada a queda do gênero humano; *os príncipes* E AS NAÇÕES desaparecerão sem violência (?) de sobre a terra. A razão será então o único livro das leis, o único código dos homens".[15]

Jamais, dir-se-á, essa República Universal poderá se realizar. O Império Romano não pôde, ele próprio, chegar ao termo da sua ambição, nos limites restritos que lhe oferecia o mundo então conhecido.

A isso Favière respondia recentemente: "As causas do desmoronamento do Império Romano foram de ordem puramente econômica. O Império pereceu em razão da penúria dos recursos materiais. Sucedeu que não mais se pôde governar nem defender um Império desmedido, que dispunha apenas dos correios para levar as ordens de Constantinopla a Cádiz". Hoje não é mais a mesma coisa. O que então era impossível tornou-se realizável. "São as estradas de ferro, a navegação a vapor e o telégrafo, é sobretudo o imenso poder contributivo do Estado moderno que sustenta vertiginosos orçamentos, os quais permitem à Rússia a conquista da Ásia Central, aos Estados Unidos a valorização do seu imenso território, e à Inglaterra a exploração de um império disperso aos quatro ventos do planeta".[16] Que essas forças, esses poderes, que ainda não disseram sua última palavra, estejam nas mãos de um homem de gênio, como Napoleão, ou de um espírito ainda mais poderoso, assistidos pelos Poderes infernais, tal como será o Anticristo, e o Estado-Único, abarcando a totalidade do gênero humano, não tardará a ser uma realidade.

———— ♦ ————

[15] Barruel, t. III, p. 184.

[16] *Réforme Sociale*, 1903. O progresso.

CAPÍTULO XLII

A REPÚBLICA UNIVERSAL EM VIA DE FORMAÇÃO

Com a morte do imperador José, Leopoldo, seu sucessor, chamou para perto de si o professor Hoffmann, cuja pena ele sabia ter sido solicitada a consagrar-se à causa da Revolução. Este lhe contou que Mirabeau declarara a seus confidentes manter na Alemanha uma correspondência muito vasta. Ele sabia que o sistema da Revolução abraçaria o universo; que a França era apenas o teatro escolhido para uma primeira explosão, que os propagandistas trabalhavam os povos em todas as regiões, que os emissários estavam espalhados nas quatro partes do mundo e sobretudo nas capitais.[1]

Outros convencionais testemunharam mais de uma vez conhecer o segredo das ambições últimas da seita. Um deputado do Cantal, Milhaut, falando na loja-clube dos jacobinos sobre a união da Sabóia à França saudava a derrubada de todos os tronos, "decorrência próxima, dizia ele, do sucesso das nossas armas e do vulcão revolucionário"; e exprimia o desejo de que, de todas as Convenções Nacionais que viessem a ser estabelecidas sobre as ruínas de todos os tronos, um certo número de deputados extraordinários formasse, no centro do globo, uma Convenção Universal que velaria sem descanso pela manutenção dos direitos do homem em todo o universo.[2] Em outras palavras, ela teria por missão velar pela manutenção dos homens na Revolução, na revolta deles contra Deus, na ordem puramente natural. Notemos, de passagem, que uma mesma palavra, um pouco modificada — *Convent, Convention* — serve para designar as assembléias gerais da franco-maçonaria, a Assembléia revolucionária de 1789 e a futura Assembléia dos deputados de todas as partes do mundo.[3]

No fim do século XVIII, esse projeto de governar o gênero humano inteiro através de um Convenção Universal colocada no centro do mundo e composta dos deputados das Convenções estabelecidas nos antigos reinos reduzidos ao estado de departamentos poderia parecer louco. Mas hoje, na entrada do século XX, em que vemos o globo inteiro sulcado pelos fios telegráficos, pelas estradas de ferro e pelos vapores, o messias esperado pelos judeus poderia facilmente manter o mundo inteiro em suas mãos e governá-lo através de uma Convenção central relacionada com as Convenções locais.

---

[1] Barruel, t. V, p. 224.

[2] Citado por Thiers, *Histoire de la Révolution*, t. IV, p. 434.

[3] O governo das lojas serviu de modelo aos homens da Revolução para organizarem a França. "O governo da franco-maçonaria, diz o I∴ Ragon (*Cours Philosophique*, pp. 7, 9, 377 e segtes.) era outrora dividido em *departamentos*, em lojas provinciais, que tinham suas subdivisões. A Assembléia Nacional, *considerando a França como uma grande loja*, decretou que seu território seria distribuído segundo as *mesmas divisões*. As municipalidades ou comunas correspondem às lojas; elas se relacionam a um centro comum para formar um cantão. Um certo número de cantões, que correspondem a um novo centro, compõem um distrito, atualmente uma subprefeitura; e várias subprefeituras formam um departamento. As grandes lojas de província tinham um centro comum na Constituinte". É o esboço da maneira pela qual será organizada a República Universal.

O I∴ A. J. Regnier, num discurso às Conferências Maçônicas de Lyon, pronunciado em 22 de maio de 1882, disse a mesma coisa: "O regime republicano está *calcado sobre nossas instituições*". E o *Bulletin Maçonnique*, edição de dezembro de 1890, pp. 229, 230: "A preocupação da maçonaria sempre foi *transportar para a ordem política a forma republicana, e para a ordem filosófica o triunfo do livre-pensamento.* Podemos dizer que ela jamais falhou na sua missão".

Podemos ver em Deschamps, t. II, p. 50 e seguintes, o auxílio que a Convenção, e depois Napoleão, receberam da franco-maçonaria na Alemanha, Bélgica, Suíça e Itália, para tentarem formar os Estados Unidos da Europa, encaminhamento para o Estado-Humanidade.[4] O projeto jamais foi abandonado; a execução sofreu recuos mais de uma vez, mas para ser retomada logo que as circunstâncias o permitiam. A unificação da Itália, a unificação da Alemanha, as ambições dos Estados Unidos, chamados talvez a recolher da Inglaterra o império dos mares, o movimento que agita o Extremo-Oriente, tudo isso faz progredir, dia a dia, em todos os pontos do globo, a caminhada em direção à unidade política. Antes de cem anos, cinqüenta talvez, dois ou três impérios, engrossados pela "absorção" das nacionalidades de segunda ordem, poderão lutar num conflito supremo para deixar o vencedor livre e senhor para dispor à sua vontade os destinos do mundo. Não é este o pressentimento que se levantou em todos os espíritos esclarecidos, que se tem manifestado por toda a parte desde que estourou a guerra entre a Rússia e o Japão?

"Derrubar todas as fronteiras, diz Claudio Janet na continuação da obra do Padre Deschamps, abolir todas as nacionalidades, começando pelas pequenas, para fazer um só Estado; apagar toda a idéia de pátria; tornar comum a todos a terra inteira, que pertence a todos; quebrar, através da intriga, da força, dos tratados; preparar tudo para uma vasta democracia cujas diversas raças, embrutecidas por todos os gêneros de imoralidade, não passarão de departamentos administrados pelos altos graus e pelo Anticristo, supremo ditador tornado único deus deles: tal é o objetivo das sociedades secretas".

Para nos restringirmos ao que se passa no nosso continente, não há dúvida de que o plano da maçonaria, neste momento, consiste em subordinar as nações católicas às potências protestantes.

No número de 29 de agosto de 1902, o *Gaulois* reproduziu um artigo do *Opinion Nationale* que remonta ao mês de julho de 1866. Aplaudia-se aí o triunfo da Prússia em Sadowa e dizia-se:

"Somos pelo enfraquecimento da Áustria, porque a Áustria é uma potência católica que deve ser suplantada pela Prússia, baluarte do protestantismo no centro da Europa. Ora, *a missão da Prússia é protestantizar a Europa, como a missão da Itália é destruir o pontificado romano*. Eis as duas razões pelas quais nós somos simultaneamente a favor do engrandecimento da Prússia e do engrandecimento da Itália".

"A unidade da Alemanha, dizia *Le Siècle* por seu turno, é, como a unidade da Itália, o triunfo da Revolução". *La Liberté* apoiava, ela também, a "política da predominância de uma Prússia protestante na Europa".

Mas como o pensamento do Poder Oculto é o de substituir por "uma Jerusalém da nova ordem" a dupla cidade dos Césares e dos Papas, se o alto judaísmo trabalha atualmente para liquidar as nações católicas é porque está persuadido de que

---

[4] A duquesa de Dino, que vivia numa intimidade de família com a Corte da Prússia, notou — no dia 25 de junho de 1860, durante a entrevista solene de Bade — uma conversa entre o imperador dos franceses e o príncipe regente da Prússia, que seria o futuro imperador da Alemanha, Guilherme I, proclamado em Versalhes, na grande galeria de Luís XIV!

É Napoleão III quem fala:

"Que para acabar com as revoluções, era preciso construir por toda a parte grandes Estados; que a Itália deveria voltar a ser o *Império Romano*; que a Alemanha deveria voltar a ser o *Império Prussiano*; que as pequenas populações francesas de língua e de costumes, ao longo das fronteiras da França: a Bélgica, o cantão de Vaud, as de Neuchâtel e de Genebra, deveriam retornar ao *Império Francês*; que então nas nacionalidades ficariam satisfeitas, as ambições também; que as imaginações teriam espaço, que os que provocavam as revoluções eram os pequenos que queriam tornar-se grandes; que no dia em que não houvesse senão grandes, em pequenos número, mas unidos entre eles, teríamos nos livrado dos revolucionários; que os grandes Impérios significam a paz!"

destruídas estas o resto cairá por si mesmo e Israel poderá estabelecer seu império universal. No mundo inteiro as sociedades secretas favorecem a Inglaterra, a Prússia, a América do Norte, em detrimento da França, da Áustria e da Espanha. A Áustria recebeu um golpe que se pensou ser mortal em Sadowa; a França uma ferida cruel em Sedan e uma mais cruel ainda quando foi abandonada à franco-maçonaria pela Assembléia Nacional. Mas um dia ou outro ela poderá se reerguer. Foi decidido que deveria ser-lhe aplicado o golpe de misericórdia; mas esse golpe devia ser preparado. O caso Dreyfus realizou esse papel de preparação. Ele desorganizou o exército, expôs aos olhos dos vizinhos todos os nossos planos de defesa, fomentou a guerra civil, fez da França dali para frente uma presa fácil de ser despedaçada pela Inglaterra e pela Alemanha.[5]

Desde que uma nação é assim escolhida para "absorver" as outras, segundo o dizer de Bluntschli, a maçonaria aplica-se em dar-lhe "consciência dela mesma", "o sentimento de sua vocação política", outras palavras para a mesma coisa, em exaltar o sentimento patriótico e em depravar esse sentimento no seio dos povos que ela condenou. O socialismo é patriótico na Alemanha, com Bebel, internacionalista na França, com Jaurès. Um e outro obedecem sem dúvida ao impulso de um único e mesmo motor, que quer deprimir estes, sobreexcitar aqueles, para tornar mais fácil e mais certa a vitória dos que ela quer, no momento, engrandecer e elevar.

Nas *Questions Historiques* Fustel de Coulanges faz a comparação entre a maneira de escrever a história na Alemanha e na França há cinqüenta anos. Ele opõe a diferença de sentimentos entre os historiadores alemães e os historiadores franceses relativamente aos seus países: "O primeiro dever de um grande povo é o de se amar e de se honrar nos seus mortos... O verdadeiro patriotismo não é o amor à terra, é o amor ao passado, é o respeito aos que nos precederam. Nossos historiadores não nos ensinam senão a maldizê-los e não nos recomendam senão de não nos assemelharmos a eles... Nós alimentamos no fundo de nossa alma uma espécie de ódio inconsciente relativamente a nós mesmos... É uma espécie de furor em nos caluniarmos e em nos destruirmos, semelhante a essa mania suicida que vemos atormentar certos indivíduos". Desprezar dessa maneira seu passado seguramente não é coisa natural para um povo. E então se põe uma questão: de onde vem isso?

"Os alemães, diz o mesmo autor, têm todos o culto da pátria, e eles compreendem a palavra pátria no seu sentido verdadeiro: é a *Vaterland*, a terra dos ancestrais. É o país tal como os ancestrais o possuíram e o construíram. Eles amam esse passado e só falam dele como se fala de uma coisa santa".

Não é com esse olhar, mas com um "olhar raivoso" que a França revolucionária encara o seu passado. Que nação na Europa, no entanto, foi capaz de mostrar uma história mais antiga ou mais gloriosa? Sufocado de paixão, desde 1815, pela Inglaterra e pela Alemanha, nosso liberalismo fez-se apologista da raça germânica, às custas da nação francesa.

Alguma coisa mudou? Na Alemanha certamente não. Na França, "velha França" é quase sempre uma injúria. Nas pegadas de Michelet e de seus alunos, nossa história tornou-se menos a história de uma nação determinada do que a da laboriosa concepção de 89. Um jovem francês candidato ao bacharelado era dispensado, há quatro anos, de conhecer a história do seu país antes de 1610. Depois a dispensa foi estendida até 1715, e há os que pedem agora que a data seja recuada para 1789.

Conhecemos os excelentes resultados, no interior e no exterior, que produziu a história tal como praticada entre os prussianos. "Dentro, verifica Fustel, ela fazia calar as dissensões e criava uma centralização moral mais vigorosa do que a nossa

---

[5] Ria-se a bandeiras despregadas, antes da guerra de 1870, dos mapas alemães que anexavam por antecipação nossas províncias do Leste à Alemanha. Tem-se motivo para rir, no momento presente, dos cartas ingleses que outorgam à Inglaterra as nossas províncias do Oeste?

centralização administrativa. Fora ela abria os caminhos da conquista, e fazia ao inimigo uma guerra implacável em plena paz". Foi assim que, com vinte anos de antecedência, ela pusera as mãos na Alsácia-Lorena. Fustel acrescentava: antes que a Alemanha se apodere da Holanda, "a história já demonstra que os holandeses são alemães". Ela provará também que a Lombardia é uma "terra alemã", e que Roma é a "capital natural do império germânico".

Hoje, como antes da guerra, a história é a serva da grandeza alemã; ela continua a modelar uma alma comum no jovem império e a fazer-se em todas as fronteiras o depósito de provisões do pan-germanismo. Conhecemos algo disso em Praga, Zurique, Nancy, Luxemburgo, Amsterdã.

As universidades alemãs e da Áustria tornaram-se centros do pan-germanismo. Os primeiros discípulos de Schœnerer foram estudantes de Viena. Atualmente ouvem-se dois gritos. "Alemanha una!" e "Rompamos com Roma!" A Prússia protestante anexará assim não somente todas as partes da Alemanha, mas a França e os outros países circunvizinhos.

A propaganda é exercida sob as mais variadas formas: ação política, ação pela imprensa, pela venda ambulante, pela prédica protestante que se transformou em auxiliar do "germanismo". A Alemanha, numa palavra, nada negligencia para estar pronta quando chegar o momento de completar a execução do plano pan-germânico.

Manifestações constantes na Alemanha revelam os projetos ambiciosos dos pan-germanistas, que agora se crêem suficientemente fortes para confessarem seus sonhos de dominação universal e sobretudo de breve conquista da França.

Um professor de Magdebourg expôs em cinco conferências oficiais, em novembro de 1909, o plano dos pan-germanistas.

"Com o crescimento contínuo da nossa população, diz o professor doutor Waetig, é absolutamente necessário que nosso país procure dispor das regiões para as quais poderá fazer escoar o excesso de população.

"Atualmente não vejo senão dois meios para chegar a esse resultado, porque, na minha opinião, nosso futuro não se encontra sobre o mar, mas sobre a terra.

"É possível, quase certo, que os franceses passem a ocupar no mundo apenas um lugar secundário. É preciso pois que aproveitemos esse fatal recuo.

"O primeiro meio seria a infiltração: inundar os países latinos de homens do nosso meio. O resultado é certamente longínquo, mas seguro, e vejo muito bem Paris ou Bruxelas como capitais de países não anexados, mas que falam alemão; uma infiltração tal não deve ser tentada somente em direção ao Leste, e não considero a política de germanização da Polônia senão como um ensaio, um meio de adestramento.

"Devendo a infiltração durar muito tempo, vamos mais longe. Por que não procuraríamos adquirir esses territórios de que temos necessidade pela força das armas? Por que não tentaríamos substituir os regimes existentes entre nossos vizinhos pelo nosso governo? Sem procurar provocar conflitos, devemos aproveitar-nos de todas as ocasiões que nos são oferecidas para dissolver o inimigo hereditário.

"Numa palavra, é em direção ao Oeste, em direção à França, que devemos nos voltar e é aí que devemos colonizar..."

Não contente de querer conquistar os países circunvizinhos, a Alemanha, muito embora protestante, pretende tomar o lugar da França como protetora dos cristãos do Oriente, e, se for preciso, como protetora do Papa em Roma. Os discursos e as providências do seu imperador têm manifestado claramente essas intenções.

Para lembrar apenas um dos seus discursos, ouvimo-lo dizer em Bremen, em março de 1905:

"Deus Nosso Senhor jamais se teria comovido tanto por nossa pátria alemã e seu povo, se Ele não nos tivesse destinado a grandes coisas: *nós somos o sal da terra*; mas devemos também mostrar-nos dignos disso. Assim, nossa juventude deve aprender a renúncia, guardar-se de tudo que não seja bom para ela, daquilo que é

importado dos povos estrangeiros, e permanecer fiel aos costumes, à regra e à ordem, ao respeito e à religião".

"O IMPÉRIO UNIVERSAL, TAL COMO POR MIM IMAGINADO, deve, antes de tudo, consistir em que o império alemão, novamente fundado, goze da mais absoluta confiança de todos, como um vizinho tranqüilo, leal e pacífico; e se um dia talvez a história tiver de falar de um império universal alemão ou de um império universal dos Hohenzollern, ele não terá sido fundado sobre conquistas da espada, mas através da confiança mútua das nações que aspiram aos mesmos fins. Numa palavra, como disse um grande poeta: "Limitado no exterior, infinito por dentro!"

Não seja tomada como exagero de oratória essa idéia de dominação universal reservada à raça germânica: Guilherme II nada fez além de exprimir um sentimento comum a todos os alemães, e que é reencontrado no fundo dos discursos de Bebel em Amsterdã, assim como nas alocuções imperiais.

Quem observa a Alemanha vê com que certeza ela prepara sua dominação, tão extensa quanto possível, simultaneamente por todos os meios, através da idéia como do poder militar, através do comércio como da indústria, assim também como através das emigrações. Atualmente a Alemanha é a segunda das grandes potências comerciais do mundo. A colônia alemã nos Estados Unidos é um poder político de primeira ordem, e, na América do Sul, ela forma quase a maioria nos Estados meridionais do Brasil.

O mesmo poder oculto que entusiasma a Alemanha deprime a França. À distância de quarenta anos vemos agora como a Prússia e a França eram trabalhadas há muitos anos para estarem aptas a desempenharem, uma, o papel de vencedora por destinação, outra, o de vencida por destinação. Que a França tenha sido joguete das sociedades secretas, temos uma prova nas revelações feitas em 1872 por Giers e publicadas dois anos mais tarde por um grande número de jornais sem nenhuma reclamação acerca do que estava sendo questionado.

"Um tarde, em 1872, em Estocolmo, na sala reservada aos fumantes da casa da baronesa X, estávamos em quatro ou cinco, conversando familiarmente. Entre nós encontrava-se Giers, antigo Ministro das Relações Exteriores na Rússia, embaixador da Rússia em Estocolmo. Falávamos do assunto que preocupava ainda todo o mundo: as causas da derrota da França. O senhor Y emitiu a opinião de que a maçonaria tinha desempenhado um papel importante e pouco lisonjeiro".

Então Giers tomou a palavra:

"Não pretendia, disse ele, ser o primeiro a ventilar essa delicada questão; mas, posto que foi levantada, posso vos afirmar que conheço bem o papel que a F∴ M∴ desempenhou nessa guerra.

"Eu era então acreditado em Berna. Havia na cidade uma agência perfeitamente organizada e que funcionava com uma precisão toda prussiana, que cuidava das informações que diziam respeito à divisão das tropas francesas, seus deslocamentos, a quantidade de munições, víveres, etc., etc., e mil indicações, das mais ínfimas e detalhadas, que *franceses afiliados à F∴ M∴ comunicavam às lojas*, e, coisa estranha, *essas informações chegavam com uma rapidez prodigiosa, através de despachos codificados, à agência prussiana maçônica de Berna*.

"Estudei a fundo essa colossal organização para fazer um relatório detalhado ao meu governo.

"É inacreditável, não é verdade? E no entanto nada de mais verdadeiro e do mais palpitante interesse então.

"A nação francesa tinha sido, ao que parece, *condenada pela Alta Maçonaria internacional*, e nem a melhor organização militar, nem talentos estratégicos, nem a bravura incontestável das tropas, não teriam podido materialmente triunfar. Era uma guerra de CEGOS contra VIDENTES!"

Essa acusação formulada tão claramente e partida de um homem que ocupou as mais altas funções na diplomacia, habituado à discrição e ao comedimento, a não falar

senão com conhecimento de causa, tem, por si mesma, uma eloqüência por demais pungente para que seja preciso acrescentar-lhe algo.

Abatida, a França se levantou, no entanto, com suficiente vigor para que se temesse viesse ela a retomar sua posição à testa da civilização. Ela foi então condenada à República, e através da República à mais completa debilitação de todas as suas forças religiosas, políticas, militares e civis, a fim de que toda resistência se lhe tornasse impossível quando chegasse a hora de se lançarem de novo sobre ela. A publicação da correspondência de Bismarck terminou por mostrar a parte que ele tomara no estabelecimento da República,[6] o benefício que ele esperava disso, e as cumplicidades que ele encontrou no interior para a realização dos seus desejos. Em 1° de novembro de 1877, o conde Herbert de Bismarck escrevia ao conde Henckel de Donnesmarck, antigo governador da Alsácia-Lorena, marido da Païva, cujo papel nos últimos anos do Império nós conhecemos, e, enfim, agente secreto de Bismarck na França na luta entre o partido conservador e o partido oportunista: "As relações que mantendes com Gambetta são de grande interesse para meu pai, mas ele não crê oportuno no momento fazer-lhe chegar, mesmo que por vosso intermédio, *comunicações* ou ORDENS". Dois meses depois as ordens chegavam e a guerra ao clericalismo começava. Ela devia logo ser seguida pela guerra contra a magistratura, depois pela guerra contra a economia,[7] depois a guerra contra o exército; e tudo isso acompanhado da prostração diante das outras potências e do abandono do nosso protetorado no Oriente.

"O drama que se desenrola há trinta anos, disse Copin-Albancelli, outra coisa não é senão o assassinato da França, urdido pelo poder oculto judeu, que age através da franco-maçonaria. Se não conseguirmos fazer compreender isso a tempo à maioria dos franceses, a França estará perdida".

Mas, ai de nós!, como diz Bidegain: "Aqueles que dirigem secretamente a Ordem maçônica petrificaram tão habilmente os cérebros dos seus discípulos, tornando-os seus inconscientes servidores, que encontram na maçonaria um instrumento admirável para o golpe de Estado judeu que consagrará a desnacionalização de nossa pátria e esbulhará definitivamente a França dos franceses".[8]

Numa entrevista que concedeu a um redator do *Soleil*,[9] Marcère diz a mesma coisa, por ocasião do congresso anti-maçônico que se realizou nos primeiros dias do ano de 1902: "Não há por que dissimular, *é muito particularmente na França que se aplica o esforço da desorganização maçônica,* E ISTO EM RAZÃO DE UMA OBRA QUE EVIDENTEMENTE CORRESPONDE À REALIZAÇÃO DE UM PLANO IMENSO, *no qual fica claro que temos sido sacrificados*".

É infinitamente doloroso ver que a França empresta suas próprias mãos para a realização desse plano. Dizemos: a França. Não. Mas sim os que a governam e que são delegados ao poder para efetuar, uns após outros, os diversos pontos de uma desorganização maçônica.

---

[6] O conde de Arnim explicou-se a esse respeito com uma clareza que nada deixa a desejar. Embaixador em Paris, ele não quis obedecer à Bismarck, que lhe ordenava trabalhar pelo triunfo dos partidos de esquerda. "Bismarck me atingiu, escreveu ele após sua desgraça e seu processo, porque eu me recusei a acelerar a chegada de Gambetta ao poder".

[7] Paul Dahn, ao examinar a situação da Áustria-Hungria e fazer o levantamento dos diversos elementos que aí encontrou, sejam hostis, sejam favoráveis à Alemanha, escreveu no *Deustchland nach Osien*: "Bontoux inquietava Bismarck mais do que um exército de 300.000 homens. Que não foi dito da obra grandiosa de Cecil Rhodes, o Napoleão do Cabo? Bontoux obteve para nós, sem disparar um tiro de fuzil, a Áustria-Hungria, os Bálcãs e o Oriente. Ele marchava a passo de gigante, não como sonhador, mas para a realização desse plano sabiamente concebido. Foi Bismarck quem o quebrou, sob os aplausos de franceses encantados com essa derrota do clericalismo!"

[8] Bidegain. *Le Grand-Orient de France. Ses doctrines et ses actes*, p. 114.

[9] Ver o *Soleil* de 14 de fevereiro de 1902.

Exército. — Foi verdadeiramente colossal o trabalho que a França empreendeu após a guerra para se reerguer e retomar sua posição no mundo. Lei do recrutamento; lei de organização; lei dos quadros do pessoal, para citar apenas as leis constitutivas. Edificação de aquartelamentos e de estabelecimentos em todo o território; reconstituição do armamento das tropas e da artilharia; construção dos sistemas defensivos do interior e das fronteiras do nordeste e do sudeste; elaboração dos regulamentos gerais e dos regulamentos particulares de armas; criação da Escola de Guerra e reforma das Escolas Militares; constituição do Estado-Maior do Exército, compreendendo os escritórios de mobilização, estatística, operações, estradas de ferro. Tudo isso foi realizado enquanto as tropas se reformaram, retomaram a confiança. Na verdade, cada ano era um ano de progresso, e quando o pensamento avalia aquilo que a dedicação de todos os que então serviram conseguiu realizar, experimentamos um sentimento de vivíssima admiração em face de uma obra que somente o amor à pátria consegue levar a bom termo.

Mas logo vieram os homens que empreenderam destruir, mandados, tudo o que constituía o Exército: a disciplina, o respeito pelos chefes, a confiança recíproca, o sentimento do divino, a abnegação e até o amor à pátria. Foi na destruição disto que eles se aplicaram inicialmente, porque sabiam que, muito mais do que o armamento mais aperfeiçoado e do que os efetivos mais consideráveis, foram as virtudes dos nossos oficiais e dos nossos soldados que, através dos séculos, constantemente fizeram a força do exército francês.

Mas não negligenciaram o resto.[10] O Ministério da Guerra foi confiado a engenheiros, cambistas, homens de negócios ou militares justamente desprezados.

Assim, dali em diante não são somente os deveres militares que o soldado deve cumprir, que os oficiais devem ensinar nesse tempo tão curto de dois anos, são ainda os deveres do cidadão. Através de uma circular de outubro de 1905, Berteaux obrigou-os a fazerem conferência sobre a solidariedade, a mutualidade e os progressos do espírito laico; eles devem conduzir seus homens aos museus, às fábricas, etc., porque, diz a circular, "o exército não é sobretudo o grande órgão da defesa nacional, ele deve ser também um poderoso órgão de progresso social. A Liga Maçônica de Ensino (congresso de Biarritz, em outubro de 1905, e de Angers, em agosto de 1906) apressou-se em aplaudir essa inovação inspirada pela loja.

Dever-se-ia falar aqui do "caso Dreyfus" e de suas conseqüências. Mas não está ele presente no espírito de todo bom francês? Não sabem todos que foi em janeiro de 1895 que se abriu o período de manobras odiosas que os inimigos da pátria desde então não cessam de tramar contra o exército, para "tudo devastar", como tiveram a audácia de dizer?

Marinha. — Que dizer dela? De 1871 a 1909 ela nos custou exatamente 9.012.214.001 francos. Pelo menos é o número apresentado pelos relatórios oficiais da rua Royale e do Palácio Bourbon. "Gastamos dez bilhões, disse Emmanuel Brousse na tribuna, retomando as conclusões do relatório feito pela comissão, e hoje não temos marinha". De fato, após semelhante esforço, a França caiu para o sexto lugar entre as potências navais do globo.

Aqui a traição — a palavra se impõe — se mostrou sob uma outra forma, sob a forma de catástrofes que não pararam de se produzir.[11] É a segunda vez, em um

---

[10] Por ocasião da discussão da lei relativa ao recrutamento dos oficiais e às escolas militares, em 1908, o general Kessler escreveu: "O novo projeto de lei encaminhado à Câmara, acerca do recrutamento dos oficiais, é apenas uma continuação do trabalho de demolição do exército francês, começado há já muitos anos, pela via legislativa, com uma VONTADE e um MÉTODO que a ameaça permanente do perigo exterior é impotente para obstar".

[11] Agosto de 1900 — O encouraçado de esquadra "Brennus" afunda na costa de Portugal: 43 vítimas; 1.700.000 francos.

Outubro de 1900 — O cargueiro "Caravane" afunda ao largo de Tagamatsu: 3 mortos; 3 milhões.

século, que a marinha francesa é desmantelada. Na véspera da tomada da Bastilha, foi em benefício da Inglaterra; desta vez parece que é em favor da Alemanha.

Aviação. — Em março de 1910, por ocasião da discussão do orçamento, foi pronunciado um discurso que se resume nestas poucas palavras: Senhores, somos o país da aviação, o país onde ela nasceu e do qual alçou vôo, mas somos ao mesmo tempo aquele em que ela nada produziu de útil. A Alemanha tem toda uma frota aérea e nós não temos sequer um dirigível.[12]

Fevereiro de 1903 — O contratorpedeiro "Espingole" afunda perto de Saint-Tropez: 2.100.000 francos, aí compreendidos os custos de salvamento inútil.

Janeiro de 1904 — O cargueiro "Vienne" afunda: 52 mortos; 2.500.000 francos.

Março de 1904 — O cruzador "Léon-Gambetta" parte os hélices e rasga o casco: 600.000 francos de reparo.

Fevereiro de 1905 — O cruzador "Sully" perde-se na baía de Along, de onde não pôde ser retirado: 30.300.000 francos.

Julho de 1905 — O submarino "Farfadet" afunda na Tunísia: 14 mortos, 500.000 francos.

Abril de 1906 — Explosão no "Couronne": 4 mortos.

Julho de 1906 — Explosão de uma caldeira a bordo do "Jules-Ferry": 2 mortos.

Outubro de 1906 — O submarino "Lutin" afunda na enseada de Bizerte: 16 mortos. Desencalhe e reparos: 800.000 francos.

Novembro de 1906 — À bordo do "Charles-Martel" um torpedo explode: 1 morto.

Novembro de 1906 — O "Algésiras" incendeia no arsenal de Toulon: 3 mortos, 1.500.000 francos.

Fevereiro de 1907 — O torpedeiro "339" sofre um acidente de caldeira nas imediações de Quiberon: 9 mortos.

Fevereiro de 1907 — O "Jean-Bart" perde-se na costa ocidental da África: 6.500.000 francos.

Março de 1907 — Explosão do "Iéna" em Toulon: 105 mortos; 35.000.000 francos.

Março de 1907 — O torpedeiro "Epée" abalroa o "263": 2 mortos.

Agosto de 1907 — Explosão à bordo do "Couronne": 3 mortos.

Fevereiro de 1908 — Acidente à bordo do "Descartes": 5 mortos.

Fevereiro de 1908 — Explosão à bordo do "Jeanne-d'Arc" no Marrocos: 4 mortos.

Agosto de 1908 — Explosão à bordo do "Couronne": 9 mortos.

22 de setembro de 1908 — "Latouche-Tréville": 13 mortos.

Balanço: 288 oficiais e marinheiros mortos. 85 milhões de perdas.

O relator do orçamento da marinha deste ano, Chaumet, declara que não temos, na hora atual, e apesar de tantos milhões consagrados à frota após quarenta anos, senão o seguinte real efetivo: encouraçados, 15; guardas-costeiras, 5; cruzadores encouraçados, 21; contratorpedeiros, 64; torpedeiros, 162; submergíveis e submarinos, 68.

Ele acrescenta que em 1916 só nos restarão apenas os 6 encouraçados tipo "Pátria" do programa de 1900 — que estarão então muito envelhecidos, e os 6 encouraçados tipo "Danton" do programa de 1906, que, apenas esses, terão menos de dez anos de idade. Quanto aos cruzadores encouraçados, somente o "Edgar-Quinet" e o "Waldeck-Rousseau" terão então menos de dez anos.

Dois anos mais tarde, em 1919, não nos restará mais um só navio com menos de dez anos. A França terá deixado de ter uma marinha encouraçada. Ela não possuíra mais do que alguns velhos navios próprios para constituírem uma esquadra da morte, madura para um futuro Tsou-Shima... Nesses anos de 1908 a 1920, a Alemanha, que, pacientemente, metodicamente, busca o aumento de sua frota, possuirá tantas toneladas de encouraçados quantas dispõe atualmente a Inglaterra. O Japão e os Estados Unidos terão, naquela época, aumentado suas frotas em semelhantes proporções.

[12] A França inventou os dirigíveis e ela não tem nenhum, enquanto a Alemanha tem trinta e oito.

A França também tinha inventado submarinos: a desordem que reina na Marinha permitiu que o segredo dos submarinos escapasse para o estrangeiro, que tem mais do que nós.

A França inventara também a melinita [explosivo mais violento que a dinamite, elaborado com ácido pícrico — N. do T.] e mesmo um detonador especial para explodi-la: melinita e detonador foram embora para o estrangeiro, através de certos intermediários suspeitos do Ministério da Guerra, e foi o inventor da melinita, Turpin, quem expiou na prisão o crime de ter denunciado essa traição.

A França inventou o canhão de 75mm de tiro rápido sobre carro fixo. Seu primitivo inventor, o coronel Deport, assim como os oficiais que dirigiam aeróstatos, teve de trocar o exército pela indústria privada, que recompensa melhor do que o faz o Estado francês.

As forças morais da França foram tão enfraquecidas quanto suas forças físicas. Inútil falar da guerra feita à religião e aos seus ministros. A magistratura, o Ministro da Justiça teve de reconhecê-lo em março de 1910, está "gangrenada", o Parlamento não o está menos, e tudo é empregado para gangrenar até às entranhas todas as classes da sociedade.

Para tudo isso não há outra explicação que não aquela dada por Marcère: "Todo o esforço da desorganização maçônica se abate sobre a França, pela realização de um plano imenso no qual nós exercemos o papel de sacrificados.

"Segundo esse plano, nós, franceses, devemos ser as primeiras vítimas. Após nós será a vez das outras potências católicas, depois a das potências protestantes, as quais terão partilhado nossos despojos. Então poderá ser empreendida a grande obra da República Universal, com os instrumentos e através dos meios que se apresentarão naquele momento".

———— ♦ ————

A França tinha também organizado um incomparável serviço de informações militares, que lhe permitia manter-se de sobreaviso: os oficiais que organizaram esse serviço foram cobertos de opróbrios.

CAPÍTULO XLIII

PARA QUAL RAÇA E POR INTERMÉDIO DE QUE POVOS?

Há alguns anos o historiador Treitschke perguntava:

"A quem pertencerá o cetro do Universo? Quem imporá suas vontades às outras nações, enfraquecidas ou em decadência? Não será a Alemanha que terá a missão de garantir a paz do mundo? A Rússia, colosso imenso e em formação, com pés de barro, será absorvida por suas dificuldades econômicas e internas. A Inglaterra, mais forte na aparência do que na realidade, verá sem dúvida suas colônias se separarem dela e se esgotará em lutas estéreis. A França, toda voltada para suas discórdias internas e para as lutas dos partidos, enterrar-se-á cada vez mais numa decadência definitiva. Quanto à Itália, ela terá muito a fazer se quiser garantir um pouco de pão para os seus filhos. O futuro pertence, pois, à Alemanha, à qual virá juntar-se a Áustria, se ela desejar viver".

Assim pensa a Alemanha.

A Inglaterra tem esperanças parecidas. Tendo o império dos mares e estando resolvida a guardá-lo a qualquer preço, nenhum povo, pensa ela, está capacitado a subtrair-lhe a hegemonia mundial.

Os Estados Unidos têm a mesma ambição. "O centro de gravidade da atividade humana se desloca rapidamente, e num futuro que não está distante a América conduzirá o mundo". Assim fala Ireland, um dos mais fiéis intérpretes da alma americana.[1]

Quem será? É o segredo do Poder Oculto. Mas é mais ainda o segredo de Deus. Em nenhuma questão, em nenhuma ocasião foi mais verdadeiro dizer: o homem propõe e Deus dispõe. As ambições, não mais as ambições de fronteiras, como outrora, mas as ambições de raças, estão excitadas por toda a parte, armadas, prestes a arriscarem a aposta pelo império universal.

O Poder Oculto observa há séculos. Ele mantém seus homens junto a todos os soberanos, nos ministérios de todos os governos, na diplomacia e nas forças armadas dos diversos povos. Através deles, desde que se abriu a era da Revolução, ele vigia, sugere, oferece estímulos aos quais os Estados obedecem, este espontaneamente, aquele pela força.

"Os governos deste século, disse lord Beaconsfield, que estava em posição de melhor saber o que isto significa, não mantêm negociações com os governos, imperadores, reis ou ministros, mas também com as sociedades secretas, as quais é preciso levar em conta. No último momento elas podem reduzir a nada todos os arranjos, elas têm agentes por toda a parte, agentes sem escrúpulos, elas se servem mesmo do assassinato,[2] e podem, se preciso for, motivar um massacre".[3]

---

[1] Discurso sobre o futuro do catolicismo nos Estados Unidos.

[2] Discurso pronunciado em Ayles-Bury, em 20 de setembro de 1876.

[3] O *Univers* publicou, na edição de 10 de agosto de 1909, uma conversa que um de seus redatores, Edouard Bernaert, teve com um membro militante do partido nacionalista russo. Este lhe lembrou, inicialmente, que um ministro russo acabava de declarar na tribuna que o número oficial dos nacionalistas mortos pelo punhal e pelo revólver era de *vários milhares*.

Depois acrescentou:

"De 25 de agosto a 15 de outubro de 1908, mais de trinta e cinco anúncios de mortes súbitas, cujos nomes é fácil a qualquer um levantar, apareceram no "Novoie Vremia". Desses trinta e cinco anúncios,

Através dessas sociedades, os governos que elas favorecem podem, em todo caso, suscitar dificuldades, revoltas e mesmo revoluções nos vizinhos que poderiam perturbá-los em suas operações.

Temos disso um exemplo muito recente, além de muitos outros anteriores que seria inútil relembrar.

Em 1899, na época da guerra do Transvaal, o filho de Chamberlain, ministro das colônias da Inglaterra, escreveu a um dos seus amigos uma carta que foi publicada por um jornal suíço. Dizia: "No que diz respeito à França, afora as garantias do governo, nós estamos seguros de quaisquer represálias de Fachoda nos acontecimentos internos que vão se desenrolar: se não podemos mais contar com o caso Dreyfus, que está gasto; se o processo da Suprema Corte não parece criar uma sensação suficiente para absorver inteiramente a atenção da nação, sabemos que no reinício dos trabalhos do Parlamento de Paris o governo introduzirá, com o apoio da maioria, diferentes projetos de lei contra os católicos, projetos que, por sua violência, poderão mergulhar a França num estado de extrema superexcitação; sabemos que se decidiu pela evicção[4] de várias das mais importantes ordens religiosas e que apenas isso bastará para nos colocar ao abrigo daquelas represálias".

Que claridade essas palavras lançam sobre a política geral externa e em particular sobre o que se passa entre nós, nesta França constantemente perturbada e dividida, quase agonizando sob o esforço dos traidores que, do interior, favorecem o estrangeiro!

Sem dúvida o Poder Oculto deve contar com olhos e vontades que contrariem os seus. Mas os meios de que ele dispõe permitem-lhe, a longo prazo, tirar igualmente proveito daquilo que essas vontades produzirem.

---

vinte e cinco eram relativos a personagens militantes do partido monarquista russo. Ademais, a lista é forçosamente incompleta. A impressão geral é que em todas essas mortes há a mão da franco-maçonaria e do poder judeu...

"Todos os que lhe mencionei foram mortos em menos de um ano. Schwanebach, inspetor do Estado, membro do Conselho de Ministros, um dos adversários de Witte e um dos chefes da direita do Conselho do Estado, sente-se subitamente cansado; e a conselho dos médicos, vai para o exterior. Chega em Marienbad. Mal chega e uma febre estranha, da qual os médicos da região, antes daquele dia, jamais tiveram conhecimento de um só caso, o prostra, como aquela que, em Resen, prostrara Kislowsky. Em alguns dias ele morre (setembro de 1908). Alguns dias antes dele morrera, do mesmo estranho mal, um outro adversário de Witte, o ex-inspetor de Estado Lobko.

"Um mês mais tarde, em outubro de 1908, é a vez, em Weimar, de um outro tradicionalista, George de Bartienieff, vice-presidente da Associação dos Homens Russos, homem tão enérgico quão instruído, e cuja saúde, apenas alguns meses antes era citada como exemplo. Ao voltar de uma viagem a São Petersburgo, ele pára em Weimar. Aí é acometido de um mal estranho. Um primeiro telegrama anuncia aos seus que sua temperatura baixa; um segundo anuncia sua morte.

"Quase no mesmo tempo morria o príncipe Lobanoff-Rostowsky, membro da direita do Conselho de Estado. Morte súbita, como a dos outros; febre maligna — e anônima.

"O caso típico deu-se em 1907. A vítima, desta vez, foi o vice-presidente da União do Povo Russo de Moscou, Léon de Kislowsky. Em janeiro de 1907, tendo partido de Moscou para Resen, com o objetivo de assistir à uma assembléia de nobres, ele sucumbiu, em alguns dias, aos ataques de uma febre estranha, da qual os médicos do país não tinham tido, antes daquele dia, conhecimento de um só caso. O antipirético que se lhe deu como todo remédio vinha, notai este ponto, de uma farmácia judia...

"Ninguém dentre nós se engana: encontramo-nos na presença de uma série de crimes políticos. Há, até na analogia, circunstâncias nas mortes de que vos falo que acusam a intervenção de uma sempre mesma vontade, que emprega para seus fins um meio sempre idêntico".

Na França, por ocasião do atentado contra Réal de Sarle, pôde-se, do alto da tribuna parlamentar, lembrar numerosas mortes misteriosas e perguntar de onde elas provinham.

[4] No sentido jurídico, perda, parcial ou total, que sofre o adquirente duma coisa em conseqüência da reivindicação judicial promovida pelo verdadeiro dono ou possuidor. No caso, espoliação. (N. do T.)

Podemos nós, pelo que se passou nos séculos precedentes e pelo que temos sob nossos olhos, fazer uma idéia da marcha que o Poder Oculto segue com o concurso das potências a seu serviço?

A primeira obra foi dissolver a Cristandade, quebrar a unidade católica. Foi cumprida no século XVI, com as heresias e os cismas.

A segunda, a que agora está terminando, foi subordinar as nações católicas às nações protestantes. Para isso houve acordo, mais ou menos aberto, entre a Inglaterra e a seita. No século XVIII a Inglaterra semeou as lojas em todos os pontos da Europa. Em contrapartida, as lojas suscitaram por toda a parte as revoluções, durante as quais a Inglaterra pôde se erguer sem obstáculo até o ponto de grandeza e de poderio em que a vemos. Já ela pudera se apoderar de Gibraltar, esse incomparável ponto estratégico que lhe deu a chave do Mediterrâneo. Ela instala suas lojas de vigilância naval em Cádiz, Barcelona, Lisboa e em outros portos de mar. Sob Luís XV e Luís XVI ela consegue, por meios idênticos aos empregados atualmente, destruir nossa frota e apoderar-se de nossas colônias. Nos dias atuais, a complacência ou a traição dos nossos governantes sacrificaram em seu benefício Fachoda, o Egito, e nossos campos de pesca da Terra Nova.[5]

Além disso, busca-se a preponderância das nações protestantes sobre as nações católicas através de guerras da Prússia contra a Áustria e contra a França, pela anexação da América do Sul à América do Norte em detrimento da Espanha, através do sacrifício que a França fez da admirável possessão do canal do Panamá, que comanda as evoluções econômicas do futuro, à unidade americana e, através disto, da península indo-chinesa, que será feita dez anos antes da unidade asiática.

Parece que as conquistas de Napoleão, exaltando a França, tenham vindo estorvar esse plano. Mas a que elas levaram? a tornar a filha primogênita da Igreja menor e mais fraca do que era, a esburacar a Europa, a abater as fronteiras dos pequenos Estados e a semear por toda a parte as idéias revolucionárias.

Ao mesmo tempo que, através da diplomacia e da guerra, rebaixa as nações católicas em benefício das nações protestantes, o Poder Oculto prepara, através da propagação dos princípios de 89, o estabelecimento em todos os países do governo republicano e da soberania do povo.[6] Quando julgam chegado o momento, as

---

[5] Por ocasião da conquista da Argélia, logo seguida da revolução de 1830, um membro do governo fez esta declaração ao parlamento inglês: "A Inglaterra poderia empreender uma guerra contra a França. Mas há um outro meio: seria tornar a possessão desse país inútil nas mãos de rivais, mais do que inútil seria torná-la prejudicial ao possuidor... Nosso país veria alinhar-se sob sua bandeira, para tomar parte na luta, todos os homens que, justa ou injustamente, não estão satisfeitos com a condição atual da nossa pátria... *Há nas mãos da Grã-Bretanha um poder mais terrível do que jamais talvez se viu em ação na história humana.*

"(Ouvi!) Na consciência de possuirmos essa força consiste nosso mérito. A Inglaterra é como o senhor dos ventos, do qual diz o poeta:

"Celsa sedit Æolus arce".

[6] Não é de notar que nos brindes trocados em Cowes, em agosto de 1909, entre o imperador da Rússia e o rei da Inglaterra, este tenha determinado as condições pelas quais Albion consentiria em emprestar seu concurso à sua antiga inimiga? Eduardo VII fez compreender que a simpatia da Inglaterra não iria senão até a uma Rússia dotada de um verdadeiro *Douma*, quer dizer, de um regime representativo, de um regime que repousasse sobre os princípios de 89.

Um pouco antes, subitamente, sem que o acontecimento fosse sequer percebido, a própria Turquia metamorfoseou-se em país liberal, constitucional.

"Eu propus, disse um redator do *Temps*, ao governador Refik uma questão sobre o papel que, segundo alguns, a franco-maçonaria teria desempenhado nesses acontecimentos. Eis o que ele me respondeu:

"É verdade que tivemos o apoio moral da franco-maçonaria italiana. Existem em Salônica várias lojas: a "Macedonia Risorta" (Macedônia ressuscitada) e a "Labor et Lux", que dependem do Grande Oriente da Itália; a "Veritas", do Grande Oriente da França; a "Perseveranza", do Grande Oriente da Espanha; e a "Philippos", do Grande Oriente da Grécia, esta com um fim exclusivamente nacionalista. A bem dizer, as duas primeiras, sozinhas, verdadeiramente nos serviram. Para nós foram refúgios. Aí nós nos reuníamos

sociedades secretas sublevam as paixões, excitam as revoltas, fazem estourar as revoluções e proclamam a República. Enquanto a franco-maçonaria vê um monarca prestar-se à execução dos seus desígnios, ela o sustém, aumenta seu poder por meio de uma burocracia mais concentrada e de um acréscimo de poder militar. É o que se vê na Prússia e também na Itália. Não será sempre assim. Quanto à Itália, é certo: ela será transformada em República, como o serão a Espanha e Portugal. Quanto à Rússia, já está entregue ao parlamentarismo.

Dar-se-ia o mesmo com a Prússia e com a Inglaterra?

Em novembro de 1872, o *Univers* recebeu de uma fonte muito segura uma série de comunicações muito preciosas sobre um conciliábulo das sociedades secretas realizado em Locano nos dias 29 a 31 de outubro. Aí estavam representados os Grandes Orientes de Roma, Nápoles, Palermo, Florença, Turim, Gênova. Félix Pyat era delegado da França; Kossuth, da Hungria; Klapka, da Suíça; o general Etzel, da Prússia. O general Etzel presidiu. Disse ele: "Bismarck está interessado, mais do que se pensa, em trabalhar no sentido da democracia. *No momento a Alemanha permanece forçosamente fora do movimento republicano; mas a razão disso é muito simples: ela não concluiu sua unidade*. O grande-chanceler realizou penoso trabalho e, ainda que tenha alguma pressa, é preciso tempo. Ora, enquanto a França, a Itália, a Espanha, todo o mundo latino enfim estiver nas convulsões de uma transformação social, ele acredita que concluirá mais facilmente as soberanas providências que considerou e dará o último golpe no império da Áustria. Feito isto, ver-se-á a Alemanha inteira aclamar a República e mandar passear seu imperador".

O general Etzel acrescentou a essas comunicações: "Bismarck é inteiramente a nosso favor, e no dia em que o virmos titubeante nós lhe retiraremos nossa confiança. Ele sabe muito bem disso".

Teria a seita querido, bem recentemente, fazer sentir a Guilherme III que ele não devia "titubear"?[7] O mundo viu com estupefação a Alemanha fazer comparecer seu imperador diante do tribunal dos representantes e condená-lo à unanimidade! Um mês antes, quem não teria sorrido ante o anúncio da sessão histórica do Reichstag?

Resta a Inglaterra. Quer o Poder Oculto continuar a empregar seus serviços?

O rei Eduardo VII tem demonstrado muito claramente em toda a sua conduta perseguir a resolução de ascender à presidência dos Estados europeus, querer realizar o imperialismo de Chamberlain. Mas pode ele contar com a continuidade da ajuda que a franco-maçonaria internacional tem dado a seu país durante os dois últimos séculos?

Algo semelhante, talvez mais grave do que acaba de se passar na Alemanha, começou na Inglaterra.

Todos os povos, em razão do papel que a Inglaterra exerce no mundo, observaram com ansiedade as peripécias da luta eleitoral que aconteceu no fim do

---

como maçons, porque muitos dentre nós fazem parte da maçonaria, mas na verdade para nos organizarmos. Ademais, tínhamos conseguido grande parte dos nossos aderentes nessas lojas que, pelo cuidado com que faziam suas pesquisas, serviam assim de crivo para o nosso comitê".

[7] Em 27 de outubro de 1908, o "Daily Telegraph" reproduziu uma série de conversas do imperador alemão com diversos personagens ingleses, conversas que diziam respeito sobretudo à política externa da Alemanha na última década. Essa publicação agitou toda a Europa. Na Alemanha, a imprensa de todos os partidos não falou de outra coisa e o incidente foi, ao mesmo tempo, na tribuna do Reichstag, objeto de violentas discussões.

De modo quase unânime, o imperador foi censurado. Discursos, artigos, caricaturas, que teriam, pouco antes, exposto seus autores a processos justificados por delito de lesa-majestade, colocaram impunemente em questão, da maneira mais ultrajante, a pessoa do imperador. Entre todos distinguiram-se os jornais israelitas. À frente deles encontrava-se o judeu Max Hardon, redator do "Zukunft". Achando insuficiente o que escreveu no seu jornal, percorreu as grandes cidades da Alemanha para proferir conferências nas quais a pessoa de Guilherme II era sempre o principal objeto.

Em seguida vimos as revoltas para reclamar o sufrágio universal.

ano de 1909. A corrente revolucionária iria por seu turno conquistar a Inglaterra? Asquith, lorde Georges e seus colegas mostraram-se decididos a arruinar o poder da Câmara dos Lordes, que, semelhante ao senado romano, dirigiu todas as forças nacionais para a aquisição do domínio dos mares e das mais longínquas terras. Iriam conseguir? O destino do globo parecia depender inteiramente da vitória ou da derrota do patriciado britânico. No momento em que escrevemos nada está definitivamente alcançado e Eduardo VII acaba de morrer.[8] O ministério apóia-se numa maioria cujos elementos revolucionários detêm o papel preponderante. Vão eles arrebatar a Inglaterra, após a terem servido para conquistar as nações que punham obstáculo à ambição dela? Os fatos atuais não esclarecem a questão. Eles também não adiam indefinidamente a solução. O problema está colocado; ele continuará a agitar os espíritos, na Inglaterra e em outros lugares.

Se bastou lançar uma mão temerária nas prerrogativas e privilégios da aristocracia para que a velha Inglaterra parecesse estremecida em suas bases, que poderia advir do império da Alemanha, seguramente mais fortemente consolidado!

Igualmente o Poder Oculto, quer dizer, o governo secreto que dirige o povo judeu rumo aos destinos para os quais se crê chamado há tantos séculos e que acredita alcançar em nossos dias, esse poder segue, não podemos duvidar disso, com olhar atento todos os acontecimentos. Ora, ele atualmente parece dirigir sua atenção para o desenvolvimento do poder americano e para a exaltação de suas ambições.[9] Ele também não ignora o que se passa na Ásia. Talvez ele tenha ajudado o pequeno povo japonês a abater o colosso russo. Ele favorece, talvez, a aliança dos Estados Unidos e do Japão. Ele sabe quantos milhares de homens a China pode fornecer e como será fácil, em alguns anos, lançá-los sobre a Europa, armados com engenhos de guerra que ela terá tomado emprestado de nós.

Da sua aliança com a franco-maçonaria a Inglaterra obteve a hegemonia dos mares, e através desta conquistou seu império, o maior que há, que tenha havido; por seu turno, a maçonaria internacional colocou a serviço do Poder Oculto o poder de destruição que a Inglaterra recebia dela.

Esse acordo e essa colaboração serão eternos? No momento atual, um e outra tomam suas providências para a próxima conflagração. Mas essa conflagração não criará ainda a república universal; e para concluir a realização do seu sonho, o Poder

---

[8] No dia seguinte ao dos funerais, Edouard Drumont escreveu:

"A visão do cortejo de soberanos a cavalo, que acompanhavam o esquife de Eduardo VII, permanecerá inesquecível para os que a testemunharam: o kaiser, o rei da Dinamarca, o rei da Espanha, o rei de Portugal, o rei da Grécia, o rei da Noruega, o rei dos belgas.

"Tudo o que constituiu a organização do Passado, tudo o que construiu a glória, a magnificência, o brilho do Passado, todos os que foram representantes da sociedade de outrora, estavam reunidos ali como numa deslumbrante síntese...

"À visão de todos esses coroados, que acorreram para se associar à apoteose de um dos seus, poderíamos opor uma outra visão.

"Em dez anos, talvez em cinco, onde estarão as brilhantes figuras dessas festas da Morte? Que revoluções terão sacudido essa velha ordem européia que parece querer admirar a si mesma uma última vez na pompa desses funerais?

"Roosevelt esteve lá e fez lembrar os Felsenburgh de Benson no *Maître de la Terre*. James S. Barcus, diz-nos o *Radical*, acaba de publicar uma brochura que faz muito sucesso nos Estados Unidos, e que tem por título *Teodoro Roosevelt, primeiro presidente do Mundo. — Profecia*.

"O autor supõe que na abertura da Conferência realizada em Haia em 1900, Roosevelt verá ser-lhe outorgado o título de presidente das nações confederadas. Os serviços que ele prestou à causa da paz, o conhecimento que sua qualidade de ex-presidente dos Estados Unidos lhe confere a respeito das Confederações, são, aos olhos de Barcus, títulos suficientes para legitimar a eleição de Roosevelt ao posto de primeiro magistrado do mundo".

[9] Bargy, no seu livro *La Religion dans la société aux Etats-Unis*, diz: "A República dos Estados Unidos é, segundo o pensamento dos judeus da América, a Jerusalém futura".

Oculto medita, talvez, quebrar o acordo com a Inglaterra e fazer tratos com a América[10] ou com os povos amarelos.

A nação judia não dispõe de outro meio de ação para a realização de seus projetos que não sejam a palavra e o dinheiro. Falta-lhe ainda uma força. Essa força, a Inglaterra emprestou-lhe até o momento, ela a emprestará ainda verdadeiramente para as próximas desordens. Mas depois?

Todo homem inteligente, capaz de observar, de seguir os acontecimentos, de indagar-lhes as causas e as conseqüências, surpreende em toda a parte os pródromos de acontecimentos formidáveis que, parece, devem mudar a face do mundo.

O Poder Oculto, que os vem preparando em muitos pontos, conduzi-los-á à sua vontade? Chegará ele a constituir essa República Universal que fará do judeu o senhor do mundo? Qualquer que seja a inteligência com que ele tem sabido tirar partido de tudo, e a habilidade com que tem seduzido os príncipes para levá-los uns à perdição e outros ao ápice do poder sonhado, existe acima dele uma habilidade maior, uma inteligência mais penetrante e um poder que sobrepuja o seu.

Acima dele, acima de tudo, existe Deus, Deus todo-poderoso. Ele criou o mundo para a sua glória, a glória inexprimível, inconcebível, que Lhe será rendida eternamente por todas as suas criaturas, sem exceção, ainda que diversamente, a uns manifestando Sua bondade, a outros a Sua justiça. Até o dia das supremas retribuições, Ele os deixa a seu livre arbítrio, de tal sorte que os maus como os bons, o mal como o bem, servem ao cumprimento dos desígnios da sabedoria infinita.

Aquilo que Donoso Cortez disse do demônio, nós podemos entender aqui do Poder Oculto: "Lúcifer não é o rival, ele é o escravo do Altíssimo. O mal que ele inspira ou introduz na alma e no mundo, ele não o introduz, ele não o impõe sem a permissão do Senhor; e o Senhor não lhe dá essa permissão senão para castigar os ímpios ou para purificar os justos com o ferro em brasa da tribulação. Dessa maneira, o próprio mal chega a se transformar em bem sob a conjuração todo poderosa

---

[10] Edouard Drumont fazia muito recentemente estas observações:

"O de que precisamos bem nos compenetrar é que os Estados Unidos de hoje não se parecem mais nem um pouco com os Estados Unidos de apenas vinte anos atrás.

"Houve, sobretudo depois da guerra com a Espanha, uma transformação radical dos costumes, das idéias e dos sentimentos desse país. Os Estados Unidos eram recentemente uma grande democracia laboriosa e pacífica; tornaram-se pouco a pouco uma democracia militar, orgulhosa de sua força, ávida de exaltações e de conquistas; é provável que não exista no mundo inteiro imperialismo mais ambicioso, mais resoluto e mais tenaz do que o imperialismo americano. No seio desse povo, que teria sacudido os ombros se lhe tivessem falado da possibilidade de uma guerra com uma potência qualquer, não se cuida senão de dissentimentos, conflitos e aventuras.

"Conhecemos os enormes progressos que a marinha americana realizou nesses últimos anos. Quanto ao orçamento militar dos Estados Unidos, ele ultrapassa hoje cento e quinze milhões. É um número singularmente significativo para um país que, ainda há pouco tempo, não queria ouvir falar em ter um exército.

"Reparai, igualmente, como a ação diplomática dos Estados Unidos é diferente da de outrora. Em vez de se limitar a manter a intangibilidade da doutrina de Monroe, a grande República tem agora a pretensão de desempenhar em toda a parte seu papel de potência mundial. Ela não quer que interfiramos nos negócios americanos, mas ela intervém a cada instante e a todo o propósito nos nossos negócios da Europa. Não esquecemos o mau gosto e a sem cerimônia com que Roosevelt, há dois ou três anos, quis se imiscuir nos negócios internos da Rumânia, à propósito dos judeus. É verdade que os Estados Unidos estão em via de se tornarem uma potência judia, posto que numa só cidade, como Nova Iorque, há cerca de um milhão de hebreus! Acrescentai a isso a fermentação contínua de todas as raças justapostas, mas não fundidas, que borbulham perpetuamente sobre aquele vasto território, como num imenso caldeirão: a questão japonesa, a questão negra, quase tão aguda hoje como na véspera da guerra da secessão. Tudo isso faz a República americana parecer-se a um vulcão gigantesco que já lança jatos de fumaça e baforadas de lava, esperando a erupção que não pode deixar de explodir cedo ou tarde..."

dAquele que não tem igual nem em poder, nem em grandeza, nem em prodígio; que é Aquele que é, e que tirou tudo o que existe fora dEle dos abismos do nada”.[11]

Satã, a sinagoga e a maçonaria buscam seus desígnios com um sucesso que, sem dúvida, parecerá, num certo momento, realizar-se completamente. O Soberano Senhor de todas as coisas espera-os nesse dia, para realizar o que Davi viu e ouviu há trinta séculos num de seus êxtases proféticos: “As nações se agitam em tumulto, e os povos meditam projetos vãos. Os reis da terra se sublevam e os príncipes mantêm conselho contra o Senhor e contra seu Ungido. Quebremos seus laços, dizem eles, e lancemos longe de nós nossas cadeias”. Aquele que está sentado nos Céus ri e zomba deles.

“O Senhor me disse: ‘Tu és meu Filho, eu Te engendrei desde toda a eternidade. Pede e Eu te darei as nações como herança e como domínio as extremidades da terra”.

———— ♦ ————

[11] *L’Eglise et la Révolution.* Um provérbio provençal exprime à sua maneira o mesmo pensamento: “*Lou diable porte pèire”*. O próprio diabo carrega sua pedra para o edifício do Senhor. (Ver Mistral, no seu poema *Nerto*).

O TEMPLO

II. — NAVE RELIGIOSA

CAPÍTULO XLIV

TRANSFORMAÇÃO DO JUDAÍSMO

Fazer de todos os Estados do antigo e do novo mundo departamentos de uma só e mesma república, sujeitar todos os povos ao governo de uma Convenção única, não é senão um aspecto do plano traçado pelo Poder Oculto que dirige a seita judaico-maçônica e através dela o movimento revolucionário.

O plano inteiro foi exposto em 1861, nos *Arquivos Israelitas* com um estilete que grava todos os caracteres no espírito.[1] "Assim como Jesus substituiu a autoridade dos deuses estabelecidos pela Sua e encontrou sua mais alta manifestação no seio de Roma, assim um *messianismo dos novos dias* deve *eclodir* e se desenvolver; assim uma Jerusalém da nova ordem, santamente assentada entre o Oriente e o Ocidente *deve substituir a dupla cidade dos Césares e dos Papas*". A Jerusalém que deve substituir a cidade dos Césares é, vimos nos capítulos precedentes, a república universal. A Jerusalém da nova ordem que deve substituir a cidade dos Papas é o messianismo dos novos dias que vamos estudar agora. Essas são as duas naves do Templo que o Poder Oculto construiu através da ação combinada dos judeus e dos maçons com o concurso dos protestantes, que absolutamente não vêem que seu ódio contra Roma os empurra para a sua própria ruína. Internacionalistas, democratas e modernistas trabalham mais ou menos conscientemente para a mesma obra.

Na construção da nave religiosa do Templo o papel dos judeus torna-se mais aparente do que na construção da nave política.

As palavras acima referidas foram pronunciadas numa das primeiras assembléias da *Aliança Israelita Universal* por seu fundador, Crémieux: "Sob esse nome grotesco, diz Edouard Drumont, existiu um *nazi* judeu, um príncipe do judaísmo que exerceu a mais profunda influência sobre a evolução do povo predestinado, e dirigiu simultaneamente, como um primeiro ministro, a política interna e a política externa". Soberano grão-mestre do rito escocês, presidente da *Aliança Israelita Universal*, chefe importante da democracia francesa, Crémieux encarnou a revolução maçônica no que ela teve de mais completo. Ele preparou e anunciou em bom som, nos últimos anos de sua vida, o reino messiânico, a época esperada há tanto tempo, em que as nações serão submetidas a Israel. Antes de morrer, Crémieux indicou a inscrição que ele queria que figurasse no seu túmulo:

À Isaac-Adolphe Crémieux
Presidente da Aliança Israelita Universal

Foi sua obra, com efeito, a grande obra que ele glorificava nestes termos: "A mais bela e a mais fecunda instituição fundada nos tempos modernos".

---

[1] XXV, p. 600, 651.

Tal como se encontra constituída atualmente — porque ela foi precedida de ensaios e de experiências[2] — a *Aliança Israelita Universal* data apenas do mês de julho de 1860. Ela está aberta a todo o gênero humano, sob a alta direção de Israel; seu programa é o "aniquilamento do erro e do fanatismo e a união da sociedade humana numa fraternidade sólida e fiel". Sua primeira assembléia geral realizou-se em 30 de maio de 1861. Ela é governada por um comitê central que reside em Paris. Inicialmente ele era composto de 40 membros, hoje conta com 60, a fim de oferecer uma representação mais numerosa aos judeus dos países distantes. À *Aliança* estão ligadas inúmeras sociedades judias espalhadas pelo mundo inteiro. Ademais, ela age mais ou menos diretamente sobre essa multidão de cristãos e mesmo de católicos que, como vimos, propagam as idéias que ela tem interesse em disseminar e trabalham para a construção do Templo através do império que essas idéias exercem sobre eles e sobre os que os escutam. É ela que dispõe, mediante dinheiro, de toda a grande imprensa européia, salvo raras exceções. Realizou-se antes da guerra em 3 de fevereiro de 1870, uma assembléia da qual Edouard Drumont acreditou poder dizer: "Essa reunião teve a importância histórica da famosa Convenção de Willemsbad, na qual foram resolvidas a morte de Luís XVI e a do rei da Suécia. Foi aí que se decidiu o esmagamento da França".

"Os romances publicados sobre a Companhia de Jesus dão um pouco a idéia do que é, na realidade, a *Aliança Israelita Universal*. — É ainda Drumont quem fala. — O que não é verdadeiro relativamente aos jesuítas, o é para ela". Os próprios judeus traçaram esse paralelo. Um dos oradores da assembléia geral de 3 de fevereiro de 1870 disse: "Assistindo ontem à vossa sessão, *pensei no "Judeu Errante"* de Eugène Sue, naquela cena em que Rodin, examinando sua correspondência, encontra cartas dos quatro cantos do mundo. A comparação entre essas duas sociedades é justa, quanto à extensão e ao alcance de suas relações com o mundo, mas ela pára aí. Ah! que diferença entre as duas obras: uma tem forças para oprimir, a outra para libertar; uma se espalha para sufocar a liberdade, a outra para concedê-la; uma quer apagar as luzes, a outra acendê-las; uma espalha o frio e a morte, a outra o calor e a vida". (*Bravos*). A *Aliança* atribui a si o bom papel, como sempre o fez a franco-maçonaria, e nos mesmos termos. A história do tempo presente e do tempo passado aí está para dizer que não é a ela que pertence o bom papel.

A *Aliança Israelita* trata as potências de igual para igual. Ela lhes envia notas, protestos, *ultimatum* que os soberanos recebem com humilde docilidade[3] : *a França judia* fornece as provas disso e disso Crémieux se vangloriou nas assembléias que presidiu.

Que ela quer? que ela persegue? O *messianismo dos novos dias*, a Jerusalém da nova ordem, cujo império deve se estender ao mundo inteiro, do Oriente ao Ocidente, sobre as ruínas da cidade dos Césares e da cidade dos Papas, quer dizer, de toda a ordem política e de toda a ordem religiosa.

Que se deve entender por esse messianismo dos novos dias?

Os *Archives Israélites* e o *Univers Israélite* explicam: é uma transformação do judaísmo que dele fará a religião de todos os povos governados por uma só e mesma Convenção.

Para quem observa, o momento em que nos encontramos apresenta o mais repentino e inesperado espetáculo: a *marcha* do judeu.

---

[2] A partir do ano de 1831 formou-se na Alemanha uma associação de judeus e de cristãos cujo objetivo, como o da *Aliança*, era fundar uma civilização religiosa, moral e social dos israelitas.

[3] "Há pouco tempo, Israel, disperso há dezoito séculos sobre a face do globo, *não tinha mais centro*, representantes, defensores dos interesses comuns; *agora tudo está mudado*. Uma sociedade florescente (a Aliança Israelita Universal) e que tem acesso junto aos tronos MAIS PODEROSOS aí está, sempre pronta a reivindicar seus direitos, a combater esses homens que são simultaneamente os inimigos de nossa raça e os da luz e da liberdade" (*Archives Israélites*, XIV, p. 655, 1867).

Após a dispersão, após dezenove séculos, o judeu, do ponto de vista religioso, estava imóvel, e eis que tudo se agita, tudo se afasta da fonte talmúdica em que o judeu bebia sua fé tornada imutável. "Hoje, diz o judeu Bernard Lazare, os judeus da Europa esqueceram o sentido das antigas cerimônias; eles transformaram o judaísmo rabínico num racionalismo religioso; eles abandonaram as observâncias familiares, e o exercício da religião para eles se reduziu a passar algumas horas por ano numa sinagoga escutando os hinos que não entendem mais. Eles não podem se ligar a um dogma, a um símbolo: eles não os têm mais; abandonando as práticas talmúdicas eles abandonaram o que realizava sua unidade, o que contribuía para formar seu espírito. Essa evolução, é verdade, é apenas sensível nas regiões do Oriente; é de uma velocidade prodigiosa em certos países ocidentais". Deve-se ver nisto, diz Gougenot des Mousseaux, "o sinal incontestável de uma nova época e o presságio de acontecimentos grandiosos".

"Eis que, dizem os homens do progresso judaico, os eflúvios da liberdade espantam as nuvens da imóvel ortodoxia, e o Talmude, que gozava de uma *autoridade incontestada* desde sua aparição, se vê desdenhado e repelido. Não somente o antigo código de Moisés e o Talmude não são mais do gosto da maioria, mas os próprios simulacros da ortodoxia ofuscam miríades de israelitas". Foi um jornal alemão e protestante, *La Croix*, que fez essa observação.

Um dentre os vários fatos relatados por Gougenot des Mousseaux mostra até onde vai, entre os judeus liberais, o desprezo pela ortodoxia. Um jornalista belga, judeu e livre-pensador, Bérard, foi surpreendido no teatro pelo cólera, que o mandou para fora deste mundo. Seus correligionários do livre-pensamento conduziram-no ao cemitério israelita, e aí o grande rabino da Bélgica, Aristide Astruc, depositou sobre seu túmulo "um justo tributo de saudades e de *estima* por esse amante apaixonado da *liberdade religiosa*". O *Moniteur des Solidaires* interpretou como desprezo ou inconseqüência essa intervenção do grande rabino no enterro de um livre-pensador. O rabino replicou-lhe: "Bérard era mestre do livre-pensamento, nós o sabíamos. O judaísmo não exclui ninguém de seus templos durante a vida, nem dos seus cemitérios após a morte... Bérard pôde tornar-se livre-pensador permanecendo israelita".

"Julgam-nos sempre por fora, dizem os *Archives Israélites,*[4] segundo os hábitos da igreja estabelecida e oficial cujo modelo nos oferece o cristianismo. *Somos, ao contrário, o tipo mais absoluto de democracia religiosa*, e cada um de nós é o juiz supremo da fé".

A reforma não é dirigida somente ao dogma: os progressistas querem o desaparecimento proibitivo do sabá etc., etc. O *Univers Israélite* vai ao ponto de dizer: "Quem sabe? Talvez cheguem eles a se vangloriar *in petto* de que a circuncisão, esse *selo divino* que carregamos na nossa carne, segundo a poética expressão do Talmude, será abolida com uma canetada".[5] Ao mesmo tempo, um outro jornal judeu, o *Neuzeit*, ataca com violência, na antiga capital do império alemão, Viena, "a vida israelita *inteira*, o Talmude, o *Schoulchana Arouch*, as tradições, as cerimônias religiosas do lar doméstico".

"Queremos caminhar, exclamam as vozes tumultuosas dos reformistas. Não saberíamos ser a favor de um *statu quo* beato e ininteligente do qual ainda existem corifeus! A imobilidade não é, sobretudo neste momento, direito nem *vantagem* de ninguém. Unir o passado ao presente de maneira a *preparar o futuro* através de úteis melhorias expressamente concebidas é o segredo da duração das nossas crenças. Faz meio século que, apesar dos gritos e dos protestos daquilo que se intitula ortodoxia, realizamos numerosas mudanças vantajosas, taxadas na sua origem de

---

[4] XV, p. 677, ano 1867.
[5] *Univers Israélite*, VIII, pp. 358-359, ano 1868.

subversivas e ímpias, e não estamos no final dessa fecunda transformação".[6] "A nosso ver, uma religião não é uma moral inflexível, nem uma matéria inerte que se presta a incessantes experiências; é um ser vivo, suscetível de aperfeiçoamento, que tem no passado raízes que não devem ser cortadas e que se *renova* com uma necessária lentidão".[7] Esses pensamentos são os pensamentos de todos os judeus de nossos dias? Não; já dissemos, os judeus dos países orientais ainda são mais ou menos o que eram há séculos. Mas também eles são trabalhados. Eis um fato que bem mostra as influências que a *Aliança Israelita* sabe empregar para levar adiante, mesmo nesses países, a transformação do judaísmo e preparar o futuro do gênero humano, tal como ela o concebe, quer e espera.

Em 10 de março de 1908, Brice, ministro da França em Adu-Abeba, escreveu a Pichon, Ministro das Relações Exteriores, que no dia 6 do mesmo mês, Roux, cônsul da França, tinha apresentado, por determinação sua, a Menelick, Nahoum e Eherlm. Relatando essa entrevista com o imperador, Nahoum disse: "Cheguei a falar do renascimento de Israel e do florescimento da Etiópia nos tempos modernos. Os israelitas continuam a caminhar em direção ao progresso, graças ao seu organismo vivo que é a *Aliança*, a qual, trabalhando para esse objetivo, trabalha também para a humanidade em geral".

Vemos aqui o governo da França encarregar seus representantes de introduzirem junto ao imperador da Etiópia os delegados da *Aliança Israelita Universal*, a fim de que esses pudessem alimentá-la com esse "organismo vivo" que faz Israel e a humanidade, em geral, caminhar rumo ao progresso.

No Ocidente, se existem judeus reformistas, há também judeus ortodoxos; mas os primeiros são muito mais numerosos e os segundos cedem, sua ortodoxia não é mais do que a sombra daquela dos seus irmãos do Oriente ou daquela de todos os judeus de outrora. Gougenot des Mousseaux oferece a esse respeito numerosas e evidentes provas.[8]

Não obstante, atentemos de novo para isso, não se deve crer que o judeu, pelo fato de renegar as crenças de seus pais, não seja mais um judeu. Mesmo ao se liberar de sua lei, o judeu conserva e mantém com zelosa preocupação a sua nacionalidade. Os reformistas, assim como os ortodoxos, não importa em que nível tenham parado, ardem igualmente do zelo de manter alto e firme o estandarte nacional do judaísmo; tanto aqueles quanto estes não abandonam a idéia e a esperança de submeter o gênero humano inteiro ao seu jugo. "Vossas observâncias antiquadas, dizem os reformistas aos ortodoxos, impedem o judaísmo de fazer-se aceitar e assim nos privam de um proselitismo que deveríamos exercer", em vista dessa dominação.[9]

Em 1886 o lugar de grande rabino da França vagou. Dois concorrentes se apresentaram: Salomon Klein, grande rabino de Colmar, ortodoxo, e Isidore, grande rabino de Paris, progressista. Os *Archives Israélites* pronunciaram-se a favor deste pela seguinte razão: "Toda candidatura que nos *leve de volta* ao antigo sistema de estreita casuística, e que pretenda *imobilizar os processos talmúdicos* CONSTITUI OBSTÁCULO AO FUTURO DO JUDAÍSMO e deve ser descartada".[10] O futuro do judaísmo, eis o que permanece mais vivo do que nunca no coração de toda a raça de Israel, eis o que todos querem assegurar. Os progressistas pretendem ter tomado o caminho mais seguro para alcançá-lo, e aqueles que por eles são persuadidos a segui-los contam-se em miríades cada vez mais numerosas.

---

[6] *Archives Israélites*, XIX, p. 835, ano 1866.
[7] *Archives Israélites*, XX, p. 879, ano 1866. Quem não ficaria chocado com a semelhança deste linguajar com o dos católicos modernistas condenados por Pio X! Veremos mais adiante que não existe nessas duas regiões católica e judaica senão um só e mesmo movimento de idéias.
[8] *Les juifs, le judaïsme et la judaïsation des peuples chrétiens.*
[9] *Archives Israélites*, X, p. 448, ano 1867.
[10] *Archives Israélites*, p. 544. Ano 1869, XII.

O que pretendem não é apenas uma transformação do judaísmo, sua adaptação às necessidades do tempo; eles também têm a ambição de ser um fermento no seio da sociedade.

O racionalista Klubert diz-nos no seu livro *Du Droit de la Confédération Germanique*: "Em face do judaísmo rabínico ou do talmude, ergue-se um judaísmo reformado não-rabínico, preparado por Moisés Mendelson. Esse judaísmo transformar-se-á, segundo toda probabilidade, num puro deísmo ou numa religião natural, cujos representantes não precisarão pertencer à raça judia".[11] Para onde tende esse proselitismo? "Cada qual, seguindo sua consciência, *conservará* as práticas do culto devido ao Deus único e imaterial, *ou as reformará* segundo os princípios de um israelitismo *liberal* e *humanitário*. Graças à amplitude dessa liberdade prática, o progresso jorrará e a *religião universal* sobressairá sem que nenhuma consciência tenha sido perturbada".[12]

Nessas frases podemos ver o esboço do plano da Jerusalém da nova ordem, do israelitismo humanitário, que a *Aliança Israelita Universal* se esforça em promover, da religião do futuro, que, no pensamento deles, deve ser o verdadeiro catolicismo, a verdadeira religião universal.

Israel transforma-se, pois, e ele diz que o faz com um objetivo de proselitismo: "Nossas observâncias antiquadas impedem o judaísmo de fazer-se aceitar e assim nos privam de um proselitismo que deveríamos exercer".

Há muitos séculos Israel tinha cessado de fazer proselitismo. Voltou a fazê-lo e com tal paixão, com tal desejo de bom êxito, que para conduzir os outros a ele começa por se desembaraçar a si próprio de tudo o que o diferencia.

Convencido de que em matéria de religião o espírito é tudo e a forma pouca coisa, o judeu Hipólito Rodrigues, citado pelos *Archives Israélites*,[13] dirige-se sucessivamente às três filhas da Bíblia: ao judaísmo, ao cristianismo e ao islamismo. Ele as exorta e as conjura a porem de lado as formas exteriores do culto que as separam, mistérios, sacramentos etc., e a se unirem no terreno que lhes é comum, o terreno da unidade de Deus e da fraternidade universal.

"Que templos se ergam por toda a parte, recebendo no seu interior todos os formas sem distinção de origem religiosa! Que todos os corações repletos dos mesmos sentimentos de amor se expandam diante do mesmo Deus, pai de todos os seres. Que todos sejam nutridos pelos mesmos princípios de virtude, moral e religião, e os ódios das seitas desaparecerão, e a harmonia reinará sobre a terra, e os *tempos messiânicos* preditos pelos profetas *se realizarão*".

A *Aliança Israelita Universal* foi criada tendo em vista essa realização, e desde os seus primeiros dias se rejubilava com seus sucessos. "A Aliança Israelita Universal apenas começa e já sua salutar influência se faz sentir longe. Ela não se limita apenas ao nosso culto, ela se destina a todos os cultos. *Ela quer penetrar em todas as religiões*, como ela penetra em todos os países... A religião judia é a mãe das religiões que espalham a civilização. Assim, à medida que a filosofia emancipa o espírito humano, as aversões religiosas contra o povo judeu se apagam... Muito bem, senhores! Continuemos nossa missão gloriosa; que os homens esclarecidos, sem distinção de culto, se unam nessa *Aliança Israelita Universal*, cujo fim é tão nobre, tão sabiamente civilizador... Fazer cair as barreiras que separam *aquilo que um dia deve se reunir*, eis, senhores, a bela, a grande missão da nossa *Aliança Israelita Universal*. Caminhemos firmes e resolutos na via que está traçada. Convido à nossa associação nossos irmãos de todos os cultos; que venham a nós, com que solicitude iremos até

---

[11] Klubert, 4ª edição, § 516, nota 4.
[12] *Archives Israélites*, III, pp. 118-119, ano 1868.
[13] XIV, pp. 628-629, ano 1866.

eles! É chegado o momento de fundar sobre uma base indestrutível uma associação imortal".[14]

"E como finalmente chegam os tempos em que os fatos se apressam em responder às palavras, *o mais vasto, o mais maravilhoso dos templos, um templo cujas pedras são vivas* e dotadas de pensamento se ergue para receber no seu interior elástico, sob a bandeira para sempre sagrada da razão e da filosofia, tudo o que o gênero humano encerra em seu seio de generoso, de hostil ao mistério e à ignorância, de verdadeiros filhos da luz e da liberdade. Esse templo abrigará no seu interior a religião judia, que sobrevive a tudo e que nada abala; *religião ampliada e digna de toda a humanidade*".[15]

Gougenot des Mousseaux resumiu assim uma página do *Univers Israélite* (V, p. 223, 1869): "Não resta quase mais nada aos filhos do progresso além de empurrar com o pé uma religião enferrujada (o catolicismo) e o dia de sua queda se faz pressentir". Eis a razão que ele dá: "Inaugurada pela sábia e espetacular Alemanha, a renovação dos estudos teológicos aclimata-se na França, a qual, graças ao seu espírito generalizador e expansivo, pode ser chamada a realizar pela síntese religiosa o que ela fez um dia pela reconstituição civil e política do mundo. E todo israelita *deve experimentar o desejo de cooperar nessa guerra* na qual estão comprometidos seus mais sagrados interesses".[16]

Para o pensamento judeu é preciso, pois, que, refundida, como o foram pela Revolução o direito e a história, a teologia romana se ponha de acordo com a filosofia judaica. É necessário que, de uma extremidade à outra da terra, uma crença hostil ao sobrenatural, quer dizer, verdadeiramente anticristã, e digna das luzes da ciência moderna, una e cimente uns aos outros os membros da grande família humana. Homem ou idéia, o Messias que o judeu espera está chega, seu dia está próximo.

Tal é a ambição, tal é a esperança de Israel. Não falamos do judeu de hoje, porque ele sempre teve a pretensão de dominar todo o gênero humano; mas hoje ele torna precisos seus meios e se crê na véspera de o conseguir.

———— ♦ ————

[14] Discurso de Crémieux na *Aliança Israelita Universal*.

[15] *Archives Israélites*, XXIV, p. 1074, ano 1866.

[16] *Les juifs, le judaïsme et la judaïsation des peuples chrétiens*, p. 323.

CAPÍTULO XLV

O ISRAELITISMO HUMANITÁRIO

Um israelitismo liberal e humanitário, eis no que tende se tornar a religião dos judeus. Eis o que os judeus mais ativos, mais avançados, eis o que a *Aliança Israelita Universal* propõe aos homens de todas as religiões e de todos os países e o que ela espera fazê-los adotar.

Um esforço muito poderoso é feito neste momento em todos os pontos do universo, para levar o gênero humano inteiro a essa religião humanitária. Estamos longe de poder expor aqui essa conspiração sob todos os seus aspectos; para isso seria necessário um outro livro. Diremos o suficiente para fazer compreender em que profundidade são sabotados os fundamentos da civilização cristã, e isto em toda a extensão da terra.

A idéia de uma religião humanitária começou a se manifestar na mesma época da idéia da República Universal, quer dizer, por volta do fim do século XVIII; mas ela tinha sido concebida anteriormente. Um escritor franco-maçom, Henne am Rym, na sua obra *Allemeine Kulturgeschicht* (t. IV, p. 214), diz: "A concepção do humanismo, no seu sentido mais alto e, podemos dizer, moderno, foi propagada em 1641 na Inglaterra pelo irmão Morave Amos Komensky, que lá se havia refugiado e que havia feito publicar em 1639 seu *Prodomus Pansophiæ*. Ele professava e propagava a tolerância geral de todas as religiões e o amor da humanidade que se manifestava através da filantropia. Animado inicialmente pela esperança de reunir numa só todas as crenças cristãs, quando se convenceu da impossibilidade desse projeto rejeitou toda diferença confessional e se colocou na grandeza da humanidade pura e despojada de todo preconceito. "Na sua *Pansophiæ*, Amos Komensky fala de um templo da sabedoria a construir e diz: "Em razão de que essa obra não deve servir somente aos cristãos, mas a todos os que nasceram homens, ela poderia ser chamada pansofia ou sabedoria humana".

Nessa mesma época, viu-se um personagem cujo verdadeiro nome é desconhecido, mas que se fez chamar Eyrénée Philalète, percorrer a França, a Inglaterra, a Holanda, a América. Em todos esses países ele falava de uma nova religião "humanitária" que devia se estabelecer proximamente no mundo e compreender todas as nações. "Seus escritos, diz Claudio Jannet, que remontam à História Hermética de Lenglet-Dufernoy (I, 402), têm uma tinta judaica muito pronunciada. O humanitarismo já é considerado como substituto do cristianismo".

"No século seguinte, observa Joseph Lemann,[1] o filosofismo começa a se colocar em favor da execução desse plano do inferno. Ele emprega duas máximas que, após mais de um século, nada perderam do seu prestígio: "Todas as religiões são boas", "Os judeus são homens como os outros". A primeira dessas máximas tinha por finalidade rebaixar o cristianismo, a segunda elevar os judeus, uma e outra preparando o terreno para a religião humanitária num tempo mais ou menos distante; porque no momento em que não se admitia entre as religiões nem inferioridade, nem superioridade, não havia senão considerar em cada um e em todos senão a humanidade e proclamar os 'Direitos do Homem".

Sabemos como, após o restabelecimento do culto na França, essa igualdade entre as religiões foi estabelecida, mantida e desenvolvida por Napoleão, que colocou as seitas protestantes em pé de igualdade com a Igreja católica, por Luís Filipe, que

---

[1] *L'entrée des israélites dans la société et les États chrétiens, d'après des documents nouveaux*, cap. IV.

fez os judeus entrarem nessa confusão, por Napoleão III, que admitiu os muçulmanos. Vemos agora como, sob a terceira república, a superioridade foi restabelecida em favor dos judeus e dos protestantes, que têm todas as forças governamentais a seu serviço para perseguir os católicos que não entram no movimento. Não podia ser diferente. A Igreja católica possui e professa a plena verdade. Um instinto secreto di-lo mesmo àqueles que estão mais afastados de nós.

Permitir a todas as religiões falsas, às heresias, aos cismas, às monstruosidades do orgulho e mesmo da imoralidade, virem se enfileirar na mesma linha, pretender a mesma consideração, era autorizar por antecipação a união legal de todos os erros, de todas as monstruosidades, contra a religião católica, contra os estabelecimentos católicos, contra a vida católica. Isso não se fez esperar. Isso ultrapassa mesmo tudo o que os bons podiam temer, tudo o que os maus podiam se prometer.

Ainda aqui nós nos encontramos em presença da execução de um plano elaborado na Convenção de Wilhemsbad. Ele está inteiramente expresso nas palavras que o conde de Virieu, ao retornar desse congresso, disse ao conde de Gilliers. Ele concluía dizendo como seria difícil ao catolicismo não sucumbir ao assalto que lhe ia ser desfechado.

De Maistre, que viu e previu tantas coisas, nada ignorava desse plano. Ele advertiu Alexandre I a respeito, num memorial que lhe endereçou em 1816. Aí ele diz: "Há com toda a certeza, segundo todas as aparências, sociedades propriamente ditas, organizadas para a destruição de todos os tronos e de todos os altares".

Ele acrescentava que os judeus tiravam um grande partido dessas sociedades. Ele poderia ter dito que eles eram a alma delas.

Em 1860, pareceu chegada a hora de se porem resolutamente à obra; o judeu Crémieux, encarregado de preparar os caminhos para o reino do humanitarismo, instituiu a *Aliança Israelita Universal*, como vimos no capítulo precedente.

O meio mais poderoso que pôde ser inventado para realizar seu programa, para buscar as pedras vivas que devem entrar na construção do Templo, foi a escola neutra.

Não é uma coisa prodigiosamente espantosa ver todos os Estados, católicos ou protestantes, monarquias ou repúblicas, promulgarem, quase ao mesmo tempo, as mesmas leis para imporem a neutralidade do ponto de vista religioso no ensino da juventude? Como explicar, fora da conjuração anticristã, um tal acordo para uma coisa tão monstruosa, e cujos efeitos foram logo tão funestos que vários Estados apressaram-se em corrigir sua legislação sobre esse ponto?

De outra parte, que coisa mais eficaz do que essa neutralidade escolar para alcançar o objetivo visado pela *Aliança Israelita Universal*? As crianças educadas na ignorância das verdades religiosas pertencem efetivamente ao israelitismo liberal e humanitário; eles são os elementos apropriados da "religião universal", desse "catolicismo" que permitirá a realização dos destinos de Israel.

A prova de que o judeu é o instigador desse movimento, encontramo-la no livro que publicou um inspetor da Academia, Pajot.

Depois de dizer que os alunos das escolas normais perdem infalivelmente a fé e que era necessário, em conseqüência, substituir a fé "por uma forte cultura *moral independente* de todo ensino confessional", ele adota o linguajar da *Aliança Israelita Universal* e diz: "Essa cultura moral é também uma fé, uma religião, mas uma religião superior a todas as outras e na qual elas podem e devem se confundir. Ao lado, e, não tememos dizer, acima das religiões que dividem os espíritos, há lugar para uma religião verdadeiramente universal, aceitável por todos os espíritos pensantes e que encerra as religiões particulares como o gênero encerra as espécies!".[2]

---

[2] *Avant d'entrer dans la vie. Aux instituteurs et institutrices, conseils et directions pratiques.*

Não é, palavra por palavra, o linguajar dos *Arquivos Israelitas* e da *Aliança Israelita Universal*?

Essa conformidade de linguagem, de pensamentos e de desejos entre esse funcionário da Universidade e a grande máquina viva e falante construída pelos judeus modernos para triturar tudo o que há de positivo em toda religião, qualquer que seja, não é muito digna de atenção?

A tarefa que a *Aliança Israelita Universal* se propôs realizar para preparar a edificação do Templo, é, pois, introduzir no catolicismo, e no que resta de firme nas outras religiões, elementos de dissolução que as levarão a confundir-se todas numa vaga religiosidade humanitária.

Os dogmas formam, por assim dizer, a ossatura das religiões, e é também através deles que elas se distinguem e se mantêm separadas umas das outras. O grande esforço dos apóstolos da religião humanitária deve ser, pois, fazê-los desaparecer. Com efeito, esse esforço é aplicado nisso. Um sínodo protestante realizado em Clairac, em outubro de 1903, exprimia perfeitamente seu desígnio e seu objetivo nesse desejo: "Que as barreiras entre as Igrejas sejam diminuídas, a fim de facilitar a colaboração fraterna a serviço da humanidade".

Foi sobretudo na América que o projeto do estabelecimento de uma religião humanitária que deveria substituir as religiões existentes ganhou corpo. Há muito tempo se trabalha para diminuir as barreiras dogmáticas e para unificar as confissões de maneira a favorecer os caminhos do humanitarismo.

O terreno é propício. Segundo o Pe. Forbes, S.J., cento e cinqüenta seitas oficialmente inscritas compreendem hoje sete a oito milhões de protestantes, membros ativos das Igrejas aristocráticas. Afora essas Igrejas oficiais, há quarenta e cinco milhões de indiferentes.

Entre aqueles que conservaram o sentimento religioso, muitos há que são levados pelas seitas mais exageradas. Enfim, há na América oitocentos mil maçons[3] e dez milhões de espíritas. Em tal meio o humanitarismo tem o campo livre.

Nessa massa de infiéis eis, segundo o *Catholic Directory* de Milwaukee, a população católica dos Estados Unidos. Em 1906 era de 12.651.944, ou seja, 189.131 mais do que no ano precedente. O número de membros do clero regular e secular era de 14.484, assim se decompondo: seculares, 10.789; regulares, 3.695. Um cardeal, 14 arcebispos e 90 bispos. As igrejas eram em número de 11.814. E 1.066.207

---

[3] Em outubro de 1905, o *Alpina*, publicação maçônica internacional, ao lançar a idéia de celebrar, em 1917, com uma festa geral em Londres, o bicentenário de criação da franco-maçonaria na Inglaterra, deu a seguinte informação: "O grande desenvolvimento que a F∴ M∴ teve nos Estados Unidos da América está demonstrado pelo fato de que mais de 87% dos membros da Câmara dos Representantes e 80% dos senadores pertencem às lojas".

Por ocasião da última eleição para a presidência dos Estados Unidos, o *Saint-Paul-Wanderer* (n° 2123) publicou um artigo que foi reproduzido pelo *Catholic Fortnightly Review* de Saint Louis. Ali estava dito que os dois candidatos, Bryon e Taft, eram, um e outro, franco-maçons. E a *Vérité* de Quebec acrescentava que depois da fundação dos Estados Unidos a regra, salvo raras exceções, era que seus presidentes pertencessem à franco-maçonaria. O primeiro, Washington, foi primeiramente eleito secretamente por seus *irmãos* antes de ser levado à escolha popular. O I∴ Limousin, manifestando-se a um jornal sobre o papel considerável que a franco-maçonaria exerce nos Estados Unidos, escreveu: "Ela foi o molde no qual se formou a sociedade americana".

O número de franco-maçons nos Estados Unidos que reproduzimos acima foi fornecido pelo Pe. Forbes. Mas em 1° de março de 1908, o *Catholic Fortnightly Review* afirmava, de acordo com a Enciclopédia das *Fraternidades* da América, que as lojas maçônicas sozinhas aumentam anualmente em média trinta mil membros, homens e mulheres, e que o número atual de todas as sociedades secretas com tendências anticristãs: Lojas dos Três Ritos, Triângulos Satânicos, lojas socialistas e anarquistas, Velhos Companheiros, Cavaleiros de Pythias etc., etc, podem chegar nos Estados Unidos a mais de oito milhões, compreendidas as irmãs de toda espécie.

freqüentavam 4.281 escolas. Esses números se aplicam apenas aos Estados Unidos continentais, e não levam em conta nem Porto Rico, nem as Filipinas.

Mais do que o número, importa conhecer a disposição de espírito.

Recentemente um escritor francês, Henry Bargy, publicou um livro intitulado *La Religion dans la Sociéte aux Etats-Unis*. Brunetière, num artigo publicado em dezembro de 1902 na *Revue des Deux-Mondes* rende-lhe o testemunho de que ele descreveu com muita habilidade as transformações que se operam nesse mesmo momento no seio do protestantismo. Brunetière registra assim o termo dessa transformação: "A evolução que prepara na América a unidade do cristianismo é um efeito do positivismo". Com efeito, no pensamento de Augusto Comte, "religião" e "sociologia" são a mesma coisa. Sua sociologia não passa de um esforço para realizar o reino de Deus *sobre a terra*; quer dizer, divinizar o homem ou humanizar Deus. Bargy mostra as origens, o desenvolvimento e o caráter dessa evolução, informações que repassarei aos leitores segundo seu entendimento. O resultado é aquele que ele chama algumas vezes de RELIGIÃO AMERICANA, outras vezes RELIGIÃO HUMANITÁRIA.

A religião americana, tal como nos é apresentada neste livro, não é nada do que o abade Klein, no seu livro *Vie du P. Hecker*, e, após ele, monsenhor O' Connel e monsenhor Keane batizaram de americanismo.[4] O americanismo é aquela parte do ideal religioso americano que alguns católicos deixaram entrar no seu catolicismo; mas esse ideal não se realiza completamente senão nas seitas protestantes que partilham entre si as populações da América, e no judaísmo liberal.

H. Bargy dá esta definição desse "ideal americano" ou dessa "religião americana": "Todas as igrejas dos Estados Unidos, protestantes, católicas, judias e independentes têm alguma coisa em comum. Elas são mais vizinhas entre si do que qualquer delas com sua Igreja-mãe da Europa; e o conjunto de todas as religiões da América forma o que se pode chamar de religião americana". Essas linhas são as primeiras que se lêem no início do livro de Henri Bargy. O livro inteiro serve para demonstrar o bem fundamentado dessa assertiva.

Temos de fazer, desde agora, reservas acerca da menção da Igreja Católica no meio das igrejas protestantes e judias. Não é verdadeiro dizer que a Igreja Católica na América seja mais vizinha das seitas protestantes do que da Igreja romana; mas é exato que cristãos que conservam o nome de católicos se aproximam demais dos protestantes — na América mais do que em outros lugares. A facilidade com que as famílias católicas confiam a educação de seus filhos às Universidades neutras só agravará o mal. O Revdo. Pe. B. Caselly, S.J., num artigo reproduzido pelo *Catholic Mirror* de Baltimore, disse em abril de 1906: "Há neste momento pelo menos dois mil estudantes católicos, rapazes e moças, nessas Universidades".

As origens da religião americana devem ser atribuídas, segundo Bargy, aos puritanos. O fim estará num cristianismo alargado até ao humanitarismo. Ele acredita poder pôr estas duas assertivas: "A república dos Estados Unidos é, no pensamento dos judeus da América, a *Jerusalém futura*". "O americano acredita que sua nação é a *eleita de Deus*". E acrescenta: "Nessa confiança patriótica dos americanos, os judeus reconheceram a sua. Seu orgulho nacional veio apoiar-se sobre o dos seus novos compatriotas. Uns como os outros esperam de suas raças a salvação da terra".[5]

---

[4] Ver *L'Américanisme et la Conjuration Anti-chrétienne*, pp. 306-308.

[5] O abade Klein, num relatório de sua viagem à América publicado no *Correspondant* (10 de fevereiro e 10 de março de 1904), reconhece que há seiscentos mil judeus na cidade de Nova Iorque. Ele acrescenta, é verdade, que é a metade do que há nos Estados Unidos; mas as pessoas bem informadas afirmam o contrário, que a mesma proporção está presente em outras cidades da União.

Essa emigração dos judeus para os Estados Unidos bem corresponde ao que disse Bargy, que a república dos Estados Unidos é, segundo o pensamento dos judeus da América, a *Jerusalém futura*.

Esse orgulho nacional é partilhado mesmo por membros do clero.

"No curso da história, diz monsenhor Ireland, a Providência escolheu ora uma ora outra nação para servir de guia e de modelo para o progresso da humanidade. Quando se abriu a era cristã, era Roma todo-poderosa que estava na vanguarda. A Espanha tomou a direção do mundo na hora em que a América se aprestava a entrar na família dos povos civilizados. *Agora que começa a despontar no horizonte a maior era que jamais se viu, que nação vai a Providência escolher para guiar os destinos da humanidade?* VEJO APARECER ESSA NOBRE NAÇÃO. Gigante em estatura, graciosa em todos os seus traços, cheia de vida no frescor e no começo de sua juventude, digna como uma matrona na prudência do seu andar, os cabelos ondulantes *ao sopro querido da liberdade,* É ELA, não se poderia duvidar ao vê-la, é ela a rainha, a conquistadora, a mestra, a PRECEPTORA DOS SÉCULOS QUE VIRÃO... Seus filhos chegam de todos os países; eles construíram um mundo novo, um mundo que encarna as esperanças, as ambições, os sonhos dos padres e dos videntes da humanidade.

"A NAÇÃO DO FUTURO! preciso nomeá-la? Nossos corações palpitam de amor por ela.

> "Ó meu país, és tu.
> Doce terra de liberdade,
> És tu mesma que eu canto".[6]

Disseram os judeus: "O desenvolvimento e a realização dos *princípios modernos* são as condições mais energicamente vitais para a extensão expansiva e para o mais alto desenvolvimento do judaísmo" (concílio judaico de 1869).

Por seu turno os americanistas dizem: "As idéias americanas são aquelas que Deus quer para todos os povos civilizados do nosso tempo".

"A influência da América, continua monsenhor Ireland, estende-se longe entre as nações, tanto pela solução dos problemas sociais e políticos quanto pelo desenvolvimento da indústria e do comércio. Não há país no mundo que não nos tome idéias emprestadas. *O espírito da liberdade americana desdobra-se através dos oceanos e dos mares, e prepara o terreno para plantar as idéias e os costumes americanos*. Essa influência crescerá com o progresso da nação. O centro de gravidade da atividade humana desloca-se rapidamente, e *num futuro que não está longe*, a AMÉRICA CONDUZIRÁ O MUNDO". (*L'avenir du catholicisme aux Etats-Unis*).

Assim, Bargy não toma emprestados gratuitamente seus pensamentos dos outros, quando diz que os americanos vêem a salvação da terra ser preparada pela "evolução religiosa que se faz sentir nos Estados Unidos, e que prepara uma religião da humanidade na qual viriam confundir-se todas as religiões existentes". Lemos as

---

Um jornal judeu, o *Zeitung des Judenstams*, no número de 13 de outubro de 1905, dá a entender que os judeus acabaram por conquistar o Novo Mundo. "Num tal país, com possibilidades ilimitadas, no qual não existe religião do Estado, e no qual não se pergunta pela sua origem ou nacionalidade, um povo ativo, sóbrio, estudioso e pleno de iniciativa pode ir longe... Atualmente, o número de judeus que se encontram no primeiro plano da vida pública é de mais de 900. O fato é tanto mais reconfortante posto que não há senão uma pequena porcentagem da população judia que vive nos Estados Unidos mais do que o tempo em que um homem amadurece; e no entanto é preciso pelo menos ser maduro para desempenhar um papel na vida de um povo".

Esse *quo non ascendum* é digno de atenção. Após a campanha conduzida pelos judeus em 1907 pela abolição da festa de Natal nas escolas dos Estados Unidos, a *Central Católica* publicou este desafio feito à cristandade pelo judeu Israel Rosenstein: "Se os cristãos se irritam e querem derrubar a ordem dada pela Comissão Escolar de Nova Iorque, as forças judias coligadas podem precipitar uma terrível catástrofe financeira, cujo resultado será que nós obteremos mais ainda do que pedimos agora!"

[6] Ver *L'Américanisme et la Conjuration Anti-chrétienne*, pp. 187-190.

primeiras linhas do seu livro; estas são as últimas. O livro inteiro assinala as fases dessa evolução.

Bargy faz remontar as origens da religião americana à época na qual, com base em outros indícios, nós mesmos estabelecemos as origens do humanitarismo, quer dizer, ao século XVII. “O cristianismo americano, diz Bargy, recebeu seu caráter dos primeiros colonos. A colonização dos puritanos data de sua emigração para a Holanda, onde viveram doze anos antes de virem para a América. Foi na Holanda que nasceu o cristianismo americano. A primeira igreja protestante do Novo Mundo, a de Plymouth (1620), não foi outra senão a igreja de Leyde, fundada em 1608 nos Países Baixos pelos separatistas ingleses sob a direção de John Robinson. A história da igreja de Leyde já é a história das igrejas da América: “Um esforço em direção a mais tolerância com mais solidariedade”. “O *Tratado da Comunhão Religiosa*, escrito em 1612 por Robinson é o primeiro testemunho de um espírito novo em matéria de religião... Robinson colocou seu Tratado sob a invocação de São Paulo, esse apóstolo da tolerância no qual se inspiram tantos pregadores do Novo Mundo”.[7]

Qual é esse espírito novo em matéria de religião? Acabamos de dizer, é um espírito de tolerância no que concerne ao dogma, a fim de chegar a uma mais perfeita solidariedade entre os homens de todas as raças e de todas as condições. É, pois, um espírito humanitário. “A religião dos puritanos é feita para o homem e não para Deus. Eles são devotos da religião naquilo que ela tem de social, e negligenciam o que ela tem de dogmático”.

Inicialmente isso se deu como um instinto que ganhou uma a uma todas as seitas protestantes residentes na América. De 1820 a 1830 esse instinto se tornou, com Channing, um sistema filosófico que tomou o nome de unitarismo. Seu autor caracteriza-o assim: “Uma religião que se recusa a se definir”. Seu único dogma é a indiferença pelos dogmas. “Nós seguimos apenas um sistema: excluir a controvérsia”. Descartando assim a verdade revelada, ele fez da sua religião uma filantropia: “O aperfeiçoamento do homem pelo aperfeiçoamento da sociedade”.

De 1830 a 1840 formou-se o grupo dos transcendentalistas. “Ao lado dos unitários e mais alto do que eles, diz Bargy, eles encarnam o que caracteriza a América: união do *sentimento* cristão e da razão positiva; eles reconciliam o espírito evangélico e o espírito racionalista fazendo com que ambos sirvam à ação social... Conciliadores por excelência, personificam o horror americano às controvérsias e às polêmicas... Conciliam todas as contradições aparentes: cristãos e racionalistas, individualistas e socialistas. São tipicamente americanos”.

“A influência dos transcendentalistas, diz ainda Bargy, como a dos unitários, espalhou-se por toda a parte: reconhecemo-la nas sociedades de cultura moral, nas igrejas liberais, e mesmo nas igrejas ortodoxas; na literatura e no jornalismo; na educação, na corrente de idéias, imponderável e todo-poderosa, que faz o modo de sentir e de pensar de um povo”.

Após ter passado dos puritanos para os unitários e dos unitários para os transcendentalistas, o cristianismo americano encontrou seu termo na “Sociedade de Cultura Moral”, *Society for Ethical Culture*. É o tipo da igreja sem dogma. Ela não ensina a morrer, mas a viver; ela é uma escola de energia prática, que faz do aperfeiçoamento do homem através do aperfeiçoamento da sociedade o próprio objetivo do cristianismo transformado. Numa palavra, o cristianismo, pela transformação que a religião humanitária quer-lhe fazer sofrer, não será outra coisa que não o socialismo.

---

[7] Bargy alude aqui à Congregação dos Paulistas, fundada pelo Pe. Hecker.

"A verdadeira forma e a forma verdadeiramente moderna da religião, diz um jovem publicista italiano, Guilherme Ferrero, é o socialismo alemão".[8]

E Brunetière retoma a idéia: "Porque o socialismo alemão? É preciso dizer o socialismo em geral — na França como na Alemanha, na Itália como na Inglaterra, o socialismo sem epíteto, o socialismo das multidões: quero dizer o socialismo considerado não nos programas ou através da eloqüência dos políticos que se servem dele como carreira e via de acesso à fruição do poder, mas nas aspirações dessas massas populosas que seus pregadores agitam, sublevam e arrastam. Menos francês, mais internacional e mais universal do que a nossa revolução, aquilo que o socialismo aspira a realizar é propriamente "o reino dos céus" sobre a terra, é o sonho da fraternidade universal no amor universal. Não é para após a morte, nem em outra vida, da qual esta seria apenas a via dolorosa, mas é sobre a terra e para amanhã que o socialismo promete a seus adeptos a realização do reino dos céus... O que há de certo é que não sendo as esperanças concebidas como imediatamente realizáveis, mas realizáveis num futuro indeterminado, o entusiasmo que elas inspiram aos que delas partilham é, por si só, uma espécie de religião".[9]

O socialismo é, com efeito, exatamente a forma concreta da religião humanitária; ou, se se quer assim, o termo da civilização moderna, se ela conseguir suplantar durante algum tempo a civilização cristã.

———— ♦ ————

[8] Gougenot des Mousseaux (p. 97) diz que a partir do ano de 1831 formou-se na Alemanha uma associação de judeus e de cristãos cujo objetivo era fundar a civilização religiosa, moral e *social* dos israelitas.

[9] *Revue des Deux-Mondes*, dezembro de 1902, p. 873.

CAPÍTULO XLVI

DA AMÉRICA, A RELIGIÃO HUMANITÁRIA ESPALHA-SE PARA A EUROPA

A "Sociedade de Cultura Moral" fora fundada em Nova Iorque por Felix Adler, professor delegado do ensino superior da Universidade Cornell. Seccionais ou associações semelhantes foram logo estabelecidas em 1883, em Chicago, em 1885, na Filadélfia, em 1886, em Saint Louis. Da América, o movimento propagou-se para a Europa. Fouillée representa a França no órgão publicado por todas essas sociedades, o *International Journal of Ethics*, criado por instigação de Adler. A sociedade de Londres (1891) foi obra de um americano, Stanton Coit. Em 1895 foi fundada uma sociedade na Áustria, em Viena, e uma na Suíça. As do império alemão foram fundadas pelo próprio Adler, e são em número de dezesseis.

Deve-se ligar a esses fatos a associação dos "cogitativos", cuja existência a imprensa revelou por ocasião do congresso que realizaram em Berlim, em junho de 1899?

O objetivo parece exatamente o mesmo: reunir os "partidos da reforma religiosa e social" e "fundar a religião do futuro". Seu presidente é também um judeu. Como meios de atingir esse fim, o congresso preconizou, ele também, "a liberação da opressão dogmática", a criação de uma religião liberada do dogma. Adotou a seguinte resolução:

"Considerando que a antiga fé, em razão de sua contradição com a ciência moderna, está condenada a desaparecer cedo ou tarde, o congresso pela união dos partidos da reforma religiosa e social exprime o desejo de que o governo não mais reconheça para o futuro a organização eclesiástica tradicional".[1]

"Em segundo lugar, o congresso convida todos os que pensam livremente a darem sua adesão à religião da ciência e da consciência progressivas, quer dizer, à religião dos "cogitativos", a fim de apressar o triunfo da idéia correspondente ao espírito moderno.

"Enfim, o congresso estima ser necessário fazer sem perda de tempo movimentos nesse sentido em toda a Alemanha".

Não sabemos se os "cogitataivos "se ramificam em outros países; mas existe em todos os quadrantes do mundo uma associação que quase não difere dessa: *as Uniões Cristãs dos Jovens*. A *Réforme Sociale* tratou disso no número de 1° de julho de 1893, no de 16 de novembro de 1896, no de 1° de julho de 1902 e no de 16 de fevereiro de 1903. Este último número publicou uma comunicação feita por Sautier, secretário-geral dessa associação na França.

Eis as informações que encontramos aí e alhures:

Essas Uniões, fundadas há meio século, desenvolveram-se rapidamente por toda a face do globo.

Um comerciário, Georges Williams, fundou a primeira União inglesa em 1844 e foi chamado de "Pai das Uniões". Cook fundou a União de Paris em 1852. Em 1906 a obra contava na França cinco mil membros repartidos entre 113 Uniões. Há Uniões rurais no Gard, no Charente e na Vandéia, Uniões operárias em Roubaix e Creusot. As Uniões são federadas em grupos regionais, cujas reuniões formam a Aliança

---

[1] Coisa feita na França pela lei de separação entre a Igreja e o Estado.

francesa. A Aliança francesa é apenas um departamento da Aliança internacional, que contava então 7.000 Uniões compreendendo 600.000 jovens.

Em 1878, a oitava "conferência universal", reunida em Genebra, criou um comitê central internacional que compreende onze membros. Ele próprio é inspirado por uma comissão deliberativa composta por vinte e um conselheiros, que pertencem às seguintes nacionalidades: América, Áustria, Bélgica, Dinamarca, Espanha, França, Grã-Bretanha, Holanda, Hungria, Índia, Itália, Japão, Noruega, Oceania, Rússia, Suécia e Suíça.[2]

A alma de todo grupo é seu secretário-geral, e a ligação federativa entre todas as Uniões é constituída por esses secretários. Eles devem ser "apóstolos hábeis e experimentados". Desde 1899 os secretários-gerais trocam os resultados de suas experiências pessoais em "conferências".[3]

Há três categorias de secretários-gerais:

1°. *Os secretários permanentes*, verdadeiros ministros, que têm sob sua direção um território considerável; 2°. *Os secretários itinerantes*, visitadores de grupos, fundadores de novas secções; 3°. *Os secretários locais*, colocados à testa de uma União, e que realizam as funções próprias. Uma gratificação de 6.000 a 15.000 francos dispensa-os de qualquer preocupação com o futuro, ao mesmo tempo em que a alta consideração que lhes testemunha a sociedade protestante os mantém dedicados e os recompensa por seus esforços. Faz alguns anos foi criada em Springfield uma verdadeira escola normal destinada a eles, na qual são preparados para o futuro apostolado. No momento, um oitavo dos secretários de Uniões sai dessa casa, e o número aumentará. Uma outra escola foi fundada em Genebra, em 1896, e várias na América. Os que não são formados nessas escolas ficam vinculados como auxiliares de um dos mais velhos, que tem a missão de formá-los.

Compreende-se o poderio de semelhante organização.

As Uniões favorecem a mistura das classes; mas elas também associam entre si os jovens que a comunhão de interesses, trabalho ou estudos aproxima. Assim é que existem Uniões Cristãs para estudantes até nas Universidades dos países do Extremo Oriente. Em Tóquio, Nan-King, Pequim, Seul - na Coréia, Calcutá, existem associações exclusivamente compostas de estudantes chineses, japoneses, indianos ou coreanos.[4] Nos Estados Unidos existem Uniões para os empregados de estradas de ferro. Na França elas são particularmente estabelecidas nas cidades de guarnições, e a cada uma dessas Uniões está anexada uma *obra militar*, que se cuida muito em não proibir. *La France Chrétienne* (número de 28 de janeiro de 1904) afirma

---

[2] A Aliança Universal das Uniões Cristãs apurou assim sua estatística:

	Uniões	Membros	Secretários	Construções	Valores (em francos)
1907 —	7.031	761.056	2.604	1.001	201.667.821
1908 —	7.835	860.573	2.864	1.967	221.997.140

2.807 Uniões (com 103.981 membros) não estão ligadas à Aliança Universal.

Na França, a Aliança conta 125 Uniões, 32 grupos independentes e 15 associações de estudantes ou de alunos de liceus.

[3] Ver *Les cinq premières années des Unions Chrétiennes de Jeunes Gens de la France*, por Roger Merlin.

[4] O *Elan*, no número de 1° de abril de 1904, informava:

"As Uniões japonesas projetam empreender uma obra especial entre os soldados enquanto durar a guerra. O herói da batalha de Chemulpo, o contra-almirante Uriu, foi, durante dois anos, presidente da União Cristã dos Jovens, no período em que freqüentou a Escola Naval de Anápolis, nos Estados Unidos. Kataoka, que acaba de morrer, era presidente da Câmara Baixa do Parlamento Japonês e presidente da União de Tóquio".

Por ocasião da guerra, os protestantes estabeleceram *tendas unionistas* na Manchúria. A primeira foi instalada em Antoken, do lado oposto de Wiju. Ela pode abrigar duzentos soldados e estampa em grandes letras a inscrição *União Cristã dos Jovens*. À noite, a mesma inscrição pode ser lida em razão de grande quantidade de lanternas japonesas; quatro grandes bandeiras japonesas são desdobradas em certas ocasiões. Os secretários da obra são em número de três.

que essas Uniões e as obras militares anexas recebem, de benfeitores americanos, os capitais que lhes permitem o funcionamento e a propaganda.

Há mesmo Uniões Cristãs de Moças. Foi o que nos deu a conhecer o *Chrétien Belge*, no número de 4 de junho de 1904. Informava ele que na segunda-feira de Pentecostes uma centena de unionistas estavam reunidos no templo de Charleroi. Um relatório acerca da evolução dessas Uniões, lido na ocasião, mostra, diz esse jornal protestante, que essa evolução é "divertida". Em seguida a assembléia aplaudiu o projeto de uma federação dos três grupos seccionais, Hainaut, Brabant e Liège.

Os protestantes unitaristas instituíram em Genebra, em 1900, um comitê internacional e Conferências universais.

Depois de realizarem seus congressos ecumênicos em Londres e Amsterdã, o Unitarismo escolheu Genebra como sede da terceira de suas assembléias, que com efeito se realizou nessa cidade em meados de setembro de 1905. O nome oficial da assembléia era *Congresso Internacional do Cristianismo Liberal e Progressivo*. O comitê genebrês de organização estima que "a grande importância de semelhante reunião na antiga cidade de Calvino não poderia passar desapercebida a nenhuma das almas da tendência unitária. Ele conta com o concurso devotado de todos aqueles para os quais a independência absoluta da oração religiosa é cara".[5]

Le Christianisme au XXe. Siècle, no número de 17 de março de 1904, divulgou que ocorrera uma reunião na sexta-feira precedente na União de Paris, na Sala André, com o objetivo de serem tomadas as primeiras providências para a organização desse congresso.

Num relatório à juventude católica de Bensançon, Montenach disse: "As Uniões declaram ter existência fora de qualquer organização eclesiástica e conservam completa neutralidade relativamente às diferentes denominações eclesiásticas".

Reencontramos aqui o espírito e as tendências da "Religião Americana", cujo *credo* inteiro é a fé no bem, e que acolhe as pessoas de qualquer religião assim como as pessoas sem religião.

Esforçam-se, no momento, em agrupar, em toda a extensão do território francês, a juventude católica. Provavelmente não damos suficiente atenção às idéias daqueles que aqui e ali se introduzem na Associação da *Juventude Católica*. No que diz respeito ao *Sillon*, sabemos que ele celebrou uma união tão íntima quanto indissolúvel com as Uniões. Vários dos seus "secretários" são redatores habituais do *Eveil Démocratique* e outras publicações sillonistas. O espírito das *Uniões Cristãs* espalha-se entre nós a partir do *Sillon* e também através de certos emissários que se introduzem nas Associações da juventude católica. Nada exige da parte do clero e dos católicos observação mais ativa.

Um livro foi publicado, há pouco mais de cinco anos, sob o título JEUNESSE. Foi laureado pela Academia Francesa; o exemplar que tenho em mãos é da vigésima sétima edição.[6] Aí se encontra o puro espírito das *Uniões Cristãs* que outro não é senão o espírito desejado pela *Aliança Israelita Universal*.

---

[5] *Semaine Religieuse* de Genebra, 24 de dezembro de 1904.

[6] O autor de *Jeunesse* é o pastor Wagner, de Paris. Faz quase vinte anos que ele prega em Paris o evangelho da solidariedade sem dogmas, e ele tem a ambição de fazer do cristianismo um *humanismo* superior. Além de *Jeunesse*, ele publicou *Justice, Vaillance, Auprès du Foyer, L'Ame des Choses, La Vie Simple*. Esses livros são traduzidos em todas as línguas civilizadas e representam, por assim dizer, uma diocese universal para esse pastor. Suas alocuções dominicais são estenografadas, traduzidas por seus amigos da América e reproduzidas toda a semana em cinqüenta jornais dos Estados Unidos.

La Vie Simple foi lida pelo presidente Roosevelt. Ele encontrou aí a reprodução do seu ideal e disse-o em dois discursos publicados em Banyor (Maine) e na Filadélfia. Ao mesmo tempo ele escreveu ao autor: "Prego vossos livros a meus concidadãos. Vinde visitar-me na Casa Branca" (outono de 1902). Outras cartas insistentes vieram-lhe da América, e ele se pôs a aprender o inglês e partiu no dia 10 de setembro de 1904. No dia 25 ele se encontrava na presença de um auditório de 12.000 pessoas. Fez 150

O último capítulo é intitulado A FÉ. "Restabelecer uma fé, diz o autor, e para isso dar-se conta de como ela nasce, é uma das mais sérias e profundas necessidades da juventude".

Se a juventude católica tem necessidade de *restabelecer uma fé*, é porque a fé recebida foi ou deve ser abandonada. Com efeito, diz o autor: "Compreende-se comumente por fé a adesão a um corpo de doutrina que se nos apresenta com um caráter de autoridade. Deus, em determinada época, teria revelado a verdade aos homens, de modo definitivo. A revelação assim feita constitui um bloco do qual certos homens e certas sociedades são depositários. Representando a verdade divina, eles reclamam a mesma submissão devida a Deus. Não se trata de pesar, examinar, discutir o que essa verdade nos oferece, mas de recebê-la de joelhos, em meio ao silêncio imposto a todo o nosso ser, apesar das suas repugnâncias ou revoltas. Todas as velhas crenças são assim. Esse primeiro ponto de onde elas partem e que acarreta todo o resto é o grande ponto litigioso que as separam do espírito moderno. Mas, apressemo-nos em acrescentar que o espírito moderno aqui se reencontra com Cristo e o Evangelho... Cristo é um desconhecido, não somente no mundo, mas até mesmo nas Igrejas que O reivindicam para si. Se alguma coisa está obstruída, embaciada, desviada de sua primitiva direção, é exatamente o velho Evangelho... No seu pensamento, como na sua prática, na sua maneira de interpretar o mundo assim como na sua maneira de regular a atividade humana, o Evangelho ultrapassa em tal medida todas as Igrejas que o reivindicam, que *ele está no futuro* mais do que no passado. E quanto mais fixamos nossa atenção nesse aspecto, menos podemos impedir-nos de observar uma grande afinidade entre esse Evangelho esquecido e as melhores aspirações do espírito moderno".

Que prega, pois, o espírito moderno? qual é o fundo do seu pensamento aí onde ele está de acordo com o Evangelho e com Cristo? O autor no-lo mostra: "O homem está em evolução, e com ele toda a natureza, do átomo e da célula rumo à vida perfeita. Sua lei é *o futuro* (assim sublinhado). E quando ele toma consciência dessa essência do seu destino, o sentido que a vida toma no seu conjunto, que envolve todo esse detalhe de que somos feitos na grande vontade que está na essência das coisas, existe *o sentido religioso*". Do sentido religioso nasce a piedade e da piedade a fé.

"A fé, ápice da vida, de toda a vida, é a síntese total da indução humana. Todas as nossas experiências e aquelas do passado vivificadas por intermédio de nossa alma condensam-se juntas e constituem para nós a revelação pessoal que a vida nos faz: eis aí a fé".

"A piedade consiste em querer fazer a vontade do Pai; e a fé em procurar conhecer sua vida, a fim de realizar o que está nela e de cumprir a vontade da qual nasceu".

Segundo tudo isso, a fé que a juventude cristã deve "restabelecer" bem parece ser a fé dos panteístas, através da qual "o filho da evolução humana está agora renovado".

---

conferências e 200.000 ouvintes aplaudiram-no sucessivamente. Em Washington ele foi apresentado à Câmara Federal pelo próprio Roosevelt.

Recebido em seguida na intimidade do presidente, disse: "A doutrina essencialmente humana e elevada contida nos meus escritos subitamente criava um terreno comum entre todos os meus ouvintes: pastores diversos, muito freqüentemente também (e ficava maravilhado com isso) padres católicos, professores, industriais, médicos etc. Fraternizamos por cima de todas as barreiras de interesses, de classe e de *credo*.

— Todas as barreiras.

— É claro. Por exemplo, falei na sinagoga Emmanuel-Temple perante um auditório de 2.500 israelitas. Em Saint Paul mantive longo colóquio com o arcebispo Ireland. Falando de coração aberto com esse patriarca do catolicismo liberal, percebi uma vez mais que a *religião do coração* não conhece exclusões. Quantas vezes não tivera eu a mesma impressão ao conversar, na França, com os padres de um catolicismo sem anátemas! Um dos meus grandes pesares foi não ter podido proferir em Nova Iorque a conferência solicitada pelas Damas de São Vicente de Paulo, em benefício de suas obras.

O panteísmo, o evolucionismo, tal é, pois, a religião do futuro, a religião em direção à qual a juventude é convidada a se dirigir. "Certas religiões são boas para abrigar os velhos egoísmos, as senilidades, as puerilidades, ou ainda para subtrair aos ruídos externos os corações iludidos ou mesmo para adormecer docemente as consciências e as inteligências. Esta é feita sobretudo para a vida e para os que vivem. Ela nos põe em plena ação, em pleno combate: elas nos permite uma bela partida com navios queimados atrás de nós. *Nada de olhar para trás!* é enérgica, viril, alegre. Isto soa e enleva como o clarim das batalhas!"

Depois dessas enfáticas palavras, o autor acaba dando conselhos práticos. Uma palavra os precede, servindo para dissimular e amortecer o golpe que devem desferir.

"Quando se pertence por nascimento a um meio religioso, é dever votar-lhe grande reconhecimento. Amar sua Igreja é bom como amar sua família e seu país. — Mas aqui se apresenta o obstáculo: o espírito de partido religioso, o espírito exclusivo. Jovens crentes, fugi dele como da peste! Melhor seria estar só do que cultivar em comum o espírito de exclusão e o orgulho espiritual. Como em todas as coisas, o tempo presente reclama, no terreno da fé, uma grande largueza. O dever da hora presente é o de confraternizar, e as igrejas particulares, qualquer que seja sua razão de existir, não são boas senão quando cumprem a condição de "preparar-nos para a igreja universal".

"Há momentos na História em que é preciso ser o homem de uma causa particular, definida, em que há, numa palavra, um buraco a fazer em certo sentido, e para o qual convém se arregimentar. Hoje, o dever urgente é liberar os muros de separação e estender as mãos por sobre os cercados. *Reencontrar a humanidade*, tornar-nos de novo homens, se esta é a palavra de ordem em pedagogia e em política, no terreno social, com quanto mais razão não deveríamos lembrar-nos disso no terreno religioso, o mais extenso de todos, e que a estreiteza de espírito consegue fragmentar e reduzir de maneira tão lamentável. Que a juventude compreenda isso!"

Esse livro, é bom repetir, foi laureado pela Academia Francesa e é tamanha a propaganda que nos três primeiros anos chegou à vigésima sétima edição.

Deve-se relacionar com essas associações que afastam o dogma e mostram a perfeição moral no progresso humanitário, como tendentes ao mesmo objetivo, o ensino da história das religiões e os congressos de história das religiões.

O primeiro desses congressos realizou-se em Paris, em 1900; o segundo em Bâle, de 30 de agosto a 2 de setembro de 1904. Todas as nações da Europa, da América e da Ásia estavam representadas por partidários das mais diversas formas religiosas.

Albert Réville, diretor da *Revue de l'Histoire des Religions*, estava nesse congresso na qualidade de delegado da Faculdade de Teologia de Paris e de representante do Ministério da Educação e do Ministério das Relações Exteriores. Ele mencionou o que o governo da república tem feito há vinte e cinco anos para favorecer esse gênero de estudos, que "nos últimos sessenta anos adquiriu um desenvolvimento internacional que cresce sem parar e que os séculos precedentes não puderam prever". Ele fundou em 1880 uma cátedra especial de História das Religiões no Colégio de França, seguida, poucos anos depois, de uma seção não menos especial na Escola dos Altos Estudos organizada na Sorbonne. Pelo mesmo tempo Guinet, com o assentimento dos poderes públicos, dotou a capital de um Museu de História das Religiões.[7]

[7] Esse Museu das Religiões foi inaugurado pelo Presidente da República no dia 26 de novembro de 1889. Foi construído às expensas do Estado pelo preço de três milhões de francos, num terreno doado pela Prefeitura de Paris, estimado em um milhão de francos. Guinet consagrou a imensa fortuna que seu pai fizera com o corante de além-mar na procura e aquisição de todos os objetos de culto, imagens, livros sagrados etc., que pudessem servir ao estudo das religiões, e colocou nesse *Pandemonium*, numa ordem

Professores das Universidades de Upsal, Baltimore, Tubinge, Oxford, Paris, Estrasburgo e outras usaram da palavra e com eles o sumo sacerdote dos Parsis de Bamberg, com hábito branco e manto vermelho ornado de ouro. Suas conversas versaram sobre todas as religiões vivas ou mortas dos mais variados povos, países e épocas.

Albert Réville, ao formular as conclusões, disse: "Uns podem ver na história das religiões a prolongada demonstração da vaidade de todas as concepções religiosas, sem exceção. Outros, ao contrário, discernem nessa evolução já várias vezes milenar, as linhas fundamentais e constantes que indicam uma marcha muito acidentada, mas contínua, rumo à simplificação e à espiritualização das crenças religiosas".

Não podemos pôr em dúvida a obra de desagregação dogmática que esses congressos de religião produzem no espírito das massas.

Aos congressos das religiões e aos congressos da história das religiões veio juntar-se o ensino público e oficial da "história das religiões". Há cerca de trinta anos cátedras desse ensino foram fundadas em todos os pontos da Europa. O movimento partiu da Alemanha. Lessing foi o seu promotor. A Holanda foi o primeiro país a caminhar oficialmente nessa via. A partir de 1° de outubro de 1877 o ensino da teologia foi suprimido nas três Faculdades do Estado e deu lugar ao estudo das religiões. Na Inglaterra, conferências sobre esse tema são proferidas na abadia de Westminster. Na Suíça, uma cátedra de história das religiões foi introduzida na Universidade de Genebra. A Bélgica também quis ter sua cátedra das religiões. Em Roma, o governo italiano igualmente estabeleceu uma cátedra para esse ensino. A Áustria-Hungria seguiu o movimento: a história das religiões tornou-se matéria obrigatória de ensino. A Escócia consagrou a esse mesmo objetivo um legado de dois milhões etc.

Na França, foram Littré e Maurice Verner que começaram a campanha. No dia 9 de julho de 1879, Paul Bert, apoiado por Jules Ferry, pediu o obteve uma lei que suprimiu as Faculdades de Teologia e criou na Sorbonne uma cátedra de história das religiões. Por decreto de 30 de janeiro de 1886 esse ensino foi também introduzido na Escola Prática de Altos Estudos.

Em 1906 foi encaminhada uma petição ao Parlamento pelo "grupo de estudos e de propaganda racionalistas", do qual faziam parte Aulard, Louis Havet, Paul Reclus, o pastor Maurice Verner etc., pedindo a criação de um ensino de história das religiões, semelhante ao instituído em 1886 na Escola de Altos Estudos, não somente nos liceus, mas também nas escolas primárias.

"De um lado, escrevem os peticionários, é preciso ensinar à juventude os fatos históricos que *a Igreja lhe esconde* e mostrar-lhe sob verdadeira luz a história das

---

metódica, todas essas coleções, estimadas em dez milhões de francos. A biblioteca compõe-se de mais de quinze mil volumes, dos quais grande número constituído por manuscritos indianos em folhas de palmeira.

Salas são colocadas à disposição dos trabalhadores. Conferências são feitas várias vezes por semana, e uma dupla publicação periódica dos *Annales du Musée Guinet* e da *Revue de l'Histoire des Religions* levam à distância o ensino que se pode obter desse amontoado de ídolos e de livros. Além dos *Annales* e da *Revue*, o Museu Guinet publica uma *Bibliothèque de Vulgarisation*, cujos diversos volumes contêm a exposição de todas as religiões.

Por ocasião das bodas de prata desse Museu, das quais participou, com o Presidente da República, o Ministro da Educação, *La Raison* falou da impressão que de maneira geral o Museu produz nos que o visitam: "Ali pode-se seguir, passo a passo, século após século, as fantasias da imaginação da humanidade, exaltada ou trêmula diante do nascimento de seus deuses. Vêem-se mortos se metamorfosear, envelhecer e desaparecer".

"Observa-se que as religiões são exatamente criaturas humanas, que não é o Deus da Bíblia, como ensinam as igrejas, que criou o homem à Sua imagem, mas é o homem que criou todos os deuses à sua imagem, o da Bíblia como os outros".

religiões e a do papado. Essas noções serão distribuídas pelo ensino *primário* e *secundário*. De outro lado, é preciso dar continuidade aos trabalhos de crítica religiosa que os reformadores e os enciclopedistas empreenderam com métodos insuficientes e documentação incompleta".

"Em Paris existe o ensino de história das religiões no Colégio de França, no qual foi criada uma cátedra de história geral das religiões por Ferry na Sorbonne, Pna Escola Prática de Altos Estudos etc., etc. Nas províncias será necessário, um dia, pelo menos duas cátedras em cada faculdade, ou seja, quarenta e oito ao todo: uma cátedra de história do judaísmo e das religiões nascidas da Bíblia, cristianismo e islamismo, e uma cátedra de história das outras religiões".

"Para começar, poderíamos limitar-nos a criar primeiramente uma conferência de história das religiões bíblicas em Lille, Nancy, Lyon, Bordeaux e Toulouse... O momento é particularmente favorável para instituir o ensino de que falamos. A supressão das faculdades de teologia protestante de Paris e de Montauban vai fornecer imediatamente as disponibilidades para criar essas conferências de Lille, de..."

"No ensino secundário a conferência será dada por um professor de filosofia ou de história. Para colocar a história das religiões no *ensino primário* será necessário podar um pouco o programa atual... dizer o que a história sabe dos livros denominados *Antigo e Novo Testamento, a crença do dogma cristão*... a criação relativamente *recente* do bispado de Roma... o longo combate da República contra o clericalismo... a luta da Igreja contra o progresso das ciências, porque *todas parecem contradizer o texto dos seus livros sagrados* etc..."

"Esse ensino terá sanções, porque o Estado laico tem o direito de exigir de todos os jovens que lhe pedem um diploma de conclusão de curso que eles comprovem conhecimentos precisos e científicos sobre fatos que têm tido um lugar tão considerável nas civilizações da qual a nossa nasceu".

Ao ver como um mesmo pensamento se revela por toda a parte ao mesmo tempo, como, por assim dizer, à mesma hora os governos dos diversos países votam leis e alocam fundos para um ensino com o qual ninguém até então sonhara, é difícil não pensar que uma palavra de ordem foi dada, e essa palavra de ordem de onde pode vir, senão das regiões superiores da franco-maçonaria, o único poder atualmente ouvido e obedecido por todos os governos?

O ensino dado do alto das cátedras universitárias é em seguida disseminado pelas mil vozes da revista, do jornal e do livro, em todos os pontos da França e da Europa. Das Faculdades ele se espalha para os liceus, depois para as escolas primárias e daí para uma multidão de famílias.[8]

"Não ignorais, dizia o abade de Broglie ao abrir, em 1889, seu curso de apologética cristã, que, ora claramente afirmado, ora velado sob as formas transparentes de um respeito aparente que recobre o desdém, essa idéia de que não

---

[8] Nenhuma oportunidade é perdida para fazer penetrar no público o que é ensinado nessas cátedras. Todos os que visitaram a exposição do centenário de 1789 puderam perceber a importância que aí tomara a história das religiões. Com efeito, pôde-se ver ali reunidos estátuas, altares, modelos de templos, amuletos, objetos de toda natureza que lembravam as práticas religiosas dos diversos povos. Na Esplanada dos Inválidos erguia-se um modelo do célebre pagode de Angker; chegou mesmo a ser inaugurado com certo brilho; conferências foram proferidas sobre as religiões da China; ofereceu-se inclusive ao público o espetáculo de uma procissão e de um ofício budistas.

"Se tivéssemos dito, escreve o abade de Broglie, a alguns dos eruditos que estudavam obscuramente, há dois séculos, os deuses de certos povos pagãos... que viria o dia em que a ciência modesta à qual eles se dedicavam tornar-se-ia um dos grandes temas da atenção do público..., te-los-íamos espantado muitíssimo. Se tivéssemos acrescentado a essa prédica... que encontrariam ao lado desse estudo complacente do paganismo a crítica ora acerba, ora desdenhosa, do Deus da Bíblia e do Evangelho, do único Deus verdadeiro que a razão dos povos civilizados pode aceitar, a surpresa teria sido bem maior ainda" (*Problèmes*, pp. 1 e 2).

existe nenhuma religião que possa ostentar legitimamente, de uma maneira exclusiva, o título de verdadeira religião, reina em grande número de espíritos dos nossos contemporâneos; que esse pensamento é sobretudo dominante entre aqueles que se ocupam em criar, desenvolver, propagar o ensino da história das religiões; e que esse ensino, tão gabado nos nossos dias, parece ter por principal finalidade, senão única, destruir a própria noção de uma verdadeira religião".

A conclusão do que precede é que existe como projeto e em via de formação uma nova religião, religião do futuro, dizem uns, religião do século XX, dizem os mais impacientes, religião qualificada americana, posto que encontrou na América suas origens, seu desenvolvimento e os zeladores que querem introduzi-la na Europa, religião humanitária, em razão do objetivo que busca, que é substituir Deus pelo homem.

Com esse objetivo formaram-se numerosas e ativas sociedades que encontramos por toda a parte. Seus membros estão imbuídos dessas duas idéias: 1ª - que uma religião absolutamente universal deve se estabelecer sobre as ruínas de todas as religiões, e isso através do rebaixamento das barreiras, do desaparecimento dos dogmas; 2ª - que essa religião universal deve ser uma religião social, uma religião humanitária, uma religião de progresso humano, indo a ponto de propiciar ao homem o paraíso sobre a terra. Essas idéias são disseminadas pelos membros dessas diversas sociedades num público mais ou menos numeroso e preparam assim a opinião pública a desejar a nova ordem de coisas querida pelo Poder Oculto dos judeus para assentar sua dominação sobre todo o gênero humano.

Todas as vezes que uma obra de propaganda é feita, é sempre para a França que se voltam os olhares.

Já em 1820 Channing dizia esperar de nosso país "a religião do futuro". "Creio, escreveu ele a Sismondi, que quando a religião reaparecer entre vós ela se mostrará sob uma forma mais divina; *creio que a França, após tantos esforços rumo ao progresso, não retomará sua teologia enferrujada*... Um meio de aí restaurar o cristianismo é mostrar a harmonia com o espírito de liberdade, de filantropia, de progresso, e fazer ver que esses princípios exigem para seu inteiro desenvolvimento o auxílio do cristianismo... Far-se-á a obra através de uma ação silenciosa ou através de grandes convulsões?"

As grandes convulsões anunciam-se de todas as maneiras, e se explodirem é preciso esperar da misericórdia de Deus que sirvam para abrir-nos os olhos e fazer-nos reentrar nos caminhos tradicionais e na luz da verdade plena. Mas, enquanto aguarda, a obra avança. Basta olhar ao redor para ver os esforços potentes que são feitos para introduzir o modernismo nos espíritos, para introduzir no mundo a "religião da humanidade".

O TEMPLO

III. — OS MESTRES-DE-OBRA

CAPÍTULO XLVII

OS JUDEUS: SUA AÇÃO NA CRISTANDADE

Em toda construção os pedreiros são guiados nos trabalhos por contramestres, diretores, e esses diretores cuidam da boa execução dos planos elaborados pelo arquiteto.

Não se passa diferentemente na edificação do Templo de Salomão. Aí também não há senão operários, mas, acima deles, há os mestres-de-obra e um arquiteto. Já surpreendemos muito freqüentemente a intervenção dos judeus na obra maçônica. Foram eles que conceberam a idéia de uma república universal e de uma religião humanitária para assentar sua dominação sobre todo o gênero humano. Há cinco séculos eles recrutam, organizando-os em sociedades secretas superpostas umas às outras, os operários dedicados às destruições e às construções necessárias a essa dupla obra; e adquiriram sobre eles bastante ascendência e poder para mantê-los à sua vontade apesar das dificuldades e reveses, ou reconduzi-los, e chegar aos resultados que pudemos observar nas páginas precedentes.

É chegado, pois, o momento de dirigir nossa atenção sobre aquilo que, neste momento, mais preocupa os espíritos esclarecidos que procuram compreender o estado atual da França, da Igreja e do mundo: a questão judia. Faz meio século que essa questão cresce de importância a cada dia. É estudada por teólogos e filósofos, historiadores e políticos, economistas e todo o público. Sobretudo depois que Edouard Drumont chamou a atenção para esse aspecto, quantas obras vieram demonstrar a crescente gravidade do problema judeu!

Não podemos tratá-lo aqui em toda a sua extensão, mas tudo que precede pede esclarecimentos que não podemos recusar a nossos leitores.

Vimos a conjuração anticristã manifestar sua presença nos dois mundos, empregar em toda a parte a mesma tática, ferir os mesmos pontos, freqüentemente ao mesmo tempo. Monsenhor Martin, bispo nos Estados Unidos, conclui daí a existência de uma direção central, de um objetivo determinado para o qual tudo tende, de um plano de conjunto para alcançá-lo e de uma forte organização que o executa. Vimos essa organização em sua estrutura e em seu funcionamento no curso de vários séculos. Mas, quem construiu a máquina? e quem a faz funcionar? O número daqueles que apontam o judeu cresce a cada dia.

Estão enganados?

Remontando às origens da conjuração anticristã na França, encontramos primeiramente Voltaire, os enciclopedistas e os franco-maçons exportados por ele da Inglaterra para nós. Observamos que ao mesmo tempo eram introduzidas entre nós idéias em contradição com aquelas que a educação familiar, política e religiosa mantinha há séculos. Daqui essas idéias foram espalhadas para as outras nações, que possuíam uma mesma civilização, e isso com uma rapidez maravilhosa. Como explicar, sem um agente de propagação disseminado por toda a parte, essa invasão, à qual se opunha a cultura francesa, a mentalidade européia, a vigilância dos poderes espirituais e a dificuldade das comunicações?

A hipótese da intervenção dos judeus oferece uma resposta. Eles tinham interesse em agir como agentes de transmissão das idéias maçônicas, posto que ensinavam a igualdade das raças, e a raça judia era repelida em todos os lugares como inimiga; eles, somente eles no mundo tinham esse interesse. Ademais, tinham a possibilidade de serem eficazmente esses agentes porque tinham comunidades por toda a parte, porque há muito tempo tinham o hábito de organizar grupos secretos e porque conheciam a administração e a força desses grupos.

Mais tarde vimos os judeus, membros da Grande Loja, manter relações com seus correligionários de todos os países. Encontramos outros judeus em todas as revoluções operadas pelas sociedades secretas. Vimos que os fundadores, os propagadores e os zeladores de todas as associações de caráter universal, criadas para sabotar o cristianismo e derrubar as barreiras dogmáticas e morais que o separam das falsas religiões, a *Aliança Religiosa Universal*, a *Liga Universal do Ensino* etc., as *Uniões Cristãs de Jovens*, à qual podemos muito bem juntar o *Sillon* etc., e, acima de todas elas, a *Aliança Israelita Universal*, foram e são de raça israelita. São os judeus alemães que estão à testa do movimento socialista. Jules Simon, que tinha sangue judeu nas veias, foi um dos fundadores da *Internacionale.* Um dos criadores do niilismo russo é o judeu Hertzen, e foi um judeu alemão, Deutz, que lhe deu o primeiro impulso. O pope Gapone é de origem judia, e conhecemos a grande participação que tiveram os judeus nas tentativas da revolução feita na Rússia em favor da guerra contra o Japão. A mão do judeu foi também assinalada na revolução que se seguiu e que introduziu o parlamentarismo no país da autocracia.

Faz quarenta anos, em 1870, Camille escreveu de Bolonha ao jornal *Le Monde* (2 de abril de 1870): "Terminei neste momento uma turnê pela Itália, que visitara há quinze anos, e acabo de reencontrar um dos meus antigos conhecidos. Esse homem, eu o sabia envolvido ativamente nos negócios da ordem maçônica e ocupava um lugar elevado numa loja da Alta Itália. Perguntei-lhe como estava se havendo com sua ordem maçônica, e eis sua resposta: "Deixei minha loja e a ordem definitivamente, porque tive a convicção de que éramos apenas instrumentos dos judeus que nos empurravam para a destruição total do cristianismo. É a isto que a multidão dos adeptos, que não vê grande coisa, é levada pelos judeus, que tudo dirigem".

Le Monde pospunha a essa carta, da qual apresentamos um curto extrato, a seguinte conclusão: "Esse testemunho, reunido a tantos outros, autoriza, pois, pensar que a grande conspiração anticristã que nos envolve é conduzida pelos antigos inimigos de Cristo e pelos descendentes daqueles que O mataram".

Ademais, a nação judia é a única que se encontra nas condições necessárias para preencher tal papel. Sua dispersão há dezenove séculos por toda a face da terra, a posição que lhe foi imposta entre todos os povos, levaram-na a procurar os meios de manter sua nacionalidade, sua fé, suas esperanças e prover seus interesses.[1]

---

[1] Existe uma nação judia. Os próprios judeus não param de declará-lo.

Crémieux, falando da *Aliança Israelita Universal*, escrevia:

"A Aliança não é uma aliança francesa, alemã ou inglesa; ela é judia, ela é universal".

Em 1870, o mesmo Crémieux, no retorno de um congresso israelita que presidira em Berlim, dizia a respeito de todos os judeus dos diferentes países que participaram do conclave:

"Nada de sentimentos de rivalidade; um concurso completo, espontâneo, sem reservas. A diferença de nacionalidade não existe".

Em 1895, os estudantes judeus da Boêmia, naturalizados austríacos, publicaram em Praga uma declaração na qual podemos ler esta frase:

"Os judeus não são nem alemães, nem eslavos; constituem um povo à parte... Os judeus foram e continuam sendo um povo autônomo pela unidade da raça, da história, da concepção, do sentimento".

Em 1864, os *Archives Israélites* escreviam:

"Israel é uma nacionalidade. O filho nascido de pais israelitas é israelita. O nascimento atribui-lhe todos os deveres de um israelita. Não é da circuncisão que recebemos a qualidade de israelitas. Não, a

Por essa razão ela deve se constituir numa sociedade bem disciplinada, governada por chefes religiosamente obedecidos, e protegida pela mais rigorosa lei do segredo.

Graças a essa organização, os judeus, durante esses dezenove séculos, tiveram sempre, de uma extremidade a outra do mundo, relações muito ativas entre si. A extensão quase universal do seu comércio, a habilidade e a discrição de seus agentes ofereciam aos chefes da nação meios seguros e numerosos de passar palavras de ordem, de fazê-las chegar sem dificuldade aos mais longínquos países, e assim obter uma ação comum e perseverante com vistas ao resultado que deveria ser obtido.[2]

Reduzida a si mesma e sem aliança com o judaísmo, jamais a franco-maçonaria poderia ter feito aquilo que a vimos realizar.

Cabe aqui a observação feita relativamente ao século XVIII. As idéias, os interesses, as concupiscências dos diversos povos que habitam os dois hemisférios não são idênticos. Esses povos são governados por autoridades, dinastias que não têm nem as mesmas tendências, nem as mesmas ambições. Se a franco-maçonaria fosse composta apenas de indivíduos pertencentes a esses diversos países, cada qual teria os pensamentos do seu meio: a unidade de visão, a correspondência dos esforços no sentido de um objetivo oposto às tradições da nacionalidade própria e à fé da religião nacional não seriam possíveis. É preciso, pois, que os franco-maçons recebam suas inspirações de fora e que os impulsos venham de uma religião e de uma nacionalidade inimigas.

Tudo se explica se os quadros da franco-maçonaria são preenchidos pelos judeus. Os indivíduos que formam esses quadros recebem as sugestões do Poder Oculto de sua raça, transmitem-nas, e depois que as sugestões preparam os espíritos para a docilidade vêm as diretrizes.

Um indício muito evidente dessa subordinação da franco-maçonaria ao judaísmo encontra-se no simbolismo comum a uma e a outro, simbolismo adotado nos países católicos assim como nos protestantes, entre os infiéis assim como entre os cristãos.

Matéria que não pede menos reflexão é o gênero de obras realizadas pela franco-maçonaria. Tudo nela está coordenado para esse duplo objetivo: o rebaixamento das fronteiras e a abolição do dogma. Não se vê por que e como a idéia dessas duas destruições teria vindo ao espírito dos franceses e dos cristãos, se não tivesse sido sugerida de outro lugar. Mas nada mais espanta se a supusermos sugerida pelos judeus. Ela é então o fruto natural das duas grandes paixões de Israel desde a dispersão: o ódio contra Cristo e Sua obra e a ambição de submeter o gênero humano.

---

circuncisão não tem nenhuma analogia com o batismo cristão. Não somos israelitas pelo fato de sermos circuncidados; mas fazemos circuncidar nossos filhos porque somos israelitas. Adquirimos o caráter de israelitas pelo nascimento, e não podemos perder esse caráter nem nos destituirmos dele. O israelita que nega sua religião, mesmo aquele que se faz batizar, não deixa de ser israelita. Todos os deveres do israelita continuam atribuídos a ele".

Não existe exatamente nisso uma concepção patriótica, nacionalista?

"O judeu, dizem ainda os *Archives Israélites*, é de um *universalismo inexorável*".

Inexorável! Conseqüentemente, nenhuma naturalização, nenhum direito civil e político jamais fará de um judeu um francês.

[2] Em 7 de abril, Bernard Lazare reconhecia, ele também, a existência da nação judia enquanto nação, e afirmava expressamente que essa nação tinha um governo.

Os judeus não constituem um *ethnos*, mas *eles constituem uma nacionalidade*; são tipos variados, é verdade, mas qual a nação que é diversa? (p. 272)

Se os judeus não formam uma raça, *têm sido até nossos dias uma nação.* (p. 392)

Em toda parte eles quiseram permanecer judeus, e em toda parte obtiveram privilégios *que lhes permitiram fundar um Estado dentro do Estado.* (p. 7)

Os judeus entraram nas sociedades modernas *não como hóspedes, mas como conquistadores.* (p. 223)

Desde os primeiros dias do cristianismo os judeus não deixaram fosse ignorado que o ódio concebido contra Nosso Senhor Jesus Cristo e que os levara ao cúmulo de crucificá-Lo perseveraria nos seus corações.

Eles mandaram matar Seus discípulos Estêvão, Tiago Maior, Tiago Menor e Matias, culpados unicamente de pregar a doutrina do Salvador e de confirmá-la através de milagres. Eles se opuseram com raiva à propagação do Evangelho, seja açoitando os Apóstolos (Atos, V, 40), seja excitando Saulo contra os discípulos (Atos, VIII, 3); depois, com a conversão deste, eles o perseguiram com calúnias e blasfêmias (Atos, XIII, 45), com sedições que levantaram contra ele (Atos, XIII, 50 e XVII, 5), a ponto de os próprios pagãos, como Galião, procônsul de Acaia, terem de ora livrá-lo das suas bárbaras violências (Atos, XVIII, 12 e XX, 31), ora reduzir a nada suas acusações mentirosas e criminosas (Atos, XXIV, 9-10). No ano 65, em Jerusalém, eles o levaram para fora da cidade a fim de matá-lo. Lísias libertou-o, mas teve, no entanto, que concordar em satisfazê-los colocando-o na prisão, e mesmo, se tivesse poder para isso, vergastá-lo (Atos, XXIV, 7).

Os judeus foram a causa das primeiras perseguições dos pagãos contra os cristãos. "As sinagogas são as fontes de onde emana a perseguição", escreveu Tertuliano. E nos dias atuais, um protestante, Jean Réville, afirma a mesma coisa em outras palavras: "Os (primeiros) cristãos, saídos do judaísmo, não tinham piores inimigos do que os judeus".[3]

A partir do ano 44, Agripa colocou seu poder a serviço dos judeus. Nero estava rodeado de escravos judeus; Pompéia era meio judia. O historiador das perseguições, Allard, perfilha o sentimento de São Clemente, que atribui à inveja dos judeus a primeira perseguição.

Quando o imperador Severo publicou o edito através do qual proibia a propaganda judia e cristã, esse edito foi tão pouco observado relativamente aos judeus e tão cruelmente obedecido contra os discípulos de Cristo que vimos os cristãos — tão covardes em enfrentar os suplícios, e no entanto tão ligados ao culto do Deus único para que consentissem em queimar incenso diante dos ídolos — se refugiarem no seio do judaísmo.

Sob a perseguição de Décio, os judeus, diz Paul Allard,[4] assistem com uma curiosidade ardente, com uma alegria raivosa, à prova imposta aos cristãos. Ouvia-se por toda a parte suas vozes, elevando-se com o acento do triunfo. Eles se compraziam, como um mártir lhes censurou,[5] em pisotear covardemente os inimigos caídos. Como no tempo de Policarpo, foi então a colônia judia que se mostrou a mais encarniçada inimiga dos cristãos. O povo pagão observava curiosamente, mas os judeus tomavam parte, exerciam um papel ativo.

Julião, o apóstata, reconhece rapidamente, entre os judeus, seus melhores aliados na guerra surda, incessante, que ele fez aos cristãos: "Suas inimizades seculares, diz São Gregório Nazianzeno, designava-os como auxiliares daquele";[6] e estes se apressaram em tirar proveito das disposições do imperador para saciar mais uma vez seus ódios tradicionais. Vimo-los no Egito, na Ásia, incendiar impunemente as basílicas cristãs.

Sabemos que o apóstata quis de novo reunir os judeus como nação, devolver a Jerusalém seu caráter de cidade santa e, para tanto, reerguer o Templo. São João Crisóstomo conta que Julião tinha convocado para perto dele os principais dentre os judeus e que foi por sugestão deles que concebeu a idéia de um desmentido público à profecia de Nosso Senhor Jesus Cristo, tal como ela era interpretada.

---

[3] *La Religion à Rome sous les Sévères*, Paris, 1886.
[4] *Histoire des persécutions*, I, p. 373 e seguintes.
[5] *Passio S. Pionii et sociorum ejus*, 4.
[6] *Oratio*, v. 3.

Após as perseguições os judeus deram outro curso ao seu ódio. O judaísmo já se tinha introduzido na própria Igreja para fomentar a discórdia, a divisão e a heresia. Foi esta a obra de Simão, o Mago, dos gnósticos, de Manes e dos seus aderentes ou dos inimigos dEla. Esta foi a obra de todos os heresiarcas, não porque tenham sido todos da raça judia, mas porque todos seguiram-lhe as inspirações. Temos como aval dessa afirmativa Bernard Lazare, esse judeu que foi um dos grandes agentes do caso Dreyfus e ao qual a República, em reconhecimento, ergueu uma estátua. No seu livro *L'Antisémitisme, son histoire, ses causes*,[7] diz: "Esses racionalistas e esses filósofos (judeus) foram, do século décimo ao décimo quinto, até a Renascença, os auxiliares do que podemos chamar de Revolução geral da humanidade". "Os judeus averroístas foram os ancestrais diretos dos homens da Renascença. Foi graças a eles que se elaborou o espírito de dúvida e também o espírito de investigação. Os platônicos de Florença, os aristotélicos da Itália, os humanistas a Alemanha vieram deles. Foi graças a eles que Pompanazzo compôs tratados contra a imortalidade da alma; foi graças a eles ainda que entre os pensadores do século XVI germinou esse teísmo que correspondeu a uma decadência do catolicismo". Assim, segundo Bernard Lazare, é aos judeus que se deve atribuir a origem e o princípio da civilização moderna e do conflito que desde então não cessou de existir entre ela e a civilização cristã, após ter sido preparado por eles durante séculos".

"A Reforma, na Alemanha como na Inglaterra, é sempre o mesmo judeu quem fala, foi um desses momentos em que o cristianismo se retemperou nas fontes judaicas. Foi o espírito judaico que triunfou com protestantismo". "A exegese, o livro exame, são fatalmente destruidores, e foram os judeus que criaram a exegese bíblica, foram eles os primeiros a criticar o símbolo e as crenças cristãs".

Um outro judeu, Darmesteter, resume assim tudo o que pode ser dito sobre essa matéria: "O judeu pretende desvendar os pontos vulneráveis da Igreja, e ele tem a seu serviço, para os descobrir, além do entendimento dos Livros Santos, a temível sagacidade do oprimido. Ele é o doutor do incrédulo; todos os revoltados do espírito acorrem a ele na penumbra ou a céu aberto".[8] Ele está presente no imenso ateliê de blasfêmias do grande imperador Frederico e dos príncipes da Suábia e de Aragão: é ele quem forja todo esse arsenal mortífero de raciocínio e de ironia que legará aos céticos da Renascença, aos libertinos do grande século, e o sarcasmo de Voltaire é apenas o último e tilintante eco de uma palavra murmurada seis séculos antes, nas sombras do gueto, e antes ainda, no tempo de Celso e de Orígenes, no próprio berço da religião de Cristo".

Tendo tido uma participação importante na Renascença,[9] na Reforma, no filosofismo, em todas as heresias, os judeus não a tiveram menor na Revolução;[10] a prova disso seria longa; contentemo-nos com essas afirmações de Bernard Lazare: "O judeu tem o espírito revolucionário; consciente ou não, ele é um agente da Revolução". "Durante o período revolucionário os judeus não permaneceram inativos. Considerando o pequeno número deles em Paris, vemo-los ocupar um considerável lugar, como eleitores de seção, oficiais de legião, assessores etc. Seria preciso

---

[7] Essa obra, como seu título indica, foi escrita para combater a obra de Edouard Drumont. Os testemunhos que aqui recolhemos são, pois, duplamente preciosos.

[8] Nos nossos dias, as relações de Loisy com o judeu Joseph Reinach foram tornadas públicas.

[9] Flavien Brenier mostrou magistralmente que os humanistas italianos eram inspirados pelos judeus.

[10] A revista inglesa *The Mouth*, na edição de outubro de 1896, ao atribuir aos judeus as causas de morte que estão em nós, dizia: "Os judeus nem mesmo tentam dissimular que, no seu ódio eterno ao cristianismo, secundado pelos chefes da franco-maçonaria, eles foram os autores da Revolução".

O jornal judeu *Haschophet* reivindicava ainda ultimamente a Revolução como obra puramente semita, num artigo intitulado *L'agonie de l'univers romain*: "É em vão, dizia, que a tiara lute contra o cetro da Revolução judia de 1793; ela pretenderia em vão libertar-se do abraço de ferro do colosso semita que a aperta; todos os seus esforços são inúteis. O perigo é iminente e o catolicismo morre à medida que o judaísmo penetra as camadas sociais".

vasculhar os arquivos das províncias para determinar o papel geral que exerceram". "Durante o segundo período revolucionário, que começa em 1830, mostram ainda mais ardor do que no primeiro. Trabalhando pelo triunfo do liberalismo, trabalharam por eles. É fora de dúvida que através do ouro, da energia, do talento, eles sustentaram e secundaram a revolução européia... Encontramo-los misturados no movimento da jovem Alemanha; foram tão numerosos nas sociedades secretas que formaram o exército combatente revolucionário nas lojas maçônicas, nos grupos do Carbonarismo, na Grande Loja romana, em toda a parte, na França, Alemanha, Suíça, Áustria, Itália".

Na França, nesses últimos tempos, os perseguidores não têm tido amigos mais fervorosos, inspiradores mais ouvidos do que certos judeus como Lévy-Crémieux, Hugo Oberndoffer, Hemmerdinger, von Reinach, Anton e Cornelius Herz. Era a este último, judeu alemão, que os Freycinet, os Floquet, os Rouvier pediam conselho; dá-se que, no quadro da alta maçonaria internacional, Herz figurava, em 1º de março de 1881, numa lista dos inspetores gerais com esta menção: "Para as relações gerais da Inglaterra, França e Alemanha".

"Quanto à sua ação e influência no socialismo contemporâneo, diz ainda Bernard Lazare, ela foi e é, *sabe-se*, muito grande". Se bem que ele não nos conte nenhuma novidade, esse judeu não se descuida de dar as provas de suas assertivas, apresentando entre todos os povos os partidos socialistas, internacionalistas, niilistas, fundados pelos judeus ou pelo menos por eles sustentados.

Ele acaba de nos fazer vê-los nas lojas e nas lojas de retaguarda; diz alhures: "É certo que existiram judeus no próprio berço da franco-maçonaria, judeus cabalistas, como o provam certos ritos conservados. Muito provavelmente durante os anos que precederam a Revolução Francesa eles ingressaram em maior número ainda nos *conselhos* dessa sociedade e eles próprios fundaram sociedades secretas". Quer dizer, lojas de retaguarda, para daí dominar, inspirar e dirigir toda a seita.

Depois disso nossos leitores convirão que o *Univers Israélite* não disse nada demais na sua edição de 26 de julho de 1907 (p. 585): "Encontramos em quase todas as grandes mudanças do pensamento *uma ação judia, seja estrepitosa e visível, sejam surda e latente*. Assim, a história judia acompanha a história universal em toda a sua extensão e *penetra-a através de mil tramas*".

No seu livro *Le judaïsme et la judaïsation des peuples chrétiens*, Gougenot des Moussaux conta o que segue:[11]

Um dos nossos amigos, homem de Estado a serviço da grande potência germânica, um desses raros protestantes que permaneceram fiéis à devoção de Cristo, escrevia-nos no mês de dezembro de 1865:

"Depois do recrudescimento revolucionário de 1848, tive contato com um judeu que, por vaidade, traía o segredo das sociedades secretas às quais se associara e que me avisavam com oito ou dez dias de antecedência de **todas as revoluções** que iam estourar em algum ponto da Europa. A elas devo a inabalável convicção de que todos esses grandes movimentos "dos povos oprimidos" etc. etc., são combinados por uma meia dúzia de indivíduos que dão suas ordens às sociedades secretas da Europa inteira.

"O solo está realmente minado sob nossos pés".

Não são necessárias mais provas além das que acabamos de dar, — e elas poderiam ser multiplicadas — para estabelecer que desde o começo da era cristã o judeu tem sido e verdadeiramente é, em todas as coisas e sob todos os pontos de vista, o grande revolucionário e o grande heresiarca. Ele destrói por destruir, por ódio ao que existe, mas também na esperança de edificar sobre essas ruínas o Templo do qual dissemos: a Jerusalém da nova ordem, assentada entre o Oriente e o Ocidente,

---

[11] Página 367.

para substituir a dupla cidade dos Césares e dos Papas, quer dizer, a República Universal e a religião humanitária, da qual ele pretende ser o pontífice e o soberano.

CAPÍTULO XLVIII

OS JUDEUS: O LIMITE DA SUA AMBIÇÃO

Para anunciar o reino do futuro Messias, os profetas tinham empregado expressões grandiosas que, à primeira vista, podiam despertar a idéia de um domínio temporal. Na época de Nosso Senhor essas profecias recebiam dos doutores uma interpretação geralmente conforme a esta idéia: o Messias deve ser um rei temporal e Sua realeza um domínio terrestre. Com a Sua chegada as potências adversas devem levantar-se contra Ele, e a exterminação delas deve ser feita através das armas. Lê-se nos targuns[1] de Jonas sobre Isaías: "Os povos são esmagados pelo Rei Messias". A conseqüência dessa luta vitoriosa era, no pensamento dos judeus daquele tempo, o estabelecimento de um grande reino em Jerusalém, fundado pelo próprio Deus, que devia dominar o mundo inteiro. São Jerônimo (*in* Joel, III, 8) lembra essas idéias ainda em voga entre os israelitas do seu tempo.

Essas idéias sobre o futuro reino palestino entraram até no mundo pagão e foram assinaladas por Tácito (Hist. V, 13) e Suetônio (Vespas., 4).

É o que explica como, em conseqüência da multiplicação dos pães, os galileus acreditaram ter encontrado em Jesus o Messias temporal que esperavam e pensaram em apoderar-se dEle para fazê-Lo rei (Jo VI, 15). É o que explica igualmente a indignação dos judeus diante da pretensão de Jesus de ser o Filho de Deus, quando Ele parecia ao orgulho deles tão desprezível, e nEle não viam nenhuma aptidão para realizar as aspirações nacionais.

A ruína de Jerusalém, a dispersão dos judeus pelo mundo, não os fizeram perder as esperanças.

São Jerônimo, que conhecia a fundo as doutrinas judaicas, no comentário sobre a profecia de Daniel que mostra a pequena pedra se destacando do alto da montanha para quebrar a estátua de Nacubodonosor, escreve: "Os judeus interpretam essa passagem em favor deles, e recusam reconhecer Cristo nessa pequena pedra. Ela significa para eles apenas o povo de Israel tornado de um momento para outro suficientemente forte para derrubar todos os reinos da terra e fundar sobre suas ruínas seu império eterno".

Essa idéia, essa esperança, essa convicção de ser "a primeira aristocracia do mundo" e de tirar daí o direito à dominação universal é, sempre foi, o centro de todos os seus pensamentos. São Jerônimo acaba de nos dizer o que eles pensavam deles mesmos no século IV. No século XV, o douto rabino Abrahanel, Ministro das Finanças na Espanha e Portugal sob Fernando, o Católico, anunciava nos seus comentários sobre Jeremias (cap. XXX) a chegada próxima do reino do Messias, no qual se cumpriria a exterminação dos cristãos e dos gentios. E Reuchlin, na mesma época, também dizia: "Os judeus esperam com impaciência o ruído das armas, as guerras e a ruína dos reinos. Sua esperança é a de um triunfo semelhante ao de Moisés sobre os cananeus, que seria o prelúdio de um glorioso retorno a Jerusalém, restabelecida no seu antigo esplendor. Essas idéias constituem a alma dos comentários rabínicos sobre os profetas. Elas têm sido *tradicionalmente transmitidas* e inculcadas no espírito daquela nação. E assim, a qualquer tempo os israelitas estão preparados para essa vinda, limite supremo das aspirações da raça judia".

---

[1] Conjunto de traduções e comentários de textos bíblicos que datam do século VI a.C. (N. do T.)

Nos dias atuais, Bernard Lazare também diz a respeito dos da sua raça: "Povo enérgico, vivaz, de um orgulho infinito, considerando-se superior às outras nações, o povo judeu quis ser uma potência. Ele possuía instintivamente o gosto do domínio, porque em razão das suas origens, da sua religião, por sua qualidade de raça eleita que em todos os tempos ele atribuiu a si, acreditava estar colocado acima de todos. Para exercer essa autoridade os judeus não escolheram os meios. O ouro deu-lhes um poder que todas as leis políticas e religiosas lhes recusaram, e era o único que eles podiam esperar. Detentores do ouro, tornaram-se os senhores dos seus senhores, dominaram-nos, e foi esta a única maneira de desenvolverem sua energia, sua atividade".

Foi este espírito de dominação que sempre os tornou odiosos a todos os povos. "*Apud ipsos*, diz Tácito,[2] *fides obstinata, misericordia in promptu, sed adversus omnes alios hostile odium*", e São Paulo, na sua Epístola aos Tessalonicenses também diz deles: "*Et omnibus hominibus adversantur*".

Um livro que eles colocam acima da própria Bíblia tem servido poderosamente para manter esse espírito entre eles, até nossos dias: o Talmude. Auguste Rohling, professor da Universidade de Praga, traduziu-o. Algumas linhas bastarão para conhecermos o seu espírito. "A dominação sobre os outros povos deve ser o quinhão dos judeus. — Aguardando a chegada do Messias, os judeus vivem em estado de guerra contínua com os outros povos. Quando a vitória for definitiva, os povos aceitarão a fé judaica.[3] — Os não-judeus foram criados apenas para servir os judeus, dia e noite. — Deus concede todo poder aos judeus sobre os bens e o sangue de todos os povos. — O dinheiro do não-judeu é um bem sem dono, de sorte que o judeu tem o direito de tomar-lhe a posse. — Deus nos ordenou exercer a usura relativamente ao não-judeu, de maneira que nós não lhe prestemos assistência, mas que o lesemos. — Somente os judeus são homens; as outras nações são apenas variedades de animais. — As almas dos não-judeus vêm do espírito impuro e as almas de Israel vêm do espírito de Deus".[4] O povo judeu que reina eternamente sobre todo o universo, tendo todos os Goims[5] como escravos. Eis, há três séculos, o sonho desse povo, o objetivo que ele busca através de todas as vicissitudes e por todos os meios. Joseph Léman disse com muita razão: "A imaginação de Israel jamais deixou de ser povoada por um sonho de dominação universal". Páginas e livros inteiros do Talmude exprimem os sentimentos que agitam a alma judia, da qual as linhas acima dão apenas uma fraca idéia.[6]

Tais são as convicções que o Talmude e o seu ensino têm feito entrar na consciência judia. Aí está o princípio da ação que o judeu se esforça em exercer no seio dos outros povos, a fonte das suas esperanças, a justificação do seu orgulho e da ambição que quer sujeitar todos os povos ao seu império.

Aproxima-se a hora desse triunfo e dessa dominação, pensam eles. Um deles, o fundador da *Aliança Israelita Universal*, criada para apressar a vinda dessa dominação, exclamava há alguns anos, num discurso aos delegados dessa associação: "Como tudo já está mudado para nós, senhores, (desde a liberdade que nos concedeu a Revolução) e em tão pouco tempo! Quando eu era menino, os judeus não eram considerados para nada, e à medida que a idade chegou, vi-os conquistar

---

2 *Histoire*, v. 5.

3 Comparar essas palavras com as dos capítulos que seguem: O Templo. Nave Política. Nave Religiosa.

4 *Le Juif selon le Talmud*, por Rohling. Edição francesa de Pontigny. Editor Savine.

5 *Goi, Goim*, não significa "o cristão", "os cristãos", mas o "não-judeu", "os não-judeus". *Goim* são os turcos, os chineses, os negros etc.

Da mesma maneira, a palavra "judeu" também não é um nome de religião, de culto, mas um nome de povo. Os atuais judeus são em grande número livres-pensadores, cabalistas, ocultistas, espíritas etc.

6 Pode-se, para ter disso uma idéia mais completa, recorrer à obra de Gougenot des Mousseaux, capítulos IV e V, com suas cinco divisões. Pode-se ler também a obra do rabino convertido Drach. Particularmente a 2ª carta, à página 99.

em todas as carreiras uma posição elevada... Coragem, meus amigos, redobrai o ardor; quando se conquistou tão depressa e tão bem o presente, como não será belo o futuro!"

Eles pensam já estar tocando esse futuro. Eles o esperam sobretudo das idéias que semearam na sociedade cristã: liberdade, igualdade, democracia, princípios de 89.

No dia 29 de junho de 1869, no momento em que se abria o Concílio do Vaticano, os judeus quiseram ter, eles também, seu concílio. Eles o realizaram em Leipzig, sob a presidência do Dr. Lazarus, de Berlim. Figuravam aí os representantes da Alemanha, Rússia, Turquia, Áustria, Inglaterra, França, Países Baixos etc., etc.

A conclusão foi redigida, sob os aplausos de todos, pelo Dr. Philipson, de Bonn, apoiado pelo grande-rabino da Bélgica, Astruc. Ela estava assim formulada: "O Sínodo reconhece que o desenvolvimento e a realização dos princípios modernos constituem as mais seguras garantias do presente e do futuro do judaísmo e dos seus membros. Eles constituem as condições mais energicamente vitais para a existência expansiva e para o maior desenvolvimento do judaísmo".

Já referimos essas palavras; mas elas têm uma importância capital e é bom considerá-las mais de perto.

Os princípios modernos foram formulados na Declaração dos Direitos do Homem. Eles procedem todos do princípio dos princípios: a igualdade. Todos os homens são iguais. Um inglês não deve ser para um francês senão o equivalente a qualquer outro francês, sendo, um e outro, membros da família humana, homens, que não têm outros direitos além dos direitos que pertencem ao homem.

Foi o judeu, auxiliado pela franco-maçonaria, que espalhou e fez admitir essa idéia em todos os anos que precederam a Revolução. Idéia nova, porque, até então, havia franceses, ingleses, alemães, russos, como tinha havido gregos, romanos, bárbaros, cada qual tendo suas leis, suas constituições e os direitos que elas conferiam aos nacionais, com exclusão dos estrangeiros.

Os judeus, considerados estrangeiros em todos os países do mundo, tinham um soberano interesse em mudar esse estado de coisas, em se fazerem admitir e aceitar como nacionais em qualquer lugar onde se encontrassem. Foi o que obtiveram por intermédio da Declaração dos Direitos do Homem, e acabam de nos contar o partido que dela tiraram, as esperanças que ela lhes permite conceber para um futuro próximo.

Não é de admirar que o concílio dos judeus tenha reconhecido que nos "princípios modernos" se encontram "as mais seguras garantias do presente do judaísmo e dos seus membros". Se, com efeito, as nações viessem a reconhecer seu erro, viessem a repelir essa igualdade, a condição dos judeus voltaria a ser o que era outrora, raça à parte, raça infusível; eles seriam novamente tratados por aquilo que são, tratados em todo o lugar como estrangeiros.

O concílio também votou o *desenvolvimento* e a *realização* dos princípios modernos, seu desenvolvimento nos espíritos e sua realização cada vez mais perfeita nas instituições.

Nada mais fácil para o judeu. Ele forma no seio de cada Estado deste mundo um Estado particular. Em toda a parte ele tem o auxílio das associações, secretas ou não, compostas por homens de todas as crenças, ou melhor, de todas as descrenças. Ele exerce sobre essas sociedades, cuja alma cuidadosamente envolta em mistério é constituída por alguns dos seus chefes, um império que lhe permite fazê-las trabalhar em seu benefício, seja disseminando as idéias que ele tem interesse em propagar, seja elaborando as leis ou estabelecendo as instituições que essas idéias exigem. Ele tem a imensidão das suas riquezas, que crescem sem parar, e através dela os meios de ação que ele forja para formar a opinião, para sublevá-la, para fazer explodir os acontecimentos dos quais espera o progresso da sua causa. Ele tem a inflexibilidade do seu querer e a flexibilidade da sua capacidade. Ele tem singulares e maravilhosos privilégios de inteligência relacionados com suas ambições.

Assim, não devemos nos admirar de ver quão grande é o número dos cristãos que, na imprensa e no ensino, na administração e em todos os corpos civis e políticos, fazem-se cooperadores dos judeus na propagação dos grandes princípios. Sem dúvida eles não sabem o que o judeu espera da colaboração deles; eles ignoram o que o desenvolvimento dos princípios modernos deve produzir no espírito das massas, e o que a sua realização deve ocasionar nas instituições políticas e sociais. E, não obstante, o concílio de Leipzig não ocultou isso. Esse desenvolvimento, essa realização constituem, disse ele, "as condições mais energicamente vitais para a existência expansiva e para o maior desenvolvimento do judaísmo".

Qual é essa energia de vida que o judaísmo espera para si, para sua raça, da propagação das idéias modernas e do funcionamento das modernas instituições que daí decorrem, sufrágio universal e o que se segue? E qual é o maior desenvolvimento que o judaísmo espera e que essas idéias e essas instituições energicamente vitais devem obter para ele?

Esse desenvolvimento nada mais é, inútil repeti-lo, do que a hegemonia do judeu sobre toda a raça humana, sua dominação sobre todos os povos tornados súditos, escravos de Israel.

"Como tudo já está mudado para nós e em tão pouco tempo!" exclamava Crémieux após somente três quartos de século de funcionamento dos princípios modernos. E o abade Lémann, de raça judia: "Quando se percebeu que os judeus eram *cidadãos* em parte eles já eram OS SENHORES". Ele escreveu isso bem antes do caso Dreyfus, que fez ver a todos aqueles que não são vassalos dos judeus que estes são verdadeiramente nossos senhores.

Antes deles, Disraeli, outro judeu, em posicão de conhecer a verdade daquilo que afirmava, escrevia: "Em nossos dias o judeu consegue exercer sobre os negócios da Europa uma influência cujo prodígio é surpreendente".

Muitos judeus de hoje não esperam outro Messias que não sejam os princípios de 89. Eles dizem com Cahen: "O Messias veio para nós no dia 28 de fevereiro de 1790, com os Direitos do Homem". 89 é a hégira deles. Os princípios modernos são por eles considerados como a idéia messiânica e eles não pedem mais nada, nem homem, nem arma para conquistar o universo. Esses princípios nivelam todos os seus adversários, fazendo deles presa fácil; para eles oferecem a vantagem de gozar por toda a parte de duas nacionalidades; a de empréstimo, que lhes dá todos os direitos dos cidadãos do país no qual se introduziram, e a sua própria, que lhes permite se entenderem de uma extremidade à outra do mundo e concentrarem sua ação para dominar tudo.[7]

No entanto, a imensa maioria dos judeus mantém-se fiel à antiga crença, assim exposta pelo eminente rabino Drach no seu livro *L'Eglise et la Synagogue*.

"Segundo a doutrina ensinada pelos mestres de Israel, o Messias deve ser um grande conquistador, que submeterá as nações à servidão dos judeus. Estes

---

[7] O príncipe Luís de Broglie concluiu um estudo sobre *La question judie au point de vue politique* com esta observação: "... 3° Entrados nas sociedades *graças aos princípios modernos*, os judeus tornaram-se os adeptos e os propagadores mais ardentes desses princípios, os membros mais ativos da franco-maçonaria, os filhos mais devotados do livre-pensamento".

Se os chefes do *Sillon* e mesmo a Associação Católica da Juventude soubessem dessas coisas, empurrariam nossos jovens cristãos com tanto ardor para as vias da democracia? Um rabino alemão permitiu-se essa ironia a respeito deles: "Esses cristãos limitados e de vistas curtas dão-se ao trabalho de nos arrancar daqui e dali uma alma. E eles não vêem que nós também somos missionários e que nossa pregação é mais hábil e mais frutuosa do que a deles... O futuro nos pertence. Nós convertemos em massa e de uma maneira imperceptível".

Bachem fez recentemente no Landstag prussiano essa declaração: "O judaísmo alemão — a coisa é ainda mais verdadeira na França — trabalha com um poder de tal forma gigantesco e com uma perseverança de tal sorte constante para a civilização e a ciência modernas que a maior parte dos cristãos são levados consciente ou inconscientemente pelo espírito do judaísmo moderno".

retomarão a Terra Santa, triunfantes e carregados das riquezas que terão arrancado aos infiéis. Então todos os povos serão submetidos aos judeus e a estes pertencerão os bens e o poder dos vencidos.[8] É com uma saudação a esse mesmo triunfador e com a esperança dos bens que ele deve obter para o seu povo que os rabinos ordinariamente terminam seus discursos".

Aqueles mesmos que transformam o Messias em mito, como os redatores dos *Archives Israélites*, não podem se colocar em oposição declarada com os verdadeiros crentes e são freqüentemente obrigados a lhes deixar a palavra livre.

No dia 24 de março de 1864 os *Archives* publicaram uma carta de um ortodoxo de Nancy na qual se vê que, ortodoxos ou não, todos os judeus contam com a dominação universal que acreditam ter sido prometida pelo Soberano Senhor.

"Senhores, sou daqueles que pensam que nossa geração não verá o dia da grande reparação prometida. E não obstante não gostaria de afirmar o contrário em face dos acontecimentos e das transformações a que assistimos nesses últimos quinze anos!"

"Dizeis: não cremos que essa idéia — do Messias e do Seu retorno triunfal a Jerusalém — seja realizável, nem aceitável! Refletistes bem na gravidade dessas palavras? Porque elas constituem a negação completa da nossa fé e da NOSSA MISSÃO NO MUNDO! Tal não é certamente vosso pensamento; mas convém que um órgão da importância dos *Archives* não possa ser considerado como não tendo toda a consciência dos deveres como das *esperanças de Israel*. Como! não credes na *missão final* da casa de Jacó? Jerusalém seria para vós uma palavra vã? *Mas isso seria a queda imediata do nosso culto, da* NOSSA TRADIÇÃO, *da nossa razão de ser*; e desse modo seria preciso queimar logo todos nossos livros sagrados... Nosso ritual, ordinário ou extraordinário, sempre nos fala da *pátria-mãe. Ao levantamosr, ao deitarmos, ao comermos*, nós invocamos nosso Deus para que Ele apresse nosso retorno a Jerusalém, sem tardança e agora! Seriam essas palavras vãs? A repetição geral, *universal*, dessas palavras não teria mais sentido? Seria mero formalismo?"

"Felizmente não é assim; vede, caro senhor, que, se muitos dentre nós esqueceram a importância do retorno, Deus suscitou novos irmãos que compreendem às vezes melhor do que nós mesmos esse milagre, único na vida do mundo, de um povo todo disperso há mil e oitocentos anos por todas as partes do universo, sem se confundir nem se misturar em nenhum lugar com as populações no meio das quais vive! E essa incrível conservação, feita para abrir os olhos dos mais cegos, não teria nenhum significado, nenhum valor para nós e para o mundo?"

"... Mas olhemos o horizonte e consideremos três sinais resplandecentes que nos maravilham. Três palavras, três coisas têm o privilégio de ocupar todos os espíritos e absorver a atenção do tempo presente: NACIONALIDADES, CONGRESSO, SUEZ."

"Muito bem! a chave desse tríplice problema (povos que entram na posse deles mesmos para se unificarem, e unificar, com a ajuda do fio elétrico e do vapor, as diversas regiões do mundo), a chave dessa tríplice solução é Israel, é Jerusalém! Disse acima, *toda a religião judia está fundada na idéia nacional*. — E tenha-se ou não consciência disso — não há uma pulsação, uma aspiração dos filhos de Israel que não seja pela pátria. Repito, seria preciso fechar nossos livros, do primeiro ao último, se devêssemos expulsar Jerusalém dos nossos pensamentos!"

"E essas aspirações, esses pensamentos não constituem somente uma coisa íntima, pessoal da nossa raça, mas é uma necessidade universal; é a realização das palavras dos profetas; que digo? das palavras de Deus..."

---

[8] Na escola que eu freqüentava, em Estrasburgo, conta Drach, as crianças tomaram a resolução de, na primeira aparição do Messias, roubar todas as confeitarias da cidade... Fiz durante muito tempo, sozinho, o inventário de uma bela confeitaria no canto da Praça de Armas, cuja propriedade queria para mim". Drach, *Deuxième lettre*, p. 319. Paris, 1827.

"Ainda uma palavra, caro senhor. Aproximamo-nos do dia do aniversário da saída de nossos pais israelitas do Egito. Na noite do dia 20 de abril, *por toda a terra*, um povo disseminado há quase dois mil anos, no mesmo dia, na mesma hora, ergue-se subitamente como um só homem. Segura a taça da bênção colocada diante dele, e com uma voz fortemente acentuada, repete três vezes o seguinte magnífico brinde: NO PRÓXIMO ANO, EM JERUSALÉM. Direis ainda que o restabelecimento da nação judia não é realizável nem aceitável? — Lévy Burg".

Esta carta deveria ser reproduzida por inteiro. Citemos ainda, pelo menos, esta passagem que mostra como, no pensamento dos judeus, o retorno a Jerusalém leva sua dominação sobre todo o gênero humano através de uma Convenção ou de um Tribunal encarregado de governar todos os homens. "Não é *natural*, NECESSÁRIO, exista um *tribunal supremo*, ao qual sejam submetidas as grandes questões públicas, as queixas entre nações, que julgue em última instância, e cuja palavra faça lei? E essa palavra é a palavra de Deus, pronunciada por seus filhos primogênitos (os hebreus), e diante da qual se inclinam com respeito todos os príncipes, quer dizer, a universalidade dos homens".[9]

Povo, precisas de um juiz supremo, infalível. Reconhece em mim não somente o povo-rei, mas o povo-papa.

Como complemento dessa carta pode ser reproduzido um extrato de um relatório feito pelo doutor Becchanan, em 1810, à igreja anglicana. "Durante minha estada no Oriente, encontrei por toda a parte judeus animados da esperança de retornarem a Jerusalém e verem seu Messias... Eles acreditam que a época de sua libertação não está muito distante e observam as revoluções que agitam o universo como presságios de liberdade. Um sinal certo da proximidade da nossa libertação, dizem eles, é que em quase todos os países diminuem os perseguidores suscitados contra nós. Israel acredita, pois, estar próximo, muito próximo, o momento em que as profecias messiânicas vão se realizar no sentido que ele sempre lhes deu".

Devemos temer ver realizado o seu sonho?

A tradição cristã fala-nos do Anticristo e confere-lhe as mesmas características que os judeus atribuem ao seu Messias.

Ora, como observa Mousseaux, "sob nossos olhos, *de uma extremidade à outra da terra*, o mundo político, econômico e social, conduzido ou arrastado pelas sociedades do mundo oculto, do qual os judeus são os príncipes, pôs-se a tramar, simultaneamente em todos os lugares e com um ardor incansável, a grande *unidade cosmopolita*. Assim se designa, na linguagem de hoje, o sistema do qual sairá a abolição de todas as fronteiras, de todas as pátrias, ou, se se deseja, a substituição da pátria particular de cada povo por uma grande e universal pátria, que seria a pátria de todos os homens".[10]

A república universal e a religião humanitária pedem uma língua comum. Vários ensaios são feitos neste momento para criá-la e fazê-la adotar: o Ido, o Volapuck, o Esperanto. Muitos avaliam que aí estão tentativas judeu-maçônicas, que entram nos meios empregados pela seita para preparar o nivelamento dos espíritos e das nações. Entre outros indícios que permitem pensar assim, a estrela maçônica não é a insígnia preferida dos esperantistas? O criador do Esperanto, o Dr. Zamenhof, é um judeu. Deve-se sempre desconfiar daquilo que vem deles.[11]

---

[9] *Archives Israélites*, 1864, pp. 335 a 350.

[10] Além disso, já vimos, a substituição de todas as religiões pela religião humanitária que seria, também ela, a religião de todos os homens.

[11] Existia a língua universal da cristandade; ela existe ainda a serviço da civilização católica: o latim. Reclus, apesar de não ser nada cristão, no seu livro *Le Partage du Monde*, diz do latim: "Sua glória eterna foi ter modelado os homens após tê-los comandado através do verbo mais sonoro, mais conciso, mais elegante, mas imperial como jamais houve; foi, ao trazer atrás de si a ciência, a filosofia, a arte dos gregos, ter instruído o Ocidente e, através do Ocidente, o mundo; foi ter dado aos idiomas que submetiam a si o orbe das terras, as palavras de todos os conhecimentos que elevam os homens acima da

Ora, essa unanimidade exige uma cabeça. E, pois, os judeus não se contentam em esperar, em chamar com seus desejos seu Messias dominador do mundo; eles prepararam os caminhos através desse trabalho secular que este livro mostra aos leitores.

Assim é que podemos chamá-los de *mestres-de-obra*.

Esta seria a grande obra do Poder Oculto que está à testa de todas as sociedades secretas que cobrem o mundo,[12] que as inspira e que dirige a ação de todas em direção ao objetivo que ela bem conhece, mas esconde tanto quanto possível aos cristãos que transformou em seus servidores e instrumentos.

Com eles, ou pelo menos com o concurso deles, o Poder Oculto trabalha, desde agora, para uma completa expropriação, a fim de que, não estando mais ligados a nada, os povos deixem-nos se apoderarem de tudo: vimos os franceses desapropriados das suas tradições ouvirem os que se esforçam para desapropriá-los da sua nacionalidade e mesmo da sua religião. Eles estão se despojando até mesmo de suas riquezas.

Emile Cahen, auditor no Conselho de Estado, acaba de ser encarregado pelo Ministro do Trabalho de investigar as causas das crises econômicas. Ele próprio judeu, não fará figurar entre essas causas os grandes saques judaicos. Fomos levados — por quem e como? — a confiar ao estrangeiro trinta e seis bilhões de francos dos nossos haveres. É Arthur Meyer quem dá os números. A liquidação da fortuna da França, sua transformação em papéis, logo, quer dizer, em folhas mortas, é uma das coisas que deve contribuir para fazê-la desaparecer como nação; e sabe-se que é sobre ela, a filha primogênita da Igreja, que o Poder Oculto quer triunfar em primeiro lugar. Mas os outros povos também estão sob a ação dessa bomba sugadora que é o judaísmo.

---

animalidade: artes, ciências morais, ciências sociais, ciências políticas, ciências econômicas, o direito, a história, a geografia, a matemática; foi ter sido e continuar sendo a língua do catolicismo universal. Numa palavra, o tesouro mais precioso da humanidade civilizada é o latim, e o mais das vezes, não esqueçamos, o latim que passou pela idéia francesa.

[12] Não se deve imaginar que as relações dos judeus com a franco-maçonaria estejam restritas aos limites da Europa ou da América. (Ver acima). As sociedades secretas encontram-se por todos os pontos do mundo e parecem obedecer em toda a parte a uma só e mesma direção.

As relações da franco-maçonaria européia com a China puderam ser verificadas pelos franceses em suas expedições ao Tonkin e a Annam. Pessoas muito bem informadas asseguram que os desenganos encontrados ali pela República são atribuíveis à sociedade Tien Si Hevi (Céu e Terra). Os lugares pelos quais passou o exército francês estavam cheios de signos misteriosos e de ameaças maçônicas endereçados aos iniciados europeus que eram conjurados a não usarem suas armas contra seus *irmãos* orientais.

Duas sociedades secretas aterrorizam a Indochina: a Nghia Hung e a Nghia Hou. A primeira tem por bandeira a cor amarela, a segunda a cor verde. Numa e noutra as reuniões são feitas em pagodes especiais, seus membros estão ligados por um segredo absoluto, apóiam-se até à morte. Essas maçonarias indígenas são absolutamente inimigas da França.

Um chinês que esteve na França, Ting-Toung-Ling, publicou, em 1864, um livro sobre a franco-maçonaria chinesa. Na França ele se filiou à R∴L∴ *La Jérusalem des Vallées Egyptiennes*. Rosny, professor na Escola das Línguas Orientais de Paris, foi encarregado de servir de intérprete ao recipiendário. Deste soube que existem na China associações idênticas às nossas lojas e igualmente unidas entre si através de juramentos invioláveis.

Rosny manteve igualmente contacto com um outro franco-maçom chinês de um grau mais elevado, Sun-Yung. Sua conclusão é que, na Ásia como na Europa, a franco-maçonaria é simultaneamente filosófica e revolucionária.

O vice-rei de Yun-nan afirmou a François, cônsul da França, que as sociedades secretas são a tal ponto poderosas na China, que ele próprio estava obrigado a servir-lhes de instrumento. Acrescentou que elas são *internacionalizadas* pelos estrangeiros que estão na China.

Vemos como, no momento propício, o mundo inteiro poderá ser sublevado e conturbado pela satisfação das ambições de Israel.

O Dr. Ratzinger disse com muito acerto: "A expropriação da sociedade pelo capital móvel efetua-se com tanta regularidade como se fosse uma lei da natureza. Se nada se faz para detê-la, no espaço de cinqüenta anos, ou quando muito em um século, toda a sociedade européia será entregue, de pés e mãos amarrados, a algumas centenas de banqueiros judeus". Toda a sociedade européia: é dizer pouco. A América e a Ásia estarão igualmente à mercê dos banqueiros judeus. A bancarrota americana bem mostrou que o poder deles é tão grande no novo mundo quanto no antigo, e ninguém ignora que o Japão e a China começam hoje a pedir-lhes os meios para se "civilizarem".

Gougenot des Mousseaux mostra no seu livro a "imensidade", a enormidade do poder que o judeu deve ao seu ouro, à sua arte inimitável de fazê-lo seu, ao instinto, ao talento, ao gênio de que ele é dotado para erguer acima de toda altura seu ninho e de equilibrá-lo de tal sorte que abalá-lo equivale a abalar o mundo.

Jamais como nos nossos dias as finanças foram o nervo da guerra e da paz, a alma da política e da indústria, do comércio e da felicidade das famílias, e jamais esse poder teve, como nos nossos dias, por domicílio ou cidadela o cofre-forte do judeu, nem aí se concentrou de maneira tão prodigiosa e tão formidável.

E através do ouro o judeu nos possui, porque o orgulho, o luxo, a luxúria, a sede de todo poder e de todo gozo tomaram conta de nossas almas. Ele não nos largará senão diante da ressurreição da *educação cristã*, que inspira ao homem humildade, moderação, honestidade, sobriedade, devotamento, consideração e respeito pelo fraco e pelo pobre.

O padre Ratisbone,[13] de raça judia, observa que "os judeus dirigem a Bolsa, a imprensa, o teatro, a literatura, as administrações, as grandes vias de comunicação terrestres e marítimas; e pela ascendência de sua fortuna e do seu gênio, eles mantém encerrada na hora presente, como numa rede, toda a sociedade cristã".

Nessas condições, que aconteceria, pergunta Gougenot des Mousseaux, "se algum agitador, se algum conquistador, erguendo o estandarte do Messias e com a fronte coroada pela auréola que sobre ela lançaria o dia glorioso da vitória, se fizesse passar pelo desejado de Israel? A imensa maioria, o verdadeiro núcleo da raça judaica o aclamaria. Quanto à minoria menos crente, o acontecimento reconstruiria sua fé desfalecida segundo o modelo da fé dos seus pais".

E não somente isso, mas, continua Gougenot des Mousseaux, "se através de todo o poderio das revoluções modernas, um homem se encontrasse subitamente senhor das vontades e das forças de um povo, poderíamos negar, independentemente da linguagem profética das Escrituras e da Igreja, que dentro das circunstâncias preparadas de longa data pelos revolucionários do mundo inteiro, um só homem, um desses corifeus da revolução que fascinam e arrastam as multidões, possa, num instante, encontrar-se nos lábios, nos desejos e à frente dos povos ardentes em canalizar as maravilhosas aptidões da sua pessoa rumo ao objetivo final de suas aspirações", dessas aspirações para o gozo sem limite que inflama a civilização moderna?[14]

Mousseaux acrescenta: "Quando, no domínio do pensamento, cada agente destruidor realizar seu papel, com que velocidade de raio — no século do vapor e da eletricidade, quer dizer, num século de miraculosos encurtamentos de tempo e de espaço — virão desabar sobre nós os acontecimentos mais carregados de surpresas! Acontecimentos que não deixarão de parecer tão longínquos, tão impossíveis para aqueles que não sabem ver nem crer, como parecia, aos contemporâneos de Noé, o dilúvio universal, na própria véspera do dia em que o cataclismo, profetizado há tanto tempo, transtornou a terra".

---

[13] *Question Juive*, página 9.
[14] Deve-se ler por inteiro o capítulo XIII do livro *Le Juif, le Judaïsme et la Judaïsation des Peuples Chrétiens*.

———— ♦ ————

O TEMPLO

IV. — O GRANDE ARQUITETO

CAPÍTULO XLIX

SATÃ: SEU REINGRESSO NO MUNDO CRISTÃO

Existirá, acima dos maçons e acima dos mestres-de-obra, um ordenador supremo das demolições religiosas e sociais, um arquiteto do edifício a que elas devem dar lugar, o artista-engenheiro do Templo que deve se erguer sobre as ruínas da Igreja?

O conde de Anthémarre estabeleceu, na *Revue Catholique des Institutions et du Droit*, que "o Ser Supremo na presença e sob os auspícios do qual a Revolução proclamou os 'Direitos do Homem' e quis estabelecer 'o culto da natureza' não era, no pensamento dos principais autores da Declaração e da nova religião, o Deus que o céu e a terra adoram, mas Satã,[1] designado por esse nome de Ser Supremo ou de 'Grande Arquiteto' na linguagem cheia de mentiras e de obscuridades calculadas que as lojas construíram para ocultar aos profanos seus pensamentos e o objetivo que a seita busca. É a esse deus que os verdadeiros iniciados querem erguer o Templo simbólico no qual esperam poder reunir todos os humanos sob um mesmo cetro e um mesmo culto".

Eles já lançaram seus olhares cobiçosos sobre os nossos santuários, com vistas a usá-los para esse culto, assim como fizeram os teofilantropos após a inauguração que dele fez Robespierre. "Se as velhas arquiteturas erguidas pela fé dos séculos permanecem de pé, disse um dos chefes da seita, o triângulo instalará aí a solenidade dos seus rituais; os curas de Notre-Dame cederão seus presbitérios aos pastores do Grande Oriente". E o I∴Blatin, na segunda sessão da convenção de 1883: "Nesses edifícios erguidos há séculos em todos os lugares para as superstições religiosas e para as supremacias sacerdotais, seremos talvez chamados, por nosso turno, a pregar nossas doutrinas; e no lugar dessas salmodias clericais que ainda ressoam serão os

---

[1] "O gênio do mal, diz Joseph Lemann, recebe diferentes nomes na Escritura. O principal é Satã. Satã em hebreu significa *adversário*, o adversário! Diabo, que é também seu nome, significa *caluniador, acusador mentiroso*. Ele é igualmente chamado de demônio, que quer dizer *mau gênio, tentador*.

"Ele é o Demônio, o Diabo, relativamente aos homens, tentando-os, caluniando-os, acusando-os mentirosamente. Mas ele é Satã relativamente a Deus; o adversário de Deus! Seu sonho é ser usurpador. Ele foi o usurpador dissimulado na época da Declaração dos Direitos do Homem. Ele é agora o usurpador reconhecido pela apostasia oficial".

Caluniador, acusador mentiroso. Sim; e por aí o diabo bem mostra ser o pai e o doutor da franco-maçonaria e das suas insinuações.

Mau gênio, tentador. Sim, ainda, e cada um de nós sabe-o bem demais.

Adversário de Deus, contra Deus. Não. Satã é uma inteligência por demais elevada para querer medir-se com o Infinito. Mas adversário de Jesus Cristo, o Homem-Deus, o princípio da ordem sobrenatural na qual o orgulho de Lúcifer e dos seus seguidores não lhes permitiu entrar e que, agora, subtrai os cristãos, os discípulos e os membros de Cristo, ao Seu domínio. Isto veremos mais adiante.

martelos de duas cabeças, as baterias e as aclamações da nossa ordem que farão retumbar as grandes abóbadas e os imensos pilares”.[2]

No ano seguinte, no dia 24 de fevereiro de 1884, o I∴ Masson, delegado da loja *Os Amigos da Independência*, reproduziu a assertiva do I∴ Blatin, invocando a autoridade deste.

Essas palavras não representam vã jactância.

Já somos testemunhas dos primeiros esforços da seita para chegar a seu objetivo. Nossas igrejas não mais nos pertencem. Nelas, nossa presença é apenas tolerada. Quando cessar a boa vontade da seita deveremos evacuá-las.

Enquanto aguarda o dia no qual julgará bom apossar-se das igrejas, ela dispõe os espíritos a acolherem essa transformação, fazendo desaparecer pouco a pouco o nome de Deus e glorificando o de Satã.

A primeira parte do programa é visível: todas as leis, e particularmente a lei escolar, são feitas para realizá-la. A colocação em prática do segundo artigo deve ser mais discreta. Tendemos para isso. Conhecemos a horrenda saudação endereçada a Satã por Proudhon e a não menos odiosa proferida por Renan. Michelet profetizou seu triunfo e Quinet queria “sufocar o cristianismo na lama”, a fim de que religião de Satã pudesse ocupar seu lugar.

Seu culto começa a se desenhar. O nome de templo dado pelos franco-maçons a seus lugares de reunião, o altar que aí se encontra, os ornamentos que os dignitários ostentam, as cerimônias que realizam, tudo isso indica um culto, um culto que se destina a alguém completamente diverso de Deus, seus Anjos e seus Santos.[3]

A religião satânica tem seu hinos, mesmo fora dos templos maçônicos: a infame canção que põe nos lábios do povo cristão o desejo de ver Cristo relegado à estrebaria e a Virgem à latrina. Ela tem seus sacramentos. Há o batismo maçônico que faz nascer os “lobinhos”; há o enterro maçônico dito “civil”, e há o casamento maçônico.[4] O *Chaîne d’Union*, jornal da franco-maçonaria universal, na sua edição de

---

[2] Na discussão do projeto de lei sobre a separação entre a Igreja e o Estado, Groussau relatou estas palavras. Limousin, diretor do *Acacia*, numa carta ao *Figaro*, pareceu pôr em dúvida a exatidão dessa citação. Groussau logo escreveu ao *Figaro*: “Tenho o texto à mão no ‘*Bulletin du Grand-Orient de France*”, pp. 526, 631, 645”.

[3] Em 1893, o Palácio Borghese, em Roma, foi locado ao Grande Oriente da Itália. Dois anos mais tarde, em virtude de uma cláusula inscrita no contrato, a franco-maçonaria recebeu intimação para desocupar a parte do palácio que ocupava. O *Corriere Nazionale* publicou então o que segue. Tendo-se apresentado o procurador da família Borghese para vistoriar esses apartamentos e deixá-los em estado de serem ocupados por D. Cipião Borghese e pela duquesa de Ferrari, encontrou uma sala que permanecia fechada e que só foi aberta sob ameaça de invocar a força pública para arrombar a porta. A sala fora transformada em “templo satânico”. O jornal deu essa descrição: “As paredes estavam cobertas de damasco vermelho e negro; no fundo havia uma grande tapeçaria sobre a qual se destacava a imagem de Lúcifer. Bem perto ficava uma espécie de altar ou de pira; aqui e ali triângulos e outras insígnias maçônicas. Ao redor estavam enfileiradas magníficas cadeiras douradas, cada qual com uma espécie de olho transparente e iluminado por luz elétrica acima do espaldar. No meio desse templo havia alguma coisa semelhante a um trono”.

[4] Na convenção de 1890, na quarta sessão, em 11 de setembro, pôs-se a questão dos ritos fúnebres negligenciados depois de um certo número de anos. Inicialmente, pareceu aos membros da convenção que a maçonaria devia se esforçar para alcançar o mais rapidamente possível seu objetivo através da agitação política e que o dinheiro de que ela dispunha teria melhor emprego nessa direção do que nas manifestações simbólicas. Eles sentiram instintivamente um perigo no abandono dos ritos e se opuseram a isso. “É que, como observa Georges Bois, se a maçonaria é em última análise, sob seu último segredo, uma manifestação do satanismo, ela não poderia, sob pena de não ser mais ela mesma, ficar sem um culto, nem evitar de insultar, arremedando-o, o culto rendido a Deus. As cerimônias maçônicas do batismo, do casamento, do rito fúnebre, esforçam-se em imitar as cerimônias do culto católico, enquanto aguardam o dia em que a maçonaria triunfante poderá apossar-se das igrejas e das catedrais dos católicos”.

janeiro-fevereiro de 1881, iniciou-nos nos ritos desse sacramento das famílias devotadas a Satã.

Essa religião tem também os seus doutores. *La Tribune Pédagogique*, jornal feito por professores para professores, falou de Satã nestes termos:

"Para a Igreja Católica, Satã é o inimigo. A esse título, *ele é simpático* para muitas pessoas.

"Satã não é somente a negação de toda fé religiosa, mas ainda a difusão de toda ciência. No cérebro dos pensadores ele é o espírito de exame, de crítica e de pesquisa filosófica, representando a ciência e a filosofia unidas contra o obscurantismo.

"Mas Satã, a título de protesto contra a doutrina eclesiástica, representa ainda a natureza. Ele põe no coração do jovem o que há de melhor e mais doce no mundo: os desejos amorosos. Ele acende em nós todas as paixões generosas: se valemos alguma coisa, é a ele que o devemos".

Não esqueçamos, é um jornal pedagógico que dita essas lições aos professores para que eles as repitam às crianças.

Os maçons italianos, mais insolentes do que o são, pelo menos atualmente, os maçons da França, fundaram em Ancona um jornal intitulado *Il Lucifero*; em Livorne um outro jornal, *Il Ateo*. "Satã é nosso chefe", disseram os redatores desses jornais na sua profissão de fé. Eles ousaram mesmo, na terça-feira de carnaval de 1882, apresentar Satã no teatro em Alfieri e em Turim, para cantar-lhe hinos, oferecer-lhe "incenso e promessas", e anunciar ao povo sua chegada "sobre uma carruagem de fogo" e seu reino próximo sobre toda a terra.

O hino de Giosue Carducci exprime o desejo que dali em diante o incenso e as homenagens dos hinos sejam endereçados a Satã, "aquele que se insurgiu contra Deus".[5]

No dia 22, na inauguração do monumento de Mazzini em Gênova, foi conduzida em cortejo uma bandeira negra com uma estátua de Lúcifer na ponta da haste. Após essa demonstração, o círculo anticlerical de Gênova endereçou à *Unita Cattolica* de Turim uma carta na qual anunciava que se propunha a colocar, quando o momento chegasse, a bandeira de Satã sobre todas as igrejas da Itália, notadamente sobre o Vaticano.

Novamente, em 20 de setembro de 1883, em dois bairros dessa mesma cidade de Gênova, em Caprona e em São Frutuoso, bandeiras negras nas quais tinha sido bordada a imagem de Satã triunfador foram conduzidas com grande pompa. O jornal *Epoca* disse no dia seguinte: "Grasnai quanto quiserdes, ó agonizantes corvos negros!

---

[5] Entre as coisas perturbadoras deste tempo, eis uma para a qual é preciso chamar particularmente a atenção:

Tendo um assinante do *Avvenire d'Italia* proposto se fizesse, no primeiro dia do ano de 1905, uma *piedosa peregrinação* à casa desse poeta de Satã, vice-grão-mestre da franco-maçonaria italiana, a folha democrata-cristã apressou-se em manifestar sua plena aprovação.

"O ilustre poeta, disse ela, não ignora que nossa admiração por ele é tanto mais sincera pelo fato de o termos combatido quando acreditamos ser do nosso dever. Nossa homenagem, neste momento, e nossa iniciativa nada mais farão do que melhor deixar ver o legítimo orgulho que temos de exprimir em toda matéria essa serenidade e essa objetividade que enobrecem a missão do jornalismo".

Giosue Carducci goza há muito tempo do favor dos democratas-cristãos: suas *Œuvres* figuravam no número dos livros vendidos em Roma nos escritórios da *Sociedade de Cultura* do abade Romolo Murri, quando ele ainda era considerado pelos democratas-cristãos como seu chefe.

Eis, porém, o mais espantoso. Os italianos celebraram, em 1909, o centenário de nascimento de Carducci. Nessa ocasião a Universidade da França glorificou-o na Sorbonne. Mas o que ultrapassa tudo é o fato de que um dos mais qualificados dentre nossos jornais católicos consagrou seu *Premier-Paris* de 22 de junho de 1909 ao elogio do cantor de Satã. "Esse poeta não é somente o maior nome da literatura italiana recente, ele se equipara aos mais ilustres do passado". Temos aqui um exemplo muito digno de nota das "influências cuidadosamente cobertas" que conseguem infiltrar o que eles querem nos meios mais católicos.

doravante vossas maldições, vossos sermões, vossas lendas não passarão de um eco de cavernas desertas. *Satã* não tardará a triunfar inteiramente".

No Consistório de 20 de junho de 1889, Leão XIII viu-se obrigado a protestar contra a exibição pública da bandeira de Satã na cidade santa.[6] Foi em razão da inauguração da estátua de Giordano Bruno, monge apóstata e de costumes devassos.

O culto de Satã procura introduzir-se por toda a parte.

Em outubro de 1905, um rico alemão residente nos Estados Unidos, Herman Menz, levantou uma estátua a Satã sobre um montículo que se ergue no meio da sua propriedade de campo, a pouca distância de Nova Iorque. A estátua tem cinco metros de altura, sem contar o pedestal. Ela representa Lúcifer "acocorado como um fauno sobre uma pedra e prestes a pular sobre o mundo; sua cabeça está ornada com os dois chifres tradicionais e uma das mãos segura o cabo de um forcado". Hermann Menz distribui gratuitamente brochuras na qual proclama sua fé num diabo único.

Em janeiro de 1906, um clube de Nova Iorque, o *Thirteen*, inscreveu solenemente o diabo no número dos seus sócios perpétuos.

Também entre nós Satã é publicamente glorificado.

O ex-abade Charbonnel, que se entregou ao espiritismo ainda quando usava a sotaina, veio a Lille fazer uma conferência, presidida pelo I.·. Debierre, e aí, na capela dos Redentoristas, proferiu as piores blasfêmias contra Deus e glorificou Satã.

Um canadense, J. Chicoyne, contou no *Vérité* de Quebec, por ocasião da morte de Louise Michel, o que vira e ouvira entre nós em 1880.

A virgem vermelha voltava do exílio.[7] Uma grande manifestação em sua homenagem foi organizada no dia 18 de setembro. J. Chicoyne estava lá, em companhia de dois jornalistas parisienses e um luxemburguês. O salão, presidido por Rochefort, podia conter cinco mil assistentes. A frase de Blanqui, "Nem Deus nem senhor", serviu de tema aos mais hediondos discursos.

"Um dos mais brilhantes sucessos oratórios da reunião foi alcançado por uma espécie de energúmeno que se fez apologista de Lúcifer.

"Se a lenda dos anjos rebeldes pudesse ser aceita, disse ele, o chefe deles deveria ser objeto de veneração. Ele foi o primeiro ser que soube resistir à autoridade. Ele pode ser o padroeiro de todos os que lutam pela liberdade e pela emancipação".

"Viva Satã!" gritou alguém na multidão.

"Viva Satã!" repetiram cinco mil vozes com um calor e uma alegria que beiravam o delírio.

"Foi um espetáculo pouco banal ver semelhante multidão presa de tal vertigem ao aclamar o anjo decaído".

---

[6] Quando Leão XIII falou, a *Rivista della Massoneria Italiana*, tomo XVI, pp. 356-357, disse: "Vexilla regis prodeunt Inferni" [Avançam os estandartes do rei do inferno — N. do T.], disse o Papa. Muito bem! sim, sim, os estandartes do Rei dos Infernos avançam..." A mesma *Rivista della Massoneria Italiana* dissera antes (tomo X, p. 265, col. 1, linhas 37 e segtes., col. 2, linhas 1 a 25):

"... O gênio do Futuro, o Deus para nós, introduz em nós o germe da nova Lei do Bem... Sua alma nega que o bem-estar social se encontre em fugir da animalidade humana (*sic*), porque o bem-estar social é realmente a conseqüência da animalidade humana (*sic*). O edifício social que está desabando tem necessidade de uma pedra angular (triangular). É o *Nosso Deus* que a assentará. E essa pedra angular estará sobre a terra e não nos Céus.

"Saudai o gênio renovador, ó vós que sofreis. Levantai vossas cabeças, meus II.·., porque ele está chegando, Satã-o-Grande".

[7] Revolucionária francesa (1830-1905), foi professora primária em Paris em 1870, combatendo ao lado dos partidários da Comuna. Deportada para a Nova Caledônia, anistiada em 1880, continuou a propaganda revolucionária e foi várias vezes condenada. (N. do T.)

Antes de o populacho ter gritado, o mundo, o mundo das academias, vira seu jornal, o *Journal des Débats* (edição de 25 de abril de 1855), reclamar a reabilitação do demônio:

"Dentre todos os seres outrora malditos, perdoados dos seus anátemas pela tolerância do nosso século, Satã é, sem objeção, o que mais lucrou com o progresso das luzes e da civilização universal. A Idade Média, que nada permitia à tolerância, fê-lo à sua vontade mau, feio, torturado... Um século tão fecundo em reabilitações de todas as espécies como o nosso não podia deixar de encontrar razões para escusar um revolucionário infeliz que a necessidade de ação atirou em arriscados empreendimentos... Se nos tornamos indulgentes para com Satã, é porque Satã perdeu uma parte da sua maldade e não é mais esse gênio funesto, objeto de tantos ódios e terror. O mal, nos nossos dias, é evidentemente menos forte do que outrora. Era permitido à Idade Média, que vivia continuamente na presença do mal forte, armado, guarnecido de ameias, votar-lhe esse ódio implacável... Nós, que respeitamos a centelha divina em toda a parte em que ela reluz, hesitamos em pronunciar decretos excludentes, com medo de envolver em nossa condenação algum átomo de beleza".

Aquilo que mais adiante diremos acerca da religião de Satã, daquela para a qual a civilização moderna quer reconduzir os cristãos, quer dizer, o culto da natureza, fará compreender as razões dessa defesa de Lúcifer, feita pelo jornal dos mundanos e dos intelectuais.

Essa inclinação por Satã vem dos judeus.

Desde antes de Nosso Senhor Jesus Cristo, mas sobretudo depois da dispersão, certos judeus praticaram as doutrinas e os ritos da Cabala negra ou mágica, que outra coisa não é senão a quintessência da idolatria, a religião e o culto direto dos espíritos decaídos, dos demônios, que ensina os meios de se pôr em contactos imediatos com eles. "É certo, diz o I∴ Eliphaz Lévy, que os judeus, os mais fiéis depositários dos segredos da Cabala, têm sido quase sempre, na magia, os maiores mestres da Idade Média". Não é sem razão que duas vezes, no Apocalipse, o fariseu e sua descendência foram denominados pelo Divino Salvador de "sinagoga de Satã", quer dizer, igreja do diabo.

Foi, pois, dos judeus que os franco-maçons receberam o culto que, no modo de pensar deles, deve um dia substituir o culto de Cristo. "Seus chefes reais, diz Gougenot des Mousseaux, vivem numa estreita e íntima aliança com os membros militantes do judaísmo, príncipes e iniciadores da Alta Cabala". "Foram os judeus, diz também o professor de magia Eliphaz Lévy, depositários dos caldeus sabeístas[8] saídos de Cham — os quais, segundo uma opinião largamente aceita pela ciência (mágica), eram os herdeiros da doutrina dos filhos de Caim — que nos ensinaram essa ciência". "A Cabala judaica, diz por seu turno Monsenhor Meurin, no seu livro *La Franc-Maçonnerie, synagogue de Satan*[9] — e toda a sua obra foi escrita para provar essa afirmação — a Cabala judaica é a base filosófica e a chave da franco-maçonaria". O padre apóstata, Eliphaz Lévy, que acabamos de citar, acrescenta às palavras reproduzidas que "os ritos religiosos de todos os iluminados, Jacob Bœhme, Swedenborg, Saint-Martin, foram tomados emprestados da Cabala, e que todas as associações maçônicas devem a ela seus segredos e seus símbolos".

O *Osservatore Romano* não pensa de maneira diferente. No dia 1° de outubro de 1893 publicou um artigo sobre a franco-maçonaria no qual diz: "A franco-maçonaria é satânica em tudo: na sua origem, na sua organização, na sua ação, no seu objetivo,

---

[8] Membro de uma seita judaico-cristã da Mesopotâmia, mencionada no Alcorão, de inspiração gnóstica, e eivada de magia e astrolatria. (N. do T.)

[9] Introdução, p. 7. Ver também as últimas trinta páginas do livro de Gougenot des Mousseaux *Le Juif, le Judaïsme et la Judaïsation des Peuples Chrétiens*.

nos seus meios, no seu código e no seu governo, porque ela se tornou uma só e mesma coisa com o judaísmo. E ela é mesmo a maior força e o principal exército do judaísmo, buscando banir da terra o reino de Jesus Cristo para substituí-lo pelo reino de Satã".[10]

Em 1888, Bossane, antigo contador dos Correios em Saint-Félicien, em Ardèche, demitiu-se da *Loja dos Amigos dos Homens* de Annonay. Com rara coragem, fez questão tornar pública sua demissão; e, para divulgá-la, escreveu uma carta ao *Courrier de Tournon*, na qual diz: "Cansado de ter de assistir a reuniões em Annonay, Lyon, Valence, Viena, Genebra e Lausanne, sem nada ter aprendido, e não pretendendo ascender aos graus supremos para não ter de guardar segredos, pude relacionar-me com altos dignitários de diferentes nacionalidades. *O que aprendei e o que me deixaram adivinhar é monstruoso...* O CULTO MAÇÔNICO É O CULTO DE SATÃ".[11]

Em algumas lojas de retaguarda Satã recebe um culto calcado sobre aquele que os católicos rendem a Deus.[12] Ragon, um dos escritores maçônicos que mais desenvolveram a inteligência e o zelo, publicou em 1844, em Paris, sob o pseudônimo de Jean-Marie de V., um livro intitulado *La Messe et ses Mystéres Comparés aux Mystères Anciens, ou Complément de la Science Initiatique*. Através de uma subversão do que é verdadeiro, todas as partes da Missa são aí apresentadas como adaptações cristãs das antigas cerimônias, retomadas pelas lojas de retaguarda; todas as festas cristãs são comparadas às festas do paganismo; as ladainhas do Santo Nome de Jesus e as ladainhas da Santíssima Virgem são comparadas às invocações que acompanham as procissões pagãs. O abade Ribet, na sua *Mystique Divine*, também diz: "Não há, entre o sabá dos franco-maçons e o dos bruxos, senão diferenças apenas acidentais; o fundo é o mesmo, a saber: o culto a Satã, a profanação das coisas santas, o transbordamento da impudicícia".

Serge Basset, redator do *Figaro*, exprimiu dúvidas sobre a prática diabólica das *missas negras* nas lojas de retaguarda. Recebeu no dia seguinte uma carta assinada por Bl. Ocagn, convidando-o a ir, na quinta-feira seguinte, às nove horas da noite, à Praça São Sulpício, com um exemplar do *Matin* na mão. Chegando ali, uma mulher veio buscá-lo e o conduziu de carro para o outro lado do Sena. Onde? Ele não pôde dizer. No dia 27 de maio de 1899, ele publicou no *Matin* um relatório da cena a que assistira. Sobre um altar encontrava-se um bode vivo, e diante dele a assembléia, homens e mulheres, cantava *"Gloria in profundis Satani!..."* Um oficiante vestiu um hábito sacerdotal e começou uma paródia da Missa. Interrompeu-se, como faz o padre, para pronunciar um discurso, e disse: "Estamos aqui para refazer a realeza de Satã, o Grande, o Belo, o Suave. À força de ultrajarmos Cristo, aboliremos sua glória e recolocaremos o proscrito na sua supereminente dignidade. Um dia, o Príncipe

---

[10] Até os tempos assinalados, os judeus são e serão a nação e o instrumento da predileção de Satã. Desde o deicídio eles constituem propriedade sua, mais ou menos ao mesmo título a que a humanidade lhe pertenceu desde o pecado de Adão até a Redenção. O crime dos judeus foi como que um segundo pecado original desse povo. *Sanguis ejus super nos et super filios nostros!*

[11] Ele acrescenta: "Ademais, a franco-maçonaria busca o aniquilamento da França".

Os que desejarem se instruir sobre o culto que a maçonaria presta ao demônio podem ler as cem últimas páginas do segundo volume de *La Cité Antichrétienne au XIXème Siècle*, de Dom Benoît.

[12] Há uma seção dos cavaleiros Kadosch que presta culto a Eblis. Eblis é, no Oriente, o nome do demônio. Esse nome é particularmente atribuído à serpente que seduziu Eva. Sua obra consiste em fazer desaparecer a *heresia* do Nazareno e fazer reinar Eblis sobre todo o gênero humano. Por aí eles se revelam judeus cabalistas ou discípulos dos judeus cabalistas. O sinal dos cavaleiros Kadosch consiste em mostrar o céu com o dedo e abaixá-lo em direção à terra, para mostrar que aquilo que está em cima deve ser precipitado para baixo. O comum da Ordem compreende com isso que a ordem social fundada sobre a autoridade e sobre Deus será posta por terra para ser substituída pela ordem da pura matéria. Os cabalistas querem dizer que o Nazareno será mergulhado nos infernos e que Eblis reinará nos céus. Enquanto aguardam, exercem seu ódio sobre as hóstias que lhes são obtidas pelos traidores e carregadas das missas matinais entre as folhas de um livro ou num lenço.

deste mundo, Satã, nosso senhor, triunfará sobre Cristo e será adorado como verdadeiro Deus". Após o discurso veio o sacrifício, no qual o obsceno disputou lugar com o horrível, e uma imunda bacanal seguiu-se ao sacrilégio e se consumou em sangue". [13]

Satã quer sempre obter da parte dos homens a adoração que ele disputou desde o início:

"Subirei aos céus e estabelecerei meu trono acima das estrelas de Deus. Assentar-me-ei na montanha da Aliança, na extremidade do céu. Colocar-me-ei sobre as nuvens mais altas e me tornarei igual ao Altíssimo".[14]

Ele obteve do paganismo o que desejava. Mas Jesus Cristo veio e pôs para fora o príncipe deste mundo.

Desde então ele não cessou de esforçar-se para reingressar no mundo. Para esse fim ele se tem servido principalmente dos judeus. Porque, como diz muito bem o padre Bonniot, o demônio não entra no mundo material senão com a permissão do proprietário ou do Senhor; o Senhor: Deus; o proprietário: o homem, ao qual Deus deu o mundo: *terram dedit filiis hominum*. Adão, com o seu pecado, abriu-lhe as portas. Jesus Cristo o expulsou, *egredietur foras*. Mas sempre continua permitido ao homem chamá-lo, seja simplesmente para a sua alma, através do pecado, seja através das relações externas, mediante o emprego de certas prescrições.

Não é então Deus que desencadeia Satã, mas nossa impiedade ou nossa infidelidade. Os demônios jamais entraram e jamais entrarão no nosso mundo — demonstra-lo-emos mais adiante — senão tanto quanto o homem quis ou venha a querer permitir-lhe o ingresso.

Assim como ao redor dos fiéis, eles andam como leões que rugem em torno dos povos que não puderam reter sob seu jugo, para reconquistar seu antigo império sobre eles.

O desejo deles é tornar o estado do gênero humano pior do que antes da vinda de Jesus Cristo (Lucas, XI, 26). No momento atual eles são, por culpa nossa, mais numerosos e mais poderosos do que jamais foram depois do sacrifício do Calvário. É por isso que Leão XIII e Pio X nos fazem pronunciar diariamente ao pé do altar o exorcismo que tem por objetivo rechaçar para o inferno Satã e os espíritos malignos que Voltaire evocou com seu grito satânico tantas vezes repetido nas lojas.[15]

---

[13] Monsenhor Méric recebeu, por ocasião desse relato, uma carta que lhe perguntava no que se devia acreditar a respeito dessas coisas. Em resposta, ele reproduziu o relato na sua *Revue du Monde Invisible*, e acrescentou: "Nosso excelente amigo Lidos afirmou freqüentemente a realidade dessas missas negras; ele nos indicou, na paróquia de São Sulpício e alhures, os lugares nos quais se podia verificar a realização dessas paródias sacrílegas e de suas práticas infames, o que explica o roubo muito freqüentemente constatado das hóstias. Elas provam também a realidade substancial de Satã, contestada por espírito levianos e orgulhosos. No entanto, reproduzimos, apenas a título de documento e sem nos pronunciarmos sobre a questão de fundo, o artigo do jornal de Charleroi (que havia reproduzido o *Matin*)... Cremos que há a adoração de Satã na missa negra, diante da cruz de cabeça para baixo; cremos que existem as profanações das Santas Espécies e as cenas abomináveis de imoralidade satânica de que o relato dos fala". *Revue du Monde Invisible*, julho de 1899.

Monsenhor Méric apresentou nessa edição apenas a primeira parte do relatório do *Matin*. Repugnou-lhe oferecer a seqüência na edição seguinte. Recebeu da França, da Bélgica, das Antilhas dinamarquesas, cartas pedindo a continuação. Um habitante de Tours escreveu-lhe: "Creio nessas missas assim como Görres, Ribet e todos os místicos e teólogos. Não seira útil falar nesse assunto, não fosse para pedir perdão publicamente e fazer reparações". Um outro correspondente de Paris: "Fizemos uma pesquisa: as informações do informante do *Matin* foram colhidas em fonte boa. Os fatos narrados nesse artigo são reais". *Revue du Monde Invisible*, fevereiro de 1900.

[14] Isaías, XIV.

[15] Não é a primeira vez que acontece uma invasão de satanismo na Cristandade.

No século XV, a Reforma, primeira manifestação da conjuração anticristã, foi precedida de um extraordinário desenvolvimento da magia. O protestantismo, ao desabrochar, favoreceu a magia em todos os lugares e conduziu ao transbordamento de feitiçaria que durante o século XVII pesou como um

Existe um outro exorcismo, mais explícito, *In satanam et angelos apostaticos*, que foi editado por Leão XIII há dez anos e confiado à piedade do clero. Provavelmente são muito pouco numerosos aqueles que o rezam, ou aqueles que só raramente o recitam.

———— ♦ ————

pesadelo sobre a Alemanha, a Inglaterra e a Escócia, ao passo que os países de raça latina ficaram mais ou menos incólumes.

Por seu turno, a Revolução foi precedida de uma febre de satanismo. Por toda a parte mostraram-se os magnetizadores, os necromantes, como então se dizia. Os nobres corrompidos deixaram-se iniciar nos ritos através dos quais Satã era invocado, e, nas vilas como nas cidades, as pessoas se abandonavam a todas as práticas das ciências ocultas.

Mas jamais, desde o paganismo, Satã se viu, como hoje, convidado a reingressar no domínio do qual a Cruz do Divino Redentor o expulsara.

CAPÍTULO L

SATÃ. SUAS CONSTRUÇÕES ATUAIS

I. — A GNOSE

Satã, expulso do nosso mundo pela Cruz do Divino Redentor, é chamado pelos nossos contemporâneos e retorna. Ele retorna não somente para tentar os homens individualmente, mas para restabelecer seu império sobre a raça humana, para reconstituir seu reino.

Vimos nos capítulos precedentes uma multidão de associações, muitas das quais cobrem todas as partes do globo, ocupadas, sob sua inspiração, em destruir a religião cristã, atacando sua estrutura, quer dizer, tentando fazer desaparecer toda a verdade dogmática, tudo o que constitui a religião revelada, a ordem sobrenatural.

Existem outras associações, bem recentemente instituídas, que começam a erguer o culto e a religião de Satã.

Assim como havia, nos tempos do paganismo, um culto secreto e uma doutrina esotérica pertencente apenas aos iniciados, os quais comunicavam ao vulgo o que este podia suportar e davam satisfação aos seus instintos religiosos no naturalismo, vemos hoje renascer práticas e dogmas que constituem e constituirão para os iniciados uma religião propriamente luciferina, enquanto o público é e será levado pouco a pouco a uma religião simplesmente natural.

Falaremos mais adiante acerca dessa religião natural; devemos ocupar-nos agora, em dois capítulos, da religião satânica: a gnose e o espiritismo.

Como disse Georges Bois,[1] advogado no Tribunal de Justiça de Paris, "a franco-maçonaria não é senão a mais comum e a mais vulgar das iniciações praticadas ao nosso redor. Existem diversas outras mais discretas, mais profundas, de recrutamento mais selecionado. Se percorrermos Paris ou algumas grandes cidades, com os olhos bem abertos, não poderemos deixar de ver aqui e ali, muito freqüentemente, os vestígios quase cultuais, se assim podemos dizer, de um demonismo que já não é mais secreto".[2]

Huyssmans, no prefácio que escreveu para o livro de Jules Bois, *Le Satanisme et la Magie*, também diz: "Pessoas que encontramos na rua, que são semelhantes a todo o mundo, em suma, abandonam-se em segredo às operações da magia negra, ligam-se, ou pelo menos tentam ligar-se com os espíritos das trevas, para, numa palavra, fazer o mal".

Após ter falado dos roubos das hóstias, cujos relatos recolhia à medida que apareciam nas *Semaines Religieuses*, Huyssmans pergunta: "São pessoas isoladas ou associações demoníacas que ordenam essas perversidades ou tiram proveito delas? Estamos diante de satânicos ou de luciferinos?"[3] Ele opina pela seita dos luciferinos ou dos *palladistes*, "que engloba, diz ele, o velho e o novo mundo, que

---

[1] Não confundir Georges Bois, antigo redator de *La Vérité*, que acaba de morrer como viveu, isto é, muito cristamente, com Jules Bois, do qual se fará freqüente menção aqui.

[2] *Revue du Monde Invisible*, janeiro de 1904.

[3] O satanismo é o culto do demônio. O luciferismo é o último ímpeto da gnose e dos albigenses. Para ele, o Deus do Antigo e do Novo Testamento é o deus mau, hostil ao progresso, irritado com o progresso científico. Lúcifer é o deus bom, a base da evolução universal, o aguilhão dos impulsos passionais. Os revolucionários são santos.

possui um antipapa com sua cúria e que está na persecução desse objetivo: abater o catolicismo por toda a parte e preparar o reino do Anticristo".

É de se notar que os superiores das diferentes seitas de que falaremos abaixo são geralmente franco-maçons, e tanto mais elevados em grau na maçonaria quanto mais iniciados nos mistérios das suas respectivas seitas. Desde que a maçonaria do Grande Oriente da França se viu descoberta, que se conhece sua organização e suas intrigas, desde, sobretudo, que ela se engajou abertamente na luta política e social, formou-se por trás dela, e por assim dizer em segundo plano, uma franco-maçonaria mais misteriosa, que honra todos os antigos ritos dos templários, dos albigenses, dos cátaros, dos gnósticos etc. Esses ritos não são vazios de sentido e o culto por eles constituído não é sem objeto. É a religião do diabo. Ela constitui para a sociedade atual o mais terrível perigo.

Essa seita divide-se em vários ramos: cabalistas, teosofistas, martinistas, ocultistas, luciferinos propriamente ditos. A que mais se espalhou e compreende o maior número de indivíduos é a dos espíritas. Jules Bois afirma que os aderentes dessas diversas sociedades são mais numerosos do que os judeus e os protestantes reunidos. "Em cada cidade, diz ele, da Bélgica, França, Itália, Holanda, Inglaterra (falo dos países que particularmente visitei na Europa), existem grupos espíritas. Externamente e ao lado forma-se uma pequena elite que é ocultista, martinista ou teosófica".

O ocultismo foge às definições precisas. Podemos dizer que é uma filosofia mantida secreta, geralmente expressa através dos símbolos. A magia é a filha do ocultismo. Magos e ocultistas usam procedimentos que pretendem científicos para se colocarem em relacionamento com os "poderes ocultos". Os jovens são atraídos a essas associações pela curiosidade de experiências que, pensam eles, vão lhes permitir a descoberta das "forças desconhecidas da natureza". Diz-se-lhes que existe um "exercício" que permite aos homens chegados a um certo grau de evolução desenvolverem a escala atual de percepção dos sentidos e através deles dilatar indefinidamente o mundo. Quando os poderes do homem estiverem assim desenvolvidos, a natureza revelará suas energias ocultas: os humanos não serão mais "mortais", eles terão posto o pé no caminho da divindade.

Teosofia, ocultismo, martinismo etc., são formas diversas da antiga gnose dos dois ou três primeiros séculos do cristianismo, fundada pelos judeus para sufocar a doutrina cristã no seu nascedouro. Ela foi reorganizada na França em 1890 por Jules Doinel, que após seus desvios retornou ao catolicismo com sinais inequívocos de uma verdadeira conversão.

O gnosticismo tem hoje uma organização hierárquica, como veremos. Tem também uma doutrina renovada da antiga gnose. Publica duas revistas. A *Gnose*, revista mensal das ciências esotéricas. É o órgão de um grupo gnóstico dirigido pelo Dr. Fabre des Essarts, que se diz sucessor do falecido Doniel e se faz chamar de Synesius, arcebispo de Paris e bispo de Montségur. O *Réveil Gnostique*, outra revista editada bimestralmente, é o órgão do Dr. J.-B. Bricaud, que se diz: Sua Beatitude João II, soberano Patriarca. A sede deste órgão fica em Lião. A maioria dos iniciadores desse movimento gnóstico é constituída de lioneses.

Os gnósticos fundaram diversas livrarias para divulgar suas publicações e todas aquelas que se lhes relacionam, isto é, a reedição ou tradução das antigas obras heréticas.

Para ser admitido na Gnose é preciso confessar os dois dogmas fundamentais da Gnose restaurada: a fé na emanação e a salvação através da ciência (gnose). O dogma da emanação é oposto ao de um Deus criador. A salvação através da ciência é o oposto da salvação através da fé.

Entra-se na igreja gnóstica pela imposição das mãos do bispo gnóstico. Os que a receberam são chamados de pneumatistas. Existe um segundo grau, o do diaconato; e um terceiro, o episcopado. O bispo é eleito pela assembléia dos fiéis e dos diáconos. Sua eleição é submetida à aprovação do Altíssimo Sínodo, composto por

todos os bispos e todas as sofias (mulheres elevadas em grau na Gnose); o bispo tem por presidente vitalício o patriarca gnóstico, chefe temporal da igreja gnóstica, da qual a Sofia Celeste, leia-se Lúcifer, é o chefe espiritual e invisível. O bispo eleito recebe seus poderes de jurisdição através de uma sagração. Cada bispo governa sua diocese composta de vários grupos aos quais são propostos um diácono e uma diaconisa. O Patriarca se corresponde com os poderes maçônicos que o reconhecem. Eles tem um culto cuja descrição seria inútil fazer aqui. Basta dizer que o ritual gnóstico está impregnado de liturgia católica. As fórmulas católicas mascaram a obra luciferina. Lúcifer entendeu de atribuir a si os textos sagrados e a oração que não se deve dizer senão a Deus. As cerimônias católicas são adaptadas ao dogma valentiniano.[4] Os ornamentos episcopais dos quais os gnósticos se utilizam oferecem mais de um ponto de semelhança com os dos legítimos prelados.

A teosofia diz-se a própria essência das religiões passadas, presentes e futuras. Seu escritório central fica em Londres. Ela se espalhou pouco a pouco pelo globo: na Índia, Áustria, Nova Zelândia, Estados Unidos, Holanda, Inglaterra e França.[5]

A seção francesa tem sua sede na Rua de la Bourdonnais, 59; compreende 25 ramos e um certo número de centros em atividade; publica o *Bulletin de la Section Française de la Société Théosophique*.[6]

Em maio de 1907, Chacornac organizou um congresso ocultista das sociedades de sábios, em Paris, no anfiteatro do Grand-Hôtel. Esse congresso exprimiu desejo: 1° de que os poderes públicos favorecessem oficialmente a aplicação da psicoterapia na regeneração moral da infância e dos detentos de todas as categorias;[7]

2° que fossem proferidas conferências públicas nas cidades pelos ocultistas, seguidas de subscrições para a criação de bibliotecas ocultistas;

3° que uma agência de informações para o ocultismo fosse fundada, objetivando concentrar as experiências e assinalar as faltas cometidas pelo fanatismo religioso.

O congresso decidiu que cumpre a todas as fraternidades e individualidades ocultistas o dever de espalhar ao redor delas, no público, as leis "do universo e do supremo conhecimento, a fim de que essas leis se tornem a base da evolução da sociedade humana para guiar as multidões rumo a um ideal social de Progresso e de Fraternidade".

Resolveu aumentar os meios de propaganda dos estudos das ciências ocultas, e isso através de todos os meios possíveis.

Três anos antes da reorganização da Gnose, o martinismo fora restaurado pelo Dr. Papus, cujo verdadeiro nome era Encausse, um dos luciferinos mais perigosos do século. O martinismo fora fundado em 1754 por um judeu português, Martinez de Pasquelly; seu primeiro discípulo tinha sido Louis Claude de Saint-Martin, o que fez com que a seita tivesse dupla razão para chamar-se "martinismo".

---

[4] Valentim, heresiarca do século II, é um dos autores da Gnose e do dogma da emanação.

[5] Jules Bois, *Le Monde Invisible*. A senhora Blavatski é considerada a fundadora da seita dos teósofos, atualmente dirigida por uma americana, senhora Besant.

[6] Ver *Année Ocultiste*, p. 283.

[7] Em 15 de outubro de 1903, a Federação lionesa e regional dos espíritas realizou sua primeira conferência em Lião, na sala do Folies-Bergère. Oitocentas pessoas encontravam-se aí. Uma ordem do dia foi votada, com apenas seis votos contrários, convidando Combes a levar até o fim a obra da laicização, e formulando o voto de que o espiritismo ocupasse enfim o lugar que lhe convém no mundo.

Um dos chefes mais ativos e mais ouvidos da religião espírita empenhou-se logo em dar a esse desejo sua primeira realização, endereçando a Combes um memorial que concluía propondo a introdução do espiritismo no ensino público, e, em particular, que esse estudo fosse tornado obrigatório em todos os liceus. No memorial ele diz que nem a Igreja, nem a Universidade respondem às necessidades das almas para resolver o problema do destino humano e para fornecer uma orientação aos espíritos.

O martinismo deriva diretamente da Cabala judia. Teve grande participação nos horrores da Revolução. Atualmente o martinismo engloba a maioria dos grupos ocultistas e sem ele a gnose jamais poderia ter passado da teoria à prática. O Dr. Papus é o grande-mestre vitalício do martinismo e preside um conselho supremo cujos membros são eleitos e perpétuos. Ele reuniu ao seu redor jovens instruídos, dos quais vários tornaram-se mestres em ciência mágica. Depois realizou o colossal empreendimento de fundar grupos esotérios que hoje estão espalhados por todo o universo civilizado e constituem um viveiro de grandes luciferinos. Papus dirige uma revista intitulada *Hiram* e fundou um Instituto de Altos Estudos Herméticos. Os cursos duram três anos e dão direito a diplomas. Eles nunca têm menos de cento e cinqüenta alunos.

O martinismo comporta também três graus. O que confere poder à Ordem é o fato de o iniciador não poder ser conhecido senão de duas pessoas: aquele que o iniciou e aquele que ele inicia. Assim se estabelece a cadeia do silêncio tão necessário às associações ocultas. No próprio seio da Ordem, muitos dos II∴ não chegam a conhecer senão um pequeno número deles. O iniciador tem por dever não perder de vista aquele ou aqueles que ele iniciou.

Afora esses três graus, a Ordem compreende um outro, que constitui uma espécie de ordem terceira martinista. Os iniciados nessa ordem terceira pululam no mundo parisiense. Ela abre as portas dos salões, das revistas, dos jornais ao martinismo e prepara sua ditadura sobre o mundo universitário.

Essa ordem terceira é chamada dos "rosicruciens". Ora, existe uma sociedade que se intitula *Irmãos Rosa-cruzes da Rosácea*. Ela tem como órgão uma revista mensal fundada em 25 de outubro de 1906, *Les Entrétiens Idéalistes*, que se afirma claramente católica e pretende mesmo combater o modernismo (ver a declaração no alto da edição de 25 de janeiro de 1910); e no entanto basta ler seus principais artigos, notadamente os do seu diretor, Paul Vuillaud, para verificar que ela ensina todos os erros dos neognósticos e dos teósofos.[8] Ademais, a revista não dissimuula sua simpatia pelas ciências ocultas: anuncia a remessa gratuita a seus leitores de importantes catálogos de livros sobre as ciências ocultas.

Numerosos católicos são seduzidos sobretudo por esta afirmação que já encontráramos nos lábios de Weishaupt: *Todas as religiões, sem excetuar a religião católica, têm um ensinamento esotérico*. E é essa doutrina secreta de Jesus Cristo, hoje desconhecida da igreja oficial, que se trata de comunicar para iniciar na verdadeira sabedoria, na Gnose, e preparar a vinda do verdadeiro catolicismo, da religião verdadeiramente universal.

Eis o que é soberanamente digno de atenção. No caderno XL, Pierre de Cresinoy faz, acerca dos discursos de Marc Sangnier, que acabavam de ser publicados em volume, um elogio cheio de exageradas adulações ao autor. Deve-se comparar esse caderno com o de 25 de maio de 1909, no qual se encontra o relatório do congresso do *Sillon*. Por seu turno, o *Eveil Démocratique* de 13 de junho de 1909, respondendo aos cumprimentos de Paul Vuillaud, deixa-nos saber que a revista *Les Entretiens Idéalistes* é o órgão de um grupo de *Irmãos* ditos *Rosa-cruzes da Rosácea*.[9] Jamais a revista de Vuillaud deixara escapar essa afirmação. Deu-se a saber ao *Sillon* aquilo que os leitores e assinantes do *Entretiens Idéalistes* ignoram, se não são afiliados.

---

[8] As provas são superabundantes. Desde a terceira edição Vuillaud anuncia a primeira tradução francesa do Zohar, livro esotérico dos hebreus. Nesse artigo ele não teme adiantar que "os sistemas religiosos e filosóficos encontram-se todos, naquilo que têm de verdadeiro, na teosofia cabalística". E acrescenta: "As noções fornecidas pela Sabedoria Cabalística são idênticas àquelas que a teologia cristã nos ensina" (p. 106). Essa afirmativa é repetida mais adiante sob uma outra forma (p. 109) e o autor acrescenta que "a Cabala foi caluniada".

É sobretudo numa série de artigos intitulados *Mystagogiques*, que Paul Vuillaud expõe mais abertamente seu sistema (Ver cadernos XXXIII, XXXIV, XXXV, XXXVI).

[9] Comparar esse nome com o de Rosa-Cruz.

Queiram ter a bondade de comparar agora uma brochura de Maurice Boué de Villiers, intitulada *Les Secrets de la Rose-Croix*, que faz parte da *Bibliothèque des Entretiens Idéalistes*, queiram comparar essa brochura com o livro de Marg Sangnier, *La Vie Profonde*: é o mesmo estado de espírito, o mesmo idealismo mórbido, o mesmo erotismo macabro. Comparem-se as poesias tão freqüentemente publicadas no *Entretiens* com as teorias do *Sillon* sobre a castidade, sobre o amor: existe identidade de fundo e de forma; e dir-se-á que *Eveils et Visions* da *Vie Profonde*, que tinham parecido somente obra de um espírito doentio e de uma imaginação desregrada, tornam-se o indício de uma iniciação, pelo menos parcial, em mistérios abomináveis.

É através do caráter idealista da democracia do *Sillon* que se unem os sillonistas e os rosa-cruzes. Os gnósticos vêem na aspiração tão ardente quanto vaga dos sillonistas relativamente ao "progresso da democracia" uma corrente favoráveis às suas idéias de ascensão rumo à Ciência e à Gnose. Os sillonistas sofrem a influência dos teósofos e dos gnósticos quando sonham com a ascensão da democracia em direção a um ideal de virtude que a tornará verdadeiramente capaz de governar a si própria.

Basta ler o número de janeiro-fevereiro de 1910 do *Réveil Gnostique* para perceber a que ponto esses heréticos esperam e predizem uma nova idade de ouro. São essas tolas esperanças, semeadas no povo através dos mil órgãos das seitas, que explicam como os chefes socialistas podem impunemente prometer reformas evidentemente quiméricas. A multidão acredita numa nova ordem de coisas quase messiânica e vê no progresso democrático a aurora da felicidade paradisíaca reencontrada.[10]

No momento em que escrevemos o *Sillon* anuncia que acaba de se reorganizar. Ele permanece o que era, menos uma organização do que um espírito. E vê-se que espécie de espírito!

Que poderosa alavanca contra a sociedade cristã Satã tem em suas mãos, por intermédio de todas as sociedades sobre as quais acabamos de chamar a atenção.

Resta-nos falar sobre os espíritas.

——— ♦ ———

[10] Segundo esses heréticos, a história da humanidade compreende nove épocas, através das quais a matéria inanimada se eleva, sob a ação da "matéria astral", até a divindade.

A primeira época foi a do bramanismo; a segunda, da religião dos egípcios; a terceira foi a época cristã; a quarta, a época revolucionária (na qual estamos); a quinta será a da república universal; a sexta, a sétima e a oitava marcarão na história da humanidade épocas de tal forma superiores ao que podemos conceber, que não podem ser definidas atualmente; enfim, a nona época será a da natureza divinizada.

Eis o sonho fantástico que está no fundo de todas essas declamações sobre o progresso e sobre a ascensão da humanidade. Eis em que miragem se deixa enredar, mais ou menos inconscientemente, o *Sillon*.

Quando Marc Sangnier proclama que a democracia é o resultado necessário do cristianismo, que ela deve elevar a humanidade a uma "organização social que tende a levar ao máximo a consciência e a responsabilidade cívica de cada um", essas palavras teriam apenas um significado quimérico e oratório, se não correspondessem a um estado de espírito criado e entretido há muito tempo entre os seus ouvintes como nele próprio. Ora, esse estado de espírito foi criado pela franco-maçonaria cabalística e teosófica e é a ela e não ao cristianismo que ele aproveita.

A democracia não é para eles uma forma de governo, é um degrau da escada misteriosa pela qual a humanidade se eleva rumo ao infinito. A república universal que esse progresso prepara será tão superior à cristandade da Idade Média quanto esta o foi relativamente ao bramanismo e ao mundo pagão. Ela será constituída pela fusão de todas as igrejas, pela abolição de todas as pátrias, pela supressão da propriedade privada e pela destruição da família. Eis o ideal democrático mais ou menos claramente entrevisto, mas saudado de longe com um entusiasmo igual pelos gnósticos e pelos sillonistas, melhor dizendo, por todos os democratas modernos de todas as escolas e de todas as denominações.

CAPÍTULO LI

SATÃ. SUAS CONSTRUÇÕES ATUAIS.

II. — O ESPIRITISMO

Satã tem, pois, atualmente, uma igreja oculta com seus fiéis, suas cerimônias, sua liturgia, tudo oposto à Santa Igreja, aos fiéis de Cristo, à liturgia romana, à religião do Filho de Deus feito Homem. Isto é um fato indiscutível; Satã exerce um império temível sobre uma massa de perdição.

A maior parte dessa massa é formada pelos espíritas. Também eles pertencem à Gnose, em virtude dos seus principais dogmas.

O espiritismo não é de hoje: suas práticas enchem todos os tempos, todos os lugares, mas sobretudo os tempos e os lugares pagãos. Cícero[1] diz-nos que seu amigo Ápio fazia das *consultas aos mortos* sua prática habitual, e que, nas vizinhanças de Arpínia ficava o lago Averne, do qual se faziam "surgir do seio das trevas os fantasmas dos mortos ainda completamente ensangüentados". Por toda a parte havia *oráculos aos mortos*. Eles eram evocados às margens do rio Aqueron, na Tesprotia; em Figatéia, na Arcádia; no cabo Tenare, em Heracléia; no Pont, em Cumes. Não era somente o populacho que punha fé nessas práticas. Periandro, um dos sete sábios, manda consultar a alma de sua mulher, que ele fizera degolar.[2] Pausânias evoca, ele próprio, a alma de uma jovem que ele matara;[3] os magistrados de Esparta fazem evocar através dos necromantes de Tessália a alma desse mesmo Pausânias;[4] Libo Drusus é condenado à morte por Tibério por ter tido cometido um crime de lesa-majestade enquanto se entregava à necromancia; o gramático Apion evoca o espírito de Homero para interrogá-lo sobre sua pátria e seus pais.[5]

Essas mesmas evocações foram praticadas na Idade Média pelos bruxos e pelos magos.[6] Em nossos dias essas evocações assumiram uma freqüência, um desenvolvimento e uma importância que autorizam as mais inquietantes previsões.

O espiritismo pode, pois, ser definido como um sistema de relações extra-naturais dos homens com os puros espíritos. O espiritismo possui e emprega os meios de superar, à vontade, diz ele, a barreira que separa nosso reino humano daquele dos puros espíritos, e é a coordenação mais ou menos feliz desses meios que constitui todo o sistema do espiritismo.

Certamente os casos de engano e de erro são freqüentes, mas os fatos bem caracterizados como extra-naturais são tão numerosos que não podem ser contados e foram tão perfeitamente observados que não é possível a dúvida a esse respeito.

Procura-se revesti-los com uma aparência científica, ou rejeitá-los em bloco para o domínio da prestidigitação. Seguramente existem fraudes. Mas, diz o Dr. Grasset, é falso concluir que todos os médiuns fraudam e que um médium convencido de fraude em certos casos necessariamente fraude em todos os casos.

---

[1] *Tusculanes*, I, 16.
[2] *Heródoto*, V, 92.
[3] Plutarco, *Vie de Cimon*.
[4] Plutarco, *Des Délais de la Justice Divine*.
[5] Plínio, o Velho, XXX, 6.
[6] Não precisamos assinalar que os demônios não são os senhores das almas, e que, para responder às evocações que lhes são endereçadas, basta se apresentarem em pessoa sob nomes fictícios.

De outra parte, os fenômenos espíritas não podem ser reproduzidos à vontade, o que não permite sejam classificados no domínio da ciência. Não se lhes podem aplicar os procedimentos habituais e rigorosos do controle científico. Primeiramente, é necessário um médium.[7] Ademais, quando se tem o médium, nem sempre a experiência é bem sucedida, há um mistério no determinismo que multiplica os fracassos. "Os fenômenos são rebeldes à disciplina", diz Maxwel. "Em condições idênticas, diz Charles Richet, essa incerteza dos resultados lança a incerteza sobre a própria ciência". Isto põe entre os fatos físicos e os fatos espíritas um critério de distinção inteiramente infalível. Os primeiros são produzidos somente pela natureza ou pela intervenção do homem que a comanda obedecendo-lhe, quer dizer, que obtém suas manifestações através dos procedimentos que imitam a própria ação da natureza. Ele estuda o vapor, a eletricidade, e põe-nos em prática para a sua locomoção ou para as suas mensagens, observando estritamente seus hábitos e canalizando seus cursos naturais. Eis a física.

Mas, se, simplesmente tocando uma mesa, ainda mesmo que concebendo interiormente um desejo, obtenho a presença e a conversa de um ser inteligente e livre e ademais invisível, que advinha meu desejo e meu pensamento, vejo muito claramente que tenho negócios com um puro espírito.[8]

Jeanniard du Dot conta que em 1849 os cinco bispos de uma província, reunidos para tratar diversos pontos de doutrina de direito eclesiástico, quiseram perceber, por eles mesmos, o fenômeno das mesas giratórias. Quando viram a mesa girar, colocaram sobre ela um rosário e um breviário. A mesa arremessou esses objetos com furor; depois ela empurrou até à porta o bispo do lugar.

O pensamento de Satã parece bem ser manifestar-se nos nossos dias mais do que tenha feito em qualquer outra época do cristianismo; mas sua tática é abrigar-se atrás do silêncio. Mil sábios, matemáticos, físicos, químicos etc., entraram no domínio do oculto com o pensamento de submetê-lo às suas experiências e apreender suas

---

[7] Médium, ser, homem-meio. Assim é chamada a pessoa, homem ou mulher, que, no espiritismo, é o intermediário entre o mundo terrestre e o mundo dos espíritos e serve às manifestações destes. Chama-se médium a materializações, àquele que obtém manifestações corporais.

[8] Jacques Brieu, o bem conhecido crítico ocultista do *Mercure de France*, distingue entre os fenômenos de ordem puramente física e de ordem espírita. Seu ponto de partida é o fato, seu objetivo é o fato, seu critério de certeza é o fato. Os fatos mantêm-se, enquanto as teorias mais engenhosas e os sistemas mais sábios desmoronam.

Esses fatos são:

1° Certos? Sim, se eles *existem para todos*, sábios e ignorantes.

2° Heteronômicos? Sim, se são coisa diversa de um jogo da imaginação, de uma idéia subjetiva, de um sonho, de uma opinião.

3° Observáveis? Sim, se caem sob nossos sentidos e podem ser apreendidos pelos nossos instrumentos.

4° Irredutíveis? Sim, se não se reduzem a outros mais simples, que decorram de uma ciência já existente ou não constituem induções tiradas dos fatos.

"As ciências psíquicas e o espiritismo propriamente ditos resultam das ciências com as quais apresentam a maioria dos pontos de contacto, a fisiologia e a psicologia? Não, porque a fisiologia e a psicologia têm somente por objeto de estudo as faculdades do espírito e as funções do corpo no estado normal, enquanto que os fenômenos que o espiritismo e as ciências psíquicas estudam são anormais, exigem a presença de um ser *anormal*, um *médium*.

"A produção dos fenômenos espíritas parece necessitar da intervenção de *forças* ou de *seres inteligentes* normais.

"Freqüentemente será difícil discernir se um fato pertence ao espiritismo ou às ciências psicológicas, mas não se dá o mesmo relativamente a um grande número de fatos? Quem determinará exatamente, por exemplo, o limite que emana dos fatos psicológicos e dos fatos fisiológicos?

"A distinção dos fenômenos psíquicos e dos fatos fisiológicos é possível e mesmo legítima, se existe um *fato característico* que permite diferenciá-los; se a intervenção de *forças ou de seres estranhos* ao mundo físico é um fato indestrutível, o fenômeno é de ordem espírita, vem de forças ou de seres inteligentes desconhecidos".

leis. Essa esperança que Satã faz nascer, entra bem no seu desígnio, que é, como veremos na última parte desta obra, reconduzir o homem para a ordem puramente natural e aí encerrá-lo, ao mesmo tempo em que o domina.

Foi na América, no ano de 1847, que, pela permissão de Deus e por motivos da Sabedoria Infinita que não nos é dado penetrar, o príncipe das trevas recomeçou, na época atual, essa longa série de manifestações que deveriam se estender por todo o mundo e sobre as quais a última palavra está longe de ser dita.

A família Fox, instalada numa casa de Hyderville, pequena cidade do Estado de Nova Iorque, recebeu em março a visita de um *espírito* que fez a casa ressoar com golpes misteriosos. Inicialmente espantados e mesmo aterrorizados, os habitantes da casa assombrada deixaram-se logo subjugar pela curiosidade e interrogaram. Aos estalos dos dedos das moças responderam estalos de dedos. Um primeiro meio de comunicação estava estabelecido com quem estalou os dedos, o qual, por essa razão, revelava-se como um ser inteligente.

A família Fox muda-se para Rochester; o espírito a segue e conquista nessa cidade um campo de operações mais vasto, um número maior de testemunhos que logo se tornam apóstolos; porque ele segue, entre eles, aqueles aos quais se manifestou uma primeira vez e multiplica assim os teatros de suas manifestações. Não precisamos contar aqui as diferentes formas que essas manifestações adotam, nem os diferentes meios de comunicação e de conversa que os espíritos sugeriram sucessivamente aos que se punham em comunicação com eles; queremos apenas seguir o espiritismo na sua extensão.

Em 1853, isto é, seis anos após a primeira manifestação, quinhentas mil pessoas mantinham, na América, correspondência seguida com "as almas dos mortos", e relações entre si através de doze revistas ou jornais.

Há alguns anos, segundo o cálculo de Babinet, havia, apenas na América, sessenta mil médiuns. Em 1855, Emma Harding-Button estimava o número de adeptos em doze milhões, só na América. Um pouco mais tarde, o juiz Edmunds, senador e presidente do Tribunal de Justiça de Nova Iorque, acusava três milhões de novos aderentes. Quantos eles são hoje? Não seria exagerado calcular, a partir de 1870, o número de espíritas em vinte milhões.

"O que faz a extraordinária aceitação do espiritismo, observa Jules Bois,[9] é a sua taumaturgia próxima, popular. Tudo se torna simples. Deus para todos, segundo a dose de cada um! Deus democrata!"

Os espíritas têm congressos internacionais: eles foram realizados em Bruxelas, em 1884; em Barcelona, em 1886; em Paris, em 1889. Em 1889, centenário da Revolução, o Congresso reuniu-se no Grande Oriente: nova prova das relações secretas entre a franco-maçonaria, os judeus talmúdicos e Satã. O Congresso do centenário contava quinhentos membros.

Para o Congresso de 1900 foram convidados, por um abade Julio, "todos os católicos dos dois mundos, padres e leigos, que não podem permanecer alheios à renovação científica que conduz a humanidade rumo ao fim glorioso que lhe mostrou o Divino Mestre".[10]

"O Congresso, diz Durville, realizou suas sessões no Palácio dos Agricultores da França, em meio a uma afluência considerável de magnetizadores, espíritas, herméticos, teósofos e espiritualistas independentes, vindos aqui na qualidade de delegados de sociedades ou de grupos de todas as partes do mundo, das quais eram representantes... Os espíritas expuseram as grandes linhas da sua religião nesse Congresso internacional, organizado por iniciativa deles e que souberam levar a bom termo".

---

[9] *Le Monde Invisible*, 307.
[10] *Revue du Monde Invisible*, setembro de 1899.

Denis, que já havia presidido o Congresso de 1889, foi novamente encarregado de presidir o de 1900. Tomando assento, Denis disse: “No Congresso de 1889 o espiritismo via ainda diante de si numerosos obstáculos, a caminhada era hesitante. Hoje, o número de adeptos multiplicou-se, o público e a imprensa estão curiosos. Há adeptos do espiritismo no mundo da ciência e nas classes mais altas da sociedade... Os poderes ocultos estão trabalhando, eles sustêm a ação dos homens... Após o período de difusão deve vir o período de organização... O momento presente, o momento que vivemos, é um momento pleno de esperanças e de promessas; as massas estão agitadas pelo surdo trabalho do pensamento; as inteligências e as consciências estão à procura de um novo ideal. O espiritismo é um germe poderoso que se desenvolverá e conduzirá a uma transformação das leis, das idéias, das forças sociais... O espiritismo deve contribuir para transformar a ciência... Ele levará a uma transformação das religiões... O mesmo ocorrerá com o ensino... Ele influenciará poderosamente na economia social e na vida pública... O espiritismo não mais pode ser detido na sua marcha: ele penetrou no espírito e no coração de milhões de homens” (p. 32 e 42).

Estas últimas palavras não constituíam fanfarronice.

No livro *Le Problème de l’Heure Présente* oferecemos numerosas informações sobre o número dos espíritas, seus órgãos de publicidade, sua propaganda, na França e em todos os países do mundo. Não é nossa intenção retornar a isso aqui, posto que, além de os números então mencionados não mais serem exatos — eles crescem a cada dia — não conhecemos nenhuma obra que mantenha atualizados os progressos da seita. Nós nos contentaremos com algumas observações.

A terra está, pois, coberta de espíritas. Eles são encontrados por toda a parte, em todos os continentes, penetram em todos os meios e prestam seu concurso a todas as obras de Satã. A Gnose foi recrutada de suas fileiras, entre os espíritas inteligentes, letrados, pertencentes às funções liberais ou à alta sociedade.[11]

Para a propagação das suas doutrinas, os espíritas contam sobretudo com as mulheres. No relatório lido na sessão geral de encerramento do Congresso internacional de 1900, sessão que havia reunido todas as escolas espíritas, o Dr. Papus disse: “É às mulheres que devemos o sucesso dos nossos congressos, e é com razão que se diz que aquele que tem a mulher a seu favor está seguro da vitória. São elas quem, entre as sessões, preparam os êxitos mediante seu incessante apostolado. São elas que, abelhas infatigáveis, vão por toda a parte recolher o mel da verdade. Saibamos não ser ingratos neste dia de alegria, e rendamos justiça à mulher pelo sucesso da idéia espiritualista em todas as classes sociais”. Essas pobres mulheres são atraídas ao espiritismo por seu coração, pelo desejo de entrar em comunicação com os seres que elas amaram, seus filhos, seu marido. Uma vez seduzidas pelas ilusões que Satã lhes dá, elas se tornam suas apóstolas.

O que os chefes do movimento espírita propõem, pois, é passar a direção religiosa da humanidade do magistério da Igreja para os Espíritos tornados nossos familiares e guias; e estes preparam os caminhos para o reino universal do seu Mestre, Lúcifer. Com os curiosos, os imprudentes, os amantes de novidades, eles conseguem agrupar discípulos vindos de todas as religiões e de todas as regiões do

---

[11] Gaston Mery, fundador do *Echo du Merveilleux*, publicou, em 10 de setembro de 1907, na *Libre Parole*, um artigo no qual conta como, no tempo de Cagliostro, a aristocracia consultava os espíritos. Para tanto, ela se servia, nos seus salões, do *Ouija*, prancheta de madeira envernizada na qual estão inscritas as letras do alfabeto. Um pequeno aparelho, em forma de pires emborcado, munido de uma flecha indicadora, é colocado sobre essa prancheta. “Conheço salões, diz ele, em que periodicamente se fazem sessões de espiritismo. As senhoras lêem os sermões do diabo a seus convidados, e até os reúnem em volumes. Não há em Paris menos de três ou quatro livrarias especializadas, onde as pessoas da sociedade ou mesmo os outros podem se abastecer dessa literatura de além-túmulo, vendida a todos os preços, num evidente intuito de propaganda”.

mundo. Formam, assim, uma nova igreja, à qual dão um culto novo, uma religião nova.

"Através do espiritismo, disse o pastor Beversluis no Congresso de 1900, o cristianismo será consumado (chegará à sua perfeição), mas não o cristianismo das igrejas, dos dogmas e dos ritos... Então, nada de padres, nada de constrangimento de consciência! Então, nada de zeladores cegos; nada de adoração da autoridade de um livro; nada de confessionalismo; nada de sistema dogmático; nada de infalibilidade de um homem ou de um livro. Então, nada de medo de um Deus e homem". O pastor chama isso de cristianismo purificado e simplificado.

O programa dessa nova religião compreende duas partes: a obra de destruição e a obra de edificação. 1° Destruição da Igreja Católica e aniquilamento da fé em Jesus Cristo; — Revolução social através da anarquia, que levantará os proletários contra as classes superiores; — Derrubada dos ídolos, quer dizer, dos falsos deuses (as três Pessoas da Santíssima Trindade), dos reis e de toda a aristocracia, nobreza, clero, proprietários. 2° Edificação de um culto fundado sobre a *Verdade* e a *Razão*, ao qual será dado o nome de cristianismo (*christian-science*).

A associação espírita chamada *Christian Science* foi fundada em Boston, em 1879, pela senhorita Eddy, que, por essa razão, é chamada a mãe da ciência cristã.[12] Da América ela se espalhou por todos os lugares. Trinta e três anos após a sua fundação ela contava seiscentos mil cientistas. Eles têm um templo em Paris, na rua Pasquier. Sua igreja metropolitana para a Europa fica em Londres. Por toda a parte eles estabelecem igrejas ou, pelo menos, locais de serviços religiosos. O almanaque de Nova Iorque *World's* para 1897 indicava 123 igrejas e 131 locais de serviço. No ano seguinte o *Christian Science Journal* computava 250 igrejas e 127 locais de serviço. Assim, num ano, 123 novas igrejas tinham sido erguidas. Em 1905 a Christian Science possuía 908 igrejas ou sociedades nos Estados Unidos, Canadá, México, Filipinas, França, Inglaterra, Noruega, Suíça, Itália, Índia, China e outros lugares. A igreja-mãe fica em Boston e conta 34.000 membros. A mãe do *cientismo* conta que "em menos de cinqüenta anos a Christian Science será a fé religiosa dominante no mundo".

O nome de cristã dado a uma seita que se propõe, primeiramente, destruir a religião de Nosso Senhor Jesus Cristo parece bastante surpreendente; mas as explicações dão a entender que o Cristo da ciência-cristã não é diferente do "espírito universal" ou do "grande agente mágico", em outros termos, Lúcifer. A ciência-cristã é, pois, propriamente a *religião de Satã*, para a qual todas as evocações espíritas devem tender.

O Dr. Gibar, no seu livro *Les Choses de l'Autre Monde*, conta que, numa sessão na casa de Nus, a mesa disse: "A nova religião transformará as abóbadas do velho mundo católico, já abaladas pelos golpes do protestantismo, da filosofia e da ciência". Essa transformação é a substituição do reino de Nosso Senhor Jesus Cristo pelo reino de Satã.

É aí que vem desaguar o imenso trabalho da dissolução religiosa cujos múltiplos agentes são expostos neste livro.

"O trabalho que se está realizando, diz um outro espirita, é o prelúdio de uma renovação filosófica e moral que abarcará o globo inteiro".

Assim, como Monsenhor Méric verificou, os espíritos evocados fazem os maiores esforços para dar aos espíritos do mundo inteiro esta palavra de união: ódio à Igreja Católica, à eterna inimiga que é preciso destruir. Com isso Satã imprime, naqueles que se fazem dele, seu caráter, o caráter da Besta, como diz o apóstolo São João. Quando se lêem as revistas e as obras dos chefes do movimento espírita, fica-se

---

[12] Em dezembro de 1907, o agente Reuter, de Concord (New Hampshire), publicou uma correspondência anunciando que a senhorita Eddy havia recebido do governo francês o diploma de oficial da Academia.

chocado com a extrema violência dos sentimentos de cólera e de ódio que manifestam contra o dogma católico e contra a igreja, contra o clero e contra o papado. Eles procuram engajar seus discípulos numa campanha violenta contra o catolicismo. Não cansam de dizer: o catolicismo acabou! O catolicismo está morto! Eles não se contentam mais em propagar as idéias que lhes foram inculcadas pelos demônios, eles querem destruir o catolicismo e substituí-lo pelo espiritismo na consciência humana e na sociedade; numa palavra, fundar uma nova religião.

Um dos médiuns mais considerados, em razão de sua situação social e da cultura do seu espírito, a princesa Marie Karadja, filha de um senador sueco, publicou dois livros: *Fenômenos Espíritas e Considerações Espiritualistas* e *O Evangelho da Esperança*. Ela diz que o espiritismo deve substituir as diferentes espiritualidades e *a religião* substituir as diferentes religiões. Ela exprime assim seu pensamento:

”A humanidade é como um imenso edifício em que cada religião é representada por uma janela — grande ou pequena — através da qual penetra o *mesmo* sol. Os homens que se encontram nesse edifício se repartem junto às diferentes janelas e brigam entre eles, pretendendo que uma forneça mais luz que outra, e cada qual afirma que a *verdadeira* luz não pode entrar senão pela janela na qual ele se encontra.

“É missão do espiritismo derrubar toda a parede que separe as diferentes janelas”.

Derrubar todas as paredes! Quantas vezes ouvimos essa palavra sair de todas as associações que Satã emprega para derrubar a Igreja de Jesus Cristo e edificar seu templo sobre Suas ruínas.

Duas coisas estão por fazer, disse o espírito que revelou a Allan Kardec a missão que ele lhe dava: demolir e construir. Quantos demolidores vimos em atividade no curso deste estudo! Quer se ouçam ou não se ouçam nos diferentes pontos do canteiro de obras de demolição em que cada qual está colocado, eles obedecem a um mesmo senhor.

Um general, que se assina A., publicou, faz alguns anos, na *Revue Scientifique et Morale du Spiritisme*, uma comunicação reproduzida pela *Revue du Monde Invisible* (edição de maio de 1902). Foi dito que “os espíritos evocados são os arquitetos do edifício do futuro e que eles deixam aos operários o cuidado de estabelecer-lhe as pesadas fundações”.

Esses operários são todos aqueles que vimos em atividade no curso deste estudo, judeus e franco-maçons, e também, é preciso dizê-lo claramente, esses cristãos e esses católicos modernistas que trabalham para abater as barreiras dogmáticas. Todos esses que atacam a fé católica, queiram ou não queiram, fazem parte do exército do mal, trabalhando sob as ordens de Satã para restabelecer seu império derrubado pela Cruz e fundar seu Templo, sua igreja, que ele pretende universal, efetivamente católica.

Satã triunfará? Conseguirá erguer templos em todos os pontos do universo e fazer-se aí adorar por todos os homens?

Verão os judeus, logo, o Messias temporal que pedem com seus desejos há dois ou três mil anos, render-se enfim às suas orações e dar-lhes o império sobre todo o reino humano?

Conseguirão os franco-maçons fazer passar o nível igualitário sobre todas as cabeças e sobre todas as consciências? Poderão realizar seu sonho de paz universal pela supressão de todos os dogmas que levantam fronteiras no mundo das almas e pela desnaturação de todas as nacionalidades que estabelecem outras fronteiras entre os interesses temporais?

Eis a questão que se coloca no ponto do estudo a que chegamos. Não há certamente problema de interesse mais pungente. Pode-se acrescentar que não existe problema mais perturbador, para quem considera o que já foi feito na ordem das idéias e mesmo na ordem dos fatos.

Ele se torna angustiante quando o espírito se eleva na contemplação da marcha do mundo na época em que estamos e da velocidade acelerada que tomam os acontecimentos.

A resposta não pode ser dada com segurança. Ela depende dos conselhos da sabedoria divina e também da conduta da liberdade humana, coisas que nos são desconhecidas, que podemos apenas imaginar.

No entanto, é possível conjecturar. Mas para fazê-lo com coerência e com a esperança de alcançar uma solução plausível, é necessário considerar as coisas, não diríamos de um pouco mais alto, mas de muito alto.

Nosso estudo sobre o antagonismo entre a civilização cristã e a civilização moderna levou-nos a afirmar que o demônio representa um papel nesse contexto. Vimos as sociedades secretas se multiplicarem, recrutrarem inumeráveis adeptos e abrirem-se todas a relações com ele.

Vimos as sociedades mais ocultas dominarem e dirigirem a franco-maçonaria, e a franco-maçonaria governar os Estados e dar o impulso a todo o movimento modernista.

Satã é, pois, o primeiro motor da civilização moderna, enquanto oposta à civilização cristã.

Por que e como ele assumiu esse papel? A que ele se propõe? É a resposta a essa dupla questão que nos permitirá conjecturar qual pode ser a saída da situação atual, situação tal que permite dizer com razão: o mundo não pode permanecer nesse estado.

———— ♦ ————